



LIVRO II - SÉRIE LEI DA ATRAÇÃO

ENRICO

EU DESTRUI SEU CORAÇÃO E HOJE VIVO PARA
RECONQUISTÁ-LA

FERNANDA PIAZON





Enrico
Livro II – Série Lei da Atração

Fernanda Piazon

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação da autora.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital / Criado no Brasil

REVISÃO: Rebecca Pessoa

CAPA: Fernanda Piazon

DIREITO DE IMAGEM: DepositPhotos.com

1ª Edição – Julho/2019

Agradecimentos

"A gente sempre tem muito mais motivos para agradecer do que pra pedir"

Primeiro agradeço a Deus, pela oportunidade e inspiração para escrever mais essa história linda!

À minha família, que sempre me apoia e incentiva, alguns silenciosamente, mas sei que todos, torcem por mim, e pela concretização dos meus sonhos e objetivos.

Em especial gostaria de agradecer a Jaqueline Kelly, você é o meu maior pilar no meio literário e sei que sempre será!

As minhas amadas BETAS: Jaqueline, Larissa, Janeise, Cris, Karla, Jéssica, Luciana, Angélica e Suellem, que tiveram a missão de ler antecipadamente a história de Enrico e Lara e serem o meu "termometro" para a obra.

Aos meus parceiros que estão sempre comigo ajudando a divulgar, sonhando, sorrindo, e sofrendo com cada personagem, vocês são peças fundamentais na difusão dos meus livros, é o que tenho dito: A concretização de mais esse sonho não se deve apenas a mim, autora, mas antes, a todos aqueles que de forma direta ou indireta se envolveram. Foi enorme e constante a partilha. Partilharam-se dúvidas, incertezas, conquistas e muitas, muitas aprendizagens.

Jaque - @livross_pravida

Becca - @bolsadabecca

Nanda - @literatura.hot.livros

Pati - @Patiarteselivros

Vitória - @Cortedeumaleitora

Suellen - @ageminianadoslivros

Paloma - @_mais1pagina

Wilnne - @literamante

Mirelly - @myrelando
Fernanda - @onceuponatime_book
Thais - @lendoebebendo
Jenifer - @dreamsmadebyme
Leônia - @docejardimliterario
Carol - @reino.de.papel
Isabel - @estantedabel
Barbara - @sussurrosdasereia
Angélica - @LendoeColorindo
Jessica - @jehcavalcantejcl
Anna - @menina.que.amaler
Bel - @diariodabelnoparaguai
Bya - @thebook_andthegirl
Letícia - @papoparaleitor
Luciana - @wishingabook
Felipe - @leiturasdofe
Silvânia - @resenhasdasil
Jú - @olivroqueeuli

Por fim e não menos importante, agradeço a vocês leitores que me dedicaram, tempo e carinho, se disponibilizando a ler Enrico e Lara, espero sinceramente, superar suas expectativas.
Um grande beijo, cheio de carinho e gratidão.

Fernanda Piazon

REDES SOCIAIS DA AUTORA

Instagram: @fernanda.piazon

Facebook: Fernanda Piazon

Sumário

[Agradecimentos](#)

[SINOPSE:](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Conheça outras obras da autora:](#)

[EROS](#)

SINOPSE:

Eu jamais poderia imaginar que minha vida seria perseguir a mulher que amo, mas os erros que cometi no passado a afastaram de mim.

Agora eu percebo que a vida é feita de escolhas, e infelizmente as minhas não foram as melhores: eu a tive entregue e não soube valorizar, usei e abusei do seu corpo, destruí sua mente e coração, em troca de aventuras que em nada me acrescentaram.

Hoje eu vivo para reconquistá-la, vivo perseguindo-a para todos os lados e sinceramente, não sei até quando resistirei.

Lara me amou, ou ainda me ama, não sei ao certo, mas hoje ela está decidida a me fazer pagar pelos meus pecados, me fazer sofrer em suas pequenas mãos, e eu aceito a punição. Acontece que os anos de persistência acabam por nos desestimular; eu mudei minha vida, mudei minha rotina, mas nada disso a fez mudar de ideia. Ela não confia em mim, e eu não a julgo, mas sinto que cada dia que passo longe da minha pequena, me mata um pouco por dentro.

Essa é a nossa história.

O nosso amor parece com os descritos nos romances, mas você vai ver que nem tudo é alegria, que os mocinhos erram e conseguem consertar os seus erros, já eu, não sei se os meus terão conserto; eu a quebrei demais, sem perceber, e não sei se serei capaz de juntar os seus pedaços.

Não me julguem, por favor, entendam que para um jovem que acaba de entrar na faculdade e tem a disposição quantas e quais mulheres quiser, é difícil entender e perceber o quanto isso é banal. O que realmente importa é apenas uma, aquela que faz o coração bater mais forte, aquela que mexe com você de uma forma indescritível... E quando você toma o corpo dela para si, é uma conexão completa, plena.

Era assim com Lara, sempre foi, mas eu não quis enxergar, até quase perdê-la para sempre.

De tudo isso eu só tenho uma certeza, onde ela estiver, é lá que eu também estarei!

Enrico Chiarelli

Prólogo

Enrico Chiarelli



09 anos antes
O primeiro encontro

— Ah, meu Deus! — Ouço uma voz atrás de mim. Quando me viro para ver de quem se trata, vejo uma garota com o rosto totalmente ruborizado por ter aparecido na sala ainda vestida com pijama de bonecas e pantufa nos pés. — Me perdoa, maninho, não sabia que tinha visitas. — Ela fala ainda envergonhada, se vira em direção às escadas e sobe correndo os degraus.

— Sem problema, Larinha, depois volta *pra* eu te apresentar aos meus colegas de faculdade. — Meu amigo Eros praticamente grita para que ela ouça enquanto sobe desesperada as escadas, e assim eu descubro de quem é voz doce e ao mesmo tempo segura que acabei de ouvir.

— Sua irmã, Eros? — Pietro pergunta

— Sim, mas pode tirar o olho. Ela só tem 17 anos, e não é para o bico de vocês. — Aponta para nós dois e fala sorrindo.

— Xi, tá ferrado. — Pietro exclama sorrindo. — Essa aí, quando fizer 18, vai te dar muita dor de cabeça.

Meu amigo sorri e nega com a cabeça.

— É por isso que depois que me formar em Direito, vou prestar concurso para Delegado Federal. Quero só ver quem vai se atrever a mexer com ela tendo seu irmão ao lado com uma arma na cintura. — Fala sorrindo. — Mas vou dizer uma coisa *pra* vocês: Lara é uma menina maravilhosa, mas geniosa que só; o homem que cair nos seus encantos é que estará ferrado, com certeza.

Paro de prestar atenção na conversa dos dois sobre a menina e volto minha atenção para o meu celular, que acaba de receber uma mensagem da Renatinha, uma colega nossa da faculdade que vive me dando mole. Esse fim de semana arrumei um tempinho na minha agenda para ela e estamos conversando, ou melhor, ela fica me mandando mensagens a todo momento puxando assunto; mulher fala demais, eu não tenho paciência para isso. Porque elas não podem ser como nós e pensar só no prazer? Isso me irrita, ter que ficar alimentando esperanças que sei que depois vou ter que cortar, já que a minha intenção com ela e com todas as outras não passa de sexo.

Por que é tão difícil entenderem isso?

Entrei na faculdade de Direito no semestre passado e de cara me identifiquei com Eros e Pietro, desde então estamos sempre juntos. Eu sempre quis ser delegado e poder fazer justiça em um país que é, na sua mais profunda essência, injusto, e isso imediatamente me ligou a Eros, que tem o mesmo anseio que eu. Já Pietro está na faculdade à força; seu pai o obrigou a fazer faculdade de Direito, mas o que ele quer mesmo é gerenciar boates. Ele diz que vai concluir o curso sim, mas que jamais seguirá na profissão, diferente de mim e Eros, mas isso não nos afastou, pois ele é tão dedicado aos estudos quanto nós.

Para além da faculdade, na nossa vida pessoal, temos interesses em comum: mulheres! E nesse quesito, modéstia à parte, nós causamos inveja aos demais rapazes da faculdade; já ficamos com praticamente todas as meninas disponíveis, e nossa única regra é não “mexer” com mulher comprometida. No mais, se elas quiserem, nós topamos.

— Tá falando com quem, *viado*? — Eros pergunta, tirando minha atenção da mensagem que eu respondia.

— Renatinha — respondo —, vou sair com ela amanhã. Acredita que ela está me mandando fotos de umas *lingeries pra* eu escolher o que ela vai usar comigo? — Conto sorrindo.

— Acredito, ela fez isso com a gente também. — Pietro fala gargalhando e Eros segue nosso amigo.

— Porra, cara, a gente *tá* fazendo rodízio das mulheres da faculdade já. Temos que ampliar o território... — Falo sorrindo ao me recordar que eles tinham comentado isso quando ficaram com ela

— Calma, Enrico. — Eros pondera. — É que a gente focou no curso de direito, mas a faculdade é imensa e ainda temos todos os outros cursos para explorar. — Completa, e tocamos o punho fechado, concordando e sorrindo.

— Oi meninos, oi maninho. — Vejo a irmã de Eros abraçá-lo por trás e deixar um beijo em seu rosto, a menina voltou, agora vestida decentemente.

— Essa é minha irmã, Lara. — Eros nos apresenta após beijá-la no rosto.

— Prazer, Lara, sou Enrico. — Levanto-me para cumprimentá-la com um beijo no rosto, e logo sou seguido por Pietro, que faz o mesmo.

— O prazer é todo meu. — Ela graceja em tom de brincadeira para provocar o irmão, e cai na risada com a cara feia que ele faz.

— Vai *pra* onde, Larinha? — Eros começa o interrogatório. Já deve estar se preparando para quando for delegado.

— Vou sair com a Jú, o irmão dela vai nos levar ao shopping para assistirmos um filme. — Ela informa.

— Ele vai ficar com vocês? — Continua meu amigo.

— Não, ele só vai nos deixar lá. — Faz uma cara pensativa e completa sorrindo. — Mas bem que eu queria que ele ficasse, maninho...

— Lara, não me provoca! — Eros fala para irmã.

— Eros meu amor, você sabe, não adianta rosnar, eu faço o que eu quero. — Ela responde sorrindo e nos dá as costas para pegar sua bolsa que estava no sofá. Quando ela abaixa, a saia jeans que está usando acaba subindo um pouco, e mostrando muito, me dando uma leve visão da polpa da sua bunda. Caralho eu não tinha notado, mas é bem gostosinha ela, pena que é menor de idade e irmã do meu melhor amigo, porque se não fosse isso eu iria querer desfrutar desse corpinho gostoso por uma noite, pelo menos.

Saio dos meus devaneios quando ela, antes de sair pela porta, se despede de nós.

— Tchau meninos, aproveitem a tarde, e juízo maninho, não faça nada que eu não faria. — Ela sorri, provocando um pouco mais o irmão que corresponde. Sou filho único, e essa pequena interação entre eles me deixou pensando o quanto seria bom se eu também tivesse alguém para compartilhar, para dividir; a relação de cumplicidade entre eles é bem legal.

Capítulo 01

Lara Moraes Vasconcelos



Seis meses depois O primeiro cuidado

— Juli, é sério, não força, eu não vou ficar com o Victor, eu não tenho nada a ver com ele. — Bufo para minha amiga enquanto retocamos nossa maquiagem no banheiro do shopping. — Quando ele abre a boca me dá até sono, de tanta baboseira que fala.

— Ah, Lara, deixa de ser boba, ele até que é bonitinho... — Juliana fala, me olhando pelo espelho. — Se você não ficar com ele, vai melar meu esquema com o Vini; ele não vai deixar o irmão boiando amiga.

— Eu sei que ele é bonitinho amiga, mas só sabe se gabar do que tem, e eu não gosto de homem assim, você sabe. — Falo, enquanto limpo o excesso de batom do canto da boca. — Vou fazer companhia a vocês, mas não insiste que não vai rolar nada entre a gente. — Minha amiga acena, concordando, enquanto reunimos nossos pertences e saímos do banheiro em direção à mesa onde os meninos nos esperam para, juntos, assistirmos a um filme no cinema do shopping.

Sentamos à mesa e eu respiro fundo, sabendo que vou ter que aturar a conversa chata do Vitor por, pelo menos, mais meia hora, porque quando o filme começar eu faço ele se calar dizendo que eu quero prestar atenção.

— Então, gata, como eu estava dizendo antes, no final desse ano vou para a Europa, meus pais querem que façamos faculdade lá. — Ele continua se gabando, e eu perdendo a paciência. — Sabe como é, né? As faculdades aqui do Brasil não são muito boas... — Ele fala a maior idiotice da noite, acreditando que

está arrasando.

— Discordo — digo, já cansada de concordar com tantas asneiras que saem da sua boca. — Acho as universidades brasileiras muito boas, inclusive, inúmeros profissionais formados aqui são convidados para trabalhar ou integrar equipes de pesquisas fora do país, dada a capacidade e o conhecimento deles. — Completo, e minha amiga *arregala* os olhos em minha direção. Acontece que sua repreensão silenciosa não me cala. — Eu acredito que a mediocridade é individual. Não é a faculdade que te faz um profissional bom ou ruim, e sim a sua capacidade e dedicação; se você não se empenhar, pode estudar em *Harvard* e ainda assim não será um bom profissional.

— Acho melhor irmos para a fila. O filme já está perto de começar, é só o tempo de nos acomodarmos. — Juliana chama, pois sabe que eu já estou no limite, e ela não quer “perder a noite” com o Vinicius.

Ele estudava no mesmo colégio que nós e se formou no ano passado. Ela sempre foi caidinha por ele, mas ele nunca havia lhe dado bola. O encontramos na semana passada por acaso, em uma festa de uma colega de classe, e eles se aproximaram e marcaram esse encontro.

Eu não quero prejudicar minha amiga, mas ter que carregar esse “fardo” que é o irmão dele como companhia está acabando comigo. Desde a festa que ele está no meu pé, mas não adianta, eu não vou ficar com ele.

— Lara! — Ouço uma voz chamar um pouco mais atrás de mim na fila do cinema.

— Enrico! — Abro o meu melhor sorriso e vou em sua direção. — Que bom te encontrar aqui. — Cumprimento-o com um abraço carinhoso. — Desde que nos vimos pela primeira vez, ele e Pietro se tornaram presenças constantes lá em casa. Eles sempre vão para lá para estudar com o Eros, e nos aproximamos de certa forma. Me apego a essa oportunidade para sair de perto do asno do Victor.

— Ah... Oi, tudo bem? Prazer, Lara. — Falo, e estendo a mão para a menina que o acompanha. Eu fiquei tão feliz em vê-lo que sequer notei que havia alguém ao seu lado, até ele me soltar do abraço e eu ver a cara de “cão bravo” da menina direcionado para mim.

— Bruna. — Ela responde seca, apertando de leve minha mão. Em contrapartida eu aperto firme a dela, mostrando que não me intimida.

— Desculpa, Larinha, eu não te apresentei. — A menina se pendura no pescoço do Enrico enquanto ele fala, tentando “marcar território”, e eu sorrio por dentro. Como ela é boba! Enrico e Pietro são lindos de morrer, mas jamais iriam olhar para mim com olhos de interesse; eles me tratam como se eu fosse irmã

deles também, e me sentindo como tal, já percebo que não gostei *dessazinha* aí, então, para provocar, fico ao lado deles conversando com Enrico, até que Juliana me chama, pois chegou a nossa vez de entrar.

— Preciso ir ao banheiro antes de entrar. — Aviso, e minha amiga resolve me acompanhar.

— Quem era aquele? — Juliana pergunta.

— Enrico, um amigo de faculdade do Eros — Respondo.

— Amiga, ele é um gato! — Juli fala, e eu tenho que concordar com ela. — Lara, faz uma forcinha, o Victor não é tão ruim assim, vai. Ele é bem bonito.

— Sim, amiga, e você já elogiou e essa é a única qualidade dele, mas já dizia minha avó: “*beleza não põe mesa*”, e o que ele tem de bonito, tem de idiota. Pelo amor de Deus, não suporto mais nem ouvir a voz dele! — Falo e ela revira os olhos.

— Você tem andado muito com o seu irmão, Lara; não tem como comparar as conversas dele e dos amigos com a dos meninos da nossa idade. — Ela me repreende.

— Deixa disso, amiga, não tem nada a ver. Até porque a diferença é pouca, são apenas três anos e meio entre mim e Eros. Mas eu não tenho culpa se meu irmão me fez estabelecer um padrão alto — sorrio e dou de ombros. — Não aceito nada menos do que eu mereço.

— É por isso que está aí, prestes a fazer 18 anos e ainda virgem. Não sei o que está esperando, porque príncipes encantados só existem nos contos de fadas. — Juliana fala irritada.

— Não quero um príncipe encantado, Juliana, já te falei. Mas não vou transar apenas para perder minha virgindade. Quero alguém que pelo menos saiba me dar prazer quando fizer, e não alguém que não vai ter cuidado e nem preocupação comigo, que vai gozar em dois minutos e apenas me fazer sentir dor, porque doer eu sei que vai de qualquer jeito. Mas se o cara for bom, a dor virá seguida de prazer. — Contra-ataco, por que sei que a primeira vez dela foi uma merda, e eu estou cansada disso. Juliana e as outras meninas ficam me enchendo o saco porque eu ainda sou a única virgem da minha turma, mas eu não vou me entregar para alguém que nem sabe fazer sexo, como elas fizeram. Não quero uma primeira vez de conto de fadas, mas quero alguma boa lembrança para guardar.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou. — Ela levanta as mãos para o alto, como se estivesse se rendendo, e eu reviro os olhos. Adoro a minha amiga, mas às vezes ela me irrita muito.

Entramos na sala de cinema e procuramos os dois, nos sentamos e eu imediatamente me ocupo em comer a pipoca, para passar o tempo e para manter minha boca ocupada, não dando chances de Victor puxar mais um assunto chato.

No meio do filme sinto Victor colocar a mão no meu joelho; me remexo um pouco incomodada e ele a tira. Poucos minutos depois ele coloca o braço em volta do meu ombro, me puxando para perto, mas eu me afasto, deixando claro que não quero essa aproximação.

— Que é isso gata? Porque está arisca assim? — Pergunta muito perto do meu ouvido, voltando a colocar a mão em meus ombros. Eu a retiro novamente.

— Não estou arisca, muito menos te dei liberdade para me chamar de “gata”, mas se você não entendeu ainda, vou deixar claro: Eu. Não. Estou. Afim. — Falo e ele sorri.

— Ah, então você é do tipo que gosta de se fazer de difícil — ele segura o meu queixo e puxa o meu rosto em sua direção —, mas eu sei como te convencer direitinho. — Ele abaixa a boca em direção à minha. Eu tento empurrá-lo, mas ele segura minhas duas mãos. Minha amiga sequer percebe o que está acontecendo, pois está “atracada” com Vinícius. Eu não quero fazer um escândalo, mas não vou deixar que me beije contra a minha vontade, então faço força contra o peito dele para que se afaste, mas ele mal sai do lugar, e sorri ainda mais. — Adoro quando vocês fingem resistência e se entregam depois.

— Eu não estou fingindo porra nenhuma, Victor, eu realmente não quero ficar com você. — Tento empurrá-lo mais uma vez, e mais uma vez ele não se afasta. Quando estou prestes a gritar e acabar com o filme de todos, sinto ele se afastar. Penso que pela primeira vez ele fez algo inteligente: percebeu que eu realmente não iria ficar com ele e desistiu, mas, para minha surpresa, me deparo com Enrico de pé, segurando-o pelo pescoço na poltrona.

Ele estava sentado na fileira atrás de nós esse tempo todo e eu não havia percebido.

— Que porra! Você não a ouviu dizer que não queria, seu idiota? — Questiona irritado, e acaba chamando atenção de todos que estão por perto. — Daqui de trás eu a ouvi dizer não pelo menos umas duas vezes.

— Fica na sua, não tá vendo que ela tá fazendo charminho? — O idiota do Vitor ainda fala.

— Charminho ou não, ela disse não, e você não vai encostar um dedo nela, entendeu? — Pergunta, e eu o vejo dar um tapa no peito de Victor.

— Lara, não precisa disso — Juliana fala. — Pede *pra* ele soltar o Victor.

— Enrico, ele não vai mais fazer nada, pode soltar ele. — Eu só peço isso

em consideração à minha amiga, pois não quero estragar sua noite.

— Você ouviu o que eu falei, porra? Responde? — Enrico insiste e Victor faz um sim rápido com a cabeça. Nesse mesmo instante Enrico o solta, e a menina que o acompanhava o puxa para sentar ao seu lado novamente. Eu fico ali paralisada, em choque pela situação constrangedora que acaba de acontecer.

Graças a Deus, o filme já estava perto do final e não demora muito para acabar. Tínhamos combinado de sair para jantar, mas depois do acontecido eu não tenho clima nenhum.

— Amiga, me desculpa, mas vou pegar um táxi e vou *pra* casa. — Falo para Juliana enquanto caminhamos para sair da sala de cinema.

— Tudo bem, Lara, pode ir. Vou ver se ainda consigo salvar minha noite. — Ela fala e me dá um abraço. Eu aceno de longe para Vinícius, já que Victor, desde o acontecido, não me dirigiu mais a palavra e agora se mantém de costas para mim.

— Larinha, espera! — Ouço a voz de Enrico me chamando. — Você já vai para casa? Eu te dou uma carona. — Fala preocupado.

— Não precisa, não quero te atrapalhar. — Repondo, porque noto a cara feia da tal de Bruna quando ele oferece a carona. — Eu pego um táxi, sem problema.

— É melhor mesmo. Enrico. Eu estou com fome, vamos logo jantar; pode deixar que ela vai de táxi. — Bruna fala, já o puxando pelo braço.

— Eu vou levar a Lara em casa sim. Se você está com tanta fome que não pode esperar, pode ir jantar, ou eu te deixo em sua casa primeiro. — Ele fala e a garota quase espuma de raiva.

— É sério Enrico, não se preocupa. Qualquer coisa eu ligo para o Eros ou para o papai vir me buscar. — Tento amenizar o clima.

— Já disse que não, Lara. — Fala para mim e olha para a menina ao seu lado, que parece que vai explodir a qualquer instante. — E aí, já decidiu se vai ficar ou se quer ir *pra* casa?

— Me leva embora. — Ela responde, e em um silêncio constrangedor e absoluto seguimos para o estacionamento. Bruna, querendo fazer birra, segue na frente batendo os pés, e quando ele destrava o carro pelo controle ela abre a porta traseira, entra, senta e fecha a porta rapidamente. Eu que não vou ao lado dela com essa cara de quem comeu e não gostou, então abro a porta do carona e me sento ao lado dele.

— Enrico, pode me deixar em casa antes de levá-la. — Tento novamente amenizar o clima, principalmente entre eles, já que não sei o tipo de relação que

têm. Se forem namorados, com certeza a briga será feia.

— Não Larinha, a Bruna fica primeiro; a noite já deu o que tinha que dar. — Ele afirma sério, e pelo retrovisor a vejo arregalar os olhos. Resolvo permanecer em silêncio para não piorar ainda mais as coisas.

Quando paramos na porta da casa da Bruna, ele destrava as portas do carro e ela sai, batendo a porta com força exagerada, e tão rápido quanto uma bala, sem sequer dar boa noite para ele – eu não esperava que fingisse cordialidade comigo – ela se vai.

— Meu Deus! Enrico, me perdoa, eu estraguei sua noite. — Me desculpo com ele enquanto seguimos em direção à minha casa.

— Fica tranquila, Larinha — ele fala, apoiando a mão em meu joelho e, pela primeira vez, eu sinto um arrepio diferente correr pelo meu corpo, porém, tão rápido quanto surgiu, ele vai embora, pois Enrico tira a mão da minha perna e coloca de volta no volante. — A Bruna estava no meu pé há algum tempo e, *pra* falar a verdade, eu nem estava muito “*afim*”, mas sabe como é, né, ela me venceu pelo cansaço. — Ele olha *pra* mim meio de lado e sorri, um sorriso que eu nunca tinha prestado atenção e que eu sei que não deveria prestar mesmo. O carinho que ele sente por mim é o mesmo que Eros sente, é fraternal, eu não posso alimentar essas loucuras. — O que acha de comprarmos uma pizza para comermos quando chegarmos à sua casa?

— Pode ser. — Concordo. Ele continua conversando amenidades, e como sua conversa segue descontraída eu sei que ele não percebeu que o modo como eu o vejo acabou de mudar.

Eu ainda não sei o que farei com isso, mas tenho que me afastar dele.

Uma hora depois chegamos em casa, munidos de pizza e refrigerante, mas infelizmente a casa está vazia: nem meus pais nem meu irmão estão em casa.

— Bom, espero que esteja com fome pequena, porque vamos ter que “dar conta” dessas duas pizzas sozinhos. — Ele fala sorrindo, enquanto apoia as duas pizzas na bancada da cozinha.

— Sim, eu estou com fome, e não, eu não sou pequena — respondo brincando enquanto pego os pratos e os talheres. — O que acha de comermos na área da piscina? *Tá* muito calor aqui. — Falo porque realmente está muito calor, e porque a área externa da casa é meu cantinho favorito. Eu gosto tanto de ficar por lá, que diversas vezes Eros ou meu pai me pegaram dormindo em uma das espreguiçadeiras e me carregaram no colo para o meu quarto.

— Vamos sim! Você traz os pratos, copos e talheres. — Ele diz, enquanto pega as caixas com as pizzas e o refrigerante, e se vira em direção à porta que

leva à área externa da casa, mas para ao me ver nas pontas dos pés, tentando alcançar os copos na parte de cima do armário, e se volta, sorrindo. — É, realmente Larinha, acabei de constatar que você não é pequena — fala com o sorriso se ampliando.

Ele coloca as pizzas de volta na bancada e se aproxima para pegar os copos por trás de mim, apenas para mostrar que é muito maior do que eu. Acontece que nesse processo seu peito se esbarra em minhas costas, e o arrepio gostoso volta a me tomar; parece um choque, mas um choque suave, que acende cada célula do meu corpo...

Que merda está acontecendo comigo?

Nenhum dos meninos com quem fiquei até hoje me fez sentir assim...

Agradeço a Deus mais uma vez por ele não perceber nada, e seguimos para a área externa.

Após comermos muito – de verdade, foi muito mesmo –, deitamos cada um em uma espreguiçadeira e ficamos olhando as estrelas. Nunca me senti tão bem quanto agora; ele me transmite paz e segurança, não me trata como uma menina boba e conversa comigo como se tivéssemos a mesma idade. Sei que a partir de agora precisarei ter cuidado com minha relação com ele, não posso brincar com fogo porque sei que vou me queimar.

— Sabe que esse é o meu lugar favorito na casa toda? — Comento de forma despretensiosa.

— Agora é o meu também, pequena — ele fala. Eu desvio meu olhar das estrelas para ele, que continua concentrado no céu, e me permito, pela primeira vez, admirar realmente sua beleza. *Putá que pariu!* Eu estou muito ferrada. — Obrigada por me apresentar seu cantinho de paz; já curti muito aqui com Eros, mas nunca tinha percebido quanta paz esse lugar pode trazer. — Ele completa, e de repente olha em minha direção, fazendo nossos olhares se cruzarem. Ele desvia os olhos dos meus rapidamente. — Acho que já vou. — Ele se levanta de repente, mas estende a mão para me ajudar a levantar. — Amanhã tenho aula logo cedo.

— Certo, eu te levo até a porta. — O clima ficou um pouco estranho; acho que ele percebeu algo quando me viu olhando para ele... Enquanto estávamos comendo estava tão tranquilo, conversamos e falamos bobagens, mas agora tem uma estranheza...

Deixamos os pratos sujos na pia, guardo o que sobrou da pizza na geladeira e o levo até a porta. Nos despedimos, e eu sigo para o meu quarto para tentar entender que merda estava acontecendo.



Que merda foi essa? Fico me perguntando enquanto dirijo para casa.

Lara é linda? Sim! Mas eu jamais a olhei com olhos de interesse. Tenho passado muito tempo na casa dela estudando com Eros, já que o nosso foco é o mesmo, e temos convivido muito. É lógico que eu a acho linda, mas nunca tive interesse nenhum e nem terei agora, foi uma coisa passageira, um pensamento, um sentimento de intimidade entre nós, mas já foi, e não pode voltar de forma alguma.

Lá no cinema, quando eu percebi que o garoto estava forçando uma situação com ela, eu não hesitei e a defendi, como um irmão defenderia sua irmã, não havia nenhuma malícia nas minhas ações.

Percebi que “deu merda” quando ficamos sozinhos. Eu nunca a tinha olhado com outros olhos, e nem poderia, *caralho!* Ela é irmã do meu melhor amigo. Nossas conversas sempre haviam sido na presença de outras pessoas; nunca tínhamos ficados a sós. Percebi que sabia muito pouco sobre ela; ela é tão inteligente, tão madura para a idade, deve ter sido isso que me confundiu...

Mas eu não posso dar corda para isso, de forma alguma. Além de ser menor de idade, ela não é dessas meninas com quem eu fico só *pra* me divertir, definitivamente não.

— É, Enrico, acende a *porra* da luz de alerta na *merda* da cabeça e se afasta. — Tento me convencer enquanto estaciono na garagem de casa.

Capítulo 02

Enrico



Dois meses depois A proposta

— Oi, tia Sônia — beijo o rosto da mãe do meu amigo quando ela abre a porta para mim. — O Eros está me esperando.

— Ele está no quarto, meu amor, pode subir. — Responde carinhosa. — Vão para onde hoje? Cuidado com bebida e direção, Enrico, tenham juízo. — Ela avisa, assim como em todas as vezes que saímos para “baladas” nos fins de semana.

— Teremos cuidado, tia, não se preocupe. — Respondo e sigo em direção às escadas, já subindo para ir ao quarto do meu amigo. — Cara, você é pior do que mulher para se arrumar. — Digo, enquanto invado o quarto de Eros e vou em direção ao seu banheiro, mas ele não está lá. Saio do quarto com a intenção de descer as escadas para ver se ele está na área da piscina, mas ouço a voz dele vindo do quarto de Lara, e, pela forma alterada que falam um com o outro, percebo que estão brigando. Me surpreendo: eu nunca havia presenciado uma discussão entre eles durante todo o tempo em que convivemos; eles sempre foram muito parceiros.

Sei que é errado, mas não resisto a ouvir o porquê dessa discussão fora do comum.

— *Eu quero saber quem colocou essa merda na sua cabeça, Lara.* — Eros fala com a irmã, repreendendo-a, embora esteja controlado.

— *Ninguém colocou nada em minha cabeça, Eros.* — Lara responde exasperada. — *Você me conhece o bastante para saber que eu não sigo a cabeça de ninguém, e é exatamente por confiar em você que eu te contei, você é meu*

melhor amigo maninho, eu queria que você soubesse.

— *Lara, isso é loucura! As coisas não podem ser assim.* — Eros continua, e pelo tom de voz, sei que é algo muito sério que os levou a essa discussão.

— *Eu sei, Eros, e entenda: não é porque TODAS as minhas amigas já fizeram que eu quero fazer, entende? Antes eu não sentia necessidade, mas agora sim, eu quero experimentar. No próximo mês eu faço 18 anos, e não é pela idade, mas pela necessidade que o meu corpo está sentindo.* — Ela argumenta, e eu me seguro na parede.

Que *porra* é essa que eles estão falando? Não pode ser o que eu estou pensando! Se for, ela vai fazer a maior burrada da vida dela! Quase não respiro com medo de ser descoberto.

— *E você já sabe com quem vai fazer essa merda, Lara?* — Ouço os passos dele pelo quarto e sei que meu amigo está nervoso.

— *Ainda não, mas vou encontrar alguém que queira. Não vou te dizer com quem, mas eu não me sentiria bem dando um passo desses em minha vida sem conversar com você. Sei que você não vai me apoiar, mas eu sei também que estará disponível para mim se eu quebrar a cara.* — Ela fala em um tom de voz mais baixo, quase com pesar.

— *Essa é a maior burrada que você vai fazer na sua vida, Larinha, mas nós nos damos tão bem porque aprendemos a respeitar o espaço um do outro, e eu reafirmo que não concordo com o que você vai fazer e, pelo amor de Deus, pensa direito e desiste, mas não posso te impedir...* — Posso perceber o conflito interno que ele está passando apenas pela voz.

— *Agora vamos, Eros, vamos aproveitar a noite.* — Ouço ela falar e corro para o quarto do meu amigo *pra* disfarçar o que eu fazia, mas a merda da conversa não sai da minha cabeça.

Depois do dia em que a encontrei no cinema e a trouxe para casa, tentei não pensar no desejo que comecei a sentir por Lara; me enterrei nas mais diversas mulheres a cada fim de semana, e enfim consegui deixar de lado. Mas hoje, ouvir e suspeitar o que ela pretende fazer, está acabando comigo.

Sei que mal conseguirei aproveitar a festa que iremos por imaginar que ela poderá entregar sua virgindade para qualquer maldito que encontrar. Eu entendo que Eros agiu corretamente ao respeitar o espaço da irmã, mas se eu puder impedir que ela faça uma besteira, eu farei.

— Eros. — Chamo quando eles passam abraçados pela porta do quarto dele, onde eu estou fingindo que inocência. — Sua mãe disse que você estava me esperando aqui. Subi e ouvi sua voz no quarto da Lara, e resolvi te esperar.

— Ela olha rapidamente para o irmão, com os olhos arregalados. Acredito que está com medo de eu ter ouvido a conversa, mas se recompõe rapidamente.

— Sem problema, irmão, vamos? — Ele me chama, e descemos juntos as escadas. Antes de sairmos, tia Sônia repassa o sermão de sempre e tio Paulo pede para cuidarmos da sua "princesa". É claro que cuidaremos, como sempre, mais ainda agora, depois de saber a bobagem que ela pretende fazer.

— Está empolgada para hoje, pequena? — Pergunto quando entramos no carro, e ela, que estava sentada no banco traseiro, se inclina entre os bancos, para mexer no som e escolher outra música para tocar.

— Você não imagina o quanto. — Responde sorrindo. Percebo Eros manter o cenho fechado e decido que se eu puder eu vou interferir sim, para que ela não faça uma besteira e se arrependa depois. Mesmo que ela não queira, mesmo que ela fique chateada comigo, eu não me importo, vou cuidar dela com cuidaria de uma irmã, se eu tivesse uma.

Chegamos à festa e encontramos Pietro na entrada, acompanhado de duas belas mulheres. Nos aproximamos deles e juntos entramos, indo direto para a área VIP. Nosso amigo, mesmo fazendo o curso que os pais desejam, já começou a estreitar laços com alguns donos de boates, e isso sempre nos rende entradas VIPs nas melhores baladas e festas.

Estamos acostumados a sair com Lara; Eros não se importa de ter a irmã por perto. Algumas vezes ela traz uma das suas amigas para lhe fazer companhia, em outras, vem apenas conosco.

Vez ou outra ela encontra algum carinho para dar uns *amassos*, mas sempre ao final da festa o irmão a deixa em casa antes de seguir com alguma mulher para o "reservado".

Eros está com uma das garotas que estava com Pietro quando chegamos, mas hoje eu preferi não "ficar" com ninguém. Não consegui desligar minha cabeça da conversa que ouvi entre Eros e Lara, e confesso que no fundo, bem no fundo, estou me sentido culpado por ter ouvido algo que é tão íntimo deles. Por outro lado, não me culpo, já que pretendo dissuadi-la dessa ideia.

Já passa das 03h da manhã e Lara parece que está "caçando", tal qual nós fazemos. Hoje, diferente dos outros dias, ela bebeu além do que está habituada, dançou, rebolou, seduziu, beijou... E eu não desviei um segundo sequer a minha atenção dela. Sei que é um pouco machista da minha parte, mas eu tenho que ficar consciente para livrá-la de qualquer merda que ela *acredite* querer fazer.

— Maninho, acho que já deu pra mim, tô querendo ir embora. Ainda está cedo, pode ficar aí que eu chamo um táxi e vou *pra* casa. — Ouço Lara falar para o irmão.

— Não, Larinha, eu te levo pra casa, sem problema. — A menina que está acompanhando meu amigo faz "biquinho", e eu me ofereço para levá-la.

— Irmão, pode deixar que eu levo a Lara. Não estou muito bem hoje, tô afim de ir embora também. — Falo e a menina que estava com Eros só faltou dar pulos de alegria.

— Valeu, *brother*. — Eros me agradece e beija sua irmã na testa. Seguro Lara pela mão para sairmos da boate, e sinto algo estranho. Assim que estamos do lado de fora solto sua mão e vamos em direção ao meu carro.

— Quer comer alguma coisa antes de ir *pra* casa? — Pergunto para Lara, que se mantém pensativa desde que entramos no carro.

— Quero sim. Pode escolher qualquer rede de *fast food* que eu topo. — Ela responde, se animando um pouco. — Mas você disse que não estava bem, se quiser ir direto também não tem problema. — Ela logo completa.

— Por mim tá ótimo, estou com fome também. — Como estávamos próximos a uma rede de *fast food*, em poucos minutos já estávamos sentados à mesa, aguardando os nossos pedidos.

— Você não está bem hoje, Enrico, percebi que estava um pouco retraído. Aconteceu alguma coisa? Quer conversar? — Ela pergunta e eu fico calado, ponderando sobre o motivo de eu estar assim, mas eu sei o que é: ter escutado a porcaria da conversa deles. Então, cheio de uma coragem que veio sabe Deus de onde – talvez do medo dela fazer algo e se arrepender, ou do que eu estou sentindo – resolvo falar, ainda que ela me odeie.

— Lara, eu preciso te falar uma coisa... — Desvio o olhar do dela, que me encara como se lesse meus pensamentos. — Olha, eu sei que você pode me odiar, e eu até entenderia, mas eu juro que não foi porque eu quis, não tinha a intenção, mas hoje eu... — Paro, respiro fundo enquanto passo a mão no queixo, tentando me acalmar.

— Fala logo, Enrico, tô ficando nervosa já. — Ela pede, exasperada, e eu resolvo falar logo de uma vez.

— Hoje quando eu subi *pra* chamar o Eros, sem querer, eu juro que foi sem querer, eu ouvi a conversa de vocês. — Falo de uma vez.

— O QUÊ? — Lara praticamente grita, mas logo abaixa a cabeça e fica batendo a testa na mesa, exclamando sem parar: — Merda! Merda! Merda! Merda! Merda! Merda!

— Para de bater a cabeça, Lara, vai ficar com dor. — Falo, e coloco minha mão entre a mesa e a sua testa para impedir mais pancadas. — Eu juro que foi sem querer, mas eu não consigo parar de pensar na bobagem que você quer fazer.

— Enrico, olha só, me deixa quieta, que eu tô morta de vergonha. — Ela fala contra a mesa, com a testa apoiada em minha para não me olhar.

— Lara, olha *pra* mim, por favor. — Levanto sua cabeça cuidadosamente, fazendo-a me encarar mesmo sem querer. — Eu entendo, e respeito demais a sua relação com Eros, mas se você fosse minha irmã, eu nunca deixaria você fazer uma besteira dessas.

— Ah, então que ótimo que eu não sou sua irmã, *queridinho*, porque eu vou fazer o que eu tiver vontade SIM. — Ela ajeita sua postura na cadeira, pronta para argumentar contra qualquer coisa que eu disser.

— Olha, eu ouvi a merda toda, então me explica por que você quer fazer isso? — Peço, e ela me encara perplexa com a minha pergunta.

— E porque eu te daria qualquer explicação? Você não é meu pai, não é meu irmão, nem parente você é, por que se acha no direito de me dizer o que eu devo ou não fazer da minha vida? — Ela pergunta irritada demais.

— Eu sei, Lara, mas é que eu me preocupo com você. Desde que eu ouvi você falando o que faria, eu fiquei imaginando a experiência frustrante que você com certeza terá.

— Olha — apontou para o letreiro que piscava um número —, chamou nossa senha. Vou me abster de te responder esse comentário ridículo, enquanto você vai fazer algo que presta e pega os nossos lanches, que eu tô morta de fome. — A filha da mãe, desaforada, tem a audácia de me dar uma resposta dessas e ordenar que eu pegue o seu lanche. É muita cara de pau mesmo! Eu resolvo "obedecer" porque estou em desvantagem, já que ouvi uma conversa que não deveria.

Vou até o balcão, pego os nossos pedidos e retorno para a mesa, colocando-os entre os nossos lugares. Ela começa a comer em silêncio. Já não vislumbro qualquer vergonha em seu rosto, mas às vezes, quando me olha, sinto um pouco de raiva emanando dela.

— Lara, olha só, entenda que... — Não consigo completar porque ela me corta.

— Cala a boca, Enrico, fica quieto que é o melhor que você faz. A vida é minha e eu decido o que faço com ela. — Ela coloca uma porção de batatas na boca e continua a comer e ignorar minha presença.

Terminamos de comer em silêncio, e após deixarmos as bandejas no lugar apropriado seguimos para o carro. Lara entra e prende o cinto de segurança, e eu resolvo que antes de sairmos vamos conversar.

— Lara, me desculpa, mais uma vez, por ter ouvido, de verdade, essa não

era minha intenção. — Tudo bem, não era *toda* verdade, mas não quero que fique um clima estranho entre nós. — Entenda que é só preocupação de irmão mesmo, e eu não sou um irmão tão compreensivo quanto Eros. — Sorrio meio de lado.

— Você só esqueceu um detalhe importante Enrico: Você. Não. É. Meu. Irmão. — Pontua cada palavra, tentando me fazer entender que eu não tenho nada a ver com sua vida, mas quer saber? Eu não me importo!

— Caralho! — Passo as mãos nervosamente no queixo, sem saber o que fazer. — Eu sei, Lara, eu sei.

— Ok, Enrico, eu vou fazer assim: você tem uma chance para me convencer de que eu não devo fazer isso. — Ela fala olhando em meus olhos, mas, para ser bem sincero, eu não sei o que dizer.

— Pequena, você é uma menina especial demais *pra* se entregar *pra* qualquer um. Os homens, infelizmente, só querem se aproveitar, e eu não acho que você mereça isso. — Falo finalmente.

— Argumento errado, Enrico. Olha só, me responda uma coisa, ok? — Pergunta, soltando o cinto e virando de frente para mim. — Você é virgem?

— Mas o que... — Não consigo falar, pois ela me interrompe.

— Sim ou não? — Insiste.

— Não, Lara, você sabe que não. — Digo contrariado.

— Com quantos anos você perdeu a virgindade?

— Lara, a questão aqui não sou eu, e sim você. — Tento cortar o rumo da conversa, porque já imagino o que ela vai argumentar.

— Eu fiz uma pergunta, Enrico, e a resposta é bem simples. — Ela fala, revirando os olhos.

— Com 15 anos, Lara. — Respondo a contragosto.

— Você esperou “a mulher ideal”? “A princesa encantada”? “A mulher que seria a mãe dos seus filhos”? E todo aquele blá, blá, blá *pra* decidir quando fazer e o que fazer com o *SEU* corpo?

— Que merda, Lara, é lógico que não.

— Então suponho que eu não precise pensar demais para fazer o que *eu* quero, será que você não entende?

— Eu até tento, Lara, mas não aceito.

— Mas você não tem que aceitar nada, Enrico! — Fala exasperada. — É o meu corpo, são os meus desejos... E já que você entrou na minha intimidade sem pedir licença, vou ser bem sincera com você: antes eu não sentia vontade, desejo, para mim era indiferente; ficar, beijar, já me satisfazia, então estava tudo bem

pra mim. Mas agora não, Enrico. Agora eu sinto... — Ela respira profundamente, como se tomasse coragem para prosseguir. — Às vezes sinto calafrios percorrer a minha pele, sinto vontade de tocar e de ser tocada também. Por isso eu decidi que eu quero, Enrico, *EU QUERO* e *VOU* fazer isso. É o momento, eu sinto que é, e ninguém, entendeu bem? Ninguém vai me impedir.

Putá. Que. Pariu! Eu não posso acreditar no que acabei de ouvir da boca da menina que é quase uma irmã *pra* mim. *Quase...*

— Porra, assim você me ferra Lara — solto o ar, desesperado. — É sério, eu entendo tudo o que você está sentindo, mas deixa eu te explicar: transar com alguém só por transar, não vai aplacar esse desejo Lara. E se for uma pessoa que não se preocupe com você, que não entenda que é sua primeira vez, que não tenha cuidado, que te machuque? Você já parou para pensar que existem os contras nessa situação toda? Que, talvez, ao invés resolver seus problemas, de aplacar o seu desejo, você pode acabar se frustrando? *Tá* cheio de homem assim Lara, que sequer vai se preocupar com o que você vai sentir, se você vai gozar ou não. Por favor, não faça isso com você pequena. — Peço olhando-a nos olhos, enquanto ela se mantém atenta a mim, sentada de lado em seu banco, apoiando a cabeça no encosto.

— E você? Você é assim, Enrico?

— Assim como? — Realmente não entendi sua pergunta.

— Você falou que às vezes os homens não se preocupam, que não são cuidadosos, e que podem nem se preocupar se eu gozei ou não. Você é assim? — Sua pergunta à queima roupa me deixa paralisado.

— Claro que não, Lara, mas nem todos são iguais a mim. Eu não prometo nada além de sexo, não iludo ninguém, mas enquanto estiver na cama comigo eu não busco só o meu prazer. — É tão rápido que eu nem sei como aconteceu. Menos de um segundo depois que eu falei, Lara vem para o meu colo e senta com as pernas abertas, uma de cada lado, e eu não tenho reação nenhuma.

— Então seja o meu primeiro, Enrico... Me dê uma experiência incrível para lembrar. Seja comigo o que é com as outras. Não deixe que eu me decepcione na minha primeira vez. — Ela diz tudo isso e me beija.

Caralho! Cacete! Merda!

Eu não sei o que fazer. Eu não sei o que dizer! Eu... Eu...

Eu simplesmente não consigo deixar de corresponder ao seu beijo, que é melhor do que eu poderia imaginar.

Capítulo 03

Lara



Aguardando sua resposta

Eu só posso estar ficando louca, não tem outra explicação para o que eu acabei de fazer.

Desde o dia do shopping, em que ficamos em casa conversando bobagens e comendo pizza, eu não consegui mais olhar para Enrico sem desejá-lo, sem maldade como era antes, e talvez esse tenha sido um dos motivos para que eu tomasse a decisão de experimentar o novo. Eu não falei, mas todas as reações do meu corpo eram direcionadas a ele.

Toda vez que eu o via em casa, sentia um arrepio percorrer minha nuca, e quando ele fica estudando até mais tarde com Eros e acaba dormindo lá, eu fico imaginando milhões de situações com *ele*, mas ele nunca demonstrou nenhum interesse em mim. Ele deixou bem claro que me vê como *irmã mais nova*, mas eu NÃO sou irmã dele e nem quero ser.

Sinto ele me afastar aos poucos da sua boca, o vazio e a vergonha pelo que fiz começam a tomar conta de mim.

— Que merda você fez, Lara? Você... Nós... Isso não pode acontecer. — Ele fala quando afasta sua boca da minha, mas eu não saio de cima dele, eu já me joguei do precipício mesmo, agora vou arriscar, ir para o tudo ou nada.

— Enrico, é só uma noite, uma única vez. Se você realmente acha que a primeira vez é tão importante, seja essa pessoa *pra* mim. Se não for você será outro, então você quem sabe. — Dou de ombros e me movo para sair de cima dele.

— Pequena, olha só... — Enrico respira e coça a barba, demonstrando nervosismo, mas me mantém segura sobre seu colo, com as mãos na minha

cintura. — Você não é mulher *pra* alguém ficar só por uma noite, *pra* tirar sua virgindade e pronto, Lara. E eu não sou o que você merece. Hoje o meu foco são os meus estudos, a minha carreira; as mulheres *pra* mim são apenas *pra* satisfazer as necessidades do meu corpo, e você não merece isso. — Ele fala enquanto coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e acaricia meu rosto com carinho.

— Eu não estou te pedindo em casamento, Enrico, estou te pedindo uma noite apenas. — Falo, já um pouco insegura diante da recusa dele, embora eu esteja sentindo seu membro duro sob minha bunda, o que confirma que sim, ele também corresponde ao meu desejo, sei que arrisquei demais. — Vamos *pra* casa, por favor. — Volto para o meu lugar e coloco novamente o cinto de segurança.

— Me promete que não vai fazer uma bobagem, pequena. Espera alguém especial, eu sei que vai ter alguém que mereça ter você. — Ele fala tentando ser carinhoso.

— Eu já me decidi, Enrico, isso não está em questão, eu só preciso encontrar alguém para isso. — Respiro fundo antes de dar a cartada final. — Mês que vem é o meu aniversário de dezoito anos: você tem um mês para decidir se será esse cara *pra* mim, ou se terei que escolher outra “vítima”.

Enrico liga o motor do carro para irmos embora e noto sua mão apertar o volante além do necessário. Sei que ele está nervoso com a proposta que eu fiz, ele é o típico homem machista, que acredita que pode fazer tudo e que as mulheres não podem nada, pelo menos as que ele convive não podem. Somente quando ele precisa de alguma para satisfazer os seus desejos, aí sim, por conveniência *dele* a mulher pode se deixar ser “usada” e fazer alguma coisa.

Ele não esperava a minha proposta e vou mostrar para ele que eu não só posso, como vou fazer e ter o que eu quero, e no momento eu *quero* que ele seja o meu primeiro, e ele *será*. Em um mês ele estará na minha cama, ou não me chamo Lara Moraes Vasconcelos.

— Pequena, pensa melhor no que você vai fazer. — Ele ainda pede quando para o carro na porta da minha casa.

— Eu já pensei, Enrico, pensei demais inclusive. Eu sei o que quero, e vou ter. — Dou uma piscadinha para ele e, antes de sair do carro, deixo um beijo leve em seus lábios.

Não espero resposta ou contestação, saio do carro sem olhar para trás e com a certeza de que ele não esperava o que acabei de fazer.



Colocando o “plano” em prática

— Lara, tem certeza do que vai fazer? — Juliana me pergunta pela milésima vez, e eu reviro os olhos impaciente.

— Claro que tenho, Jú, deixa de besteira — respondo.

— Amiga, olha só, você pode se decepcionar. E se ele não quiser? Se ele disser que não? Onde você vai enfiar essa sua *cara* linda? — Sua pergunta demonstra toda preocupação que eu sei que está sentindo, mas eu estou decidida a levar meu plano adiante.

— Amiga, de verdade, eu estou preparada para seja lá o que acontecer. Eu não vou me deixar abalar, fica despreocupada. — Dou um abraço em Juliana, tentando tranquilizá-la. Ela é a única pessoa que sabe do meu plano louco e sei que está preocupada com as consequências que isso pode me trazer.

— Está bem, Lara, a partir de amanhã você será “maior de idade”, então não tenho mais o que falar: você decide o que é melhor *pra* você. Mas saiba que eu estarei aqui para qualquer coisa que precisar. — Ela me abraça mais uma vez e se levanta para ir embora. — Eu já vou indo, amiga, vou descansar porque amanhã quero aproveitar muito.

— Vai, amiga, que eu também vou descansar, mas não vou mentir: estou ansiosa para saber se meu plano vai dar certo ou não. — Sorrio e ela balança a cabeça em negação.

— Você só pode estar ficando louca, é sério! — Completa sorrindo, e eu desço abraçada a ela, acompanhando-a até a porta de casa.

— Juízo, Lara! Até amanhã. — Ela se despede.

— Até amanhã, amiga. — Dou um beijo em seu rosto, fecho a porta e subo as escadas de volta para o meu quarto sorrindo à toa.

— Nossa, maninha, essa alegria toda é porque vai fazer aniversário amanhã? — Eros pergunta quando me vê na porta do quarto, e eu me viro em sua direção para deixar um beijo em seu rosto.

— Claro que sim, maninho. A partir de amanhã serei finalmente “adulta”.
— Respondo com um sorriso, e ele balança a cabeça em negação

— Juízo, Larinha, juízo — recomenda.

— Eu te amo, Eros. — Deixo mais um beijo em seu rosto e sigo para o meu quarto, na tentativa de descansar um pouco. Sei que amanhã meu dia será cheio, e espero que todos os meus planos se concretizem.

Acordo pela manhã com meus pais e Eros cantando parabéns para mim com um pequeno bolo nas mãos, assim como acontece todos os anos desde que eu consigo me lembrar, e a felicidade de ter uma família unida e compreensiva me faz ser grata por tudo o que Deus me deu. Eu não tenho do que reclamar, meus pais são maravilhosos, e meu irmão, nem se fala, então eu realmente me sinto muito amada por Deus.

— Ah... Minha pequena está crescendo. — Meu pai me abraça, emocionado. — Porque vocês crescem? Será que não podem ficar crianças para sempre?

— Ah, pai, eu sempre vou ser sua princesinha, não se preocupe. — Falo dando-lhe um beijo.

— Mãe, eu te amo também. Obrigada por ser tudo o que preciso sempre. — Me encaixo nos braços da minha mãe, apertando-a com carinho.

— Eros, você é o meu maior parceiro, e será assim para sempre, eu prometo maninho. — Abraço meu irmão que me entrega um *buquê* de rosas brancas.

— Eu te amo também, Larinha, juízo — recomenda, deixando um beijo na minha testa, e descemos os três abraçados para o tradicional café da manhã de aniversário da família Moraes Vasconcelos.

O dia passa rápido demais. Eu não quis fazer uma festa como nos outros anos, preferi ir para uma boate com meus amigos e amigas, e, é claro, com a minha família. Sei que meus pais não ficarão por muito tempo lá, mas faço questão que eles estejam presentes para comemorar comigo.

Confesso que estou ansiosa não só pela festa, mas pelo que preparei para depois. Não sei se ocorrerá como o planejado, e espero sinceramente que sim, mas as apostas foram feitas; agora é só esperar o resultado da roleta.

Termino de dar os últimos retoques na maquiagem, me olho no espelho, dou uma voltinha e sorrio satisfeita com o resultado. Uso uma mini saia com paetês dourados e uma blusinha preta de alcinha, nos pés uma sandália preta, alta e trançada no tornozelo. Meus cabelos estão soltos, com cachos soltos nas pontas, e a maquiagem marca bem os meus olhos azuis. Fechando com chave de ouro, passei um batom vermelho sangue. Sem falsa modéstia: eu estou linda!

Passo meu perfume preferido em locais estratégicos, pego minha bolsa de mão e saio do quarto, e, para o meu desespero, dou de cara com Eros e Enrico logo no corredor.

— Uau, maninha, arrasou! — Eros fala, me abraçando em seguida.

— Obrigada, maninho. Estou digna dos meus 18 anos? — Pergunto, e faço questão de dar uma voltinha, só para que Enrico confira o material.

No último mês não tocamos mais no assunto; ele preferiu fingir que nada aconteceu e eu resolvi entrar na dele, ou pelo menos foi o que ele achou, já que naquela mesma noite decidi o que faria e resolvi tomar as providências necessárias para colocar o meu plano em prática.

— Pequena, você está ainda mais linda, feliz aniversário. — Enrico fala e me abraça e em seguida me entrega uma sacolinha.

— Obrigada Enrico, não precisava. — Penso em falar que o melhor presente da noite será ele, mas me controlo, pois embora Eros saiba de tudo o que acontece comigo ele não precisa saber dos detalhes sórdidos que passam em minha mente.

Abro a caixinha de veludo e me encanto com o conteúdo, uma gargantilha de ouro com uma pequena pedra em formato de coração, como se fosse um pontinho de luz; é linda demais, tão delicada. Resolvo usá-la.

— Ah, Enrico, obrigada eu amei! — O abraço novamente. — Coloca *pra* mim? — Estendo a caixinha para ele

— Por nada pequena, coloco sim.

Viro de costas para ele e deixo meu pescoço exposto para que ele coloque o presente que me deu, o leve toque dele arrepia todo o meu corpo. Quando terminamos descemos os três para encontrar meus pais que já nos aguardam na sala.

— Meu Deus, ela subiu uma menina e desceu uma mulher! — Minha mãe fala e eu sorrio do seu exagero.

— Para mãe, vou ficar com vergonha — respondo, indo em sua direção para abraçá-la.

— Não quero nem ver. — Meu pai cobre os olhos com as mãos.

— Nossa! Vocês hoje estão tão dramáticos. — Abraço meu pai sorrindo e seguimos para a garagem.

Resolvo ir no carro com os meus pais e Eros e Enrico vão em outro, porque podemos voltar mais tarde para casa.

Enrico hoje dormirá aqui; na verdade o quarto de hóspedes já é praticamente dele e do Pietro. Ele dorme aqui com uma frequência maior, mas o

Pietro vez ou outra dorme também. Sempre que as baladas vão até mais tarde ou que eles estudam madrugada adentro, eles dormem aqui. No último mês foi uma tortura saber que ele estava no quarto ao lado e ter que esperar o momento certo de agir, mas enfim o grande dia chegou, chega de esperar.

Como Pietro é bem relacionado, foi ele quem me ajudou a resolver em qual boate seria a comemoração dos meus 18 anos. Como já havíamos deixado tudo certo, fomos logo para a área reservada onde alguns amigos e amigas já me aguardavam. Meus pais, como já era esperado, procuram logo um lugar para sentar, e eu vou falar com meus amigos.

— LARAAAAA!!! — Juliana grita assim que me vê. — Amiga, você está deslumbrante e muito gostosa — fala entre risos. — Acho que o seu alvo se ferrou, você está destruidora, não tem como resistir — completa, em meu ouvido.

— Amiga, sinceramente, eu espero que ele não resista mesmo — sussurro de volta. — Disfarça e olha em meu pescoço o presente que ele me deu. — Vejo minha amiga arregalar os olhos e a repreendo. — Eu falei *disfarça* Juliana! — Ela gargalha.

— Deixa eu falar com a aniversariante mais linda que eu já vi. — Patrício, o irmão da Juliana, que, inclusive, já foi meu objeto de desejo até eu mudar o foco para Enrico, fala sorridente. Engraçado... Quando eu praticamente me jogava pra *cima* dele ele sequer me olhava, vai entender, *né*?

— São seus olhos, querido, obrigada por ter vindo. — Cumprimento-o com dois beijos no rosto, e assim vou falando individualmente com cada um que está no local.

Após algumas horas, *tá*, poucas, na verdade, meus pais se despedem de nós alegando estarem cansados e que irão viajar logo cedo e vão embora, e nós ficamos curtindo minha festa, que, até o momento, está sendo do jeito que eu planejei. Espero que seja assim até o final da noite

Faço questão de provocar Enrico, danço para ele e com ele em alguns momentos. Vejo que ele está se controlando. Resolvi não beber, porque não quero que ele pense que o que farei é efeito do álcool. Patrício passa a noite inteira me “cercando” e se eu já não tivesse planejado tanto essa noite, era bem provável que ele fosse o escolhido para estar comigo ao final dela, mas eu tenho um objetivo traçado e não irei abrir mão dele.

— Maninha, Enrico vai dormir lá em casa, você se importa de ir embora com ele de táxi? Eu queria dar uma esticada... — Às 05h da manhã Eros vem falar comigo.

Depois de algum tempo na boate, chegaram algumas garotas da faculdade

deles. Ele já havia me dito que iria convidar algumas pessoas, e confesso que quando vi as meninas, que eram lindas, por sinal, fiquei com um pouco de receio de Enrico estar com alguma delas, mas embora eu tenha percebido que elas se jogavam para ele, ele não correspondeu, parece até que sabia dos meus planos. Acredito que Deus tenha dado uma “forcinha”.

— Pode ir, Eros, eu já vou chamá-lo para ir também — falo e abraço meu irmão.

— Espera só um pouco, a Érika tá no pé dele a noite toda, e não entendi o porquê dele não ter ficado com ela, mas agora parece que vai engrenar. Se ele for *pra* outro lugar com ela, ele vai te deixar em casa primeiro, já combinei com ele. — Eros fala no meu ouvido, sorrindo

— Ah... Certo, eu espero sim.

Nos despedimos e ele vai embora. E eu? Corro IMEDIATAMENTE em direção à Enrico. Mas nem ferrando que ele vai ficar com essa loira azeda hoje, e destruir meus planos.

— Enrico, você se importa de irmos embora? — Falo, fazendo uma carinha de santa para ele.

— Espera só um pouco, Lara, que estamos terminando de conversar aqui. — A tal da Érika responde e eu finjo que não ouvi.

— Vamos? — Pergunto *para ele* novamente, e se ela pudesse me matar apenas com o olhar, eu estaria mortinha agora.

— Érika, outro dia a gente conversa melhor. — Ele responde e deixa um beijo em seu rosto.

— Você podia deixar ela em casa e seguirmos *pra* outro lugar; eu ouvi Eros falando com você... — Ai que ódio de gente intrometida! E ainda fala como se eu fosse uma pirralha que precisa que alguém vá deixar em casa. Enrico fica olhando entre uma e outra sem saber o que fazer.

— Não precisa se incomodar, eu falo com a Jú e vou com ela e Patrício, ou pego um táxi, obrigada. — Falo e dou as costas, chateada por meus planos acabarem de naufragar.

Quando já estou perto de Juliana, sinto alguém segurar meu pulso.

— Espera, Lara, eu vou te levar *pra* casa, eu falei com Eros que iria. — Enrico fala.

— Eu não preciso de babá, Enrico — respondo irritada —, pode deixar que eu me viro. Vai lá levar sua *amiga pra* um motel qualquer que é mais vantajoso *pra* você do que ser minha babá a noite inteira.

— Eu não estou sendo sua babá, Lara, mas falei para o seu irmão que te

levaria para casa e vou levar. — Afirma, e vejo a menina se aproximar de nós.

— Já resolveu o *problema*, Enrico? Podemos ir? — Pergunta a ele, e eu me pergunto se ele falou que eu era um problema?

— Érika, como eu te disse vou levar Lara *pra* casa, outro dia a gente conversa melhor. — Ele fala, e ela espuma de raiva.

Eu que não vou ser burra de jogá-lo no colo dessa vaca, pelo menos não hoje. Amanhã, se ele quiser, ele que a procure, mas agora vou aceitar de bom grado, *como a boa menina que sou*, sua companhia até em casa.

Tudo bem, eu sei, talvez eu não seja *tão boa menina assim*, porque antes de sair, quando a cumprimento como fiz com os outros convidados, faço questão de dizer no seu ouvido:

— Acho que o *problema* resolvido foi você, não é *querida*? Tenha uma boa noite, porque a minha com certeza será maravilhosa. — Seguro na mão de Enrico e vamos em direção à saída para pegarmos o táxi.

Capítulo 04

Lara



Tudo como planejado

— Desculpa ter estragado seus “planos” para a noite — falo depois que entramos no táxi para irmos para casa.

— Não tem problema, e na verdade nem era o *meu* plano, ela que me cercou a noite toda. Foi até bom você ter me chamado, eu já queria mesmo vir embora. — Enrico responde.

— Ah, então vai ter que me agradecer por isso — respondo sorrindo e deito minha cabeça em seu ombro, ele imediatamente começa a acariciar meu cabelo, mas eu sei que não há qualquer malícia nesse gesto.

— *Tá cansada?* — Ele pergunta.

— Não muito.

Seguimos em silêncio até chegarmos em casa. Eu sei que tenho tudo planejado na cabeça, mas confesso que agora estou um pouco insegura, e se der errado? E se ele não quiser? Onde vou enfiar minha cara amanhã?

Agradei a Deus Eros ter ido dormir fora, o quarto dos meus pais fica no andar de baixo, então, caso ele *aceite*, vou ficar menos apreensiva.

Quando o táxi para, desço seguida por ele, e quando entramos damos de cara com os meus pais já de pé. Meu coração acelera: *deu merda*.

— Vocês chegaram cedo, hein? — Meu pai brinca. — Cadê Eros? Já sei, ficou com algum rabo de saia e te incumbiu de trazer nossa princesa? — Completa. Eu reviro os olhos e Enrico confirma com a cabeça.

— Pai, eu já tenho 18 anos, não preciso de babá *pra* me vigiar não. — Falo

e ele me abraça.

— Eu sei, meu amor, é só coisa de pai mesmo. Já estamos de saída, estávamos só guardando as malas no carro. Amanhã à noite estaremos de volta.

— Vou te ajudar a colocar as coisas no carro, tio. — Enrico se oferece e meu pai aceita. Dou um beijo em seu rosto.

— Façam uma boa viagem. Avisa quando chegarem; eu vou dormir. — Dou mais um beijo em seu rosto e sigo para me despedir da minha mãe também.

Meu pai é dono de uma construtora que tem algumas filiais no país, então é comum viajarem para visitá-las. Quando éramos mais novos, Joana, nossa babá, era quem ficava conosco, mas desde a adolescência eu e Eros ficamos sozinhos, ela fica apenas durante o dia, com a outra funcionária que a ajuda.

— Tchau, mãe, faça uma boa viagem, eu te amo. — A abraço carinhosamente.

— Tchau, meu amor, aproveite com juízo, ok? — Ela fala e sei que ela "pescou" o que eu pretendo fazer. Minha mãe é esperta demais, e há um mês, quando eu decidi que perderia a virgindade, pedi que ela me acompanhasse na ginecologista. Ela achou que eu já tinha me entregue a alguém; falei que não, mas que seria em breve, e que queria me prevenir. Ela sempre foi minha amiga, e eu não precisei falar para ela com quem seria, pois ela me conhece demais e percebeu meu interesse em Enrico, por mais que eu tentasse disfarçar. Minha mãe conversou comigo, falou que ele estava em uma fase de querer curtir e que eu poderia me machucar, mas eu falei para ela não se preocupar.

Meu pai nem faz ideia disso tudo, porque se desconfiasse nunca iria nos deixar a sós. Que merda! Estamos a sós, só agora me dei conta disso. Tudo aconteceu melhor do que eu planejei.

— Obrigada, mãe, vou subir — aviso e corro pela escada, ansiosa por um banho.

Tomo um banho demorado para ver se consigo relaxar, eu estou nervosa com o que pode acontecer entre nós, e principalmente com o medo de ser rejeitada por Enrico.

Visto a lingerie que escolhi, um conjunto de sutiã e calcinha de renda preto. Eu até havia comprado um conjunto branco, mas achei que ia ficar muito evidente a minha inexperiência e isso podia assustá-lo.

Calço uma sandália de salto, visto um hobby longo de cetim com algumas partes transparentes, passo um pouco de perfume, arrumo o cabelo e respiro fundo.

Sigo para o quarto em que Enrico está, abro a porta devagar e noto que ele

ainda está tomando banho, posso perceber pelo barulho do chuveiro. Confesso que agora o desespero está batendo, não sei se continuo ou se volto para o meu quarto enquanto há tempo.

Ouçó o chuveiro desligar. Não tenho mais *pra* onde correr. É agora.

Respiro fundo mais uma vez e sento na cama, de frente para a porta de onde ele sairá em breve.

Enrico



Rendido a ela

O último mês foi uma tortura para mim. Tentei, de diversas formas, esquecer o beijo e, principalmente, a proposta que Lara havia me feito, mas isso foi quase impossível. Eu nunca havia me sentido tão em êxtase com um simples beijo, mas com ela foi completamente diferente. É uma pena que eu não esteja pronto para um relacionamento sério, porque ela seria a mulher ideal para mim, ela consegue me ter em suas mãos, não sei se por causa do seu jeito de menina que não condiz com suas atitudes e maturidade de mulher, mas sinto que com ela existe algo a mais.

Essa noite eu não consegui tirar os olhos dela, fiquei me perguntando o tempo inteiro se ela já tinha feito a merda que disse que faria. Em alguns momentos achei que sim, em outros não; ela estava tão segura, tão linda, tão gostosa... Que merda!

Tento afastar da mente a visão dela dançando com as amigas, rebolando até o chão e principalmente a cara de idiota do irmão de uma das amigas dela que só faltava babar a cada vez que ela descia e subia dançando, alheia a tudo o que acontecia à sua volta. Termino o banho, escovo os dentes, enrolo a toalha na cintura e saio do banheiro secando os cabelos com a outra toalha.

— Misericórdia, Senhor! — Exclamo, e, para ser sincero, quase grito com a visão que tenho ao abrir a porta do banheiro: Lara está sentada na ponta da cama, vestida com uma camisola preta que mais mostra do que esconde, com as mãos apoiadas para trás e as pernas cruzadas. Essa é definitivamente a visão do

paraíso e do inferno juntos em uma mesma cena.

— O que foi, Enrico? Não esperava me ver aqui? — Ela pergunta sorrindo.

— *Pra* falar a verdade, não. — Respondo me encostando na parede, tentando ficar o mais distante possível da tentação. — O que você quer? *Tá* passando mal? Perdeu o sono? Deixa só eu me trocar que te ajudo. — Falo rápido, de tão nervoso que estou, enquanto ela demonstra calma e tranquilidade, e é dessa forma que ela levanta, e com ela meu pau vai junto; é instintivo, não deu *pra* controlar, a camisola transparente me deixou ter um vislumbre da minúscula calcinha que Lara veste. Rapidamente coloco a mão na frente, tentando disfarçar, mas ela não colabora. Caminha em minha direção, e se eu já não estivesse escorado na parede estaria andando para trás, acompanhando cada passo que ela dá até que para na minha frente.

— Não estou passando mal, nem perdi o sono. Mas quer realmente saber o que quero? Eu quero você! — Ela fala pausadamente cada palavra e sinto como se um soco fosse dado no meu estômago.

— Não faz isso comigo, Lara, nós não podemos, eu não posso, o... o seu irmão, ele vai me matar. — Estou tão nervoso que até gaguejo no final da frase.

— Eu já disse e repito: o corpo é meu, Enrico! Eu te dei um mês *pra* pensar e decidir se você queria isso também, e agora é a hora do tudo ou nada, do sim ou não, a última chamada para o vôo, e aí vai embarcar? — Ela fala passeando as unhas pelo meu peito exposto. Meu pai do céu, nem as mulheres mais velhas que eu fiquei foram tão ousadas, envolventes e atrevidas quanto Lara está sendo. Isso só pode ser um teste de resistência, e eu acabei de perceber que sou fraco demais.

— Lara, senta aqui. — Fujo de perto dela e sento na cama, colocando o travesseiro sobre o meu colo para disfarçar o estado deplorável em que me encontro. — Não tão perto, chega *pra* lá só um pouquinho. — Quase imploro, e sabe o que ela faz? Chega mais perto, e o seu perfume me deixa tonto de desejo.

— Seja rápido, Enrico, não quero perder tempo conversando. — Deixa ainda mais clara a sua intenção.

— Tudo bem, se você quer que eu seja direto eu vou ser: você é gostosa *pra* caralho, e sim, eu estou com vontade de te jogar na cama e te foder com força, apesar de saber que é a sua primeira vez e que eu teria que ser cuidadoso. — Vejo que sua face fica um pouco corada com minhas palavras cruas, mas foi ela quem pediu que eu fosse direto, então não tem outro jeito. — Quer dizer, você ainda é virgem, não é? — Pergunto, porque depois da atitude que ela demonstrou, fiquei com um pouco de dúvida, mas ela confirma com a cabeça e sinto um certo alívio no peito. — Mas eu não posso e não quero ser sacana com

o seu irmão, ele é meu amigo, Lara, ele vai ficar puto comigo. E tem mais, eu não quero um relacionamento sério, pelo menos não agora. Você é linda, inteligente, parceira, deve ser gostosa *pra caralho*, mas eu não quero isso, e não quero perder o que a gente tem. — Sou sincero, falando de uma só vez todos os meus pontos para que ela entenda.

— Enrico, eu já te disse que eu não tô te pedindo *pra* casar comigo; o Eros não tem nada a ver com isso entre nós, e sou madura o suficiente *pra* não ir me lamentar no colo do meu irmão, porque o amigo safado dele me "comeu" e abandonou, afinal, sou eu que estou pedindo por isso. — Ela fala segurando em minhas mãos e olhando profundamente nos meus olhos. — Eu não quero e nem posso te obrigar a nada, mas se não for você vai ser com um outro qualquer — Faço um pouquinho de drama e balanço a cabeça, negando sua fala, não consigo aceitar isso.

Ela abaixa a cabeça pensativo, solta as minhas mãos e encara as suas, que acabaram de repousar no seu colo.

— Mas *tá* tudo bem, prometo que nada vai mudar entre a gente. — Fala voltando a olhar nos meus olhos. Se inclina em minha direção, me dá um abraço e segue para a porta, para sair do quarto. Sinto que ela fica um pouco constrangida com a situação e nesse instante assino minha sentença de "morte".

— Espera, pequena — chamo e ela para, mas ainda não olha para trás. — Eu quero, eu juro que quero, eu só não sei se é certo. — Respiro fundo antes de completar: — Volta aqui, Lara... Vou te fazer mulher, *minha mulher*, mesmo que seja apenas uma vez.

Ela se vira em minha direção, corre e pula em cima de mim, nos derrubando sobre a cama, com um sorriso travesso nos lábios, tal qual o de uma criança quando consegue o que quer. Se foi impossível dizer NÃO a ela agora, imagino como será depois: eu estou F.O.D.I.D.O.

— E agora? — Ela pergunta.

— E agora o que? — Não entendo o que ela quer saber.

— E agora, o que fazemos? Como começa? — Sorrio, pois ela me demonstra o quão inocente ainda é, mesmo que seja uma mulher fatal em alguns momentos.

Nos giro sobre a cama, ficando por cima dela.

— Primeiro me fala até onde você já foi, até onde alguém já te tocou? — Pergunto.

— Nunca fui a lugar algum. Nunca ninguém me tocou intimamente, nunca deixei passar dos beijos... — Seu lindo rosto ruboriza como nunca vi antes

quando responde à pergunta, e eu fico mais do que satisfeito com a sua resposta.

— Tudo bem, pequena, não tem um manual, vamos deixar fluir até onde for confortável para você, certo? — Pergunto, e ela responde acenando com a cabeça.

Então eu a beijo, com calma, explorando cada pedacinho da sua boca, sentindo sua língua vir de encontro à minha, numa explosão de sabores e sensações que são também diferentes para mim; ela é especial, não é só desejo, não é só sexo, mas não quero pensar em nada agora, nas consequências, ou na destruição que isso pode nos trazer, vou aproveitar tanto quanto farei com que ela aproveite.

Capítulo 05

Lara



A primeira vez a gente jamais esquece

— Espera, pequena. — Quando ouvi Enrico me chamar paralisei no lugar. Não queria olhar nos seus olhos e enxergar a recusa. Confesso que a vergonha já estava me dominando, mas ouvir em seguida que ele me faria mulher, acendeu uma chama em mim que eu sequer imaginava existir, voltei correndo e me joguei em seus braços, satisfeita por enfim ter conseguido o que queria.

Agora estou aqui, sob o seu domínio, perdida nas sensações que o seu beijo me desperta, envolta em uma névoa de desejo e satisfação que eu não consigo e nem quero controlar.

Minhas mãos tremem, eu estou nervosa, por mais que eu estivesse decidida, não posso negar o quanto à iminência do ato me deixa temerosa. E se não for como eu espero? Será que vai ser tão bom quanto eu desejo? Tento afastar da mente a insegurança, até porque é impossível não me render ao momento quando sua língua tão habilmente explora minha boca, cada cantinho dela.

— Ah, Enrico! — Suspiro quando ele afasta minimamente sua boca da minha.

— Vem, fica em pé, pequena! — Enrico fica em pé ao lado da cama, estende a mão para mim em um convite e eu vou de bom grado.

De pé na sua frente, sem saber o que devo fazer, analiso sua feição, os olhos mais escuros que o normal, ele me olha tão profundamente que, com toda a certeza, é capaz de enxergar minha alma.

Lentamente ele desfaz o laço que prende a frende do hobby que visto, enquanto deposita um beijo leve nos meus lábios e desce em direção ao meu pescoço, beijando, acariciando, lambendo minha pele por onde passa. Com

delicadeza e cuidado, vai abaixando lentamente a peça pelos meus ombros, me despiando aos poucos, e eu involuntariamente começo a soltar gemidos de prazer. Sou tomada por uma sensação indescritível. A cada beijo que sinto sobre a minha pele, meu ventre se contrai.

— Você está bem? Tem certeza que quer continuar? — Enrico pergunta olhando nos meus olhos quando a peça cai em volta dos meus pés.

— Sim, eu tenho. — Confirmo minha vontade.

Ele me vira de costas para ele, afastando delicadamente o cabelo que cai em ondas até a minha cintura, e beija meu pescoço, intensificando ainda mais o frio na barriga. Involuntariamente aperto minhas pernas, e ele, que já estava com as mãos no fecho do sutiã para desabotoar, coloca uma das mãos entre as minhas coxas, afastando-as sem tirar um segundo sequer a boca da minha pele.

— *Tá sentindo desejo, pequena? Tá apertando as pernas para buscar alívio?* — Sem saber ao certo o que fazer, confirmo com a cabeça, e ele me vira de frente para ele novamente, coloca sua perna entre as minhas, impedindo-me de juntá-las, e volta a mão para o fecho do sutiã, soltando-o em seguida. — O único que te dará alívio hoje serei eu, Lara, com os meus dedos — acaricia meus seios que agora estão livres da peça que os cobria —, com a minha boca — beija cada um dos meus mamilos e no final, deixa mordidas que quase me fazem gritar, não de dor, mas de um prazer que eu jamais julguei existir —, e com meu pau, se você realmente quiser ir até o fim. — Volta a beijar minha boca, suspendendo o meu corpo apoiando minha bunda com as mãos, e eu enlaço sua cintura com minhas pernas enquanto ele pressiona o membro duro, escondido apenas pela toalha, em meu sexo que pulsa descontroladamente.

Delicadamente ele me deita sobre a cama e paraliso sob seu olhar. Enrico me encara admirado, os olhos brilhando de desejo e satisfação, e ele está tão lindo, tão entregue, tão compenetrado em fazer dessa noite especial para mim, que sinto, nesse momento, que essa foi a pior escolha que eu poderia ter feito, porque Enrico vai foder não só o meu corpo, mas principalmente o meu coração e a minha alma, mas eu não quero parar, não quero outro, eu o desejei, eu planejei, eu praticamente o obriguei a estar aqui, e não vou voltar atrás, mesmo que eu me machuque, mesmo que eu me perca, eu terei que cuidar das feridas que ficarão sozinha, mas eu serei forte porque eu sei que valerá a pena no final.

— Meu corpo, Enrico — digo em um sussurro.

— O que tem seu corpo, Lara? É lindo! O mais lindo que já vi e toquei em toda a minha vida. — Ele fala, e em seguida, desce para beijar minha barriga até o limite da calcinha.

— Está pegando fogo, Enrico, eu não consigo controlar. — Falo e cubro o

rosto com as mãos, envergonhada pelo que acabo de dizer.

— É normal, pequena, mas não se preocupe, eu vou apagar esse fogo que consome não só o seu corpo, mas o meu também. —

Sinto quando ele coloca os dedos na lateral da calcinha e começar a tirá-la lentamente.

Depois de retirar a peça me torturando com beijos até os pés, Enrico desabotoou as sandálias e fez o percurso de volta, até estar com a cabeça no meio das minhas pernas. Quando olhei para baixo e o vi *bem ali* fiquei envergonhada, mas não durou muito tempo, já que logo senti os seus dedos pressionarem o meu clitóris em movimentos circulares.

— Puta que pariu, Lara, você é gostosa demais! E já está toda molhadinha para mim, porra... — Ele fala em um sussurro rouco, uma voz que ecoa dentro de mim, enquanto beija a parte interna das minhas coxas, e eu gemo alucinada com seus toques e com a aproximação da sua boca do meu sexo.

Sinto-o afastar os dedos do meu clitóris e colocar a boca, e, meu pai do céu! Eu não acredito que isso poderia ser tããããã bom! Acho que eu grito com o toque, não sei ao certo, é como se eu não tivesse controle sobre meu corpo, estou dominada por um prazer tão forte que não consigo descrever.

Sinto ele introduzir a ponta de um dedo em mim e contraio involuntariamente.

— Gostosa e apertada demais, Lara. Vou te fazer gozar assim primeiro, pequena, e depois te farei minha. — Sussurra, prende meu clitóris com os dentes e eu reboło involuntariamente no seu rosto. — Quietinha, minha linda, só sinta, deixa vir... — Ele prende a minha cintura com uma das mãos para que eu fique quieta e volta a me chupar, lamben, morder, tudo ao mesmo tempo, de forma que eu mal consigo processar os acontecimentos.

Os dedos voltam a entrar e sair de dentro de mim em uma cadência e sintonia perfeitas com os lábios. Sinto uma contração mais forte em meu ventre; minhas pernas querem se fechar, eu quero fugir ao mesmo tempo em que quero permanecer ali imóvel, perdida no prazer que Enrico me dá nesse momento.

— Ah, pequena, você é tão apertadinha... Goza *pra* mim Lara, goza que eu tô doido pra me enterrar em você... — Ele pede e meu corpo obedece.

Minhas pernas tremem e leves choques percorrerem meu sexo que começou a se contrair involuntariamente repetidas vezes. Ouvi ao longe, como se estivesse em outra dimensão, Enrico gemer, até que, aos poucos, fui me recuperando.

— Eu... eu acho que gozei — figo envergonhada, ao perceber que ele já

pairava sobre mim, me encarando com o desejo brilhando nos olhos.

— E eu tenho certeza pequena. Tenho ainda mais certeza de que essa cena jamais sairá da minha cabeça. Agora me diga: você quer continuar? — Pergunta.

— Eu quero Enrico, por favor, me faça sua. — Ele me beija com fúria e desejo, depois se afasta só o suficiente para desenrolar a toalha que ainda estava na cintura, e finalmente eu posso contemplar toda a sua glória. Jesus, quando acabar estou ferrada! Ele é imenso! Mas não vou desistir, não mesmo.

Noto que ele fica um pouco desesperado procurando algo em sua carteira, no bolso da calça e na mochila.

— O que foi, Enrico? Qual o problema? — Questiono.

— Camisinha, Lara, eu não tenho nenhuma camisinha aqui. Que merda, pequena, me desculpa. — Se lamenta.

— Vem aqui, Enrico. — Ele vem. — Olha, quando eu decidi que queria perder a virgindade, eu fui à ginecologista e comecei a tomar injeção contraceptiva; eu jamais iria propor isso a outro homem, mas você é diferente... — Paro um pouco, tentando criar coragem. — Então, se você quiser...

— É claro que eu quero, Lara. Eu nunca transei com ninguém sem camisinha, eu te juro, você será a minha primeira também. — Ele volta a me beijar e deita-se sobre mim. — Eu nunca estive com nenhuma mulher virgem, então se eu te machucar, se doer demais, por favor, me peça para parar, tudo bem? — Ele pede, e eu aceno com a cabeça concordando, sabendo que será agora. Embora eu esteja muito nervosa, também estou satisfeita e desejando muito que isso aconteça.

Enrico me beija novamente, depois desce para os meus seios, chupando-os com tanta força que com certeza ficariam marcados. Abre as minhas pernas e se encaixa no meio delas, apoiando o peso sobre o cotovelo para não me esmagar com o corpo grande. Fecho os olhos quando o sinto deslizar a cabeça grossa pela minha entrada pequena, pincelando de cima para baixo algumas vezes até parar bem no lugar onde em breve ele entraria.

— Abra os olhos, Lara, eu quero olhar para você! — Ele pede e eu obedeço. Aos poucos e com calma sinto ele forçar um pouco para dentro, e Deus do céu, isso dói *pra* caralho! Controlo a vontade de gritar para não assustá-lo, mas as lágrimas se formam involuntariamente no canto dos meus olhos. — Você está bem, pequena? Quer que eu pare? — Pergunta preocupado enquanto faz um movimento para trás, mas eu seguro sua bunda no lugar.

— Não, Enrico, não para, continua — peço desesperada.

— Caralho, Lara, você é muito gostosa, apertadinha demais... Relaxa, meu

bem, depois que eu estiver todo dentro de você vai melhorar, eu te prometo. — Enrico fala olhando nos meus olhos, e volta a forçar para dentro de mim novamente.

Eu confesso que tenho vontade de fugir da dor, mas eu sei que vai passar e que vai ser bom. Ele está sendo cuidadoso comigo desde o primeiro momento; não poderia ter escolhido um homem melhor para me tomar pela primeira vez, para me fazer mulher.

Enrico me beija com carinho sem fechar os olhos, sem desviar a atenção de mim, enquanto vai entrando lentamente, abrindo espaço pouco a pouco dentro de mim. Sinto minha carne ceder à sua vontade, até que finalmente o sinto inteiro dentro de mim.

— Acabou! — falei em um suspiro.

— Não, minha pequena, agora começou, e eu te prometo que vai ficar melhor, só relaxa e se entrega, Lara. — Ele pede.

— Eu já me entreguei, Enrico, agora me ensina como pode ficar ainda melhor. — Ao ouvir meu pedido ele geme, e começa a sair e voltar vagorosamente de dentro de mim, com calma e cuidado para que eu me acostume.

— Que caralho, Lara! Sentir você na minha pele está me enlouquecendo; nunca pensei que fosse tão bom fazer sem camisinha. — Ele fala e vem todo para dentro de mim, soltando um suspiro rouco.

— Só comigo, Enrico... Sinto que você vai ter que me ajudar outras vezes até que eu esteja preparada, e só comigo você fará sem camisinha, tudo bem? — Pergunto e ele concorda com a cabeça, e eu não sei se ele processou direito a informação, mas quero acreditar que sim. — Agora vem, mais rápido, por favor... — Peço, e em um gesto mais ousado o envolvo com minhas pernas.

— Não consigo mais me controlar. — Enrico aperta as mãos na minha bunda, erguendo levemente o meu quadril em sua direção, e começa a entrar e sair em uma velocidade alucinante. — Gostosa demais, Lara, vou ficar viciado nessa sua boceta lisinha, apertada e toda molhadinha só *pra* mim...

Gememos os dois juntos, tomados pelo desejo. Quando senti a “tremedeira” voltar ao meu corpo, Enrico aumentou ainda mais o ritmo dos beijos e das carícias, e gozamos praticamente juntos, berrando alucinados como animais no cio.

Quando recuperamos o fôlego, Enrico sentou na cama me levando em seu colo, sem sair de dentro de mim. Eu estava exausta, e apenas descansei a cabeça em seu ombro.

Ele me levou até o banheiro, e só quando estávamos dentro do box foi que saiu lentamente de dentro de mim. Agradei a Deus por ele ter pensado nisso, porque se tivesse feito isso na cama, o seu gozo junto com o meu sangue teria manchado os lençóis, denunciando o que havíamos acabado de fazer.

Com cuidado ele me deu banho, limpou cada pedacinho da minha pele, depois secou e vestiu com uma camisa sua. Me levou de volta para o quarto, deitou e me puxou para descansar em seu peito. Ele fez tudo isso enquanto eu permanecia extasiada, parecia que eu estava em outra dimensão, satisfeita demais, e cansada na mesma medida, mas não pude deixar de notar o seu membro grosso, que não havia amolecido em momento algum, e sorri: Enrico parece ser insaciável...

Quando estava quase pegando no sono, com ele me acariciando levemente as costas e os cabelos, o ouvi dizer baixinho, quase em um sussurro:

— Obrigado, pequena, obrigado por ter me escolhido para ser o seu primeiro.

Fecho os olhos satisfeita, em paz, e com a certeza de ter feito a melhor escolha de todas.

Capítulo 06

Lara



Dois anos depois Uma louca apaixonada

Há pouco mais de dois anos, eu e Enrico tivemos a nossa primeira vez. Ele foi tão perfeito que, sabe aquela frase ridícula: "amor que fica é amor de pica"? Pois é, ela não me parece tão ridícula assim, pois foi exatamente o que aconteceu comigo: o homem me destruiu para os outros; me *fodeu*, literalmente.

É lógico que eu não falei para ele, até porque isso o afugentaria; o homem foge de compromisso como o diabo foge da cruz.

Após a nossa primeira vez, passamos a nos encontrar pelo menos uma vez por semana – na verdade o número de vezes é infinitamente maior, mas ele não quer admitir a regularidade e eu vou levando, fingindo e fazendo com que aconteça *do meu jeito* – para transas casuais, pelo menos é o que ele afirma, mas para mim nunca foi casual.

Eros logo percebeu que havia algo entre nós, e embora tenha conversado comigo, alertando sobre eu não me envolver emocionalmente, ele não interferiu nas minhas decisões. Eu e Enrico havíamos decidido que jamais o envolveríamos em nosso "*rolo*", afinal ele é meu irmão e melhor amigo dele, então tomar partido de um ou do outro não seria legal, e, pelo menos nesse ponto, nós conseguimos ser maduros, porque nos demais com certeza não somos.

Ele nunca me prometeu exclusividade, mas machista como é, vive me pedindo que o espere, que o aguarde... Isso é ridículo! Me irrita só de pensar.

Tudo bem, confesso que não consegui me relacionar com ninguém depois dele, mas ele não precisa saber disso. Vez ou outra dou a entender que tenho

algum rolo por aí, só para irritá-lo, só para vê-lo se roendo de ciúmes, mesmo que não admita, e até mesmo para que ele fique com a sensação de que pode me perder a qualquer momento; os homens só tomam atitude quando percebem que vão perder território.

Assim que concluí o ensino médio, resolvi prestar vestibular para direito. No início, a minha escolha por esse curso foi apenas para poder ficar mais perto dele; eu sei, parece loucura, mas foi por isso... Agora agradeço a Deus por esse impulso porque me identifiquei demais com a advocacia, e hoje, pouco mais de um ano depois que ingressei, estou convicta de que a minha permanência não tem nada a ver com as circunstâncias que me trouxeram para cá. Estou completamente apaixonada pela área.

Esse ano Eros e Enrico se formam e eu seguirei sozinha a minha jornada, mas vai valer a pena. Serei advogada criminalista; tenho certeza disso desde que comecei a ver as inúmeras injustiças que acontecem. É lógico que sei que muita gente está presa por merecimento, mas tantas outras estão por circunstâncias, falta de oportunidade ou tantas outras coisas que a gente sequer imagina... É fácil julgar, condenar antecipadamente, mas ninguém se pergunta o porquê, o que há por trás de um ato desesperado, ou de uma atitude impensada.

Estar tão próxima a Enrico me proporciona algumas regalias, e também um conhecimento prévio das suas ações. Sempre que sei que tem algumazinha interessada nele, dou logo um jeito de afastar as possibilidades. Confesso que já aprontei algumas coisas das quais não me orgulho tanto, como da vez que coloquei laxante – uma quantidade enorme – na bebida da menina com quem eu sabia que ele sairia à noite, e ela teve diarreia na frente dele, ou da vez que fingi estar passando mal para impedir que ele desse carona a outra atirada, afinal, entre me socorrer e foder uma qualquer, é lógico que a escolha dele seria por mim.

Às vezes eu me sinto um pouco mal, só um pouco, *pra* ser bem sincera, porque por tabela acabo minando os "esquemas" de Eros e de Pietro, mas meu irmão, que não é bobo, já sacou a minha, e agora sempre dá um jeito de se virar por fora. Ele não me apoia, mas também não me recrimina, e isso me basta.

Descobri uma forma de saber os esquemas dele e me antecipar para atrapalhar sem que ele desconfie. Todas as noites, depois que meu irmão dorme, eu dou uma olhadinha no celular dele, nas conversas entre eles e acabo descobrindo algumas informações importantes. Eu não me sinto mal por isso, afinal, cada um luta com as armas que tem, e essas são as minhas, são as circunstâncias, e não posso fazer nada contra isso.

É lógico que eu sei que ele *deve* ter se envolvido com alguém sem que eu

soubesse, não me iludo do contrário; mas se eu suspeitar ou descobrir, dou um jeito de minar a "*empreitada*" sem que ele desconfie. O problema é que o meu arsenal está acabando, e ontem, na minha "vistoria" no celular de Eros, descobri que ele marcou um encontro para amanhã à noite, e não consigo pensar em nada para impedir. Já o chamei para sair e ele inventou uma desculpa qualquer. Apesar de ele nunca ter me prometido exclusividade, jamais faltou com respeito comigo ou me falou escancaradamente que ficaria com outra.

Espero um tempo para que Eros durma e sigo para o meu quarto para obter maiores informações sobre o encontro de Enrico, eles estão focados demais no concurso que farão no início do próximo ano após se formarem, e sei que durante a semana se dedicam exclusivamente aos estudos. Quando o fazem aqui em casa, eu sempre dou um jeitinho de dar um pulo no quarto de hóspedes quando todos estão dormindo, para fazê-lo "*relaxar*", mas os meus tormentos são os fins de semana.

Abro a conversa entre eles e descubro que o nome da *fulaninha* é Bruna e que eles realmente vão se encontrar na "*Vegas Club*", uma boate nova e bem legal que inaugurou aqui na cidade, e corro de volta para o meu quarto para pensar no que eu posso fazer dessa vez.

Acordo de manhã um pouco mais tarde do que o habitual, mas com o plano traçado na mente desde ontem à noite, e começo a colocá-lo em prática ligando para ele.

— Oi, meu lindo, bom dia — falo, assim que Enrico atende à ligação.

— *Oi, minha pequena.* —
Responde com a voz rouca de sono.

— Ainda estava dormindo? Que voz gostosa de sono é essa? — Pergunto enquanto rolo na cama e fico de bruços.

— *Estava, estudei até mais tarde ontem à noite, precisava adiantar alguns assuntos.*

— Então, quais são os nossos planos para hoje à noite? — Quero só ver o que ele dirá.

— *Poxa, Larinha, me desculpa, hoje não vai dar, tô cheio de conteúdo atrasado que preciso colocar em dia. Você*

entende, não é, pequena?

— Ele pergunta, e eu juro, se pudesse entrar pelo telefone, eu esganaria ele, filho da mãe, eu sei bem o conteúdo que tem pra *colocar em dias*.

— Claro que entendo, meu lindo. Então na próxima semana a gente marca alguma coisa, já estou com saudades — falo sorrindo, mas por dentro a raiva ferve.

— *Meu Deus, eu criei um monstro, você está insaciável pequena* — ele fala sorrindo e eu me derreto toda. Senhor, como eu fui me apaixonar pelo homem mais cafajeste do mundo? — *Amanhã então, pequena, amanhã a gente pega um cineminha e eu mato suas saudades do meu pau, tá bom, amor?* — Pergunta.

— Combinado então, amanhã a gente se vê. Um beijo. — Respondo controlando a voz para que ele não perceba que eu estou irritada, mas me despeço logo, porque não sou muito boa em disfarçar a raiva.

— *Você vai ficar em casa hoje à noite?* — Pergunta como quem não quer nada.

— Vou sim, amor, só iria sair se fosse com você. Mas fica para amanhã então.

— *Certo, então tchau e até amanhã, minha pequena, um beijo bem gostoso nessa sua boceta deliciosa.* — O cafajeste fala, sem saber que eu sei

que ele pretende se enfiar
em outra boceta ainda
hoje.

— Outro, tchau. — Desligo logo, sem prolongar o assunto, porque a minha raiva está em níveis estratosféricos.

Que merda! Que ódio! Tenho vontade de jogar o telefone na parede de tanta raiva que eu sinto, mas infelizmente eu já esperava por isso.

Como meu plano A não deu certo, resolvo partir para o plano B.

Às 21h30 chego à boate. Vim mais cedo do que o horário que eles combinaram para poder ficar em um local em que pudesse ver quando eles chegassem.

Quando Eros me viu sair de casa acho que ele desconfiou de algo, mas falei que tinha combinado de sair com Juliana para comer uma pizza. Ele perguntou se eu havia falado com Enrico e eu disse que não, o que não é bem uma mentira, já que desde o telefonema pela manhã eu não falei mais com ele.

Meu irmão não acreditou muito na minha conversa de que iria apenas comer uma pizza, já que eu estava vestida com uma minissaia de cintura alta com uma fenda na coxa esquerda, um *cropped* prata frente única e calçava uma sandália preta amarrada no tornozelo; ou seja: minha roupa gritava: BALADA!!!

Escoro-me na grade do primeiro andar da boate e procuro me manter em um lugar onde consiga ter ampla visão do local. Eu não sei ao certo o que esperar dessa noite; não quis convidar minha amiga Juliana para vir comigo, pois sei que posso sair daqui tanto satisfeita quanto arrasada, e nas duas alternativas prefiro estar sozinha.

Pego uma bebida enquanto assisto aos poucos o ambiente começar a encher. O nervoso começa a me dominar. E se ele tiver mudados os planos e ido para outro lugar? Eu não quero nem pensar no Enrico com outra mulher na cama, beijando como me beija, tocando como me toca... Sei que eu tenho brincado com fogo durante esse tempo, mas não consigo me afastar. Prefiro me esquivar e seguir até onde der, mas não posso negar que a cada dia que passa sinto o caminho se estreitar, e embora ele seja maravilhoso quando estamos a sós, ele sempre me recorda, ainda que discretamente, que nunca me prometeu fidelidade.

Por volta de 22h30 vejo-o chegar acompanhado, e meu coração sofre um baque. Sinto-o bater tão forte que parece que vai sair do peito. Eu nunca o vi com ninguém, e confesso que há um nó em minha garganta, um peso no meu estômago...

No fundo eu tinha esperanças de que ele ficaria em casa realmente estudando.

Pego outra bebida e continuo a observá-lo de longe. Ele envolve a mulher pela cintura com os braços fortes – ele e Eros têm se dedicado mais às atividades físicas, pois sabem que precisarão de inteligência resistência para passar no TAF do concurso para delegado, e eu não tenho dúvida de que eles passarão. Enrico, que já era enorme, no último ano dobrou de tamanho – os mesmos braços que me envolvem com carinho e luxúria, agora envolvem a cintura de outra mulher. Ele afunda o rosto no pescoço dela enquanto a abraça, e sobem as escadas em direção ao lugar em que me encontro. Eu sei que ele ainda não me viu.

Viro todo o conteúdo da bebida que está em minhas mãos, a raiva chegando a borda feito um furacão, e pego outra imediatamente, a insegurança, a dor do ciúme, esse nó na garganta... tudo isso intensifica a dor no meu peito, e eu já não sei se o que fiz foi certo, se eu mereço me submeter a isso.

Uma música eletrônica começa a tocar e eu não consigo desviar os olhos deles dois, ela rebola na frente dele que parece em êxtase, satisfeito. Viro mais uma, bebida, e mais outra, e outra, até que paro de contar quantas já bebi; minha sorte é que ainda não os vi se beijar, se não eu nem sei o que teria feito. O fato é que em menos de meia hora, eu já virei 03 doses de Whisky e mais tequilas do que pude contar.

Ouçõ o DJ tocar uma música e acho que pela quantidade de bebida ingerida e pela batida envolvente, começo involuntariamente a dançar, chamando atenção das pessoas a minha volta.

Sinto duas mãos envolverem minha cintura, e decidida a não aprontar mais nada para impedir a noite de Enrico, nem me preocupo em olhar de quem se trata, quem sabe se eu me permitir, se me envolver com alguém além dele eu não consigo seguir em frente? Eu sou uma mulher linda, inteligente, no auge dos meus 20 anos, não posso de forma alguma me anular por alguém que sequer consegue admitir o que sente por mim, e eu sei que ele gosta de mim tanto quanto eu gosto dele; ou melhor, que ele me ama tanto quanto eu o amo, e, embora nunca tenhamos afirmado isso com palavras eu sei que o sentimento é recíproco.

Sinto o homem colar o peito em minhas costas e sei que não é o homem que eu desejo, posso perceber no simples toque. Enrico não me toca com delicadeza, ele me consome, me domina, me possui de uma forma incomparável. Continuo a rebolar com os olhos fechados, tentando sentir algo que me tire da zona de conforto, tentando não comparar cada toque com o seu.

— Vamos dar uma voltinha, gostosa? — O homem que eu nem fiz questão

de olhar no rosto pergunta.

— Não tô afim — não me dou nem ao trabalho de olhar para ele antes de negar.

— Não é o que o seu corpo diz, rebolando desse jeito para mim. — Ele fala e eu sorrio. Sinto-o me virar de frente para si e no mesmo instante sinto as mãos que eu tanto conheço e que me enlouquecem me puxando para longe do homem.

— Que porra é essa, Lara? Você tá louca? — Enrico grita comigo e eu fico momentaneamente assustada com a sua reação. Eu sei que ele não fará nada comigo, mas nunca o havia visto transtornado dessa forma; suas feições estão endurecidas e o ódio está estampado em seu rosto.

— Enrico... — Não consigo terminar de falar porque o cara me puxa pelo braço.

— Você tá louco, cara? Solta a menina. — Fico entre os dois, cada um segurando em um lado, como se fosse um cabo de guerra.

— Louco é o caralho, solta minha mulher, porra! — Enrico rosna, e oi? Eu ouvi direito? Ele falou *minha mulher*?

— Sua mulher? — O cara pergunta confuso. — E essa que está aí te segurando pelo braço? — Eu, que ainda não havia me recuperado do susto, aproveito a deixa para ouvir o que ele vai responder, porque sim, muito me interessa sua resposta.

— É uma amiga, apenas uma amiga. — Responde, me puxando para perto, e o cara cede levantando as mãos.

— Vocês só podem ser loucos. — O cara fala e se afasta de nós, sem entender direito o que está acontecendo.

— Você está bêbada, caralho! — Enrico grita quando me tem próxima o suficiente a ponto de sentir o cheiro de álcool que exala de mim. — Que merda você está fazendo aqui, Lara? — Pergunta irritado.

— Não que eu te deva satisfação da *minha vida*, mas vou te responder: vim encontrar a Juliana, mas ela ligou desmarcando quando eu já estava aqui. Quando eu estava indo embora vi você chegar com *essazinha* aí e resolvi ficar e procurar uma companhia para mim, já que minha amiga me deu um cano e meu *Pau Amigo* disse que não poderia sair comigo porque precisava ESTUDAR. ELE SÓ ESQUECEU DE ME DIZER QUE ERA ANATOMIA DE PIRANHA! — Eu respondo aos berros, descontrolada pela raiva e pela bebida.

— Daí você resolve se embriagar, se esfregar e dar para qualquer filho da puta que aparece? — Rosna para mim controlando a voz.

— O corpo é meu, Enrico, e eu faço o que eu quiser com ele. E não me

cobre exclusividade quando VOCÊ não está disposto a me dar o mesmo — jogo a verdade em sua face, ou melhor grito.

— Enrico, me leva embora agora; eu estou com vergonha dessa cena ridícula. — A fulaninha fala, e só agora ele parece lembrar que estava acompanhado.

— Vai lá, Enrico, leva ela embora e me deixa em paz — falo baixo, tentando controlar a raiva que me consome.

— Vamos, meu bem, deixa essa louca aí. — *Como é?* Em menos de um segundo as minhas mãos estão em volta do seu pescoço

— Me chama de louca de novo, sua vadia — rosno para ela que tenta afrouxar o aperto, mas sei que será impossível, primeiro, porque eu estou possessa de raiva; segundo, porque estou bebendo; e terceiro, porque desde que Enrico e Eros começaram a fazer aulas de defesa pessoal, eu os acompanho. Sei que não é correto, mas sim, estou usando a força e a técnica adquiridas para mantê-la aqui, onde quero.

— Solta ela, Lara. — Enrico me puxa pela cintura, e outros homens o ajudam a tirá-la das minhas “garras”. A “*zinha*” tosse desesperada, tentando recuperar o fôlego, e eu dou as costas deixando os dois para trás.

Chego à porta da boate e olho para todos os lados, procurando urgentemente por um táxi; eu preciso sair daqui imediatamente!

— Lara, espera caralho! — Enrico grita atrás de mim.

— Vai cuidar dos seus “estudos”, Enrico.

Ele passa as mãos no cabelo, desesperado, e a tal de Bruna para ofegante ao nosso lado.

— Se eu fosse você eu sumiria de perto de mim imediatamente, ou eu termino o que comecei lá dentro. E tenha certeza de que Enrico sozinho não conseguirá te salvar — ameaço.

— Vamos embora, Enrico, por favor. — A sonsa praticamente chora para comovê-lo. E se eu não a tivesse visto chegar sorrindo, eu até acreditaria em seu teatro. — Eu não preciso passar por isso... — Reviro os olhos.

— Eu preciso deixar a Lara em casa primeiro, Bruna, venha com a gente. — Ele fala olhando para ela.

— Você não *precisa* me levar a lugar algum Enrico, porque do mesmo jeito que eu vim sozinha, eu posso voltar sozinha, e JAMAIS eu vou entrar no mesmo carro que você e *ela* — respondo a pergunta que ele sequer me fez.

— Eu não perguntei se você queria, Lara, eu falei que vou te levar e pronto. — Fala autoritário, e eu sei que ele está com tanta raiva quanto eu.

— Eu não vou entrar no carro com essa daí. — A Bruna fala e eu dou as costas, acenando para um táxi que vejo se aproximar. Chega dessa cena ridícula, eu não preciso mesmo me prestar a esse papel.

— Então já que não vai entrar no carro com ela, pode entrar no táxi que acabou de parar. — Ele fala, e mesmo que não tenha sido essa a minha intenção inicial, eu sorrio satisfeita, de costas, é claro, para que ele não veja.

— COMO É? — Ela grita e ele passa na minha frente, abrindo a porta do táxi e fazendo sinal para ela entrar. Ela abaixa a cabeça fingida e faz exatamente o que ele manda, e eu só penso uma única coisa: eu NUNCA serei essa mulher que abaixa a cabeça para homem algum! Sejam sinceras, ele não gostam de submissão fora da cama, eles até pedem, mas no fundo não gostam.

Enquanto Enrico permanece de costas para mim, aponto uma arma imaginária na direção da fulaninha, disparo e assopro os dedos como se espantasse a fumaça do "tiro", essa noite não, meu bem, essa noite ele será meu novamente.

— Agora vamos embora, Lara, temos muito o que conversar. — Ele fala quando se vira de frente para mim, e sai me arrastando pelo braço.

— Tá irritadinho porque perdeu a noite de *estudos*, é? — Provoco. — E saiba que eu só vou com você porque você deu o táxi que *eu* chamei para aquela vadiazinha.

— Não, Lara, tô “*irritadinho*” porque vi você se esfregando em um filho da puta qualquer. E você iria comigo nem que eu tivesse que te amarrar, porra! — Responde contrariado e eu sorrio para provoca-lo.

Seguimos em silêncio até chegarmos a um motel. Ele não falou para onde me levaria e eu imaginei que fosse para casa, e eu só percebi onde estava quando ele estacionou, já que eu cochilei no percurso.

— Vem. — Ele me chama, estendendo a mão em minha direção após abrir a porta do carro, e eu desço sem encostar nele.

— Enrico, olha só, você não me deve satisfações, eu também não devo. Sei que o que aconteceu hoje à noite foi uma grande merda, tanto para você quanto para mim... — Não consigo terminar porque ele me cala com um beijo. Não um beijo carinhoso ou exploratório, mas um beijo forte, punitivo, e eu correspondo na mesma medida com raiva e desejo.

Enrico



Porque ela é MINHA, apenas MINHA

Quando eu cheguei na boate acompanhado de Bruna, confesso que eu não estava me sentindo bem por ter mentido para Lara.

É lógico que nesses dois anos eu fiquei com outras mulheres, poucas, mas ainda assim houveram outras, e apesar de nenhuma delas me fazer sentir da mesma maneira que ela faz, eu não consegui estabelecer um relacionamento monogâmico, e sei que é isso que ela merece, mas nunca precisei mentir para ficar com ninguém como fiz hoje pela manhã.

Bruna já estava no meu pé há algum tempo, e eu resolvi dar uma chance. Aos poucos fui me soltando e imaginei que a minha noite seria bem proveitosa com ela, isso até eu ver Lara na boate, dançando, linda, entregue à melodia, sem prestar atenção em nada que acontecia à sua volta. Bruna percebeu no momento em que eu paralisei e questionou se havia algo, mas eu sequer tive tempo de responder porque um cara segurou Lara pela cintura e ela não o afastou. Logo em seguida ele a puxou para si, colando-a em seu peito.

Tive um vislumbre do sorriso mais lindo que já vi na vida, e que até então era direcionado apenas a mim, e não consegui me controlar: naquele momento eu sabia que a minha noite com Bruna tinha ido por água abaixo. Lara é meu foco, a minha prioridade. Mesmo que eu não esteja pronto para ser apenas dela, ela será sempre a minha escolha, e é por isso que estou aqui agora, devorando sua boca com a ânsia de quem bebe água após caminhar no deserto.

Lara se tornou insaciável, ela sabe fazer exatamente do jeito que eu gosto; a mulher conhece tudo o que me dá prazer, acho que é por isso que eu não consigo resistir.

Quando eu fiquei com ela pela primeira, segunda, terceira e todas as outras vezes que nem sequer pude mais contar, eu a moldei, a ensinei os meus gostos, a ser do meu jeito, e ela hoje me tem rendido em suas mãos, e sei que qualquer filho da puta que a tenha ficará da mesma forma que eu.

Lara é a mais perfeita definição do pecado e da luxúria, e, para completar

minha desgraça, tem essa carinha de anjo mal que me põe de quatro.

Suspendo sua saia e levo minha mão até a sua boceta que já está encharcada de desejo, e ela geme manhosa em minha boca, abrindo-se ainda mais e me dando acesso. Pego-a nos braços e a levo para dentro do quarto, coloco-a de pé novamente, belisco o seu clitóris e sinto suas pernas cederem.

— Você ia deixar aquele filho da puta tocar em você, Lara? — Pergunto enquanto continuo a torturá-la.

— Da mesma forma que você ia deixar aquela *filha da puta* te tocar Enrico. — Responde, e eu fico enfurecido.

— Você é *minha*, Lara, apenas minha! — Rosno, irritado com sua resposta. — Esses peitos gostosos são meus, Lara, essa bunda gostosa é minha, Lara, e você deixou ele encostar o pau nela, caralho! — Falo ainda mais irritado com a lembrança que vem forte na minha mente. — Essa boceta é minha, entendeu? — Falo e dou um tapa forte em seu clitóris, fazendo-a gritar, pois não esperava pelo que fiz, mas concorda com a cabeça, perdida de prazer.

— Aqui meu amor. — Me provoca — Aqui dentro do nosso quarto eu sou completamente sua, mas fora dele eu faço o que quiser, assim como você.

Jogo-a sobre a cama com raiva e começo a tirar a roupa dela sem cuidado, sem carinho, porque sim, ainda estou muito puto pelo que vi. Sei que ela gosta que eu seja carinhoso, tanto quanto gosta quando eu sou bruto, e hoje é isso que ela terá de mim; não vou conseguir fazer de forma diferente.

Como se adivinhasse os meus pensamentos, Lara retira a faixa que prende sua quase inexistente blusa e me entrega, estendendo os pulsos em seguida para que eu a amarre, e assim eu o faço.

Amarro-a na cabeceira da cama e a beijo com brutalidade, dando tudo de mim e exigindo tudo dela. Deslizo lentamente as mãos sobre o seu corpo gostoso e ela geme. Desço por seu pescoço, junto os seios com as mãos e os chupo; mordo com tanta força que sei que ficarão marcas que demorarão a sumir.

Continuo descendo até chegar à sua boceta, meu objeto de desejo, moldada sob medida para mim, e a chupo intensamente, deixando-a a beira do orgasmo diversas vezes, mas paro em todas elas, com a intenção de puni-la por sequer ter pensado em entregar o que me pertence para outro.

Viro-a de costas, suspendo sua cintura com o braço e desfiro alguns tapas em sua bunda, fortes o suficiente para deixá-la vermelha.

Puxo os seus cabelos com força, e ela geme enlouquecida.

— Me fode, Enrico, por favor, me fode com força... — Ela implora e eu atendo os seus desejos, penetrando-a de uma só vez. Nós gritamos juntos de

prazer, porque a sensação de estar completamente dentro dela é indescritível.

— Puta que pariu, Lara! Eu estou quase gozando com apenas uma estocada, porra! Não vou resistir por muito tempo, minha pequena, você é gostosa demais — falo, enlouquecido de prazer.

— Eu também não vou resistir, meu amor, eu *estou* muito perto. Me fode com força, Enrico, me faz gozar no seu pau.

Ela pede em um gemido e eu me descontrolo. Puxo seus cabelos com ainda mais força e estoco profundamente repetidas vezes, e quando estou prestes a gozar, e sei que ela também está no limite, ordeno:

— Diga que é minha, Lara, diga que essa boceta é só minha.

— EU SOU SUA, ENRICOOOO! — Ela grita e goza, me apertando, e eu vou junto, sem conseguir resistir a essa mulher que acaba comigo, e assim tenho o orgasmo mais intenso da minha vida.

Saio de dentro dela, desamarro os seus pulsos e a puxo para cima de mim. Sei que ela não irá demorar a dormir; ela sempre dorme depois de gozar, mas antes ela fala algo, baixinho, quase em um sussurro, mas eu escuto, e fico puto da vida:

— Eu sou sua, Enrico, e serei apenas sua enquanto estivermos dentro do quarto. Mas fora dele só serei apenas sua, no dia que você for apenas *meu*.

Capítulo 07

Lara



Nove meses depois *O que os olhos veem, o coração sente*

Hoje eu estou me sentindo um pouco estranha, com uma sensação de que algo vai acontecer.

Há dois meses foi a formatura de Eros, Enrico e Pietro, eles estavam tão radiantes, cada um deles com seus propósitos, lutando por seus sonhos. Eros e Enrico, desde o início, persistem no sonho deles de tornarem-se delegados, e eu sinto tanto orgulho dos dois! Sei que conseguirão, e, principalmente, sei que não irá demorar para que isso aconteça.

Enrico ganhou um apartamento dos seus pais. Na verdade, há algum tempo ele já vinha falando sobre precisar de um lugar só dele, para ter a sua privacidade, e após a formatura, esse foi o presente que ganhou, assim como Eros, nossos pais também lhe deram um apartamento e ele se mudou mês passado. Isso não nos afastou, continuo vendo meu irmão com a mesma frequência de antes, somos muito ligados e isso nunca irá mudar, tenho certeza.

Enrico se mudará em quinze dias; o concurso que farão é daqui a quatro meses, e tenho o ajudado a organizar as coisas para a mudança, já que eles precisam de paz para se concentrar nos estudos.

Eu já estou no sexto período da faculdade e logo estarei formada também, já avisei aos meus pais que também vou querer um cantinho para mim, afinal, eles vivem viajando e ficar praticamente sozinha naquela casa imensa é fora de cogitação.

— Bom dia, maninho! — Cumprimento meu irmão com um beijo no rosto

quando sento ao seu lado para tomarmos café da manhã. Meus pais estão viajando, e quando isso acontece Eros às vezes vem dormir comigo, para que eu não fique sozinha

— Bom dia, Larinha, madrugou foi? — Ele pergunta, porque eu estar de pé em pleno sábado às 09h da manhã não é muito comum

— Levantei um pouco mais cedo hoje, tenho umas coisas para resolver — respondo.

— Posso saber o que? — Pergunta, curioso.

— Claro, vou ao shopping comprar uns conjuntos de lençóis e toalhas para o apartamento de Enrico. Do jeito que vocês estão focados nos estudos, é provável que ele se mude daqui a quinze dias e não tenha sequer uma toalha para se secar — falo, sorrindo.

— Ah, Lara, o que seria de nós sem você? — Pergunta, levantando-se e me dando um beijo carinhoso. — Eu já vou indo então; já que você não vai ficar em casa eu vou para o apartamento estudar, tudo bem?

— Tudo bem. Estude, mas descanse, ok? Não precisa vir dormir aqui hoje! — Afirmo e pisco para ele, que revira os olhos.

— Você não tem jeito. — Responde, pegando as chaves e indo embora.

Termino o meu café da manhã, pego minha bolsa e vou para o shopping. Faço as compras dos itens que julgo necessário para a casa de Enrico, depois passo em uma loja de lingerie, pois pretendo fazer uma surpresa para ele essa noite, e após almoçar, por volta das 14h, estaciono na frente da casa dos pais dele, que estão saindo pelo portão.

— Oi, Lara, tudo bem com você? — A mãe de Enrico pergunta.

— Tudo sim, tia, vim trazer umas coisas que comprei para o apartamento novo do Enrico. Posso entrar? Ele está em casa? — Pergunto.

— Sim! NÃO! — A mãe e o pai respondem ao mesmo tempo e se olham em seguida, e eu não entendo nada.

— É que eu acho que o vi saindo mais cedo, Lara. — O pai dele justifica. — É melhor você ligar para ele antes — conclui.

— Ah, entendi — respondo. — Vou tentar ligar sim, mas posso deixar logo essas coisas no quarto dele e ir ao banheiro? — Pergunto novamente, e eles confirmam que sim. Sinto o pai de Enrico um pouco estranho e não entendo o porquê, já que tanto eu quanto Eros e Pietro sempre estamos por aqui, mas não questiono.

Maria, a empregada deles, abre a porta para mim, deixo as sacolas junto com minha bolsa no sofá, e vou em direção ao banheiro social. Quando saio,

tento ligar para Enrico, que não me atende, então pego as sacolas e vou em direção ao seu quarto para guardá-las

Todo mundo sabe que, na vida, temos que estar preparados para as situações inesperadas, elas sempre acontecem. Infelizmente, nem sempre são coisas boas, e embora eu não tivesse um relacionamento declarado com Enrico, para mim existia sim algo especial entre nós que ia além do sexo, mas a cena que acabo de presenciar me destrói por dentro. Por mais que eu suspeitasse que houvessem outras, que ele não era exclusivamente *meu*, presenciar aquilo me fez entender que, para ele, o que tínhamos não era tão importante quanto era para mim.

Ao abrir a porta do quarto, vi Enrico de pé ao lado da cama, enquanto Bruna — aquela mesma menina que estava na boate com ele meses atrás — ajoelhada em sua cama — a mesma cama em que por diversas vezes ele me fez sua — chupa o seu pau enquanto ele mantém os olhos fechados e a boca aberta de prazer. Instintivamente, levo minha mão à boca, em choque, segurando o grito que quer sair, e ele, ao ouvir o barulho da porta, arregala os olhos em minha direção.

— Ah, meu Deus! De novo não. — A fulaninha exclama, e embora eu tenha vontade de arrancá-la pelos cabelos e enxotá-la daqui, me recomponho, e decido por fazer o que já deveria ter feito há muito tempo, afinal, três anos é tempo demais, Enrico já deveria ter decidido o que ele quer. Já dei tempo demais, agora chega.

— Me desculpa, eu não queria incomodar — falo, enquanto ele rapidamente se enrola com uma toalha. — Eu só vim entregar isso. Te liguei e você não atendeu então... Realmente me desculpa — falo, com a voz controlada, com uma calma que não sei de onde surgiu.

Deixo as sacolas no canto da porta do quarto, fecho-a e saio em disparada, com um nó preso na garganta, mas que eu me recuso a soltá-lo aqui.

— LARA, ESPERA! — Enrico grita atrás de mim quando alcanço a porta de entrada da casa, e eu sequer olho para trás, entro no carro e saio dirigindo sem rumo.

Eu sei que vou precisar ouvi-lo, não por que eu tenha obrigação, mas independente do que tínhamos entre quatro paredes, ele é uma pessoa especial para mim. Também tenho consciência de que ele nunca me prometeu exclusividade, mas, no fundo, eu sempre tive esperança, e agora, mais do que nunca, todas elas foram por água abaixo.

Para ser sincera, eu sabia que isso iria acontecer em algum momento, e não me arrependo de nada que vivemos até hoje. Enrico foi maravilhoso para mim,

mas chega, eu precisava ver com meus próprios olhos para entender que isso já não estava mais me fazendo bem.

Após algum tempo rodando sem parar, volto para casa e corro para o meu cantinho preferido, aquele que um dia eu mostrei para ele. Sento-me na mesma espreguiçadeira que sentei naquele dia com ele ao meu lado, e tento projetar minha vida daqui para frente. Agora eu entendo o que as pessoas falam sobre acomodar-se em relacionamentos, e embora eu não tivesse um “relacionamento” com Enrico, a sua presença constante em minha vida me deixou acostumada. Agora é bola *pra* frente e ver o que acontecerá.

Fico perdida em pensamentos por tanto tempo, que não percebo quando escurece. Na verdade, é provável que eu até tenha cochilado, porque o choro incessante do primeiro momento esgotou minhas energias, mas eu não tenho vontade de sair daqui, pois, nesse lugar que sempre me confortou e foi o meu refúgio, eu consigo planejar minhas ações. Desde a adolescência esse era o meu cantinho do pensamento, e é aqui que eu quero ficar.

— Lara! — Ouço sua voz rouca e baixa me chamar, e me viro lentamente em sua direção.

— Oi — respondo com um fio de voz, tão baixo que não sei se ele me ouve.

— Eu... A gente precisa conversar. — Fala, um pouco inseguro.

— Tudo bem — respondo tranquila, e pelo seu semblante sei que ele está surpreso com minha reação. — Senta aí. — Aponto o lugar vazio na outra espreguiçadeira.

— Eu não sei por onde começar... — Ele fala, e sua voz está tão baixa que parece um sussurro

— Mas eu sei, Enrico, então eu vou te ajudar, ok? — Pergunto retoricamente, e ele olha ainda mais espantado em minha direção, então eu respiro fundo, antes de prosseguir e proferir o discurso que ensaiei mentalmente durante a tarde e noite inteira, porque sim, eu sabia que ele viria.

— Enrico, vou começar te dizendo que *tá* tudo bem, eu *tô* bem e no fundo eu já esperava por isso. — Começo, e ele me interrompe.

— Não *tá* nada bem, Lara. Me perdoa pelo que você viu, você não merecia passar por aquilo. Eu juro que não sabia que ela ia aparecer lá em casa, eu juro que depois daquele dia da boate eu não fiquei com ela, embora ela tenha ficado o tempo inteiro no meu pé, e eu juro que assim que você saiu da minha casa pedi que ela fosse embora. Eu só não vim imediatamente atrás de você porque sabia que iria querer ficar sozinha, e esperei seu momento, mas, pelo amor de Deus,

me perdoa por eu ser um *idiota*.

Enrico está sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça levemente abaixada, mas os olhos não desviam dos meus. Sua voz sai em um sussurro baixo, e deixo ele falar porque eu queria sim ouvir o que ele diria, mas assim que ele se cala, faço questão de esclarecer o meu ponto para que ele também entenda

— Eu não tenho do que te perdoar, Enrico. Você nunca me prometeu exclusividade, e eu sempre tive consciência disso. — Respiro fundo mais uma vez. — Acho que finalmente chegou o momento de sermos sinceros um com o outro, e principalmente com nós mesmos. — Falo, resignada. — Enrico, eu me senti atraída por você desde aquele dia em que estivemos aqui, nesse lugar, a primeira vez. Desde o início, quando eu te fiz aquela proposta louca, você foi sincero comigo, e eu não posso te cobrar algo que nunca me deu. Se está sendo difícil? É claro que está, querendo ou não, no fundo, eu esperava que você se resolvesse, que percebesse que já estava no momento de assumirmos algo mais sério, mas infelizmente não aconteceu. — Falo, decidida, porque colocar um ponto final é a melhor forma de resolver as coisas sem causar maiores danos para ninguém. — Sabe, Enrico, no fundo, eu sou tão culpada quanto você, porque, afinal, são mais de três anos que nos mantemos dessa forma, e essa relação não está mais saudável para nenhum de nós dois. — Me dói tanto admitir isso, mas infelizmente é a solução. Ele abaixa a cabeça em negação, e eu continuo: — De certa forma, eu te impedi de viver plenamente o que você queria, porque se você preferiu não assumir um relacionamento sério para aproveitar a sua juventude e “solteirice”, eu, de certa forma, te impedi de viver isso de forma plena, da mesma forma que, presa a você, eu também não me permiti me entregar a mais ninguém. Preciso que você saiba que, durante esse tempo, *eu fui apenas sua*. Embora tenha dado a entender o contrário, eu jamais me entreguei a ninguém. — Ele me olha, parecendo não acreditar nas palavras que acabei de dizer, e eu continuo: — E, *pra* ser bem sincera com você, eu não fui 100% honesta com você. Nesse tempo todo, eu, por diversas vezes, “bolei” e executei alguns planos para te impedir de ficar com outras pessoas, e embora não me orgulhe disso, eu não me arrependo de nada do que fiz, porque sim, Enrico, eu me apaixonei por você desde a primeira vez que me tocou, mas, agora, eu vejo que fui tola, e percebo que, querendo ou não, ficamos reféns dessa situação, e só hoje eu percebi que não quero viver de “momentos”; eu quero estar com alguém que me queira plenamente. E entendi que você não está disposto a isso comigo, infelizmente. — Ele me interrompe:

— Lara, você não é um impedimento; você nunca foi um peso para mim.

Eu nunca estive com nenhuma mulher que me fizesse sentir como você faz, uma mulher que eu pudesse ser eu, que me aceitasse com meus defeitos e qualidades. Você me compreende e me completa como ninguém, Lara. — Ele fala.

— Eu sei, Enrico, mas mesmo sendo tudo isso para você, isso não tem bastado, eu nunca fui suficiente. Infelizmente nós precisávamos de um ponto de ruptura, e ele chegou. Eu não quero e nem vou ser sua inimiga, não vou, contrariando o que você com certeza pensava que eu faria, voar em você querendo “te estrangular”, mas, para o nosso bem, e principalmente, para o meu bem, eu preciso me afastar *sexualmente* de você. — Deixo claro que eu sei que o que tínhamos nesse tempo todo era apenas: Sexo.

— Não, Lara, por favor. — Ele pede, com os olhos cheios de lágrimas, e eu definitivamente não esperava por isso. — Por mais que você diga que eu não te prometi nada, eu reconheço que errei com você Lara. Você é uma mulher maravilhosa, e sempre mereceu mais do que eu fui capaz de te dar, e agora o arrependimento, a culpa, estão destruindo o meu coração, Lara. A sua calma, quando isso contradiz tudo o que você realmente é, só reafirma para mim o quão decepcionada você está, o quanto você esperava de mim, e eu não fui capaz de te dar. Eu nunca mereci você, Lara. — Ele fala, e as lágrimas que já rolavam dos seus olhos começam a rolar também dos meus. — Eu sei que falhei com você desde o primeiro momento, e sei que eu não posso voltar atrás e mudar tudo, começar de novo e ser feliz ao seu lado, porque eu sei que eu só serei feliz com você, só que... — Ele respira fundo antes de continuar: — Apesar de eu te amar, desde sempre, desde o primeiro momento que eu te toquei, eu não me permiti viver isso plenamente, e infelizmente sinto que ainda não chegou o momento. Você nunca mereceu metade de mim; você é perfeita demais meu amor, eu te conheço tanto e há tanto tempo, que sei que, mesmo que agora eu peça para viver ao meu lado, a partir de hoje, tudo o que não vivemos, você não irá aceitar, mas tenha certeza meu amor, que eu não vou me afastar de você, e um dia, quando eu estiver inteiro, eu vou lutar por você, vou lutar pelo nosso amor.

Enrico se ajoelha na minha frente e me abraça ao terminar de falar o que eu sempre quis ouvir, uma confissão de que ele também me amava, de que o que eu sentia era recíproco, é uma pena que seja tarde, e ele, me conhecendo tão profundamente, sabe disso.

Ficamos assim, abraçados, deixando que as nossas lágrimas lavassem a nossa alma e o sofrimento que sentíamos, porque eu sei que ele também está sofrendo com essa situação, mas precisamos seguir em frente. Aqui as nossas estradas se abrem em duas, tomam rumos distintos, e seguimos por caminhos diferentes.

E aqui no mesmo lugar onde tudo começou, nós acabamos. Definitivamente!

— Obrigada por tudo o que vivemos, Enrico, eu não me arrependo de nada. Você sempre será muito especial na minha vida. Você me ensinou muitas coisas — sorrio um pouco com as lembranças —, e a principal delas foi me ensinar a amar, porque eu também te amo, mas agora eu preciso aprender a viver e isso você não poderá me ensinar. Hoje eu estou triste, não posso negar, mas se tristezas deixam cicatrizes que às vezes são difíceis de curar, mas elas também deixam ensinamentos, e agora eu preciso aprender com tudo isso que aconteceu. Eu não culpo exclusivamente você, eu também fui culpada, e não precisei pensar muito para entender isso; você foi sincero, nunca alimentou minhas expectativas com falsas promessas, e hoje, mesmo com o coração magoado e entristecido, eu sei que vai passar. Hoje está doendo muito, mas amanhã vai doer menos, e assim, a cada dia que passar, um pouquinho dessa dor vai embora, até que eu esteja totalmente curada; eu sei que vai passar.

— *Minha Lara*, eu te amo. — Ele fala, e me abraça tão forte que parece que vai me quebrar ao meio.

— Eu também te amo, *Meu Enrico* — digo, e ficamos abraçados, chorando.

— Eu já vou embora. — Ele fala, depois de algum tempo, e eu confirmo com a cabeça, levando-o até a porta de casa. — Promete para mim que, um dia, nossas estradas ainda vão se cruzar, que esse não é um fim para sempre, que as circunstâncias não vão te roubar de mim? — Enrico pede, quando chegamos à porta, segurando meu rosto com as duas mãos e me fazendo olhá-lo nos olhos. — Eu sempre te amarei, Lara. — Eu fico em silêncio. Prefiro não fazer promessas que talvez eu não seja capaz de cumprir, e ele, percebendo, me abraça mais uma vez, e vai embora, e eu fico vendo, em câmera lenta, o motivo de vários risos e momentos inesquecíveis dos meus últimos anos partir para sempre.

Capítulo 08

Enrico



02 anos e meio depois

O tempo passa como um trator por cima de nós

Hoje é a formatura dela, da única mulher que eu fui capaz de amar na vida, mas que, infelizmente, não dei valor. Muitas coisas aconteceram nas nossas vidas, mas Lara nunca mais me deu a oportunidade de fazê-la minha novamente; embora eu tenha egoistamente tentado, ela não sucumbiu.

Eu e Eros passamos no concurso para delegado naquele mesmo ano, e se antes já nos dedicávamos, passamos a nos dedicar ainda mais, afinal, por sermos jovens, penamos muito para conseguirmos respeito. Hoje, após dois anos, já conquistamos nosso espaço, mas continua sendo um trabalho diário, e por isso continuamos nos dedicando sempre, afinal aperfeiçoar é o segredo do sucesso.

Lara sempre esteve ao nosso lado, sempre torceu por nós e nos ajudou quando podia. Eros nunca perguntou o que havia acontecido conosco, e nós dois, assim como havíamos combinado, não o envolvemos em nossa loucura.

Eu me sinto na obrigação de estar presente em um momento tão importante para ela, pois ela esteve para mim em todos também, mas confesso que, por vezes, pensei em não ir. É que há seis meses, ela começou a namorar com Patrício, irmão da amiga dela, a Juliana, e ele parece um carrapato grudado nela o tempo inteiro; e admito que isso me incomoda, e muito.

O tempo só fez bem a minha pequena, e ela está ainda mais linda e gostosa que antes. Meu pau baba todas as vezes em que os meus olhos recaem sobre ela. Eu a respeito, e finjo que nada acontece, mas quando eu chego no meu apartamento e me encontro sozinho — confesso que são raros os momentos em

que estou sozinho, mas enfim — é nela que eu penso. É pensando nela que me masturbo, porque sim, eu posso comer um milhão de *bocetas* todos os dias, mas nenhuma se compara a dela; nenhuma me satisfaz plenamente, todas me proporcionam apenas prazeres momentâneos.

Termino de ajustar a gravata, pego as chaves do carro e saio para comemorar a vitória da minha pequena, sim, ela será eternamente a minha pequena. Já faz mais de um mês que não nos vemos, pois, assim como havia planejado, ela saiu de casa assim que se formou. Na verdade, ela se antecipou um pouco; Lara se mudou para o seu apartamento há três meses, e isso nos afastou ainda mais.

Com a correria do meu trabalho e a sua mudança, quase não nos vimos, e quando acontecia de nos encontrarmos por acaso, ela estava com o namorado carrapato à “tiracolo”, e quando eu chegava, ela dava um jeito de sair, e percebi que isso era proposital. Ultimamente Lara se afastou de mim; me pergunto se ela está gostando realmente do carrapato, mas prefiro não descobrir a resposta, já que, com certeza, não ficarei satisfeito com ela.

Todos estamos transbordando de orgulho, e durante a solenidade, nossos olhos brilham cada vez que a olhamos. Lara se dedicou tanto, que conseguiu passar no exame da ordem no nono semestre, na primeira vez em que fez a prova. Lembro que ficamos todos extasiados.

Agora, depois de colar grau, a única coisa que preocupa a mim e a Eros é a área que ela escolheu; Lara quer ser advogada criminalista, e sabemos, pela nossa profissão, que não é brincadeira lidar com todo o tipo de pessoa, mas se é o que ela quer e ama, a apoiaremos. A incentivamos a tirar o porte de arma no ano passado e ela sempre fez aula de defesa pessoal conosco, mas ainda assim, continuamos preocupados com sua segurança.

Ao final da cerimônia de formatura, seguimos para o local onde será a festa. Eu ainda não pude cumprimentá-la como quero, apenas trocamos um abraço, tão frio e impessoal que nem parecíamos nós dois. Era como se fôssemos estranhos um ao outro, e isso me incomodou mais do que eu esperava, tanto que resolvi dar algumas voltas antes de enfim, me dirigir para a comemoração..

Chego ao local da festa e paraliso com a visão dela. Lara está usando um vestido vermelho com a saia vermelha e que, da cintura para cima, é todo bordado com pedras apenas, totalmente transparente, inclusive na lateral, o que dá a impressão de que ela está sem calcinha, apenas os seios estão cobertos pelas pedras e as costas totalmente nuas. Meu pau pulsa descontrolado nas calças, e eu tento me recuperar, mas é impossível; já vi que a noite será uma tortura.

— Parabéns, minha pequena — falo, a abraçando, e faço questão de colar o

meu corpo ao seu para que ela sinta minha ereção. Depois de tanto tempo, resolvo provocar um pouco. Para ser sincero, esse “namoro” dela está me incomodando, e preciso ver se o que ela sente por ele é tão intenso quanto o que sentia por mim.

— Obrigada, Enrico. — Ela responde, com o mesmo sorriso no rosto que dirigiu a todas as pessoas que a cumprimentou. Nada. Nenhum indício de que tenha percebido o meu “estado” e principalmente que o corresponda.

— Vamos, amor, meus pais querem te cumprimentar. — O carrapato chama, e ela abre o mais lindo sorriso para ele.

— Claro, vamos, com licença. — Ela diz, e se retira. O carrapato a enlaça pela cintura, e eu fico querendo cortar as mãos dele, mas me controlo.

— Cara, essa festa promete, olha a quantidade de mulher gostosa! — Eros fala, chamando minha atenção.

— Verdade, irmão, tem muita mulher gostosa mesmo. — Respondo, mas meus olhos e meu pau querem apenas uma. Nenhuma outra no momento me parece tão atraente quanto Lara.

Passo a noite inteira babando nela, feito um cachorro olhando frango assado, louco para comer, mas sabendo que não irei, e o pior, tendo a certeza de que outro conseguirá. Acho que apenas hoje consegui dimensionar o que Lara sentiu quando me viu naquele momento deplorável; eu não queria estar na pele dela.

Fiquei tão incomodado com o “gelo” que ela me deu que, além de não aproveitar a festa, que estava maravilhosa, logo resolvi ir embora; eu não estava bem, e vi que ficaria pior, pois, ao ver Lara arrastar o carrapato para a pista de dança e se esfregar nele, quase enlouqueci.

Dei uma desculpa a Eros e fui embora. Pela primeira vez, eu realmente refleti sobre o que eu perdi, sobre o que abri mão para viver de aventuras.

Chego em casa estressado e sozinho, o que é uma raridade, mas vê-la tão bem na companhia de outro acabou comigo. É uma pena que ainda não me sinta preparado, pois minha vontade é arrancar aquele *merdinha* carrapato de perto dela na primeira oportunidade.

Rolo na cama por mais tempo do que consigo contar, até que finalmente durmo.

Enrico



Um ano e seis meses depois
Como assim: NOIVA?

“*Putá merda, eu estou parecendo um zumbi*” penso, enquanto me olho no espelho. Tenho trabalhado tanto, que mal tenho tempo para *foder*, minha sorte é que sempre tem uma ou outra mulher que trabalha lá na delegacia, ou em lugares que frequento, que não me deixam passar “necessidade”. Mas hoje é sábado, estou afim de “caçar”, e por isso resolvo ligar para Eros.

— Fala irmão, já está acordado? — Pergunto, quando ouço sua voz mais rouca que o normal.

— *Estava dormindo, filho da puta! Hoje é sábado, Enrico, vai dormir, caralho, e me deixa fazer o mesmo.* — Responde, irritado.

— *Porra, cara, estou tão acostumado a acordar cedo que não consigo mais dormir até tarde — resmungo —, mas olha só, vamos sair hoje a noite? Liguei para marcar com você para irmos na boate do Pietro.* — Nosso amigo despontou no ramo do entretenimento e conseguiu atingir seu objetivo, que era ser dono de uma rede de boates renomada no país.

— *Porra, cara, bem que eu iria gostar, mas tenho um jantar marcado na casa dos meus pais — ele fala. — Lara disse que minha presença é indispensável, e você sabe que se eu não comparecer ela vai me matar não é?* — Pergunta, retoricamente. — *Só se formos após o jantar. Você poderia ir comigo, e de lá vamos para a boate.* — Sugere.

— Acho melhor não, é jantar de família. Podemos nos encontrar depois. — Despisto, porque tenho plena certeza de que Lara estará acompanhada do carrapato, e, desde a sua formatura, nós nos afastamos tanto, que somos quase estranhos um para o outro. Nas poucas vezes em que a encontrei, ela estava na delegacia acompanhando algum cliente, e me tratou friamente, penso que definitivamente não será agradável um encontro entre nós.

— *Deixa de bobagem, Enrico, você é da família. Meus pais te consideram como um filho, e eu te considero como um irmão. A única situação que quebra o*

laço familiar é o fato de você ter ficado com Lara. — Ele fala, sorrindo. Embora não tenhamos conversado abertamente sobre o assunto, depois que Lara se envolveu com o carrapato volta e meia Eros me provoca com a situação. — *A não ser que o que te incomode é ver minha irmã com o namorado.* — Afirma.

— *Você tá doido, Eros?* Só pode, porque tem anos que eu e Lara tivemos um namoro adolescente, e desde que ela começou a namorar com o carra... com o Patrício, nós mal nos falamos. Só me preocupei em não atrapalhar mesmo. — Respondo, cortando o raciocínio dele.

— *Humrrum, sei* — fala, irônico. — *Então está marcado, eu passo aí às 19h30, vamos ao jantar e depois seguimos para a boate.* — Ele não me dá direito de escolha, e eu concordo.

O dia passa, e eu tento me convencer de que não existe mais nada entre nós, que para mim será normal vê-la com o carrapato, como vejo outras mulheres acompanhadas do namorado. Mas às 19h, quando eu sigo para o banheiro para tomar banho e me arrumar, sinceramente, ainda não consegui me convencer disso.

Eros é pontual, e às 19h30 seguimos para a casa dos seus pais e, mesmo que involuntariamente, o meu coração está mais acelerado que o normal.

Conversamos sobre alguns casos que estamos trabalhando, mas, de repente, Eros fala algo que tem toda minha atenção, já que não tenho informação alguma sobre ela há muito tempo.

— *Porra, cara, eu não sei o que faço com Lara.* — Eros começa a falar e eu o interrompo.

— O que ela *aprontou* dessa vez? — Pergunto, curioso.

— Você acredita que ela comprou uma moto? — Ele fala, e eu arregalo os olhos, espantado. — Mês passado chegou ao meu apartamento e me chamou para descer e ver o seu "novo meio de transporte". Eu achei que ela havia trocado de carro, mas quase enfartei quando vi que se tratava de uma Kawasaki Ninja 1000cc, tentei argumentar de todas as formas, mas ela riu da minha cara; agora passo os dias preocupado com ela pilotando nesse trânsito. — Completa.

— *Porra, Eros!* A Lara é mesmo louca. É quase impossível pilotar aqui, os motoristas não respeitam os motoqueiros. Os seus pais não a impediram? — Pergunto, preocupado.

— Você sabe como ela é, Lara faz o que quer, diz que para ela é mais fácil se locomover, já que na profissão ela precisa estar em vários lugares em um curto espaço de tempo — dá de ombros. — Só pedimos que ela tenha cuidado, porque eu fico com o *cu* na mão sabendo que ela anda por aí nesse trânsito louco

— ele fala, e eu fico tão ou mais preocupado do que ele.

Seguimos o caminho conversando sobre outras coisas, mas meus pensamentos estão todos na informação que ele me deu. Lara sempre gostou de brincar com "fogo", impetuosa e destemida, e confesso que isso é uma das coisas que mais me excitam nela, mas espero realmente que ela não esteja sendo imprudente consigo mesma. É uma pena que não tenhamos mais intimidade para eu "puxar sua orelha".

Chegamos à casa dos pais de Eros e vejo o carro do carrapato estacionado na frente. Tenho vontade de furar os pneus, e confesso que só não o faço porque Eros está comigo. Respiro fundo antes de descer, porque tenho o pressentimento de que esta noite não será das mais agradáveis, contrariando o que eu tinha planejado quando acordei.

— Oi, tia Sônia. — Cumprimento-a com um beijo.

— Oi, meu filho, quanto tempo! — Ela fala, me abraçando. — Vocês, depois que ficam adultos, nos abandonam. Você é igual ao Eros e a Lara, só aparecem aqui em casa quando recebem um convite formal. — Reclama.

— Não é bem assim, mamãe. — Eros a puxa para um abraço — É que nossa vida anda bem corrida — explica.

— Humm, sei. Imagino que para as namoradinhas não esteja tão corrida assim — ela fala, e nós sorrimos, porque longe de nós termos *namoradinhas*.

Entramos abraçados com ela, um de cada lado, e na sala vejo tio Paulo em uma conversa animada com o carrapato. Lara está sentada ao lado dele, que mantém uma mão em sua coxa, e, de novo, eu quero arrancá-la, mas me controlo. Não passa despercebido por mim o espanto de Lara ao me ver ali; sinto que ela ficou um pouco constrangida, mas não entendo o porquê. Cumprimento tio Paulo com um abraço e, em seguida, estendo a mão para o carrapato.

— Patrício — falo polido, mas aperto sua mão tão forte, que tenho certeza que ele só não gritou por vergonha. Confesso que me deu vontade de sorrir, mas me controlei.

— Enrico — responde, quando solta minha mão.

— Larinha, quanto tempo! — Falo, empolgado demais, enquanto deixo um beijo demorado em seu rosto, na verdade eu quero provocar o carrapato.

— Ve... verdade, tem bastante tempo mesmo que não nos vemos. — Ela responde, e sei que está um tanto quanto constrangida com a situação toda.

Antes do jantar ficamos na sala conversando amenidades, eu tento, a todo momento, chamar atenção de Lara, mas ela se esquivava. É lógico que o carrapato percebe, e a mantém presa ao seu lado como um adorno em árvore de natal. Sei

que ele faz para me provocar, e infelizmente alcança facilmente seu objetivo. Eros não tira os olhos de nós, tenho certeza que meu amigo percebe a tensão que se instala entre a gente.

Por volta das 21h, tia Sônia avisa que o jantar será servido, e eu agradeço a Deus, porque eu não iria aguentar por muito mais tempo essa tortura. Eu só não esperava que o que era ruim pudesse ficar ainda pior.

Durante o jantar, percebi que o clima começou a ficar um pouco mais tenso, Lara estava com uma postura rígida, e começou a responder monossilabicamente a qualquer pergunta direcionada a ela. Como sempre, a comida de Joana estava perfeita, e confesso que senti falta desse clima familiar; aqui eu me sinto tão em casa quanto quando estou com meus pais.

Terminamos o jantar e seguimos novamente para a sala, e chamo Eros para ir embora.

Só de imaginar que o *filho da mãe* a teria pelo resto da noite enquanto eu, mais uma vez, me afundaria em mulheres vazias que não me satisfariam plenamente, me deixava *puto* de raiva. Sim, com ela o sexo era maravilhoso, tínhamos uma química inigualável, mas ia muito além disso; as carícias e o carinho após um sexo esplendoroso, nossas conversas, a parceria, isso eu jamais consegui estabelecer com ninguém, e me pergunto se ela tem essa mesma cumplicidade com ele.

Eros vai se despedir dos pais para ir embora, mas o *idiota* interrompe.

— Eros, espera — pigarreia, antes de continuar: — Nós propusemos esta reunião *familiar* — ele frisa a última palavra, e eu sei que foi por minha causa —, porque eu e Lara queríamos contar uma novidade a vocês. — Faz uma pausa, e ela tem toda minha atenção nesse momento. Eu não consigo desviar o olhar, e ela retribui. Eu pressinto que a merda vai ser das grandes, e os olhos vazios dela em minha direção confirmam minhas suspeitas.

O carrapato a abraça pela cintura, colando seu peito nas costas dela, e ela se mantém rígida, com os olhos fixos em mim. Essa cena, embora aconteça de forma rápida, para mim é como se fosse em câmera lenta.

— Nós — ele olha para ela todo sorridente. — Eu e a Lara, resolvemos nos casar. — O que ele disse? Quase infarto com a notícia. — Eu a pedi em casamento e ela aceitou — ele sorri, e ela corresponde.

Não consigo perceber a reação dos demais porque eu estou paralisado com a infeliz notícia. Assisto todos se dirigirem para os “noivos” para cumprimentá-los, e só então percebo a atenção de Eros em mim.

— Enrico, fala com eles e vamos embora. — Meu amigo fala, ao parar em

minha frente, impedindo a minha visão, e eu desperto.

— *Tá certo.* — Passo a mão na barba, nervoso.

— Parabéns ao casal. — Falo, e minha voz sai mais fria do que eu pretendia.

Lara não sorri, tampouco consegue me olhar nos olhos, e o carrapato mantém um sorriso cínico no rosto. Confesso que ainda estou anestesiado, e meu amigo, que me conhece tão bem, trata de me arrastar dali.

— Pessoal, já vamos indo, nós temos um compromisso. — Eros fala, e após cumprimentar seus pais saímos dali.

Eu me sinto sufocar. Por mais que eu nunca tenha conversado abertamente com Eros sobre Lara, ele sempre teve ciência do nosso envolvimento.

— Que *merda, Brow!* Me desculpa, eu não sabia que o jantar era para isso. — Fala com sinceridade, quando entramos no carro, e eu me sinto incapaz até de responder qualquer coisa a ele, tamanho é o baque que senti. — Você ainda quer sair? Se preferir, podemos ir para a minha ou a sua casa.

— Não, irmão, *tá* tranquilo, vamos para a boate. — Respondo, tentando me recompor, mas eu sei que não conseguirei tão cedo. Não será fácil para mim, agora eu tenho certeza que a perdi.

Chegamos a boate e encontramos Pietro nos esperando. Por mais que eu tente interagir, o meu pensamento não se afasta de Lara em nenhum momento.

— Que *merda* aconteceu que Enrico está com essa cara de quem sentou na *merda*, Eros? — Pietro pergunta.

— Cara, acho que agora ele se *fodeu* de vez. — Embora o tom seja um pouco divertido, sinto que existe uma preocupação por trás da voz.

— O que foi dessa vez? — Pietro pergunta, e eles começam a conversar sobre mim como se eu não estivesse ali presente, mas isso não me incomoda. A única coisa que quero fazer nesse momento é beber, e, ao encher mais uma vez o meu copo com Whisky, percebo que já bebi sozinho mais de meio litro, porém, eu nem ligo. Quero beber para esquecer essa *merda* toda mesmo.

— A Lara ficou noiva do Patrício — Eros conta. — Acho que agora ele a perdeu de vez, embora nunca tenha admitido para nós que gostava dela. — Ouço a gargalhada de Pietro.

— *Caralho*, cara! Até eu me *fodi* nessa. Estava só esperando ela acabar esse namoro para tentar ficar com ela — ele fala, para me provocar. — Eu já havia dito a vocês que era paradinho na dela, mas o *idiota* aí só faltou me matar. Agora perdeu também.

— Repete essa *merda, filho da puta.* — Desvio meu olhar para Pietro e

rosno, e ele gargalha ainda mais.

— *Porra*, Eros, ele *tá* pior do que pensei. Vou arrumar algumas companhias para a gente, para ver se ele melhora esse humor do cão. — Fala e se retira, gargalhando.

Sigo bebendo, os olhos frios, sem qualquer emoção, não consigo sequer pronunciar uma palavra. Algum tempo depois, Pietro volta acompanhado de três mulheres, uma para cada um, eu imagino, mas meu pensamento não sai da única mulher que, mesmo depois de muito tempo, me tem preso pelas bolas.

Apesar das investidas pesadas da morena que Pietro trouxe, o infeliz do meu pau, foi incapaz de levantar um centímetro sequer, e depois de zerar uma garrafa inteira de Whisky e já estar na metade da outra, Eros praticamente me arrasta para casa.

— Que *droga*, Enrico, você *fodeu* com a minha noite! — Ele reclama, quando me coloca sentado no banco do passageiro do seu carro. — Ao invés de estar enterrado em uma *boceta*, vou passar o resto da noite cuidando de bêbado.

— Me leva *pra casa dela*, Eros — Peço, e ele sorri.

— Além de bêbado você está louco, Enrico? — É sua resposta.

— Não, *porra*, EU AMO SUA IRMÃ, Eros! — Grito.

— Brow, sinto muito em te dizer, mas é um pouco tarde para você perceber isso. — Ele fala, e eu fico em silêncio.

— Me leva para minha casa então. — Peço.

— Não vou te deixar sozinho, Enrico, eu sei que vai fazer *merda*. Você vai para a minha casa, tomar um banho frio, e amanhã a gente conversa. — Eros nega meu pedido.

— Eu não quero banho frio, *caralho*, eu quero a Lara. — Resmungo, porém, logo chegamos à casa de Eros.

— Você tá muito *fodido*, cara. — Ele fala, quando me joga no sofá. — Vem tomar um banho, *porra*, e trate de você mesmo tirar sua roupa, eu me recuso a fazer isso.

— O que é? Tá querendo ver meu pau, Eros? — Pergunto para provocar.

— Deixa de ser *idiota*, Enrico. Tira esse *caralho* de roupa e fica de cueca. — Avisa, quando chegamos ao banheiro.

Quando termino, ele me leva para o quarto de hóspedes, e eu me joga na cama enquanto ele vai fazer um café.

— *Porra*, cara, não sabia que gostava tanto assim dela. — Eros fala, ao retornar para o quarto, e eu não sei como aconteceu, se foi um cisco que caiu em meu olho ou outra coisa, só sei que, quando ele voltou, saíam lágrimas dos meus

olhos. — Bebe esse café e tenta dormir um pouco, amanhã nós vamos conversar sobre isso tudo. — Meu amigo fala, e eu obedeço, porque sei que não me resta outra alternativa.

Enrico



Ressaca moral

Abro os olhos lentamente, e *puta que pariu*, parece que um trator passou por cima de mim. Imediatamente tenho flashes da maldita noite. Levanto-me e vou para o banheiro me arrastando, vomito tudo o que há no meu estômago, e, em seguida, já me sentindo um pouco melhor, tomo um banho e saio do quarto.

Encontro Eros na cozinha, fritando ovos. Sento-me na bancada e apoio a cabeça no mármore gelado.

— Olha ele, a donzela apaixonada acordou. — Eros provoca, e eu não revido. — Fritei um ovo, quer comer? — Pergunta. — Você sabe que eu não sei cozinhar, então, a menos que isso te satisfaça, teremos que sair — completa.

— Ovo está bom para mim — respondo, ainda sem levantar a cabeça.

— *Caralho*, Enrico, levanta essa cabeça, *porra*. — Eros fala, quando coloca uma xícara de café, ovos e torradas à minha frente. — Você quer conversar? — Pergunta cauteloso, e eu não respondo, então ele completa: — *Porra, brow*, eu nunca me meti nesse rolo de vocês, mas se você quiser desabafar, eu estou aqui — fala, e eu resolvo me abrir.

— *Caralho*, Eros, eu *perdi* sua irmã. — Falo. — Elvira desistiu mesmo de mim.

— Quem é Elvira, Enrico? — Ele pergunta, sem entender.

— Sua irmã. *Porra*, ela é a *minha* rainha das trevas — explico.

— Se ela ouvir você a chamando assim ela vai te matar, ou melhor, terminar de te matar, porque você já está morto, amigo. — Ele fala, e gargalha com o apelido que eu dei a ela. Em seguida meu amigo fica sério e fala: — Cara, eu não sei que *merda* aconteceu com vocês, e, para ser bem sincero, eu prefiro

não saber os detalhes, mas eu sinto que vocês se gostam Enrico. Lara é uma mulher maravilhosa, e você também não é tão miserável — sorri, para descontrair. — Se eu conheço bem a minha irmã, para ela ter tomado essa decisão de ficar noiva, ela realmente está decidida, então, se você quiser tentar, esse é o momento; se Lara marcar essa data, nada a fará voltar atrás.

— E eu não sei disso? — Falo, com tristeza na voz. — Mas ela não quer mais saber de mim — completo.

— Ela é importante para você, Enrico? — Eros pergunta.

— Claro, irmão, importante demais — Respondo, sem titubear.

— Então corra atrás. — Fala. — Faça valer a pena. Só não a faça sofrer, porque se não, eu mesmo me encarregarei de te matar. — Ele completa, e uma luz se acende em minha mente; um fio de esperança nasce dentro de mim, eu não sei se irá dar certo, mas nada me impedirá de tentar.

Capítulo 09

Lara



Dois meses depois *Vizinhos*

— Bom dia, seu Zé! — Tiro os fones de ouvido e cumprimento o simpático porteiro do prédio que moro, assim que retorno da corrida matinal. — Tem alguma correspondência para mim?

— Hoje não, dona Lara — responde.

Eu agradeço e eu sigo em direção ao elevador.

Entro em casa e me dirijo direto para o banheiro. Tomo um banho rapidamente e em seguida corro para a cozinha ainda de toalha, coloco uma cápsula de café na máquina e volto para o quarto. Tenho uma audiência daqui a pouco, e não posso me atrasar. Penso em ir de carro, mas desisto, porque com certeza, nesse trânsito caótico, eu me atrasaria.

Visto uma calça cintura alta preta colada ao corpo, e uma blusa branca de seda, coloco os saltos na mochila de costas, pego minha bolsa e sigo para a sala. Calço o tênis enquanto tomo o café, olho no relógio e sei que se não sair imediatamente me atrasarei. Penteio os cabelos, passo batom, um pouco de perfume e saio.

— SEGURA UM POUCO, POR FAVOR! — Grito, quando vejo o elevador fechando a porta no meu andar, e tranco a porta enquanto a alma caridosa faz o que eu peço. — Enrico! — Paraliso quando entro no elevador e vejo quem está lá dentro. Eu estava tão distraída guardando as chaves e conferindo os documentos na bolsa, que sequer havia olhado em direção ao elevador.

— Oi, Larinha, que surpresa agradável, logo de manhã. — Fala, com um

sorriso no rosto, àquele que faz a minha calcinha encharcar, mas lembro rapidamente que não é apenas a minha calcinha que encharca com esse sorriso e esse olhar, e rapidamente me recomponho.

— Oi — respondo, um tanto quanto seca. — O que faz aqui? — Pergunto, quando ele aperta o botão que nos levará ao estacionamento, e quando as portas se fecham, o perfume dele toma todo o ambiente.

— Ah, o Eros não te contou? — Pergunta, retoricamente. — Tive alguns problemas no meu apartamento e, pesquisando, encontrei um vago aqui no prédio, e resolvi comprar. Olha que legal, seremos vizinhos. — Informa.

— O QUÊ? — Grito, eu realmente *grito*. — Como assim, Enrico? — Tento me recompor e controlar a voz.

— Vizinhos, pequena, meu novo apartamento é de frente ao seu, isso não é o máximo? — Fala, e eu quase gemo de desgosto. Oh, meu Deus, por que agora? Por que o senhor está fazendo isso comigo?

Desde que aconteceu aquela *merda* entre nós há alguns anos, eu demorei para me reestabelecer. Foi tão difícil me permitir estar com outra pessoa...

Desde quando eu ainda me relacionava com Enrico, Patrício dava indícios de que queria algo comigo, mas eu nunca lhe dei esperanças. Porém, depois de um ano sem conseguir ficar com ninguém, eu finalmente fiquei com ele, após tomar um porre em uma boate que havia ido com a Juli. Ele foi tão paciente, esperou o meu momento, e depois de um tempo começamos a namorar.

Ele é ótimo para mim, e isso foi o que pesou na minha decisão de aceitar o seu pedido de noivado. Isso e, é claro, a certeza de que eu e Enrico jamais daríamos certo.

Patrício faz todas as minhas vontades quando está comigo, e isso às vezes até me incomoda, mas é o jeito dele; e é melhor que ele seja assim, do que me tratar como uma qualquer, que era o que Enrico fazia, o único problema é que tem viajado muito a trabalho, o que infelizmente faz com que passemos muitos dias, até um mês inteiro sem nos vermos.

Quando eu e Enrico rompemos o nosso envolvimento *sexual*, eu tentei ser o mais madura que consegui, pois ele realmente nunca havia me prometido exclusividade, mas, no fundo, só eu sei o quanto sofri e o quanto fiquei magoada.

Demorei muito tempo para me recuperar, e sinceramente, ainda não cheguei aos 100%, mesmo depois de tanto tempo. A decepção me destruiu totalmente; destruiu tanto o meu coração quanto a minha alma, e embora eu tenha dito que eu jamais o perdoei pela cena que vi, depois de um tempo eu entendi que o amor

nem sempre nos presenteia com alegrias, às vezes ele nos trás angústia e decepção. Porém, o pior é saber que a culpa também é nossa, por nos permitirmos sermos usadas, manipuladas.

O grande problema é que agora a minha maior decepção mora de frente ao meu apartamento, e eu não sei como lidar com isso.

— Ah, que *legal* — tento soar indiferente e acho que consigo, pois vejo os seus olhos abrirem um pouco após a minha resposta fria. Ponto para mim. Se ele está achando que ainda sou aquela virgem boba e apaixonada ele vai cair do cavalo. — Espero que goste da vizinhança. — Completo, quando as portas se abrem na garagem, e sigo em direção à minha moto.

— Lara, você vai sair nisso? — Pergunta, quando pego o capacete que estava sobre o banco, onde sempre deixo.

— Sim, por que? Algum problema? — Falo, sem dar importância.

— É claro que sim, Lara, é perigoso demais. Venha comigo, eu te dou uma carona. — Responde, e eu gargalho.

Apoio o capacete no tanque da moto e passo a perna sobre o assento, montando-a.

— Não, Enrico, não é perigoso, e se eu quisesse ir de carro, eu iria com o meu. De toda forma, obrigada pela carona. — Falo, enquanto prendo o capacete. — Foi um prazer revê-lo.

Ligo a moto e parto dali, deixando-o parado, sem ao menos aguardar uma resposta. Confesso que meu coração está disparado; o tempo só fez bem a ele, a peste está ainda mais gostoso! Hoje, vestido com um terno azul marinho, camisa social azul clara e uma gravata vermelha, meu Deus do céu! É um pecado ambulante. Os ombros estão ainda mais largos do que me lembrava, e ele parece ter dobrado de tamanho.

Minha Nossa Senhora, tenha piedade de mim, porque tê-lo morando de frente ao meu apartamento será uma tortura.

Mas eu resistirei! Eu serei forte. Principalmente porque sou uma mulher *noiva, noiva, noiva...* Repito a palavra para que ela se fixe e minha mente não me traia; não posso ficar pensando em Enrico *nu*, sem toda aquela roupa que o deixa ainda mais gostoso, sobre a minha cama.

Enrico



Ela me enfeitiçou

Desde o dia do *noivado* e da conversa que eu tive com Eros, eu resolvi ir em busca do que eu realmente queria, ou seja: *LARA*.

Coloquei o meu apartamento à venda e comprei um que estava vago em frente ao dela. Na verdade, o dono queria apenas alugar, mas eu fiz uma proposta irrecusável, e ele acabou cedendo e me vendendo.

Há uma semana sou seu vizinho de frente, mas ela ainda não havia me visto. Durante a semana, analisei todas as possibilidades de encontro, e hoje estou aqui à espreita, aguardando o momento em que ela sairá pela porta do seu apartamento e me encontrará no elevador. Confesso que estou ansioso e um pouco nervoso, pois não sei como ela irá reagir.

Ouçó o barulho da chave e me preparo: enfim chegou a hora de reconquistar a mulher que agora consigo admitir que amo, e que sempre amei.

— SEGURA UM POUCO, POR FAVOR! — Ouço sua voz e sorriso, satisfeito. Sei que ela ainda não notou que sou eu que estou aqui, e enquanto a vejo revirar a bolsa, distraída, admiro-a silenciosamente.

Lara não é mais a menina que me seduziu para perder a virgindade comigo, ela é uma mulher, uma linda, gostosa e segura de si. Cada poro exala confiança, determinação, poder, o seu semblante praticamente grita “*eu me basto*”, e isso me enche de orgulho.

Sei que, no fim das contas, há uma grande possibilidade de eu me *foder*, mas não vou deixar de arriscar, não vou deixar de tentar conquistá-la, e agora será para sempre.

— Oi, Larinha, que surpresa agradável, logo de manhã! — Falo, para chamar sua atenção, e noto que ela fica surpresa em me ver. Infelizmente seu semblante está tão duro, tão frio, que eu sequer sou capaz de identificar se a “surpresa” a agradou ou não.

— Oi, o que faz aqui? — Pergunta, e o seu tom de voz é tão frio que quase

me faz arrepender. Digo “quase” porque não sou homem de desistir com facilidade. Respondo sua pergunta, tentando ser o mais natural possível, mas a realidade é que a presença dela me domina e me mantém cativo.

Não perco a oportunidade de beber da sua beleza. A mulher é naturalmente sexy, a forma como se movimenta, como se porta, a forma que move involuntariamente os cabelos; Lara é a mais perfeita definição do pecado em forma de mulher, e, se arrependimento matasse, com certeza eu estaria com uma bala cravada na testa nesse exato momento.

Confesso que minha vontade é de me ajoelhar e pedir perdão a ela, por todo o sofrimento que lhe causei, por ter sido tão *idiota* e imaturo, mas conhecendo-a tão bem, sei que não adiantaria. Lara está mais magoada comigo do que quis demonstrar, e hoje consigo ver claramente. Contudo, isso não irá me intimidar; aos poucos, devagar, eu sei que conseguirei reconquistá-la, mas primeiro, eu preciso que ela acabe o seu relacionamento com o carrapato *idiota*. Como irei fazer isso? Não faço a menor ideia, mas eu vou conseguir!

Seguimos até o estacionamento, eu tentando puxar assunto e ela me cortando friamente, mas quando chegamos no subsolo, eu quase tenho uma síncope por dois motivos: o primeiro, por preocupação; é serio que ela irá mesmo montar nessa moto e enfrentar esse trânsito louco? E segundo, porque, apesar de ter ficado louco de preocupação com sua segurança, eu não posso negar que ela fica gostosa demais montada nessa moto. *Putá que pariu!* A bunda ainda mais empinada, os seios projetados para frente... confesso que minha vontade é fazê-la montar em mim imediatamente, mas controlo a mente, que é a única coisa que sou capaz de controlar, já que meu pau está quase explodindo dentro das calças.

Ela parte, me deixando parado, em pé, no meio do estacionamento feito um *idiota*. E constato que foi isso que me tornei, um *idiota* apaixonado, mas quem liga, quando a mulher, sem esforço, conseguiu me prender pelas bolas?

Entro no carro ainda extasiado com a imagem que acabei de ter, e ligo o som na tentativa de me distrair um pouco. A música que ressoa parece querer me *foder* ainda mais, que *porra* é essa? Mas me mantenho incapaz de sintonizar em outra rádio, e me perco na letra que, em alguns trechos, define bem o meu *fodido* momento.

A gente morou e cresceu
Na mesma rua
Como se fosse o sol e a lua
Dividindo o mesmo céu

Eu a vi desabrochar
Ser desejada
Uma joia cobiçada
O mais lindo dos troféus

Eu fui o seu guardião
Eu fui seu anjo amigo
Mas não sabia
Que comigo

Por ela carregava
Uma paixão

Eu a vi se aconchegar
Em outros braços
E saí contando os passos
Me sentindo tão sozinho

No corpo o sabor amargo do ciúme
A gente quando não se assume
Fica chorando sem carinho

O tempo passou e eu sofri calado
Não deu pra tirar ela do pensamento
Eu ia dizer que estava apaixonado
Recebi o convite do seu casamento
Com letras douradas num papel bonito
Chorei de emoção quando acabei de ler

Num cantinho rabiscado no verso
Ela disse: meu amor eu confesso
Estou casando mas o grande amor
Da minha vida é você.

Eu não percebo como, mas, ao final da música, percebo que estava cantando junto com Gian & Giovani a *porra* da letra, e me sinto um completo *babaca*. Soco o volante com raiva e mudo a estação imediatamente, temendo que outra música ainda pior assombre o meu momento que já está uma grande

merda, e fico ouvindo uma música eletrônica qualquer que não diz nada, mas distrai um pouco os meus pensamentos.

Chego à delegacia e me afundo no trabalho. Faz dois meses, desde quando decidi reconquistá-la, que eu não *fodo* ninguém. Sabia que eu precisava me desintoxicar das mulheres, da luxúria e do sexo, e por não estar acostumado a isso, estou a ponto de enlouquecer. Eu preciso agilizar antes que as minhas bolas explodam; as minhas mãos não estão dando conta sozinhas, e resistir às tentações é realmente muito difícil, parece que o próprio diabo envia o pecado em uma bandeja para ser degustado.

— Oi, delícia. — Jaqueline, uma investigadora de polícia, entra em minha sala provocando. Apoia as mãos na mesa e se debruça tão perto de mim, que seus peitos quase roçam no meu nariz. Ô, meu São Jorge, tem piedade de mim!

— Oi, Jaque, bom dia. — Respondo, recostando-me na cadeira e me afastando da tentação. — Posso te ajudar? — Pergunto.

— Acho que pode... — Responde, e é toda sorrisos e olhares. — Quer dar uma voltinha hoje à noite? — Convida.

— Não vai dar, Jaque, fica *pra* outra oportunidade. — Me esquivo, e ela dá a volta na minha mesa e para na minha frente, com a *porra* da *boceta* alinhada ao meu rosto. Abaixa um pouco, pega a minha mão e leva até onde quer.

— Como assim, Enrico? Está dispensando uma boa *foda*? Sente como ela está quentinha por você... — Dou um pulo da cadeira, me afastando bruscamente. Vade retro, Satanás! A gente tenta ser uma pessoa direita, mas é difícil.

— Jaque, olha só, não dá mais — falo, exasperado, porque percebo que é melhor eu não dar esperanças a ela. — Eu estou envolvido em um rolo aí, e o que havia entre a gente não vai acontecer mais. Me desculpa, mas eu prometi exclusividade — minto, em parte.

— Eu não sou ciumenta, Enrico, você sabe, já te dividi tantas vezes... — Fala, sedutora, andando em minha direção.

— Eu sei, Jaque, mas a *minha mulher* é! — Afirmo, e ela abre os olhos incrédula.

— Então é sério isso, Enrico? Alguma *puta* te pegou pelas bolas. — Pergunta, e pelo tom sei que está irritada com a recusa, muito irritada.

— *Êpa*, ela não é nenhuma *puta*, Jaqueline, respeite-a. Não é porque eu cansei de *foder* a sua *boceta* que você tem o direito de falar assim. — Falo grosseiramente, porque é claro que não vou admitir que ela fale assim da Lara.

Ela não me responde e sai pisando duro, batendo a porta com força.

Resolvo sair para tomar um café, preciso respirar.

— *Put a que pariu*, Enrico, acho que a Jaque não saiu muito satisfeita da sua sala. — Eros fala, assim que abro a porta e dou de cara com ele, mas o que detém toda a minha atenção é Lara, que está parada ao seu lado, com a mesma indiferença que me dirigiu ainda pela manhã, que *merda!*

— Estava indo tomar um café, querem me acompanhar? — Não respondo a provocação, e os convido para me acompanhar.

— Vamos — Eros responde.

— Não vai dar para mim; só vim acompanhar um cliente, fica para a próxima. — Lara recusa. Se despede do irmão com um beijo no rosto, me dá um tchau distante e vai embora, e eu fico hipnotizado, vendo-a se afastar sem sequer olhar para trás.

— Fecha a boca, Enrico. — Eros provoca.

— Vai se *foder*. — Respondo, e vamos tomar a *merda* do café que eu já não tenho mais certeza se quero.

Capítulo 10

Enrico



Um mês depois Perseguindo-a

Há um mês me mudei para o prédio de Lara, e, como o bom delegado que sou, antes de agir, estudei o terreno e preparei minha estratégia de ataque. Agora sim vai começar a brincadeira.

Percebi algumas coisas, primeiro: Lara frequenta a academia do prédio pela manhã, e já nos encontramos algumas vezes. “Coincidentemente” estamos no mesmo horário; segundo: a noite ela está sempre em casa. Ela não tem saído muito, pelo menos não no último mês; terceiro: o carrapato não é tão carrapato assim, já que quase não o vi aqui, e nas poucas vezes foi bem rápido.

Vi agora, pelo olho mágico do meu apartamento, que ele acabou de chegar. Acredito que ela não falou que eu estou morando no mesmo prédio que ela, mas hoje ele irá descobrir, sorrio com o pensamento.

Tomo um banho, visto uma bermuda branca e uma camiseta azul, pego um potinho e sigo para o apartamento da frente; espero realmente atrapalhar o que quer que eles estejam fazendo. Toco a campainha e aguardo, com um braço apoiado no batente.

— Boa noite, *pequena*. — Falo, ao ver o meu objeto de desejo parada à minha frente. — Será que você tem um pouco de açúcar para me dar? — Estendo o pote vazio, que carrego nas mãos, tudo bem, eu sei, podem rir. Essa cantada é tão velha quanto ridícula, mas entendam o meu ponto de vista, eu realmente queria que ela e o carrapato entendessem como uma cantada, então essa foi a melhor forma que encontrei de começar a marcar o território e fazê-los

entender que eu estou de volta.

— Enrico, que mer... — Ela se controla. — Oi, *Enrico* — fala meu nome desdenhando — que surpresa! Posso te ajudar? — Ela pergunta, e eu, de relance, vejo o carrapato levantar do sofá. Constatado que eles não estavam fazendo nada mais íntimo, já que ela está totalmente vestida e ele se encontra da mesma forma. Se eu fosse seu noivo, contado o tempo que ele chegou, eu já a estaria *fodendo* feito louco, e jamais abriria essa porta.

— Creio que pode me ajudar sim. Eu fui fazer um café, pois vou virar a noite trabalhando, e não tinha açúcar. Você pode me dar um pouco? — Pergunto, cínico, e a sua postura demonstra o quanto ela ficou irritada.

— Posso sim, *espera aí*. — Ela fala, voltando-se para dentro, e deixando claro que eu devo me manter fora da sua casa, e eu tenho a ideia brilhante de melhorar as coisas, sendo assim, entro no seu encalço.

— Que coincidência, você estava fazendo café? Acho que vou preferir *sua* companhia, vai ser melhor do que ficar sozinho — falo quando já estamos na cozinha, e ela me olha, querendo me matar.

— Lara, algum problema? — O carrapato pergunta quando chega à cozinha.

— Oi, Patrício, problema algum. Eu nem havia notado sua presença. Vim pedir um pouco de açúcar, mas quando senti o cheirinho do café da Lara — faço um gemido ridículo para provocar —, resolvi que prefiro beber o dela e relembrar a delícia que é — falo, e sei que os dois querem me matar.

— Aqui o açúcar, Enrico, e eu acho melhor... — ela começa a falar, e eu a interrompo.

— Meu Deus, que saudade dos biscoitinhos de goma da Joana — falo, já alcançando o pote que estava sobre o armário, e faço questão de encostar nela no processo. — Não sei como sobrevivi sem isso... — Pego o pote e sigo para a sala sem esperar qualquer resposta dos dois, que ficam paralisados com a minha invasão.

A contragosto ela me entrega uma xícara de café. O carrapato está sentado, fingindo que assiste ao jornal, tentando manter a compostura, e eu, cinicamente, resolvo provocar mais um pouco.

Pego o controle em cima da mesa e mudo para um canal de esportes, e quase sorrio com a cara de ódio que ele me direciona.

— Cara, deixa de ser mal-educado, eu estava assistindo o jornal — ele fala.

— Eu *tô* cansado de ver tragédia o dia inteiro, já basta no meu trabalho — dou de ombros, e continuo comendo os biscoitos tranquilamente.

— Enrico, por favor — Lara pede, irritada.

— O que? — Pergunto, fingindo inocência. — Lara, vamos marcar uma sessão de filmes? Nunca mais assistimos nada juntos, lembra como era divertido? — Pergunto, desviando o assunto, e ela me ignora.

Fico ali bebendo *lentamente* meu café e saboreando os biscoitos da Joana, que estão realmente maravilhosos. Os dois não me dirigem mais a palavra e, depois de muito tempo, eu resolvo que o primeiro ato foi cumprido com maestria.

Vou até ela e me despeço com um beijo mais demorado que o necessário, e vou embora sem cumprimentá-lo. Faço questão de dizer que amanhã voltarei para outro café, o que, é claro, não vai rolar, porque eu sei que ela não vai me receber.

Entro em casa, satisfeito, e fico atento ao que acontece no apartamento dela. Não demora e o carrapato vai embora com a cara enfezada, e ela fica parada olhando para a minha porta, até ponderei se ela viria até mim agora para me degolar, mas ela desistiu e entrou irritada.

BINGO!



Quinze dias depois

Há quinze dias eu não deixo Lara em paz. Ela, é claro, já percebeu que é proposital a minha presença constante; quando ela chega no final da tarde eu sempre estou presente, nos encontramos no estacionamento, no elevador ou no nosso andar; se ela vai para a academia, em seguida eu chego, se vai à padaria, eu também apareço, e a cada encontro, eu sinto que ela quer me matar um pouco, mas eu não me importo, eu preciso chamar sua atenção, e infelizmente, no início terá que ser pela raiva mesmo.

Estou saindo da academia e vejo, de relance, que ela me segue com um

semblante enfurecido, e me preparo para a "briga".

— ENRICO — grita meu nome — Já chega, pode parar com essa palhaçada! — Resmunga quando me alcança, já na porta dos nossos apartamentos.

— Que palhaçada, Larinha? — Finjo inocência. — Não sei do que está falando.

— Não se faça de idiota — resmunga, batendo os pés no chão, como uma criança mimada, e *porra*, ela fica linda até mesmo assim. — Você está me perseguindo, Enrico. Ultimamente eu saio do meu apartamento olhando para os lados, já desconfiada que vou te encontrar.

— E me encontrar não te agrada, *pequena*? — Pergunto, e sinto a raiva emanar de cada um dos seus poros.

— Primeiro: para de me chamar de pequena, *PORRA!* E segundo: definitivamente não me agrada ter você o tempo inteiro na minha cola, *caralho!* — Responde, e eu sorrio.

— Você está com a boca muito suja, *pequena*, acho que está precisando levar algumas "palmadas" para aprender a se comportar direito. Se xingar de novo, vou te colocar no ombro e relembrar os velhos tempos — provoco, e ela se afasta um pouco, com os olhos mais abertos e o corpo em alerta.

Lara sempre gostou de sexo mais duro, e duvido que aquele idiota a satisfaça na cama; acho que levar umas palmadinhas com certeza iria lhe agradar.

— Não ouse encostar em mim. E como você mesmo disse: *velhos tempos*. PASSADO, Enrico, já foi e não volta mais. Eu estou noiva por... porcaria. — Se corrige a tempo, e eu não consigo evitar sorrir, porque sim, se eu a debruçar nas minhas pernas e encostar naquele traseiro lindo, será um caminho sem volta para nós dois, e ela sabe que se xingasse eu o faria. — Pare de me perseguir como um lunático.

— Larinha, não vejo motivo para tanto alarde. Olha só, nós nos conhecemos há tanto tempo e *tão bem*, que eu *fiz questão* de morar bem pertinho de você, porque, *minha pequena*, eu não vou me afastar de você, *Nunca. Mais*. — Falo com tanta calma, que nem eu me reconheço.

— Isso é loucura, meu Deus, só pode ser um castigo. — Ela fala, enquanto anda de um lado para o outro batendo os pés nervosamente. — Enrico, me diz, o que você quer, *merda*, acabar com o meu noivado?

— Sim, é isso que eu quero, meu amor, e você acabou de xingar. — Digo, com um sorriso no rosto e indo em sua direção como um predador.

— Se afasta de mim, Enrico! — Ela pede, andando para trás na mesma medida que eu ando em sua direção. Vejo o desejo brilhar em seus olhos, mas também percebo que há receio neles, e consigo dimensionar o quanto eu a magoei, o quanto a entristeci com minhas atitudes impensadas, egoístas e imaturas.

— *Meu amor*, a única coisa que eu não farei nesse momento é me afastar de você — falo, quando escoro minhas mãos ao lado da sua cabeça, prendendo-a contra a parede. — Esse seu cheiro me enlouquece — desço o nariz por seu pescoço e ela fecha os olhos, e sei que está tentando controlar seus impulsos. — GOSTOSA! — Rosno em seu ouvido e estalo um tapa em sua bunda, e ela geme. *Put a que pariu!* Lara geme, e, nesse momento, eu só quero arrancar sua roupa e *fodê-la* com força contra essa parede. — Não resista, Lara, se entregue a mim, e ao que você também sente.

— A única vontade que eu tenho nesse momento é de fazer isso... — ela fala com a voz doce, segurando meu pescoço com as duas mãos, e quando estou quase sorrindo, pressentindo o beijo que ela me dará, sinto uma joelhada no meio das pernas.

Put a. Que. Pariu! Lara acabou de inutilizar para sempre o meu *parque de diversões*, tenho certeza. Eu não estava esperando, então ela me pegou de “guarda baixa”.

Caio de joelhos, praticamente gritando de dor, e ela fica gargalhando ao me ver nesse estado.

— Put a merda, Elvira! — Reclamo, porque a dor é desesperadora.

— Não confunda meu nome, seu verme! — Ela fala, e acho que está mais irritada ainda, e eu quase sorrio, se não fosse a dor que estou sentindo, com certeza eu gargalharia.

— Não confundi, meu amor, você é *minha Elvira*, a *minha rainha das trevas* — explico, e ela revira os olhos.

— Ah, meu Deus, eu havia esquecido do quão ridículo você pode ser. Enrico, eu só vou e avisar uma vez: ME. DEIXA. EM. PAZ! — Fala, abrindo a porta do seu apartamento.

— Nunca mais, meu amor. Você só terá paz, quando for minha novamente. — Digo, e ela nem se dá o trabalho de me responder. Entra em seu apartamento batendo a porta com força, e me deixando ali no chão, tentando recuperar pelo menos um pouco da minha dignidade, antes de ir para o meu apartamento.

Capítulo 11

Lara



Refletindo

Ando desesperadamente de um lado para o outro no meu escritório; ultimamente tenho estado assim, tensa demais. Me pergunto como é possível que, mesmo após anos de afastamento, Enrico ainda tenha esse poder sobre mim; ele não precisa me tocar para que meu corpo o reconheça, e desde que ele se mudou para o meu prédio, sua presença constante tem sido uma tortura para mim.

Ontem eu realmente me descontrolei e o segui para tirar satisfações, quem ele pensa que é para invadir dessa forma o meu espaço pessoal? Agora eu ando pisando em ovos, tentando escapar da sua presença constante. Sinceramente, eu me recuso a mudar minha rotina para “fugir” dele; definitivamente eu não sou mulher de fugir, mas ele está passando dos limites, e ontem, quando me pressionou contra a parede, quando o seu cheiro invadiu sem permissão todo o meu sistema, quando a sua mão me tocou, possessiva como sempre foi, eu percebi que ainda reajo a ele da mesma forma que antes. O meu corpo reconhece o dele e cada um dos seus comandos, e isso me deixou em total estado de alerta.

Quando eu resolvi colocar um ponto final na história “tóxica” que eu vivia com Enrico, eu sabia que ele havia me estragado para os outros homens. Sim, o *filho da mãe* é bom e sabe o que faz, principalmente na cama, com uma mulher.

Entendam, eu não fui leviana com Patrício, longe disso, ele sabia que eu amava Enrico, e demorou muito tempo até que eu me entregasse completamente a ele.

Nós tínhamos um relacionamento legal, mas nunca chegou nem perto do que eu estabeleci com Enrico. Com nós dois era uma coisa inexplicável, uma

explosão e um desejo que flamejavam apenas com o olhar. Na cama, Patrício não era um amante ruim, mas também não tinha a intensidade que Enrico me proporcionava; longe disso, para ser honesta, e confesso que estou me sentindo acuada com o “retorno” dele para a minha vida.

Vou explicar a vocês, para que entendam qual é a minha real situação nessa enrolação toda: estou noiva do Patrício. Eu sei que isso vocês já sabem, o que não sabem ainda, é que esse noivado surgiu como uma tentativa dele de salvar um relacionamento que já não caminhava tão bem.

Patrício é um cara fantástico, e foi o único para quem eu me entreguei além de Enrico. Temos carinho e respeito um pelo outro, mas eu sinto que não há em nós, nunca houve na verdade, aquela chama da paixão intensa, aquele desejo insano que nos faz perder a noção do certo e errado.

Nós construímos uma relação sólida e respeitosa, e confesso que me acomodei. Patrício quase não fica na cidade, vive viajando, cuidando das empresas da família, e isso nunca me incomodou, na verdade eu até gostava, porque tinha o meu espaço.

Quando ele me pediu em noivado, nós havíamos ficado praticamente dois meses sem nos vermos. Ele estava viajando e, nos raros momentos em que estava na cidade, o máximo que conseguíamos fazer juntos era um almoço, que, por vezes, eram acompanhados por investidores ou por reuniões, e comecei a perceber o quão dispensáveis eramos um para o outro.

Nos mantínhamos distantes sem problema, e sequer sentíamos falta da presença um do outro, é lógico que nutríamos carinho, mas acho que nosso relacionamento estava mais no campo do comodismo.

Quando eu chamei Patrício para conversar e fui sincera dizendo que nós éramos mais amigos do que namorados, ele insistiu que tentássemos, e propôs o noivado, afirmando que se morássemos no mesmo lugar, facilitaria nossos encontros, e eu acabei sucumbindo. Porém, o noivado não nos aproximou, nem mudou nossa relação, e a presença de Enrico me fez refletir ainda mais sobre os rumos que a minha vida tomou.

Não é que eu queira esquecer tudo o que ele me fez e me jogar novamente em seus braços, longe disso, afinal, eu não sou mais uma jovem recém-saída da adolescência e perdidamente apaixonada pelo carinho que tirou sua virgindade. Não é isso, mas ao mesmo tempo, eu penso que eu mereço uma paixão arrebatadora, alguém que me olhe e me faça ter vontade de cometer loucuras, que me faça não pensar nas consequências dos meus atos... É lógico que eu sei que esse cara não é Enrico, mas também percebo que não é Patrício, e eu preciso decidir o que fazer.

Volto a trabalhar porque eu tenho uma audiência complicada amanhã, então preciso me concentrar nesse caso, mas volta e meia o meu pensamento me leva a refletir sobre qual a melhor solução para a loucura em que se encontra a minha vida.

Termino o expediente por volta de 17h30, pego minha bolsa e o capacete, mas antes de sair, resolvo ligar para Patrício. Ele chegou à cidade hoje à tarde, sei disso porque me enviou uma mensagem avisando. Decidi tentar nos dar uma chance; vou chamá-lo para conversar hoje à noite, para um jantar, quem sabe se adiantarmos o casamento, e com a proximidade de morarmos juntos nossa relação não fique mais íntima.

Disco o seu número, e após tocar diversas vezes cai na caixa postal. Resolvo tentar novamente, e ele atende a ligação.

— Oi, querido, tudo bem? — Falo, quando ele atende a ligação

— *Oi, Lara, eu estou no meio de uma reunião, será que posso te retornar mais tarde?* — Ele responde.

— Ah, desculpe, tudo bem, depois nos falamos.

— *Até mais, querida, me desculpe.* — Completa e desliga.

É lógico que isso me deixa chateada, afinal, há mais de quinze dias que não nos vemos. Desde o dia em que Enrico invadiu o meu apartamento, na verdade.

Naquele dia, Patrício havia chegado de viagem e tinha ido dormir comigo, estávamos há uma semana sem nos vermos, mas quando ele viu Enrico, resolveu dar uma crise de ciúmes, e como eu não tenho muita paciência, acabamos brigando e ele foi embora, traduzindo: em quase um mês, nós tivemos míseros contatos telefônicos.

Eu não quero ir para casa e encontrar Enrico, na verdade eu preciso fugir dele. Pego as chaves e subo na minha moto, e resolvo ir para a casa de Eros. Vou dormir com meu irmão hoje à noite.

[Oi, maninho, indo para o seu apartamento, te espero lá.]

[]

Envio a mensagem, guardo o celular na bolsa e sigo em direção ao seu apartamento; estar com Eros sempre me faz bem.

— Oi, meu amor, já está indo embora? — Pergunto a Joana ao chegar ao prédio de Eros e vê-la saindo na portaria.

— Oi, minha menina. Já estou indo sim, amanhã não vou poder ir ao seu apartamento porque vou fazer uns exames, tudo bem? — Pergunta.

— Sem problemas, Nana, se precisar de qualquer coisa me avise, ok? — Falo, porque ela é muito importante para nós.

— Certo, Larinha, mas está tudo bem, são só exames de rotina mesmo, coisa de gente velha. — Fala, sorrindo.

— Velha nada, você tá “em cima” ainda. — Falo, gracejando, e ela sorri.

— Deixa eu adiantar. Tchau, Larinha. — Sorri, se despedindo.

— Tchau, Nana — respondo, e subo para o apartamento de Eros.

Confiro as mensagens enquanto coloco minhas coisas no quarto de hóspedes, e vejo que Eros me respondeu que em breve chegará. Resolvo pedir uma pizza para nós dois, e sigo para tomar banho.

Eros chega, nós comemos e conversamos bastante; a companhia do meu irmão sempre me faz bem. Deitamos nos sofás para assistirmos um filme e acho que eu cochilo, porque sinto-me ser carregada nos braços e abro os olhos.

— Larinha, deixa eu ver uma coisa, acho que você está com febre. — Eros fala, quando me coloca na cama. — Vou pegar o termômetro. — Completa e sai, e eu acho que ele pode ter razão, porque eu estou sentindo alguns calafrios percorrerem meu corpo.

Meu irmão volta com o aparelho na mão, e após medir a temperatura vai buscar um antitérmico, pois estou com 39°.

— Vamos dormir no meu quarto, é melhor para eu verificar sua temperatura durante a noite. — Ele fala, depois de me dar a medicação.

— Não precisa se preocupar, maninho, eu estou bem, deve ser uma gripe ou virose. — Digo.

— Nada disso, vamos logo. — Fala, levantando-se e estendendo a mão para mim, e eu sei que não adianta protestar, Eros é teimoso demais.

A febre demora para ceder, e ele praticamente não dorme. Ele é assim, protetor demais, mas quando eu melhoro finalmente dormimos.

— Acho bom você ir para casa dos nossos pais, a Joana não vai hoje para o seu apartamento e a febre está voltando. — Eros fala, enquanto tomamos café.

— Fica tranquilo, maninho, e, de qualquer forma, nossos pais estão viajando, eu ficaria sozinha do mesmo jeito. — Respondo.

— Mas lá você terá suporte, Lara, não ficará sozinha. — Ele insiste, e eu reviro os olhos.

— Olha só, Eros, eu prometo que irei para casa assim que sair da audiência que terei agora pela manhã. — Falo, para deixá-lo despreocupado, e porque é o que eu realmente farei, pois estou sentindo o meu corpo inteiro dolorido.

— O que? Você vai trabalhar nesse estado, Lara? Não seja irresponsável, princesa. — Eros diz, entre chateado, carinhoso e preocupado, e eu sorrio. Meu irmão é um homem maravilhoso, e merece encontrar uma mulher tão especial quanto ele.

— Não tenho quem me substitua na audiência Eros, e é importante, mas prometo que será apenas uma, e hoje é sexta feira, então descansarei pelo resto do final de semana.

— Eu vou precisar viajar a trabalho, Lara, mas prometa que vai me manter informado. — Ele pede, e eu concordo.

Terminamos o nosso café e seguimos cada um para o seu compromisso. Eros, é claro, não permite que eu vá de moto, e fica comigo aguardando o veículo que pedi pelo aplicativo, em seguida nos despedimos. Sei que ele irá viajar preocupado, mas eu realmente ficarei de repouso no final de semana.

Checo minhas mensagens e vejo que Patrício me enviou uma agora pela manhã, se desculpando por não ter me ligado, informando que a reunião acabou muito tarde e que ele precisou viajar logo cedo, mas que voltaria ainda hoje e que iria me ver. Respondo que tudo bem, e sigo para os meus compromissos.

Termino a audiência e envio uma mensagem para Eros, para deixá-lo menos preocupado. Informo que já estou a caminho de casa e desejo-lhe uma boa viagem.

Enrico



Cuidarei dela para sempre

Eros olha para o celular e franze a testa, noto que ele está preocupado, sei que deve ser algo importante, pois ele não iria visualizar o celular no meio de

uma reunião importante no departamento. Ele irá fazer uma viagem para nos representar em um fórum antissequestro.

Ao final da reunião seguimos para a sua sala, pois ele já irá para o aeroporto.

— O que houve, irmão? Você está preocupado, algo que eu possa ajudar?
— Pergunto porque nós somos assim, sabemos que podemos sempre contar um com o outro.

— Cara — passa as mãos no cabelo —, é a Lara! — Fala o nome da mulher que tira a minha paz, e isso já me deixa em alerta.

— O que houve? — Pergunto, porque agora, mais que nunca, eu quero saber o que o aflige.

— Ela saiu lá de casa hoje pela manhã queimando de febre, e teimosa como é, não quis ir para a casa dos nossos pais. Mas eu preciso viajar, senão iria dormir com ela esses dias. — Fala, exasperado, mas quando percebe o meu olhar completa: — Nem pense nisso, Enrico, ela não vai permitir que você fique com ela.

— Calma, irmão, eu sei disso, mas olha só, eu moro de frente para ela, e prometo que ficarei de olho. E se ela precisar eu estarei pronto para ajudar *minha Elvira*. — Afirmo, e ele sorri do apelido ridículo. — Ficarei por perto o fim de semana inteiro, não se preocupe.

— Irmão, não se empolga. — Ele fala, e noto um tom realmente preocupado em sua voz. — A Lara é *noiva* cara, não crie falsas esperanças. — Me alerta.

— Por pouco tempo, irmão; ela é noiva de outro por pouco tempo, te garanto isso. — Respondo, convencido, e ele nega com a cabeça.

— Enrico, vê lá o que vai aprontar; eu mato você se fizer minha irmã sofrer! — Ele fala, passando a mão na arma em sua cintura, e eu sorrio.

— *Tô* morrendo de medo, *amigo* — provoco prostrando as mãos para a frente fingindo tremer.

— Brinque, depois não diga que eu não avisei. — Sorri. — Mas é sério, sem invadir a privacidade dela, por favor, mantenha um olho sobre ela e, caso ela precise, a ajude, irmão. Eu confio em você.

— Pode confiar, Eros, eu a amo tanto quanto você a ama. — Sou sincero em minhas palavras, e ele “arregala” os olhos, espantado com a minha confissão direta enquanto eu estou sóbrio, porque, é claro, todas as vezes que confessei a ele o meu amor pela Lara, eu estava em estado de embriaguez.

— *Putá que pariu*, Enrico, você está mais *fodido* do que eu pensei! Boa

sorte, meu amigo, você vai precisar. — Ele fala, e depois termina de se organizar, seguindo para o aeroporto.

Eu adianto o máximo que eu posso no departamento, e após as 14h sigo para o estacionamento para pegar meu carro e ir para casa, eu preciso ver como ela está, garantir que está bem, que se alimentou e que não está precisando de nada.

Antes, porém, eu passo no supermercado e compro alguns itens básicos que eu sei que ela gosta: iogurtes, frutas, geleias, torradas. Entro no meu apartamento e deixo tudo sobre a mesa da cozinha, tomo um banho rápido e vou ver como ela está.

Quando chego à sua porta, ouço vozes exaltadas; sei que é errado, mas é lógico que eu vou ouvir o porquê de Lara estar tão exaltada assim com o *carrapato*.

Confesso que estou me sentindo ridículo com o ouvido grudados à porta, mas fazer o quê se eu garanti ao seu irmão que iria cuidar dela?

— Eu já falei que não tem problema, Patrício, para de me encher o saco — ela resmunga.

— Lara, a reunião terminou mais de meia noite, você queria que eu te ligasse a essa hora? — Ele pergunta.

— Eu não queria nada, Patrício, como não quero nada agora, apenas ficar em paz. Estou me sentindo cansada, me deixa dormir; vai embora, você não disse que iria viajar? — Ela fala.

— VOCÊ QUER ME MANTER LONGE, LARA? — Ele grita, e eu tenho vontade de arrombar a porta. Nenhum filho da puta vai gritar assim com ela, mas eu me controlo. — Deve ser por causa do idiota do Enrico que agora mora na frente da sua casa; você deve estar bem satisfeita com isso. — Acusa, e eu quase sorrio de contentamento, sabendo que ele está com ciúme de mim.

— ME RESPEITE, PATRÍCIO! — Ela grita de volta. — Não seja ridículo, eu não tenho e não terei nada com Enrico, *nunca mais!* — Meu coração quase para ao ouvir palavras tão duras saindo da boca da mulher que eu amo. — Mas sim, eu quero te manter longe, sabe por quê? Porque nós já estamos longe há muito tempo, Patrício. Esse noivado não existe, nós mal nos vemos, há mais de um mês e meio nós não transamos, e quer saber a verdade: Eu não sinto falta, porque você é tão ausente que eu sequer sinto sua falta. Já chega dessa mentira que nós vivemos juntos, porque a única realidade é que vivemos para os nossos trabalhos. — Ela conclui, num fio de voz, e eu fico em êxtase, primeiro, porque acabo de descobrir que a vida sexual deles é uma grande *merda* e sim, isso me deixa imensamente satisfeito; e segundo, porque ela acaba de dar um pé na

bunda do carrapato, e eu estava aqui para ouvir isso.

— Calma, Lara — ele pede, com a voz mais calma. — Me desculpa.

— Patrício, olha só, eu gosto muito de você, e vou continuar gostando, mas é como amigo apenas. Há muito tempo nós somos apenas amigos. Você sabe que esse noivado foi uma tentativa de nos aproximarmos, mas, infelizmente, não deu, então o melhor é cada um seguir sua vida. — Eu quase grito de alegria ao ouvir essas palavras.

— Você está de cabeça quente, Lara, pense bem... — ele para, de repente — Lara, você está realmente quente, você está com febre? — Pergunta, e agora eu fico *puto* de verdade. Eles estavam brigando esse tempo todo e o *idiota* sequer tinha percebido que ela estava com febre?

— Já estou medicada, não precisa se preocupar — ela responde.

— Eu posso pedir que alguém te leve no médico, se quiser — ele oferece.

— Você está vendo, Patrício? Eu não quero a companhia dos seus funcionários. Quando eu me casar, eu quero alguém que esteja comigo, que cuide de mim; eu quero alguém presente, Patrício, já chega. — Ela fala, ainda mais irritada.

— Lara, essa viagem já estava marcada há muito tempo, eu não posso cancelar — ele diz.

— E eu não estou pedindo que cancele, só vá *embora!* — Ela diz, cansada, e eu ouço passos. Corro para a minha casa, entrando rapidamente e fechando a porta, me encostando à ela para ver pelo olho mágico. A vejo olhar em minha direção e, por um segundo, me pergunto se ela notou minha presença ali.

— Lara, pense melhor. — Patrício pede, já na porta.

— Eu já pensei, Patrício, e não dá mais. — Vejo ele colocar uma mão no bolso, e com a outra acariciar o seu rosto.

“*Tira a mão daí, filho da mãe*”, rosno, comigo mesmo, e resolvo mostrar para ele quem cuidará dela, e dessa vez será *para sempre*.

Pego um copo de suco de laranja e abro minha porta, e os dois me olham espantados.

— Oi, Lara, está se sentindo melhor? — Pergunto, me aproximando, e fingindo que não percebo que atrapalho o momento deles.

— Eh... Estou — ela gagueja. — Quem te disse que eu estava doente? — Pergunta.

— Eros comentou comigo, hoje pela manhã, e como ele iria viajar, garanti que ficaria de olho em você, *pequena*. — Provoco, e sinto que ele me mataria se pudesse, mas olha para a minha cintura e, ao ver o volume da arma, desiste.

Frouxo! Eu bem que queria uma briga por território agora.

— Não precisa se preocupar, Enrico, já estou bem grandinha. — Fala, ríspida, e eu sorrio, estendendo-lhe o copo com suco.

— Eu sei, *pequena*, mesmo assim, estarei a um passo de você. Chame se precisar.

Ela pega o copo, mas não esboça qualquer reação, e eu sigo de volta para o meu apartamento. Sei o momento exato de atacar e recuar, e agora é a hora do recuo; mais tarde será o momento do ataque.

Ainda pelo olho mágico, vejo ele tentar se aproximar, ela negar e em seguida ele partir, com cara de cachorro abandonado, exatamente como eu queria. Vou dar um tempo para ela digerir o que aconteceu entre eles, e mais tarde eu irei ver minha pequena, primeiro porque estou realmente preocupado com sua febre, e segundo, porque deixarei claro que estou de volta, e dessa vez será para sempre.

Capítulo 12

Enrico



Um fim de semana quase perfeito

Estou a dez minutos tocando desesperadamente a campainha do apartamento de Lara e me perguntando se ela não quer me atender, ou se aconteceu alguma coisa com ela. Sinceramente, espero que seja a primeira opção, porque se for a segunda, eu não me perdoarei por não ter vindo antes.

Espero mais alguns minutos e tomo a decisão de entrar mesmo sem ser atendido. Desenvolvi algumas habilidades com fechaduras e portas; não há nada que eu não consiga abrir. É lógico que eu só uso minhas habilidades em casos extremos, e sim, esse é um caso que eu julgo ser extremo.

Abro a fechadura e entro lentamente no ambiente, e não escuto qualquer ruído. Sigo andando pela casa, atento a qualquer movimento, mas continuo não ouvindo nada. Porém, quando chego ao quarto dela, a cena que vejo me faz perder o fôlego: Lara está deitada, encolhida sobre a cama, envolta em uma manta grossa, e parece tremer de frio. Corro até ela e coloco a mão sobre sua testa, ela está queimando de febre.

— Enrico — ela fala com dificuldade —, como você entrou aqui?

— É sério que, nesse momento, e nesse estado em que você se encontra, sua preocupação é essa, Elvira? — Pergunto, irritado.

— Pare de me chamar assim — resmunga.

— Levanta, Lara, vamos ao hospital imediatamente. — Chamo.

— Não precisa, Enrico, eu vou ficar bem. — Ela fala, e eu finjo que nem ouvi. Abro o seu guarda-roupa a procura de algo para ela vestir, e quando encontro, coloco em cima da cama.

— Você consegue se vestir sozinha ou quer que eu te ajude? — Pergunto,

ajoelhado ao seu lado na cama.

— Eu só preciso ir ao banheiro e dormir um pouco, Enrico, quando acordar estarei bem. — Ela fala, tentando se sentar.

— Lara, ou você me deixa te levar para o hospital, ou eu ligo *agora* para o seu irmão contando que te encontrei quase convulsionando de febre e que você não quer ir ao médico. E aí, o que prefere, vai comigo, ou vai fazer ele voltar da viagem para ir com ele? — Pergunto, erguendo as sobrancelhas.

— Que *merda*, Enrico, eu já tinha esquecido como você é chato. — Resmungo, mesmo debilitada.

— Não sou chato, *pequena*, só estou preocupado.

Lara se levanta com dificuldade e segue para o banheiro, depois de cinco minutos ela volta, vestida com a roupa que eu separei. O cabelo está amarrado em um coque frouxo, e mesmo doente, queimando de febre, a mulher consegue ser a mais linda que eu já vi na vida.

Pego sua bolsa e entrego a ela, ela confere os documentos e saímos do seu apartamento. Passo rapidamente no meu, visto uma calça, pego minha carteira as chaves do carro e seguimos para o estacionamento do prédio.

Noto que Lara quer se manter à uma distância segura de mim, mas eu não a deixo se afastar. Tenho certeza de que se ela estivesse se sentindo um pouco melhor, ela jamais aceitaria minha ajuda, mas ela realmente não está bem.

Percebo que ela está um pouco trêmula, então, quando paro no sinal, tiro o blazer que visto sob a camiseta e entrego a ela, que aceita, por estar realmente com frio. Essa distância que ela está impondo definitivamente não está me deixando confortável, mas eu sei que conseguirei transpor essa barreira.

Chegamos ao hospital e, após o prévio atendimento, constatamos o que já sabíamos: ela está com febre muito alta. O médico faz alguns exames e prefere administrar medicação intravenosa, pois o efeito é mais rápido.

— Enrico, obrigada por ter me trazido, mas se quiser pode ir para casa; sei que deve estar cansado.

— O meu fim de semana será todo seu, pequena, só me afasto de você quando eu tiver realmente certeza de que está bem.

Ela rosna uma reclamação qualquer, que eu mal faço questão de ouvir.

Já são 03h da manhã e Lara dorme como um anjo; a febre finalmente cedeu. Eu não consigo tirar um cochilo sequer. Por mais que ela não admitisse, eu sei que ela não estava bem; pela conversa que tivemos com o médico, aparentemente é uma virose, e amanhã, se a febre estiver cedido, ela terá alta médica e poderá ir para casa.

— Enrico, você ainda está aqui? — Ouço sua voz baixinha me chamando, e desperto do cochilo que tirei. Olho para o relógio no pulso e vejo que são 07h da manhã, levanto, e vou até ela novamente, e constato que o corpo está um pouco febril, mas, graças a Deus, longe do que estava ontem.

— Bom dia, *pequena* — falo carinhoso —, como se sente?

— Estou melhor, mas meu corpo ainda dói, preciso da minha cama.

— Vou chamar uma enfermeira para medir sua temperatura, tudo bem? — Ela acena, em concordância.

Enquanto a enfermeira não chega, ajudo-a a levantar-se para ir ao banheiro, e em seguida a coloco novamente na cama. Quando ela já está acomodada, sigo novamente para o banheiro e lavo rapidamente o rosto; não sabíamos que passaríamos a noite aqui, então não trouxemos qualquer produto de higiene pessoal.

Saio do banheiro e volto a sentar na poltrona ao lado da cama, e um silêncio constrangedor se instala no ambiente. A enfermeira chega após algum tempo e eu informo a Lara que vou descer para pegar um café, porque eu realmente estou precisando.

Volto para o quarto e, ao entrar, quase tenho uma síncope. Tem um médico a examinando, apalpando todo o seu abdome, e me pergunto se isso é realmente necessário; ele é todo sorrisos em direção a ela, que corresponde na mesma medida. Mantenho o cenho fechado, e embora tenha vontade de matá-lo imediatamente, me controlo, porque Lara está precisando de atendimento e porque sei que ela está correspondendo alegremente para me irritar.

— Bom dia, doutor. — Após um tempo em silêncio, apenas observando, resolvo interferir, porque essa porcaria de exame está demorando demais; ele já apalpou *minha mulher* inteira, auscultou locais que deveria e outros que eu não tenho tanta certeza se era necessário, e está todo galanteador. — Como ela está? Já podemos ir para casa? — Pergunto, afinal, ele tinha notado minha presença e estava fingindo que não.

— Bom dia — ele responde. — Esse é o seu irmão? — Pergunta a Lara.

— Sim, é ele! — Ela responde, sorrindo, e eu espumo de raiva. — Deve estar ansioso para ir para casa, doutor Alex; deve ter uma fila de mulheres esperando à sua porta. — Completa, e o médico olha em minha direção como se compreendesse minha ansiedade. Que *merda* é essa que Lara está fazendo, dizendo que eu sou seu irmão? E que intimidade é essa entre eles? *Putá Que Pariu*, ela quer realmente me irritar!

— Em breve estrão liberados, estou aguardando apenas alguns exames. —

Informa. — Acredito que realmente seja apenas uma virose, a febre está voltando, mas com menor intensidade agora; vou pedir para medicá-la, e assim que o resultado dos exames sair, se você não estiver mais febril, eu te darei alta. Vou deixar o meu celular pessoal anotado na receita da medicação, se precisar de qualquer coisa, a qualquer hora, é só me ligar, tudo bem? — Ele fala com ela, e eu quase pulo em sua garganta.

Lara é só sorrisos, e quando o médico se vai, finge que eu não estou no mesmo ambiente que ela. A enfermeira traz a medicação e o café da manhã, e ela se vira como pode, já que não aceitou a ajuda que eu ofereci. Claro que, mesmo irritado com o flerte entre ela e o médico, eu estou aqui para ajudá-la e o farei, depois ela vai sofrer as consequências, ah, se vai...

Tomamos café em silêncio, e depois de um tempo que foi medicada, ela cochila. Aproveito o e ligo para Joana, perguntando se ela pode ir até a casa de Lara para fazer um almoço para ela, pois não terei tempo de fazer, e acho que é melhor uma comida caseira do que a de um restaurante para ela nesse momento.

Por volta das 11h o médico retorna, e após novamente flertarem descaradamente, Lara tem alta e seguimos para casa, no mais profundo e constrangedor silêncio.

Já no nosso andar, eu abro sua porta, agora com as chaves, é claro.

— Vou tomar um banho e já volto, você precisa de algo? — Pergunto.

— Não, estou bem, pode descansar, sei que não dormiu a noite inteira. Já estou medicada, ficarei bem. — Insiste, e eu nego.

— Já disse que não sairei do seu lado até estar cem por cento recuperada, Lara. — Informo, entrando no ambiente e conduzindo-a para dentro.

Joana vem até nós e informa que está terminando o almoço, e me convida para almoçar com elas. Eu, é claro, aceito prontamente.

Lara segue para o seu quarto para tomar banho, e eu digo a Joana que vou até o meu apartamento fazer o mesmo, e volto em instantes.

— Enrico! — Ouço Joana me chamar.

— Oi — respondo, voltando-me para ela.

— Obrigada por cuidar da minha menina. — Ela fala.

— Não por isso, Joana. Eu sempre estarei aqui se ela precisar.

— Eu sei disso, meu filho, eu sempre soube, desde que vocês eram novinhos e mal entendiam os próprios sentimentos. — Ela fala, sorrindo. — Só não estrague tudo dessa vez, tudo bem? — Completa.

— Não estragarei, Joana, eu te garanto. — Pisco para ela, e sigo para o meu apartamento pensando em suas palavras.

A senhorinha realmente tem razão; eu a amei desde o princípio, eu só não quis admitir, e me perdi no que eu achava que era importante. Mas dessa vez será diferente, dessa vez eu estarei aqui para o que ela precisar.

Após um almoço *relativamente* agradável, Joana vai embora, e, notando que ficamos a sós, Lara fala que vai dormir um pouco, que ainda está sonolenta por causa das medicações e me pede para ir para casa.

— É claro que eu não vou, Lara; você ainda teve febre pela manhã, não seja teimosa. Eu já te disse que só sairei daqui quando você estiver realmente melhor. — Resmungo, e ela revira os olhos, seguindo para o quarto, e eu vou atrás.

— Enrico, que *merda*, eu quero dormir! Vai ficar igual uma sombra atrás de mim? — Pergunta, quando entramos no ambiente. Ela veste uma camisa preta folgada e shorts jeans, e mesmo tão simples, eu me perco olhando-a, hipnotizado com a sua beleza.

— É basicamente isso, *pequena*, serei sua sombra por esse fim de semana; ficarei coladinho em você. — Respondo, sorrindo, e ela rosna irritada. — Pra ser sincero, eu também estou cansado, então vamos deitar. — Convido.

— Nem morta que eu deitarei na mesma cama que você, Enrico, vá para o quarto de hóspedes. — Ela manda, irritada.

— Eu vou, mas será apenas para buscar um colchão e colocar ao lado da sua cama, *meu bem*. Não conseguirei descansar se estiver longe de você — respondo, já saindo do quarto, para não lhe dar tempo de contestar. Enquanto pego o colchão, ouço a porta do seu quarto se fechar, e sorrio.

— Ah, meu Deus do Céu, eu devo ter atirado pedra na cruz! — Lara reclama, quando eu destranco a porta e entro.

— *Meu amor*, você não imaginou que uma fechadura me impediria de cumprir o que falei, não é? — Pergunto, erguendo as sobrancelhas, e ela cobre o rosto com o travesseiro. Organizo o meu colchão ao lado da sua cama, e, ao terminar, noto que ela já está com a respiração ritmada, indicando que adormeceu.

Retiro o travesseiro do seu rosto, uso o termômetro para medir a temperatura e constato que ela não está com febre no momento. Beijo seus lábios levemente. Sim, eu sei que não deveria fazer isso, mas não consigo resistir a *minha* mulher, porque, na real, Lara nunca deixou de ser *minha*.

Tiro minha camiseta e me deito no colchão para descansar.

Lara



Lindo. O filho da mãe é muito lindo, isso eu não posso negar. Acordo por volta das 18h e, ao abrir os olhos, enxergo aos pés da minha cama Enrico, dormindo tranquilamente, exibindo seus peitoral definido e sua barriga trincada. *Cretino*, além de dormir em meu quarto teve a ousadia de tirar a camisa!

Fico parada um tempo, o admirando. Como eu queria que tivéssemos dado certo; como eu queria que ele fosse *meu*, apenas *meu*, mas eu sei que ele não é esse tipo de homem. Enrico não se doa por completo à ninguém, e eu não seria a privilegiada. Eu já me perdi uma vez, me quebrei, e tive que, sozinha, juntar os meus cacos, então eu não deixarei que isso aconteça de novo. Por mais que o meu coração acelere quando o vejo, por mais que o meu corpo responda tão intensamente ao seu, eu não me permitirei sofrer novamente.

— Admirando a vista? — O cínico pergunta, ao me flagrar olhando-o.

— Para ser sincera, estava admirando a sua ousadia. Além de dormir no meu quarto, acha que tem o direito e a intimidade de tirar a roupa; você é folgado demais, Enrico, está achando que está na *sua* casa?

— *Pequena*, você sabe muito bem como eu gosto de dormir, então, definitivamente, eu não acho que estou na minha casa, senão eu estaria completamente *nu*. — Responde com a voz ainda rouca do sono, e meu ventre se contorce inteiro.

Respiro fundo e me abstenho de responder

Vou para o banheiro, e quando retorno ao ambiente ele não está mais deitado. Fico na dúvida se me mantenho presa no quarto para evitar ainda mais proximidade entre nós, porque eu acho que essa é a opção mais segura para mim, ou se eu vou ver o que ele está aprontando, porque se eu der margem, em pouco tempo Enrico estará se achando dono do meu apartamento, e eu prefiro evitar mais esse transtorno em minha vida.

Não sei ao certo por quanto tempo permaneço deitada, mas, em determinado momento, sinto sua presença ao meu lado, e abro os olhos.

— Vem comer alguma coisa pequena, você não quis lanchar e desde o

almoço não se alimenta.

— Estou sem fome, Enrico.

— Acabei de fazer um caldo *pra* gente, você prefere comer aqui? — Pergunta com calma, não dando a mínima para o que eu acabei de falar. Como eu não respondo, ele se levanta e sai.

Alguns minutos depois, ele retorna ao quarto com uma bandeja nas mãos, duas tigelas de sopa e algumas torradas, o cheiro invade os meus sentidos, e essa proximidade me faz lembrar de um tempo em que dividíamos a cozinha. Eu nunca tive vocação, mas Enrico sim, ele cozinha divinamente bem; de repente, uma saudade aperta o meu coração, mas eu preciso mantê-la distante, não posso sucumbir novamente aos encantos dele. É assim que começa, Enrico chega de mansinho, aos poucos ganha território, e depois devasta tudo a sua volta como um furacão.

Isso não vai acontecer novamente, não comigo.

— Olha só, eu sei que você está querendo me ajudar Enrico, sei que as sua intenção é a melhor, mas essa intimidade entre nós não existe mais. — Sento-me na cama, e resolvo ser sincera com ele. — Você é uma pessoa especial para mim, sempre foi, e mesmo nos afastando nos últimos tempos, eu ainda tenho um carinho muito grande por você. Mas é só isso Enrico, por favor, não força a barra.

— Eu não estou forçando a barra, Lara. — Enrico fala, e se senta ao meu lado na cama, me entregando uma das tigelas, e eu a recebo de bom grado, porque o caldo verde que ele faz é delicioso. — *Pequena*, eu sei que eu fui um maldito *filho da puta*; eu não consigo dimensionar o quanto te fiz sofrer, ou melhor, eu consigo imaginar, porque *pra* mim foi uma tortura a cada vez que eu te vi acompanhada, mas, por favor, me deixa chegar um pouco mais perto de você. — Vejo ele passar uma das mãos na barba, e sei que ele está nervoso. — Eu não te mereço, Lara, eu nunca te mereci, na verdade, mas, por favor, me deixa ficar perto de você, me deixa provar que eu te amo, que eu sempre te amei. — Quase engasgo com as palavras que acabo de ouvir, mas felizmente consigo me recompor antes que ele perceba. — Eu não sou mais aquele jovem imaturo, eu prometo que dessa vez será diferente.

— Enrico, por favor, me poupa desse discursinho decorado. — Resmungo, porque não, eu não vou deixar que ele perceba o quanto me abalei com a declaração que ele fez de supetão. — Acho que essa percepção de "amor" — faço aspas com as mãos, para enfatizar — veio um tanto quanto tardia.

— *Putá merda*, Lara, me dá uma chance. Eu estou te pedindo apenas uma chance de provar que estou sendo sincero, que o que sinto é verdadeiro, que eu

percebi o quanto fui imaturo e *idiota*. Não me afasta de você, pequena, por favor. — Ele pede, e acaricia levemente o meu rosto.

Eu me afasto, livrando-me do toque que me aprisiona, do toque que me destrói, que me dilacera por dentro.

Enrico se senta no chão, dando-me a distância que percebeu que eu precisava. Terminamos de comer em silêncio, e o clima entre nós é tão estranho, tão pesado, que ele, após levar as louças para a pia, vai para o seu apartamento.

Acho que por hoje ele não voltará, então resolvo dormir, porque é melhor do que ficar remoendo as palavras que ele disse. Tomo um banho, visto um pijama, deito em minha cama, e, graças a Deus, sem demora, consigo adormecer.

Enrico



Isso só pode ser um castigo de Deus, e o pior é que eu sei que eu mereço.

Pela primeira vez, em muitos anos, eu choro, quer dizer acho que bêbado chorei outras vezes, mas todas por *ela*.

É lógico que preferi chorar tomando banho, porque assim nem eu conseguirei ter noção da quantidade de lágrimas que escapam dos meus olhos, mas tenho plena consciência da *merda* em que me encontro afundado.

Lara não me quer por perto, e fez questão de deixar isso claro, tanto em suas palavras frias de sentimentos, quanto em suas ações. A indiferença no olhar dela me rasga por dentro. Sei que não adianta eu pedir perdão ou uma chance; ela já deixou claro que não me dará. Mas eu sinto que nós merecemos uma outra oportunidade, o nosso amor e a nossa história merecem um voto de confiança.

Espero que ela pondere, que reconsidere sua decisão, pois, apesar de saber que ela está decidida a me afastar, eu já decidi que não deixarei.

Termino o banho e deito por um tempo, preciso me reestabelecer antes de voltar para ela. Lara é uma mulher forte, e eu sei que se demonstrar fraqueza irá me consumir, então tomo o meu tempo para voltar inteiro para ela.

Entro em seu apartamento e, em silêncio, caminho até o seu quarto. Vejo

que ela já está dormindo, e aproveito para admirar a mulher que amo, tão serena e quieta, nem parece com o furacão que eu bem conheço.

Toco levemente seu rosto e percebo que está um pouco quente, então, devagar coloco o termômetro, e ao constatar que está com febre, resolvo acordá-la para tomar a medicação.

— Lara... Pequena — chamo, baixinho. — Acorda, você precisa tomar o remédio, está com febre.

— Enrico, você...

— Shiii, só toma o remédio. — Respiro fundo. — Vou ficar aqui, ao seu lado, enquanto você precisar, meu amor, mesmo que não queira.

Agradeço a Deus por ela tomar o remédio sem questionar; imagino que seja a febre, porque essa passividade toda não condiz com ela, mas mesmo que ela desse um escândalo eu não cederia, não mais.

Lara não vai mais negar o que eu sei que ela sente, e eu vou provar que o meu amor é mais forte do que ela imagina, e que, se no momento ela não é capaz de me amar, eu amarei por nós dois.

Quando sua febre finalmente cede, eu me permito dormir e tentar, quem sabe, sonhar com o futuro que desejo para nós, juntos.

Quando amanhece, ouço um barulho na porta da frente do apartamento de Lara e desperto imediatamente, todos os meus instintos em alerta. Olho para a cama e a vejo dormir serenamente; é lógico que eu respeitaria o seu espaço, por isso dormi no colchão ao lado da sua cama.

Passo a mão na minha Glock que está embaixo do travesseiro, e fico atento a qualquer movimento.

— Lara? — Ouço a voz do carrapato chamar, e fico *puto de raiva*. Como ele ousa entrar assim no apartamento dela, depois de deixá-la doente para uma viagem de negócios? E principalmente depois que ela mandou ele pastar? É muita ousadia desse *imbecil*.

Rapidamente tenho uma ideia, e garanto que ele vai se arrepender dessa invasão indevida. Por um segundo, cogito não executar, porque isso pode ter efeitos colaterais, e Lara ficar muito *puta* comigo, mas como eu costumo não pensar nas consequências dos meus atos, retiro rapidamente minhas roupas, fico apenas de cueca boxer e a abraço por trás. Lara inconscientemente se aconchega a mim, e quase sorrio, porque sei que a *merda* vai ser grande, fecho os olhos e espero.

— Que *merda* está acontecendo aqui? — Ouço o carrapato praticamente gritar e quase sorrio, mas me controlo, e finjo estar acordando nesse momento.

Lara também desperta, assustada, primeiro, com o grito que ele deu, e segundo, comigo agarrado à ela.

— Enrico? Patrício? — Ela fala, ainda atônita, olhando de um para o outro. — Espera, o que está acontecendo aqui? — olha para mim com os olhos arregalados, esperando uma resposta, mas antes que eu fale qualquer coisa, o *imbecil* se intromete.

— O que está acontecendo? — Ele praticamente grita, e eu permaneço na cama, agora sentado, esperando o showzinho que eu sei que está por vir. — Pode deixar que eu te conto: você está deitada com esse *idiota* seminu agarrado a você enquanto eu viajava. Desde quando, Lara? Desde quando você está me traindo com ele?

— Eu não te traí, Patrício, nem com ele, nem com ninguém. — Ela fala.

— Pelo amor de Deus, Lara, não seja ridícula! — Ele fala, um pouco mais alto.

— Fale baixo que você está na minha casa. — Ela resmunga, e eu adoro. — E acredite no que você quiser, afinal, desde sexta-feira nós não temos mais nada, ou seja, eu não tenho que te dar satisfações.

— Cara, fica na sua — finalmente resolvo me pronunciar. — A Lara está queimando de febre desde sexta, e eu estou lhe fazendo companhia a pedido do irmão dela e porque eu me importo com ela; jamais viajaria e a deixaria nesse estado.

— Ah, tá! Faz-me rir! — Ele me olha, furioso. — E para cuidar dela você precisava estar de cueca? Eu devo ter cara de *idiota*, só pode. — Fala batendo com as mãos nas laterais do corpo.

— Nisso eu tenho que concordar — provoco, enquanto visto meu short, e Lara me olha furiosa.

— Eu nunca pensei que você faria isso comigo, Lara, que fosse ser tão leviana. Nunca imaginei que você fosse uma *vagabun*... — Eu não dou tempo para que termine de pronunciar a palavra, e lhe dou um soco na boca.

— Cala a *merda* dessa sua boca imunda! Você não vai falar assim dela! — O pressiono contra a parede. Meus olhos faíscam de raiva. Mantenho o seu pescoço preso com o meu antebraço; ele é um cara grande, mas eu sei que daqui ele não conseguirá sair.

— Solta ele, Enrico! — Lara grita, desesperada. — Por favor! — Pede, enquanto puxa o meu braço, tentando folgar o aperto.

— Mas, Lara, ele, esse imbecil te chamou de... — parei, porque eu mal consigo pronunciar essa palavra para ela.

— Solta, Enrico! — Grita comigo, e eu vou afrouxando o aperto, mesmo sem querer, e quando me afasto, passando as mãos nervosamente pelo cabelo, ele começa a tossir, tentando recuperar o fôlego. — Patrício, nós nos conhecemos há tempo demais para você desconfiar de mim dessa forma. Eu jamais trairia você; nunca mais ouse falar isso de mim! — Ela grita com ele, irritada.

— Ah... falou a *santa Lara*, que estava agarrada ao amante. — Ele fala, cínico, e eu rosno, voltando em direção à ele, mas ela se interpõe entre nós.

— CHEGA! Eu não sou uma donzela indefesa que precisa de um herói pra salvá-la! — Me olha com raiva, e eu paro, respeitando sua vontade, ainda que muito irritado. — Nunca mais ouse falar comigo assim! — Grita com ele apontando o dedo para o seu rosto. — Eu não tenho e não tive nada com ele, assim como não tenho nada mais com você, então, se eu quisesse ir para a cama com ele, ou com qualquer outra pessoa, não lhe diz mais respeito! E sejamos bem sinceros, há muito tempo nós já não tínhamos nada Patrício; há quatro meses nós sequer transamos. — Ela fala, e ele arregala os olhos diante da informação que ela acaba de soltar, e eu sorrio internamente, mas me controlo, para não sobrar para mim. — Enrico é um amigo da família, e ele estava aqui tentando ajudar, apenas. Isso não te dá o direito de entrar aqui e me tratar como uma qualquer. Agora, por favor, deixa as minhas chaves e vá embora! — Conclui.

— Isso mesmo, fica com ele, Lara, no fim vocês se merecem, você merece tudo o que ele te fez no passado, e tudo o que fará novamente. Só que dessa vez eu não te ajudarei a colar os seus cacos. — Ele fala.

Ela arregala os olhos, e eu quero matar esse *imbecil*.

— Vá se foder, Patrício! — Lara resmunga.

— Vou, mas com certeza não vou me *foder* mais do que você! — Retruca, e eu estou muito irritado por ser obrigado a ficar apenas como expectador nessa palhaçada toda.

— Com certeza não vai mesmo, porque assim que você sair por aquela porta, eu vou *foder* com Enrico mais vezes do que fiz com você nos últimos anos! — Ela fala, e eu sei que está transtornada de raiva para soltar uma dessas. Contudo, não deixo de me animar, quem sabe, no fim de tudo isso, eu ainda não me dê bem?

Continuo com minha cara de paisagem, esperando para ver no que dá.

— Sua... — Ele começa, mas com o olhar que eu dou em sua direção ele se controla, e ela, irritada, vem em minha direção e me beija.

Putá. Que. Pariu! Lara me beijou!

Eu agarro sua cintura e a trago para mais próximo de mim, exploro sua boca, sentindo o seu gosto que tanto me fez falta.

— Vocês se merecem! — Ele fala, e sai irritado, batendo tão forte a porta que é capaz de tê-la quebrado.

Eu continuo agarrado a ela, até que ela me morde.

— Aaaaí! *Caralho*, Lara, minha língua! — Grito de dor.

— Seu *filho da mãe*, olha o que você provocou! — Reclama. — Agora é a sua vez, Enrico, o que você estava fazendo de cueca na minha cama? — Pergunta, irritada.

— Calma, eu posso explicar.

— É claro, *né*, você sempre pode. — Solta, irônica.

— Mas dessa vez eu posso mesmo — falo. — Você estava com febre e tremendo de frio, eu estava dormindo no chão, mas você não parava de tremer, então eu resolvi subir pra te aquecer. Eu juro, nem entrei embaixo das cobertas, só te abracei. — Justifico. Tudo bem que eu menti, mas foi uma mentirinha boba, em benefício de nós dois.

— E porque estava só de cueca? — Ela pergunta, erguendo as sobrancelhas.

— Porque você estava quente demais, e eu fiquei com calor. — Respondo, e ela revira os olhos.

— Vá embora, Enrico, eu já estou ótima. Obrigada pelo cuidado, mas eu não preciso mais. — Fala, abrindo a porta do quarto para que eu saia.

Vou em direção à ela, mas, antes de sair, a abraço por trás e mordo o seu pescoço, em um ponto específico que eu sei que a enlouquece.

— Mas você disse que nós íamos transar feito coelhos... — Provoco, falando em seu ouvido, e ela geme, mas em seguida se recompõe e se afasta.

— Sai, Enrico! — Manda.

— Calma, eu não posso ir, não posso te deixar doente, mas eu juro que fico distante, e se você tremer de frio, eu vou no meu apartamento e pego outras cobertas, mas me deixa ficar aqui. — Peço, carinhoso, e ela revira os olhos.

Não espero pela resposta, vou para a cozinha e começo a preparar o nosso café. Eu não me afastarei mais, agora que foi *fim de linha* para o carrapato, será o nosso recomeço.

Durante o domingo, Lara se manteve distante de mim fisicamente, embora estivesse mais receptiva às conversas; até demos boas risadas com algumas histórias. Pedimos almoço em um restaurante italiano que ela gosta, e ficamos assistindo filme e conversando sobre coisas banais.

Às vezes eu sentia que ela me olhava com desejo, mas se controlava logo em seguida, mas eu sabia que ela não iria resistir por muito tempo, porque, a partir de agora, eu estava livre para jogar com artilharia pesada.

Capítulo 13

Lara



Surpresas

Por mais difícil que seja para mim admitir, hoje acordei com um sorriso diferente no rosto, um brilho especial no olhar, e sei que a presença de Enrico influenciou nessa mudança repentina de humor. Independente do que vivemos juntos, ele sempre me fez bem; se ele não fosse tão *cafajeste* seria o homem ideal para mim.

Ele foi embora agora a pouco, fez questão de dormir aqui mais essa noite, mesmo eu não estando mais com febre.

Depois da cena que Patrício fez, e do meu "surto", ele cumpriu o prometido, e se manteve a uma distância segura de mim. Confesso que foi uma tortura resistir a ele, porque Enrico é *inteligente, divertido, leal, companheiro, gostoso...* já chega, listei qualidades demais, mas não poderia fazer o contrário porque ele é realmente tudo isso; infelizmente, o homem é um pecado ambulante.

A única qualidade que ele não possui é a fidelidade, e isso, para mim, é essencial. Só eu sei o quanto me machuquei, o quanto saí ferida, quanto tempo demorou para que eu finalmente me refizesse, e não passarei por isso novamente.

Termino de me arrumar para o trabalho, tenho audiência o dia inteiro; graças a Deus já estou bem melhor, acredito que tenha sido uma virose mesmo, e, felizmente, não durou muito tempo.

Não o encontro quando saio, mas já basta sua presença constante no final de semana. Eu preciso descobrir uma forma de fugir dele, preciso evitar essa intimidade que está renascendo entre nós, porque sei que se continuarmos nos aproximando, irei sair muito machucada dessa brincadeira.

O dia passa acelerado, como eu havia previsto, e agora, por volta das 16h,

finalmente me preparo para a última audiência do dia. Enquanto releio o processo, ouço meu telefone tocar, e sorrio ao ver o nome do meu irmão piscar na tela.

— Oi, gato, tudo ótimo! Já chegou de viagem?

— Ah, claro! Você viajou e deixou um segurança para vigiar o cativo da donzela indefesa e doente. — Resmungo.

— *Oi, princesa! Tudo bem com você?* — Eros pergunta, carinhoso.

— *Sim, cheguei ainda pela manhã, mas estava "pegado" aqui, só agora pude te ligar. Mas Enrico me deu notícias suas. Na verdade, me manteve informado durante todo o fim de semana.* — Fala, irônico.

— *Lara, você sabe que não é isso. Eu sei que você pode se cuidar sozinha, mas eu fiquei preocupado. Sua febre estava muito alta, e, pelo que ele me falou, você piorou na sexta-feira. Ainda bem que ele estava aí. Deixe der ser mal-agradecida* — repreende — *e, para ser bem sincero, ele fez mais por ele mesmo do que por mim; você sabe que ele gosta muito de você.* — Fala, e eu paraliso, porque Eros jamais se meteu ou falou qualquer coisa sobre nós dois.

— Tudo bem, preciso desligar, vou entrar em uma audiência agora, depois nos falamos, ok? — Desvio o assunto, porque não quero ficar pensando em “nós”, pensando no quanto ele ainda mexe comigo, e Eros fez questão de relembrar o que eu quis esquecer o dia inteiro.

— *Tudo bem, vamos marcar alguma coisa no fim de semana.*

— Claro, gatão, depois nos falamos.

— *Tchau princesa, eu te amo.*

— Eu também te amo, Eros.

Desligo o telefone e meus pensamentos voam para Enrico, instantaneamente visualizo o seu sorriso, e sorrio feito boba, mas me controlo em seguida. Me pergunto como uma pessoa pode mexer tão profundamente com outra dessa forma.

Meu Deus, me ajuda a esquecer! Afasta de mim esse sentimento. Eu não quero passar por tudo aquilo novamente... Faço uma prece silenciosa para que Deus tenha piedade de mim e livre meu coração de sofrer novamente, e, distraída, nem vejo quando sou chamada para audiência.

Meu cliente chama a minha atenção, e me recomponho rapidamente para entrar no gabinete do juiz, que, inclusive, vive jogando charme para mim, e eu fingindo que não percebo. Se bem que, agora, estando solteira, quem sabe não lhe dou uma chance? Afinal, ele é um pedaço de mal caminho... Loiro, alto, forte, inteligente... *mas não tão gostoso, charmoso, envolvente quanto Enrico...* Minha mente divaga, e eu afasto a porcaria do pensamento.

Após a audiência vou para casa; preciso descansar. Eu realmente me senti melhor ao acordar, mas ainda não estou cem por cento recuperada.

Pego meu carro e vou para casa, louca por um banho, um café e minha cama.

Entro no apartamento e me assusto com o imenso buquê de rosas brancas que repousa sobre a minha mesa de centro. Nem preciso ler o bilhete para saber quem o deixou aqui; Enrico e suas habilidades de abrir qualquer porta. Preciso mais do que nunca trancar as portas do meu coração, porque ele está se aproximando demais.

Sigo para o banho passando longe das flores, não quero me aproximar, sinto que se eu ler o bilhete que repousa ao seu lado, posso sucumbir ao sentimento que tanto lutei para superar, e que, agora percebo, ainda não superei.

Depois do banho, visto uma camisola, e vou para a cozinha preparar um café. Sentada de frente para o balcão, continuo a olhar as flores, mas sem me aproximar.

Pego a xicara de café e me viro na banquetta, ficando de frente para elas; como é difícil decidir se quero ou não saber o que está escrito ali e ter a confirmação de que realmente foi ele quem me enviou.

O meu peito aperta... Como é ruim ficar refém de um sentimento tão forte quanto o que eu sinto por ele.

Quando acabo o café, vou correndo para o meu quarto, escovo os dentes e deito, tentando desesperadamente dormir, mas infelizmente não consigo. Fico revirando na cama, pensando no que pode estar escrito no bilhete.

Depois de algum tempo, vencida pela curiosidade, vou para a sala, apanho as flores em minhas mãos e admiro sua beleza. Entendo que a cor, branca, é um pedido de trégua; uma que eu realmente não queria dar, mas que está sendo cada vez mais difícil.

Finalmente pego o envelope, e reconheço a caligrafia do homem que, embora eu não admita, me tem de joelhos aos seus pés.

Minha pequena,

Obrigado pelo fim de semana maravilhoso. Ainda que resistindo à minha presença, foi perfeito poder estar novamente tão perto de você.

Hoje, durante todo o dia, lembrei de nós, da nossa história, das tantas coisas que passamos juntos desde que nos conhecemos, e tive ainda mais certeza do que eu já pensava nos últimos tempos: eu sempre te amei, mesmo que não tenha tido coragem de te dizer isso com palavras, mas minhas ações sempre deixaram claro a minha devoção à você.

Ah, minha Lara, se eu pudesse voltar atrás e fazer tudo diferente, eu jamais te machucaria.

Quero ter novamente o seu sorriso para mim, sem receios, sem medo.

Te perceber tão tensa ao meu lado, me destruiu um pouco por dentro, mas eu sei que conseguirei te fazer me amar novamente, ser minha.

Passei anos me enganando, fingindo que era feliz, mas como seria possível, se a minha felicidade é você, e você estava distante? Estar com você me faz completo, você me completa; passei anos sendo apenas metade de mim, mas me empenharei cada dia da minha vida para te fazer acreditar novamente em mim, acreditar em nós.

Eu sempre fui seu, minha pequena, e sempre serei.

Me perdoa por todas as vezes que te fiz sofrer, até mesmo chorar, mas eu prometo que daqui para frente te farei sorrir, para sempre, e por toda a eternidade.

Por favor, me dá uma chance, apenas uma, eu prometo que não irá se arrepender.

Eu amo você!

Do eternamente seu,

Enrico Chiarelli

Putá merda! Para que eu fui ler essa porcaria de bilhete? Filho da mãe!

Leio e releio, outras três vezes seguidas. O meu coração, feito bobo, pergunta, se não vale a pena dar uma chance para ele, para nós, mas a minha mente faz questão de relembrar todo o sofrimento que passei.

Depois de um tempo imóvel no sofá, obrigo-me a colocar as flores em um vaso, e volto para o meu quarto; meu subconsciente sorri feito um bobo apaixonado, mas eu consigo controlá-lo, e, depois de muito tempo, consigo dormir.

Mais um dia passa rapidamente, e mais uma vez eu não vejo Enrico, o que eu acho até bom, porque, depois daquele bilhete, é mais seguro estarmos distantes.

Chego em casa um pouco mais tarde, mas ao abrir a porta, mais um buquê de flores me espera. Esse tem diversas flores diferentes em vários tons de azul, e, diferente de ontem, dessa vez não resisto, e praticamente corro para ler o que ele escreveu.

O *filho da mãe* está aos poucos minando minhas defesas, e eu não sei por quanto tempo conseguirei resistir.

Meu amor,

Espero que tenha gostado das flores de ontem. As de hoje são azuis porque descobri que as flores azuis significam sentimentos que nos trazem tranquilidade, e é isso que estar ao seu lado me transmite, e é isso que eu quero que você sinta comigo; quero que você confie em mim novamente, e me empenharei muito para que isso aconteça.

É impossível para mim esquecer tudo o que passamos juntos, e sei que para você também, porque além da intimidade, nós fomos amigos, ou melhor, somos amigos, e todo amor verdadeiro é baseado em uma amizade sincera. Esse passo nós já demos, e não retroagimos.

Só admita que você ainda me ama, e me deixe fazer parte novamente da sua vida.

Eu amo você!

Do eternamente seu,

Enrico Chiarelli.

Sorrio pelas palavras e principalmente pela prepotência de Enrico; como ele pode afirmar com tanta certeza que eu ainda o amo? Fico com vontade de, apenas para contrariá-lo, jogar todas as flores em sua porta, mas elas são tão lindas que eu não resisto em tê-las em meu apartamento.

Coloco as flores em outro jarro com água, e vou para o meu quarto, sorrindo feito uma boba apaixonada.

No terceiro dia a rotina se repete, e mais um vaso de flores repousa sobre minha mesa de centro. Abro o bilhete sentindo-me como uma viciada em busca do alívio.

Meu amor,

Sabe como se chamam essas flores? Amor-Perfeito. Assim como o nosso, elas são simples, delicadas, mas simbolizam o amor que nunca, jamais será esquecido; estará eternamente em nossas lembranças e corações.

Ouçá a música Amor Perfeito, de Roberto Carlos, e nos enxergue.

Eu não aguento mais essa distância, vem me tirar da solidão, meu amor, minha pequena, minha princesa.

Fecho os olhos pra não ver passar o tempo

Sinto falta de você

Anjo bom, amor perfeito no meu peito

Sem você não sei viver

Vem, que eu conto os dias

Conto as horas pra te ver

Eu não consigo te esquecer

Cada minuto é muito tempo sem você

Sem você

Os segundos vão passando lentamente

Não tem hora pra chegar

Até quando te querendo, te amando

Coração quer te encontrar

Vem, que nos seus braços esse amor é uma canção

*Eu não consigo te esquecer
Cada minuto é muito tempo sem você
Sem você*

*Eu não vou saber me acostumar
Sem suas mãos pra me acalmar
Sem seu olhar pra me entender
Sem seu carinho, amor, sem você
Vem me tirar da solidão
Fazer feliz meu coração
Já não importa quem errou
O que passou, passou, então vem
Os segundos vão passando lentamente
Não tem hora pra chegar
Até quando te querendo, te amando
Meu coração quer te encontrar*

*Então vem, que nos seus braços esse amor é uma canção
Eu não consigo te esquecer
Cada minuto é pouco tempo com você
Com você*

*Eu não vou saber me acostumar
Sem suas mãos pra me acalmar
Sem seu olhar pra me entender
Sem seu carinho, amor, sem você
Vem me tirar da solidão
Fazer feliz meu coração
Já não importa quem errou
O que passou, passou, então vem
Que eu conto os dias
Conto as horas pra te ver
E eu não consigo te esquecer
Cada minuto é muito tempo sem você
Sem você*

*Vem, que nos seus braços esse amor é uma canção
Eu não consigo te esquecer
Cada minuto é muito tempo sem você
Sem você*

Eu amo você.

Do eternamente seu,

Enrico Chiarelli

No quarto dia eu já chego em casa em expectativa, e não me decepçiono;
dessa vez são rosas amarelas que repousam no lugar de costume.

Minha pequena,

*Cada vez que eu te olho, eu te amo um pouco mais. Estou tentando te dar o
espaço que precisa, mas, por favor, não resista mais.*

Eu sei que você também quer, se permita viver, se permita ser feliz ao meu lado.

A música que hoje me fez lembrar você é: Tô fazendo falta, da Joana,

Ontem te encontrei

Você estava tão bonito

Demais

Parecia até que nada aconteceu

Jeito de quem está feliz

De quem está de bem com a vida

Sei lá

Mas alguma coisa não me convenceu

E ainda faz de conta

Que não está nem aí pra mim

Mas você não me engana

Sei que você ainda tá afim

Me diz pra quê fazer assim?

Você pode ter um tempo pra pensar

E uma eternidade pra se arrepender

Tá na cara, dá pra ver no seu olhar

Tô fazendo muita falta pra você

É loucura não ouvir o coração

Desse jeito a gente pede pra sofrer

Eu não quero te ver na solidão

Tô fazendo muita falta pra você

E ainda faz de conta

Que não está nem aí pra mim

Mas você não me engana

Sei que você ainda tá afim

Me diz pra quê fazer assim?

*Você pode ter um tempo pra pensar
E uma eternidade pra se arrepender
Tá na cara, dá pra ver no seu olhar
Tô fazendo muita falta pra você
É loucura não ouvir o coração
Desse jeito a gente pede pra sofrer
Eu não quero te ver na solidão
Tô fazendo muita falta pra você
Você pode ter um tempo pra pensar
E uma eternidade pra se arrepender
Tá na cara dá pra ver no seu olhar
Tô fazendo muita falta pra você
É loucura não ouvir o coração
Desse jeito a gente pede pra sofrer
Eu não quero te ver na solidão
Tô fazendo muita falta pra você*

Eu amo você.

Do eternamente seu,

Enrico Chiarelli

Os dias subsequentes aconteceram da mesma forma. Hoje é o decimo quinto dia; fugi de Enrico como o diabo foge da cruz. Sempre, antes de subir, procurava saber se ele já havia chegado, desviava o caminho, subia pelas escadas, mudei o horário da academia, alterei a minha rotina o máximo para não vê-lo, mas a cada flor, a cada mensagem, cada música, me faziam viajar ao passado, e confesso que me fizeram sonhar com um possível futuro.

Mas, na mesma medida em que as minhas defesas derretiam um pouco, e eu queria tentar, o medo me travava, me prendia.

Além de entrar e deixar o mimo na mesa de centro, Enrico começou a colocar o seu perfume em meus lençóis. Nas primeiras vezes que senti o seu cheiro impregnado ali, fiz questão de tirá-los, mas depois desisti, porque mais do que nos meus lençóis, o seu cheiro estava marcado na minha alma, e dela não havia como tirar.

— Boa noite, seu Zé. — Falo com o porteiro, quando chego ao prédio.

— Boa noite, dona Lara.

— Sabe me dizer se Enrico já chegou? — Pergunto.

— Sim, dona Lara, ele chegou cedo hoje. — Informa, solícito como

sempre.

— Obrigada.

Agradeço e sigo para o elevador, ansiosa para saber o que me aguarda hoje. Quero ver até quando Enrico seguirá me enviando esses presentes e mensagens, mas, no fundo do meu coração, não quero que isso acabe, não tão cedo.

Abro a porta do meu apartamento e os olhos correm imediatamente para o lugar que tem minha atenção nos últimos quinze dias, e paraliso com a visão. Dessa vez não é um mimo que repousa sobre a minha mesa de centro, vejo Enrico sentado no meu sofá, com um imenso buquê de rosas vermelhas nas mãos.

Assim que bato a porta atrás de mim, sem desviar os olhos dos dele, ele se levanta, e, meu Deus, é impossível não suspirar com a beleza e imponência desse homem. Vestido com uma calça jeans escura meio rasgada, uma camiseta branca e um sapatênis, os cabelos penteados despretensiosamente, meio bagunçados; eu posso fingir para ele, para o mundo inteiro, mas não para mim: sim, eu o amo! Isso não mudou com o tempo ou com o nosso afastamento, e tenho certeza que jamais mudará.

Fico estática, sem saber o que fazer, ou o que falar, mas ele sabe, ele sempre sabe; em câmera lenta, o vejo caminhar em minha direção, seguro, determinado, como sempre foi e sempre será. Meu coração se sobressalta, o seu cheiro me envolve; em silêncio, ele me olha, me admira, e eu tomo o meu tempo fazendo o mesmo.

Duelamos com olhares, cada um perdido em seus próprios pensamentos e sentimentos, até que ele se aproxima ainda mais. Segura as flores com um braço, estende a outra mão até o meu pescoço, e me puxa para si, me envolvendo em um beijo delicioso, o beijo que é tanto minha salvação quanto minha ruína, mas eu não resisto, pelo menos hoje não lutarei contra isso, contra o que quero e sinto tão intensamente que chega a doer.

Capítulo 14

Enrico



Entregues

Eu não resisti.

Inicialmente minha intenção era tentar convencê-la a nos dar uma chance, mas vi no seu olhar uma permissão silenciosa, e avancei o sinal, beijando-a, devorando-a com paixão e desejo, um desejo que mantive guardado por anos dentro de mim, e ela correspondeu. Sua bolsa caiu ao seu lado, e nos entregamos, nos rendemos a saudade, explorei cada cantinho da sua boca, matando a vontade de sentir o seu gosto.

Quando finalmente descolamos nossos lábios, encostei minha testa na dela; aos poucos Lara foi saindo do torpor em que se encontrava.

— Enrico, isso não pode...

— Por favor pequena, hoje não, me deixa te amar como eu quis em todos esses anos, eu sei que *eu* não mereço, por tudo o que eu já te fiz passar, mas *nós*, o nosso amor merece uma segunda chance. Eu sei que você me ama, Lara, você pode não admitir, mas você me ama, só por hoje não pensa nas consequências, não pensa no que passamos, só por hoje, tenta esquecer o que pode dar errado e vamos viver o que pode dar certo, por favor — imploro, e não tenho vergonha de admitir o quanto a amo e o quanto preciso dela, não só agora, mas em todos os momentos da minha vida, e para a minha alegria, ela acena delicadamente com a cabeça. Sei que ela está batalhando internamente entre o que sente e o que quer sentir, mas eu vou conduzi-la, vou lhe mostrar que valerá a pena.

— Pedi um jantar para nós dois. — Pego em sua mão e a levo para perto da mesa que já está parcialmente arrumada.

— Me deixa tomar um banho e eu volto. — Ela fala, e sei que precisa de um pouco de espaço; ela não esperava me encontrar aqui. Sei que ela fugiu de

mim todos esses dias, então dou o que ela precisa, mas garanto que estarei aqui, a sua espera.

Enquanto Lara toma banho, eu termino de organizar a mesa que já havia começado. Coloco a barca de comida japonesa no centro, acendo algumas velas, pego o vinho no freezer e sirvo em taças, pego o meu celular e deixo escolhida a música que dedicarei a ela neste momento, para que ela entenda de uma vez por todas o quanto é importante para mim.

Lara não demora a voltar, e eu vou em sua direção ainda no corredor. Eu não consigo me manter distante, não agora, com o meu coração retumbando forte no peito.

— Linda! — Falo, enquanto coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Estendo minha mão e ela a aceita, então eu a conduzo para a sala.

Ficamos parados no meio do ambiente, os olhos travados um no outro, nós sequer piscamos; minha vontade é beijar cada pedaço do seu corpo, matar o desejo e a saudade que está me consumindo, mas eu me controlo. Não quero que ela pense que o meu desejo é sexual apenas, não quero que ela pense que minha saudade é apenas do seu corpo, quero que Lara entenda que a desejo por inteiro em minha vida, e dessa vez será para sempre.

— Dança comigo? — Convido, após pegar o celular e soltar a música Perfect, de Ed Sheeran. Colo nossos corpos nas primeiras notas, e quando a letra começa, faço questão de cantar no seu ouvido, para que ela internalize as palavras da canção e entenda que esse é o desejo do meu coração e da minha vida.

*“I found a love for me
Darling, just dive right in
and follow my lead”*

***“Eu encontrei um amor para mim
Querida, mergulhe de cabeça
E me siga”***

*“Well, I found a girl, beautiful and sweet
Oh, I never knew you were
The someone waiting for me
'Cause we were just kids
When we fell in love*

Not knowing what it was”

***“Bem, eu encontrei uma garota, linda e doce
Eu nunca pensei que você era
A pessoa que me esperava
Pois nós éramos apenas crianças
Quando nos apaixonamos
Sem saber o que aquilo significava”***

*“I will not give you up this time
But darling, just kiss me slow
Your heart is all I own
And in your eyes you're holding mine”*

***“Eu não desistirei de você desta vez
Mas querida, me beije devagar
Seu coração é tudo o que eu tenho
E em seus olhos, você guarda os meus”***

*“Baby, I'm dancing in the dark
With you between my arms
Barefoot on the grass
Listening to our favorite song
When you said you looked a mess
I whispered underneath my breath
But you heard it, darling
You look perfect tonight”*

***“Querida, estou dançando no escuro
Com você entre os meus braços
Descalços na grama
Ouvindo nossa música favorita
Quando você disse que estava desarrumada
Eu sussurrei sob minha respiração
Mas você ouviu, querida***

Você está perfeita esta noite”

*“Well I found a woman, stronger
Than anyone I know
She shares my dreams
I hope that someday I'll share her home”*

***“Eu encontrei uma mulher mais forte
Do que qualquer pessoa
Ela compartilha os meus sonhos
Espero um dia compartilhar seu lar”***

*“I found a love, to carry
More than just my secrets
To carry love, to carry
children of our own
We are still kids”*

***“Encontrei um amor, para guardar
Mais do que meus segredos
Para levar amor, carregar
Nossas próprias crianças
Ainda somos crianças”***

*“But we're so in love
Fighting against all odds
“I know we'll be alright this time
Darling, just hold my hand
Be my girl, I'll be your man
I see my future in your eyes”*

***“Mas estamos apaixonados demais
Lutando contra todos os obstáculos
Sei que ficaremos bem desta vez
Querida, segure minha mão***

***Seja a minha garota, serei seu homem
Eu vejo meu futuro em seus olhos”***

*“Baby, I'm dancing in the dark
With you between my arms
Barefoot on the grass
Listening to our favorite song
I have faith in what I see
Now I know I have met an angel in person
And she looks perfect, I don't deserve this
You look perfect tonight”*

***“Querida, estou dançando no escuro
Com você entre os meus braços
Descalços na grama
Ouvindo nossa música favorita
Eu tenho fé no que vejo
Agora eu sei, conheci um anjo em pessoa
E ela é perfeita, eu não mereço isso
Você está perfeita esta noite”***

Quando a música termina e eu paro de cantar, percebo que nós dois estamos chorando, sei que não é um choro de tristeza, mas também não é de alegria; é um choro de incerteza. Um talvez paira sobre nós, e isso nos conforta na mesma medida que nos desola.

— Eu te amo, Lara — falo, limpando as lágrimas que saem dos seus olhos e, em seguida, depositando um beijo carinhoso no local. Ela não retribui, sequer me responde; sei que ela está tentando se proteger, mas ela não entende que não precisará mais de proteção: eu estou aqui, inteiro, entregue à ela. Basta que ela queira enxergar que o que digo, que o que sinto, é real, e será eterno.

Eu entrego a ela uma taça de vinho; como um cavalheiro puxo a cadeira para que ela se sente, ela está muda, e isso está me incomodando muito, mas eu sei que ela está insegura e que tem razão para isso. Quando me sento à sua frente seguro sua mão sobre a mesa, fazendo carinho com o polegar em sua palma levemente suada.

— Fala alguma coisa, Lara, por favor. — Peço, finalmente.

— Eu não sei o que dizer, Enrico, não sei o que pensar — ela suspira. — Por muito tempo eu quis, eu desejei viver isso com você, mas você me destruiu, pisou nos meus sentimentos, e eu não vou me permitir sofrer novamente. Eu lutei muito para te esquecer, esquecer o que vivemos, e agora você está aqui, me rondando, me perseguindo, mandando declarações e fazendo surpresas, e eu sinceramente não sei o que pensar. — Desabafa.

— Não pensa, meu amor, vamos viver, eu te prometo que valerá a pena, Lara, eu farei valer a pena.

— Meu Deus, eu me pergunto o porquê de estarmos insistindo nisso, se eu sei que no final nós dois sairemos machucados, e eu já passei por isso uma vez, não quero sofrer novamente.

— Dessa vez será diferente, meu amor, eu não estou dizendo que jamais errarei, porque sei que seria uma grande mentira, eu sou humano. Sei que cometi erros, e esses, eu te prometo, que jamais cometerei novamente; quanto as demais dificuldades de um relacionamento, nós aprenderemos a lidar aos poucos, eu estarei ao seu lado.

— Eu não consigo, Enrico.

— Deixa que o nosso amor fale mais alto, Lara, precisamos estar juntos, precisamos viver tudo o que você sonhou um dia. Vamos construir juntos o nosso futuro, me dá uma chance de te mostrar que vai valer a pena.

Ela não me responde, permanece em silêncio. Imagino que o conflito dentro dela esteja intenso demais, mas eu vou conseguir transpor a barreira que ela construiu.

O beijo que demos me deixou claro que sim, ela ainda me ama; Lara colocou nele todo o amor acumulado há tempos, um amor que, ainda que ela não admitisse, ardia como uma chama acesa em seu peito.

Nós nunca estivemos livres, sempre estivemos presos um ao outro.

Seguimos o nosso jantar e eu tentei ao máximo não tocar no assunto “nós”, pois sabia que o clima não seria tão agradável quanto eu queria.

Terminamos de jantar e deixamos os pratos na pia, e eu pego o balde com gelo e vinho e as duas taças e levo para a sala. Lara me acompanha. Coloco tudo sobre a mesinha de centro e não perco mais tempo, abraçando-a por trás, cheirando seus cabelos, mordendo seu pescoço, do jeito que sei que ela gosta, e ela corresponde na mesma medida, expondo todo o desejo que tentava inutilmente mascarar.

As minhas mãos passearam ávidas por seu corpo, reconhecendo,

relembrando o quanto ele responde a mim, ao meu toque; eu mal acreditei que finalmente a tinha em meus braços, e confesso que tive medo de estar sonhando, e, principalmente, que o sonho acabasse. Eu sei, fui um grande *filho da puta* e a fiz sofrer demais, ela não mereceu, e eu não mereço tê-la aqui comigo novamente, mas não abrirei mão do meu amor, do nosso amor.

Aos poucos, o que era calmo e exploratório tornou-se intenso e desesperado, queríamos apagar o fogo que ardia entre nós. Não tive paciência de desabotoar o seu vestido, e estourei os botões com um puxão brusco, ansiando pela visão do seu corpo. Lara gemeu, entregue, quando minha boca, explorou o seu pescoço nu, alternando entre mordidas, lambidas e chupões. Ela tirou minha camisa e nossos corpos se colaram, transmitindo um para o outro a paixão e o desejo que nos consumia.

Lara segurou meu pescoço, puxando-me mais em sua direção; dávamos o máximo de nós naquele beijo intenso e desesperado.

Felizmente, nesse momento sequer lembramos do passado, do afastamento, do sofrimento, não havia mágoa entre nós; a paixão, o desejo, o carinho, o amor que sentíamos um pelo outro eram os únicos sentimentos percebidos. Finalmente estávamos vivendo o que, por muito tempo, eu sonhei, e é imensurável o prazer de tê-la novamente aqui, entregue, tão minha.

Deito-a no sofá e começo a beijar o seu pescoço, descendo para os seios, louco para senti-lo entre meus lábios.

— Ah, Enrico... — Lara geme, quando eu aperto os bicos rosados entre os dedos; estou quase gozando nas calças apenas por esse contato, mas também estou a tanto tempo sem sexo esperando por Lara, que praticamente me tornei um celibatário.

— Que *merda*, Lara! Dessa vez será rápido, eu preciso entrar em você agora, mas prometo que te recompensarei.

— Eu também quero agora, Enrico, por favor. — Gemeu em resposta.

Desci a boca, beijando lentamente sua barriga até chegar na pequena e transparente calcinha preta que ela usava. Abri suas pernas e cheirei toda a sua boceta, que já minava lubrificação, deixando-a inacreditavelmente molhada. Lara ainda correspondia aos meus toques com a mesma intensidade de antes.

Retiro sua calcinha e volto para a sua boca; Lara geme desesperada em meus lábios. Coloco as mãos entre suas coxas, e passeio os dedos por sua fenda lubrificada.

Lara leva as mãos a minha calça, apertando o meu pau por cima dela, e em seguida desabotoando-a; fico em pé para que ela termine de retirar a calça, e ela

sorri quando percebe que não uso cueca.

— Gostou? — Pergunto, sorrindo para ela.

— Amei, Enrico. — Ela responde, com a voz cheia de desejo. — Eu quero te sentir na minha boca, mas agora preciso de você dentro de mim.

— Eu também, minha pequena, eu também — falo, já me debruçando sobre ela. Nossos sexos se alinham como um imã; Lara se abre inteira, e eu sinto a cabeça do meu pau exatamente na entrada do lugar que eu desejei estar durante todos esses anos. Beijo-a com desejo, e afasto nossas bocas apenas para olhá-la nos olhos, porque eu quero eternizar esse momento em nossas mentes, quero gravar suas reações enquanto a penetro, gravando-me nela, e marcando-a em mim.

Quando bato fundo em sua boceta gostosa, sentindo-a me apertar inteiro, solto um urro animalesco; acho que estava preso na garganta desde a última vez que a tive sob meu domínio. Lara geme em resposta.

— Ah, gostosa, como eu senti falta disso, dessa sua boceta apertada — falo, ainda olhando-a nos olhos, mantendo-me imóvel dentro dela.

— Me *fode*, Enrico, por favor, eu preciso gozar agora.

— Ah, meu amor, acho que você esqueceu como somos juntos, não é minha *putinha*? Dessa vez vou atender o seu pedido, mas depois será do meu jeito, e você vai ficar quietinha, como a boa menina que é, para que eu me farte nesse seu corpo gostoso.

— Ah, merda... — Ela suspira, quando começo a estocar lentamente, mas não demoro muito nesse ritmo; eu estou tão enlouquecido e desesperado para gozar quanto Lara, e logo estou batendo fundo e rápido dentro dela.

Por mais que quiséssemos nos controlar, foi impossível: gozamos juntos, feito loucos, foi o sexo mais rápido que fizemos.

Colo nossas testas, controlando a respiração. Ainda sem sair de dentro dela, nos levanto e sigo para o seu quarto, levando-a para o banheiro. Lara se mantém grudada a mim, ainda tentando controlar a respiração.

Lentamente saio de dentro dela e a coloco em pé.

— *Putá merda!* Adoro ver o meu gozo escorrer de você, Lara, você é a única mulher que me teve assim, sem proteção, e eu amo te ver marcada, tão minha. — Falo, ajoelhado aos seus pés, vendo-me escorrer de dentro dela.

— Awnn, Enrico, eu quero mais, eu preciso de mais... — Pede, quando sente meus dedos passearem por seus lábios e por seu clitóris durinho de tesão.

— Vou te dar, minha pequena, mas dessa vez será do meu jeito, ou melhor, do nosso jeito.



Ele é o melhor

Terminamos o banho juntos. Enrico manteve as mãos o tempo inteiro sobre o meu corpo, me mantendo acesa; passeou a boca por cada parte de mim, chupou meus seios com tanta ânsia que eu sabia que ficariam marcas ali, mas eu não me importei, não agora, quando me entreguei ao desejo que ardia dentro de mim.

Enrolados em toalhas seguimos para o quarto, Enrico sentou na minha cama, o corpo parcialmente molhado, os cabelos desalinhados e o desejo estampado na face; tive vontade de montar sobre ele, e fazê-lo realizar todos os meus mais insanos desejos, mas me controlei. Ele parecia hipnotizando, olhando-me, e eu acredito que não estava diferente, eu mal acreditava que era ele, que éramos nós novamente.

Fui a penteadeira e virei de costas para ele, peguei uma escova e lentamente desembaracei os cabelos, aguardando, porque eu já imaginava o que viria a seguir. Senti quando ele se levantou, e acompanhei os seus movimentos pelo espelho, nossos olhos se cruzaram, um sustentando o olhar do outro, refletindo o desejo e a luxúria que nos envolvia no momento.

— Agora vamos com calma, minha pequena. — Enrico falou, quando se aproximou de mim, afastando os cabelos, beijando e mordendo meu pescoço. — Quero explorar cada pedacinho do seu corpo, só assim conseguirei diminuir a saudade que me consumiu todos esses anos longe de você.

Enrico me deixou ali, excitada, arrepiada, e desejosa, voltou para a cama e sentou-se calmamente.

— Vem aqui, Lara. — Chamou, e eu lentamente fui em sua direção. Nós éramos assim: fora do quarto, eu o desafiava, mas aqui não; aqui ele comandava, me envolvia e me tinha como quisesse. — Tira essa toalha, quero ver o seu corpo, quero admirar e matar a saudade com os olhos do que terei em minha

boca. — Fala, e eu solto involuntariamente um gemido, em seguida faço o que ele pediu.

Enrico se levanta como um predador prestes a devorar sua presa, anda em círculos em volta de mim, admirando-me como falou que faria; meu coração bate tão acelerado dentro do peito que posso ouvi-lo.

Ele puxa um pufe branco e posiciona de frente para onde ele estava sentado, e volta para o mesmo local de antes.

— Sente-se aqui, *Pequena*, sente-se e abra as pernas, quero ver sua *boceta* gostosa. — Manda, e eu faço, perdida de prazer, dominada pelo homem que me fascinou desde a primeira vez.

Enrico me moldou ao seu bel prazer, eu sou irrevogavelmente sua, o meu corpo corresponde aos seus comandos numa intensidade que eu sou incapaz de controlar.

— Se toque, Lara. — Abaixo os olhos para o meu sexo e o toco, sinto minha lubrificação molhar os dedos. — Olhe para mim, Lara, quero que olhe para mim enquanto se toca. — Continuo obedecendo aos seus comandos, a sua voz rouca. O fio de controle que ele luta para manter está acabando comigo, eu estou prestes a gozar, é incontrolável a força que ele exerce sobre mim quando estamos entre quatro paredes.

— Enrico... — Gemo seu nome, perdida de prazer.

— Pare! — Ele ordena, e eu o obedeco, quase chorando de frustração. — Vem aqui, meu amor, me dá esses dedinhos com esse sabor gostoso, eu quero sentir o teu gosto em minha boca.

Caminhei até ele e parei em sua frente, oferecendo para ele a minha mão, os dedos que me tocavam. Ele a segurou, cheirou e lambeu, fechando os olhos, dominado pelo prazer.

Recobrando o controle, Enrico me deitou lentamente sobre a cama, explorando o meu corpo com as mãos. Os olhos presos aos meus me hipnotizavam. Desceu sua boca até a minha e beijou com sofreguidão, ânsia, desejo, luxúria, tudo misturado, levando-nos a um prazer indescritível apenas com as bocas unidas.

Suas mãos seguiram para o meu pescoço e fizeram uma leve pressão ali, em seguida desceram para os meus seios, gemidos escaparam involuntariamente da minha boca, e ele parecia estar satisfeito com a minha entrega. Seu toque era firme, intenso, mas ainda assim, cuidadoso e carinhoso.

Lentamente ele me possuía, me moldava para o seu prazer, ou melhor, para o nosso prazer, porque se Enrico tinha uma imensa qualidade na cama era a de se

preocupar mais com o meu prazer do que com o dele; é lógico que eu sabia que o seu era consequência do meu, mas ele só ficava plenamente satisfeito, se me satisfizesse primeiro.

Sua boca desceu para os meus seios e suas mãos acariciaram minha cintura até chegar a minha bunda e apertá-la firmemente. O seu corpo quente pairava sobre o meu. Sem desviar a boca dos meus seios ele colou os nossos sexos, pude sentir o quanto ele estava duro, pronto para mim, mas eu sabia que ele adiaria o que eu tanto queria naquele momento, que era tê-lo dentro de mim.

Senti um tapa forte, firme e gostoso estalar em minha bunda, e soltei um grito de prazer. Sim, Enrico sabia exatamente quando, como e quais botões acionar para me deixar louca, delirando de prazer.

— Abra as pernas para mim, Lara. — Obedeci de imediato, sentindo sua boca em seguida tocar em toda minha extensão.

— Awnn, gostoso... — Gemi, e ele continuou chupando firme, circulando o meu clitóris com a língua, mordendo levemente meu ponto de prazer, que já estava pulsando feito louco.

Senti um dedo me invadir e um gemido sair da garganta dele.

— *Putá merda*, Lara, você está escaldante! — Gemeu, rouco. — Sua *bocetinha* está pulsando em meus dedos, amor. — Falou, sem se afastar de mim. Sua respiração resvalava em meu sexo, me enlouquecendo de prazer. — *Tá querendo gozar, gostosa?* — Eu já estava à beira do precipício, e quando senti um tapa em meu clitóris me derreti em gozo.

Enrico voltou a boca para o meu sexo, sugando, bebendo todo o líquido que escorria descontroladamente de mim, enquanto meu corpo se contorcia em espasmos. Me senti tremer inteira, como se um terremoto estivesse acontecendo dentro de mim. Apenas quando eu parei de tremer, ele se afastou da minha e colou nossos lábios, me fazendo sentir o meu gosto impregnado nele.

— Estava com saudade desse seu gosto delicioso, minha *putinha*. — Enrico falou, quando afastamos nossas bocas. Ele era assim, um misto de cafajeste com carinhoso, e eu amo isso, ah, como eu amo.

— Eu quero te sentir — pedi, e ele se colocou ajoelhado ao meu lado. Segurei o seu membro com firmeza, olhei-o nos olhos, passei a língua na glande, inchada e rosada, e masturbei-o lentamente, enquanto deslizava os lábios até onde conseguia. Enrico enrolou as mãos em meus cabelos e gemeu. Eu não desviei os olhos dos dele, eu sabia que era assim que ele gostava, e eu também, era como se, naquele momento, eu o dominasse com as mãos e os lábios. Suguei a cabeça com força e lambi toda sua extensão até o testículos, voltando a fazer o mesmo processo até tê-lo inteiro em meus lábios novamente.

Depois de um tempo masturbando-o e chupando-o, perdida em meu próprio prazer e nos gemidos e palavras que escapavam dos lábios de Enrico, ele puxou bruscamente meus cabelos, me afastando do meu objeto de desejo e prazer.

— Calma, minha *putinha*, vem cá, eu não quero gozar em sua boca, quero *foder* essa boceta até que ela fique toda assadinha, e nunca mais esqueça a quem pertence. — Termina de falar deitando novamente sobre mim, e beijando meus lábios com sofreguidão.

— Me toma, Enrico, me faz sua. — Peço, e ele me atende. Senti ele me invadindo em uma estocada intensa e profunda, e grunhimos juntos. Enrico esperou um tempo para que eu me acostumasse e em seguida começou a penetrar lentamente. Aos poucos ele foi aumentando a intensidade, e logo ele me dominava com estocadas rápidas e profundas, que reviravam não apenas os meus olhos, mas todo o meu ser.

— De quatro, meu amor. — Enrico mandou, saindo bruscamente de dentro de mim. Eu sabia que ele estava querendo gozar, já o conhecia demais para notar os sinais. Obedeci, colando o meu rosto na cama e me empinando para ele. Senti um tapa forte na lateral da minha coxa, seguido de outro na bunda, e gritei de prazer. — Gostosa! — Enrico falou, e voltou a me penetrar por trás. — Empina esse rabo para mim, minha *putinha*. — Mandou, e eu gemi deliciada com as estocadas tão profundas que pareciam que iam me partir ao meio.

— Eu vou gozar, Enrico — gritei, e ele intensificou o ritmo.

— Goza, minha cachorra, goza no pau do seu homem! — Pressionou meu clitóris com os dedos, e eu gozei alucinadamente, levando-o comigo.

Durante toda a madrugada foi assim, transamos tantas vezes que mal fui capaz de contar. Com certeza ele havia cumprido o que prometeu, e amanhã eu estaria tão assada que seria incapaz de esquecer a noite insana de sexo que tivemos.

Eu aproveitei demais; não posso negar o quanto ele foi maravilhoso para mim nesta noite, mas isso não pode mais acontecer.

Saio do banheiro exausta, e noto que ele está quase adormecendo. Vou até a sala, pego suas roupas e volto para o quarto, aproximando-me dele.

— Obrigada pela noite maravilhosa, Enrico, mas agora já pode ir. — Falo, e ele arregala os olhos, sem acreditar no que ouviu.

— Mas que *porra*...

— Shiii... — Coloco o dedo nos seus lábios para silenciá-lo. — Foi uma delícia, Enrico, mas foi só sexo, e apenas essa vez.

— Ah, então agora eu me tornei um “*garoto de programa*” que você usa e

descarta quando está satisfeita? — Pergunta, irritado.

— Não pensei nestes termos, mas não é uma má ideia. — Coloco o dedo no rosto e olho para cima, como se pensasse na hipótese. — Você só precisa me dizer se eu pago no crédito, débito, ou transfiro o valor para a sua conta. — Provoco, e ele resmunga enquanto já começa a se vestir.

— Depois reclama quando eu a chamo de Elvira. — Fala, quando abro a porta para que ele saia do meu apartamento, bufando de ódio.

Vejo quando coloca a chave na sua porta e a abre, e resolvo provocar mais um pouco:

— Não esquece de mandar a conta, prometo que darei uma boa *gorjeta*. — Ele não responde, sequer me olha novamente. Bate a porta tão alto que eu acredito que tenha acordado todo o prédio.

Entro sorrindo em meu quarto, o seu cheiro está grudado aqui, em cada cantinho.

Sorrindo feito uma boba apaixonada, me enrosco nos lençóis e adormeço, mais feliz do que estive em todos esses anos.

Capítulo 15

Enrico



Dois meses depois A perseguição continua...

— Um *stalker*! Eu me tornei a *porra* de um *stalker*! — Falo em voz alta, enquanto esmurro o volante do carro.

Desde quando a convenci a se entregar novamente para mim, Lara me tem como um brinquedo em suas mãos. Sim, nós continuamos a nos encontrar furtivamente, ela insiste em dizer que não é nada sério, que, assim como era para mim antigamente, é apenas sexo e desejo para ela hoje. Traduzindo: o feitiço virou contra o feiticeiro. Essa frase nunca me pareceu tão real.

Enquanto eu me esforço para mantê-la por perto, para fazê-la se entregar a mim, Lara me mantém a um braço de distância, e eu, sinceramente, estou vendo minhas forças minarem aos poucos. Mas eu não posso desistir, não agora que a tenho, ainda que parcialmente, na minha vida.

Lara tem me provocado tanto, que eu tenho estado o tempo inteiro rondando-a; quando não estou trabalhando, eu a estou “perseguido”. Tomei a decisão de me dedicar única e exclusivamente para reconquistá-la quando senti que a estava perdendo, mas por diversas vezes eu me pergunto se isso será possível algum dia. Eu sabia que a tinha machucado, mas não fazia ideia que as feridas que causei fossem tão profundas assim.

Patrício, o ex-noivo, graças a Deus não a procurou mais. Acredito que o relacionamento dos dois era apenas uma fachada; eu, mesmo não estando oficialmente com Lara, a encontro mais vezes do que ele quando estavam noivos, mas, como nem tudo são flores, quando um problema se vai, outro instantaneamente surge, e o meu problema atual tem nome, sobrenome, e está rondando minha mulher feito mosca, doida *pra* pousar na sopa.

É por isso que estou aqui hoje, na porta do fórum onde o *verme* Gustavo Duarte atua como juiz criminal. Lara tinha audiência com ele hoje, e sei que ele sempre fica todo cheio de galanteios para cima da minha mulher.

Uma vez vi que ele havia mandado mensagem para ela pelo aplicativo, morri de vontade de ler do que se tratava, mas é claro que não iria invadir a sua privacidade. Porém, a última mensagem que piscou na tela foi impossível não prestar atenção: era uma sequência de *emojis*, piscando, soltando beijo e um último envolto em corações; o sangue me subiu aos olhos e eu fiquei com vontade de matar o filho da mãe por, sequer, insinuar alguma coisa com Lara, mas me controlei, e desde então tenho estado atento a ele, como um cão farejador treinado. Sei que não posso proibi-la de nada, afinal, ela faz questão de deixar claro que não temos um *relacionamento*, e sim uma amizade com benefícios.

Amigo com benefício é o *caralho*! Ela é *minha* mulher sim, e eu não vou deixar ninguém encostar um dedo sequer nela!

Depois de mais de quarenta minutos dentro do carro, vejo Lara sair do fórum junto com *pau de merda*. Lara está com a bolsa no ombro, e ele carrega as coisas dela, todo sorridente, e o pior é que ela está correspondendo os sorrisos dele; não, *caralho*! Esses sorrisos são apenas meus, devem ser dados para mim, e não para qualquer paspalho!

Eles seguem em direção ao estacionamento e acompanho com os olhos, não vejo o carro nem a moto de Lara estacionados, e arregalo os olhos quando vejo que eles estão indo em direção ao carro do *pau de merda*; o *filho da mãe* abre a porta do carro do lado do carona e repousa a mão na cintura dela. Que *merda* é essa que está acontecendo aqui? Ela não vai embora com ele, não se eu puder impedir!

Desço do carro enraivecido com a cena, e a alcanço antes que ela entre no veículo.

— Atrapalho? — Pergunto, tentando controlar minha voz. Lara arregala levemente os olhos, pois não esperava me ver aqui, mas se recompõe rapidamente.

— Enrico? O que faz aqui?

— Vi que saiu sem o carro hoje, *MINHA* linda, e resolvi te buscar. — Falo, tentando deixar claro que ela tem alguém.

— Não precisava, eu posso me virar. — Ela responde, ríspida, porque percebeu minha tentativa de deixar claro que tínhamos algo.

O *pau de merda*, que até então não tinha se manifestado, resolve se

pronunciar.

— Realmente não precisava, eu já havia oferecido carona. Vou levá-la para casa. — Olha só, ele entendeu o recado, e quis me afrontar afirmando que iria levá-la. Isso não vai prestar.

— Oi, eu te conheço? — Pergunto, erguendo a sobrancelha, mas sem estender a mão para cumprimentá-lo,

— Sou Gustavo Duarte, juiz criminal e *amigo* da Lara. — Provoca-me.

— Acho que perguntei apenas o seu nome, e não o cargo que exercia. — Respondo. — E mesmo que não tenha perguntado, vou me apresentar: Enrico Chiarelli, *namorado* da Lara. Infelizmente não posso dizer que foi um prazer conhecê-lo.

— Enrico, por favor. — Lara fala, porque sabe que estou no limite, e quando estou assim, sabe que é quase impossível controlar.

— Obrigado por ter oferecido a *carona*, mas é realmente desnecessário. Eu vou levar *minha* mulher para a *nossa* casa.

Lara revira os olhos, irritada, mas fica entre nós dois, sem saber o que fazer. Ambos cruzamos os braços sobre o peito, esperando uma resposta. Ele é tão alto quanto eu, e bem forte também, e me pego pensando que talvez nós protagonizássemos uma boa briga, só talvez, porque eu ia acabar com ele. com certeza.

— Gustavo, obrigada pela carona, mas o Enrico mora no mesmo prédio que eu, e eu posso ir com ele, assim você não precisa desviar o caminho; fico com o crédito dessa carona para uma próxima vez. — Lara responde, sorrindo, e embora tenha dito que ia comigo, fez questão de esclarecer algumas coisas: primeiro, que nós não moramos juntos, como eu dei a entender, e que nosso relacionamento não é tão sério assim, já que ela poderia pegar “carona” com ele em outro dia.

Quase sorrio de satisfação por, embora ter saído “ferido” da batalha, tê-la vencido, mas quase parto para a briga quando vejo ele se aproximar dela muito mais do que deveria. Ele repousa a mão em sua cintura, e deposita um beijo demorado demais em seu rosto.

Mantenho o cenho fechado, querendo matá-lo.

— Seria um prazer levá-la, Lara, mas esperarei ansioso por uma próxima oportunidade. — Ela sorri de volta para ele.

— É claro, haverá outras oportunidades, Gustavo. — Ela responde, cheia de intimidade e sorrisos. — Vamos, Enrico. — Chama-me em um tom ríspido.

— Claro, vamos. — Tomo as coisas dela das mãos dele, travamos um duelo

silencioso com o olhar, e pôr fim a sigo, como um cachorrinho adestrado pela sua dona.

Veja só que grande *merda* eu me tornei.

Lara entra no carro irritada, eu sei pelo bater da porta e pela forma como a sua respiração está alterada, e por isso mantenho a calma. Coloco suas coisas no banco traseiro e sento em frente ao volante. Antes de colocar o cinto, me viro de frente para ela, que mantém a postura rígida, os braços cruzados sobre o peito, pronta para a briga.

— Lara... — Começo a falar, mas sou interrompido por ela.

— Cala a boca, Enrico, não quero ouvir sua voz. Se você abrir a boca daqui até o prédio, eu desço do carro e chamo um táxi. O que você pensa? Que eu sou um poste e você um cachorro, para “mijar” e marcar território? Não, não responda, eu não quero ouvir sua voz! — Levanto as mãos, me rendendo, porque sei que não irá adiantar falar nada agora.

Fazemos o trajeto em total silêncio, e quando paro no estacionamento, Lara desce apressada do carro, entra no elevador, e mesmo que eu tenha corrido para alcançá-la, as portas se fecham, e ela sobe sozinha, e eu fico ali parado, aguardando o próximo elevador, aguardando que o amor da minha vida se entregue plenamente para mim, e que eu não precise mais mendigar sua atenção.

Enrico



Eu dormi mal *pra caralho*, estou com uma dor de cabeça infernal, mas precisava vir trabalhar. Descanso a cabeça sobre a minha mesa, após tomar um remédio para tentar amenizar a dor infernal que me consome.

— Doutor, a advogada do rapaz que foi preso em flagrante já chegou, quando o senhor quiser podemos iniciar o interrogatório. — Gomes, o escrivão do DPT me avisa pelo telefone.

— Me dá cinco minutos, Gomes, e eu já chamo vocês, vou fazer aqui na minha sala mesmo.

— Tudo bem, estou aguardando.

Vou até o banheiro que fica anexo a minha sala e jogo rapidamente uma água no rosto, tentando me recompor e me concentrar no trabalho que tenho que fazer; em seguida, volto para minha sala, e Jaqueline, a investigadora que mesmo eu tendo dado um baita fora, não cansa de se insinuar para mim, está sentada na frente da minha mesa.

— Nossa, Enrico, você está péssimo. — Fala, assim que retorno ao ambiente. — A falta de sexo está acabando com você — provoca —, porque só pode ser falta de sexo para você estar assim, meu amor, tão destruído.

— Isso eu te garanto que não é, Jaqueline. — Resmungo, irritado. — Posso ajudar em algo? — Pergunto, ríspido. — Porque se não for importante o que você tem para falar, eu preciso trabalhar.

— Nossa, como você está nervosinho, delícia. Juro que sou capaz de tirar toda a sua tensão, com as mãos, com a boca, ou com qualquer outra parte do meu corpo que você desejar. — Fala, tentando me seduzir.

— Obrigado pela disponibilidade, *Jaque*, mas eu passo. Se me der licença, eu preciso trabalhar. — Respondo, indicando que ela saia, porque enquanto falava ela se sentou em minha mesa, debruçando-se em minha direção, mas como *merda* pouca é bobagem na minha vida, Lara abre a porta e me olha, como se quisesse me matar.

— Atrapalho? — Faz a mesma pergunta que eu fiz ontem, quando a vi com o juiz *pau de merda*.

— Não. — Sim. — Eu e Jaqueline respondemos ao mesmo tempo, e Lara ergue as sobrancelhas.

— Acho que havia um aviso na porta de “bata antes de entrar”, você não viu, doutora? — Jaqueline provoca.

— Vi, é claro que vi, mas como se trata da sala do meu namorado, não vejo necessidade de ser anunciada. — Lara retruca. Jaqueline arregala os olhos sem entender, e eu quase sorrio de satisfação.

Isso, meu amor, faça como eu, “mije” no seu poste e marque seu território.

Levanto e vou até Lara, abraçando-a por trás e beijando o seu pescoço. Tudo bem, eu sei que estou me aproveitando da situação porque sei que ela não irá me afastar, pelo menos não até que Jaqueline saia da sala.

— Eu estava dizendo exatamente isso a Jaqueline, meu amor, que agora eu tenho *dona*, que sou exclusivamente seu, e que ela deveria se retirar da minha sala e da minha mesa. — Jaqueline me olha com ódio, e Lara mantém as feições impassíveis; é impossível distinguir qualquer sentimento que passe por sua face.

— Me desculpe, Dr. Enrico, eu não sabia que estava comprometido. — Cospe as palavras, irritada, e passa por nós dois batendo a porta.

— Você é um *cafajeste* mesmo, Enrico! Vive atrás de mim, como um cachorro abandonado, mas continua dando esperança às outras mulheres. — Assim que Jaqueline sai, Lara se afasta de mim.

— Meu amor, eu juro que não estava dando esperanças a ela. Quando você entrou eu tinha acabado de mandar ela sair da minha sala, até estava com a cadeira afastada da mesa para que ela não chegasse perto de mim. Eu só tenho olhos para você, Lara. — Respondo.

— Sei, você finge que é verdade que eu finjo que acredito. Agora chama o seu escrivão e manda trazer o meu cliente, cansei de olhar para essa sua cara cínica. — Resmunga.

Putá merda, eu não sabia que ela era a advogada.

Terminamos o interrogatório, e após Lara falar com o seu cliente, ela segue para o estacionamento, sem sequer se despedir de mim.

Eu guardo minhas pastas e corro para o estacionamento, pois ontem eu lhe dei espaço, mas hoje ela irá me ouvir.

— LARA, ESPERA! — Grito, quando a alcanço no estacionamento.

— Vai à merda, Enrico! — Resmunga.

— Eu até vou, meu amor, mas antes você vai me ouvir.

— Eu não tenho nada para ouvir, seu *idiota*!

— Ficou com ciúmes, minha Elvira?

— Pare de me chamar assim! — Praticamente grita quando eu a alcanço. — E não, eu não fiquei com ciúmes, só quis colocar aquela oferecida no lugar dela.

— Traduzindo, ficou com ciúmes. — Provoco, já a cercando, próximo a parede.

— *Idiota*.

— Agora, doutora Lara, você vai me explicar direitinho o que estava acontecendo ontem entre você e aquele juizinho de *merda*.

— Não tenho que te explicar nada, Enrico, a vida é minha, eu falo, faço, saio, e pego carona com quem eu quiser, entendeu?

Apoio minhas mãos ao lado da sua cabeça, irritado demais; mal consigo controlar os meus instintos assassinos. Eu quero matar aquele verme que ousou dar em cima da minha mulher, mas ela tem razão, Lara é livre, pode fazer o que quiser da sua vida, mas nesse quesito eu tenho déficit de interpretação, e não vou entender isso jamais.

— Você é minha, Lara, *minha* mulher!

— Há, há, há, vai sonhando Chiarelli, vai sonhando.

— Você pode não admitir, Lara, mas é minha desde a primeira vez que minhas mãos te tocaram, que a minha boca te beijou, que eu te amei com a minha alma e com meu pau. — Falo, entredentes.

— Sai, Enrico, chega para lá! E se você me provocar, eu vou sair com o Gustavo esse fim de semana mesmo, porque o convite já foi feito, e estou tentada a aceitar. É bom que você aproveita e sai com a piranha oferecida e me esquece. — Lara retruca. Eu tiro minhas mãos da parede, e ela sorri satisfeita, sabendo que me atingiu em cheio. Viro de costas para recobrar o controle, passo as mãos no cabelo, nervosamente, e, em seguida, volto-me para ela.

— Não me provoca, Lara. — Pressiono ela contra a parede e a beijo, com ânsia e desejo. Ela inicialmente tenta resistir, mas logo vejo sua bolsa cair junto ao seu corpo. Lara se rende ao desejo e ao amor, que eu sei que é tão grande quanto o meu.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, atracados, nos beijando loucamente em pleno estacionamento, até que nos afastamos. Lara sobe em sua moto e se vai, deixando-me parado, perdido, sem saber ao certo que rumo tomar.

Mais tarde, quando chego em meu apartamento, vejo um bilhete jogado por baixo da minha porta. O abro, ansioso pelo que me espera, mas infelizmente não é o que eu desejava ler no momento.

Enrico,

Sei que nossa relação tem sido meio louca e inconstante, não posso negar o quanto você é especial para mim, mas também não posso esquecer tudo o que já me fez passar. Você não imagina o quão difícil tem sido resistir a você, resistir a nós; é lógico que você não me obriga a nada, e tudo o que fazemos é consensual, mas, por favor, me dê um tempo, um tempo para pensar, para digerir as coisas.

O que aconteceu ontem com Gustavo.... Não pense que eu iria me envolver com ele, eu não seria leviana, e caso isso fosse acontecer, eu teria a decência de falar com você primeiro, mesmo que não lhe deva satisfações.

Vamos dar tempo ao tempo, ver como as coisas acontecerão daqui pra frente, ter certeza do que sentimos. Acredito que, se for para ser, será, e o futuro reserva o melhor para nós; juntos ou separados, isso só o tempo dirá.

Mas vamos aguardar um pouco, para que os rancores se calem e não mais nos atormente, e só assim conseguiremos ouvir a voz dos nossos corações.

Com carinho.

Lara

Esmurro a parede com ódio, e vou dormir mais frustrado do que acordei.
Amanhã pensarei no que fazer.

Capítulo 16

Enrico



É impossível resistir a nós

O fim de semana passa como um borrão. Eu e Lara não nos vimos, respeitei o espaço que ela me pediu; se ela precisa disso eu darei, mas confesso que estou me sentindo péssimo.

Sei que ela não saiu de casa, afinal, “dar espaço” não significa descuidar, então estive atento a todos os movimentos que aconteciam no apartamento dela.

Hoje pela manhã eu resolvi sair, fui fazer a única coisa que me acalma um pouco: atirar. Tem um stand de tiro que sempre frequento com Eros, mas dessa vez resolvi ir sozinho, não chamei meu amigo para me acompanhar. Eu precisava pensar, descarregar a raiva que estava sentindo, principalmente de mim mesmo. Tenho consciência do quanto eu errei, de que o único culpado pelo nosso sofrimento sou eu, e por isso tenho que enfrentar isso sozinho, e aprender a lidar com a incerteza do talvez que paira sobre nós.

No fim do dia tomo um banho, pego minhas chaves e sigo para a casa do meu amigo, cansei de ficar sozinho, e confesso que estou me segurando para não atravessar o corredor e bater à porta dela, implorando que me aceite, que se entregue, que me queira como eu a quero. Mas no momento, darei o espaço que ela precisa.

Dirijo até a casa de Eros no automático. A chuva cai espessa no para-brisas, o tempo está tão nublado quanto eu me sinto por dentro. Meus pensamentos estão todos presos a ela, mas eu sei que preciso me distrair, esquecer um pouco. Não irei conversar com Eros sobre eu e Lara, essa é uma pauta proibida entre nós, mas sei que posso contar com ele, no final, mesmo em silêncio, sei que Eros me entende.

Meu amigo está apaixonado, sorrio sozinho, só de imaginar o quão

improvável é essa situação.

É inacreditável como os sentimentos nos pegam de surpresa, ele se apaixonou por uma refém que salvamos. Eros nunca se permitiu se envolver emocionalmente com ninguém, sempre manteve as mulheres perto do seu corpo, mas longe do seu coração. Acho que ele não contava com isso, não de maneira tão abrupta; ele simplesmente não conseguiu se afastar dela. Kananda, é o nome da escolhida.

No dia que ele me pediu que colhesse o seu depoimento no hospital, eu pude perceber os olhares que trocavam. O carinho era palpável entre eles, ainda que não tivesse acontecido nada até aquele momento. Quando Eros me confessou que estava se sentindo envolvido como nunca havia acontecido, eu só pude lhe dar um conselho: Aproveite, e não desperdice a sua chance!

Imagine só a ironia do destino, eu, um *fodido de merda*, que joguei pela janela todas as chances que o amor me deu, que troquei minha felicidade por prazeres momentâneos, só podia aconselhá-lo a viver, a se jogar e não temer, porque a incerteza, a dúvida e o medo da entrega podem custar caro no futuro.

Estaciono meu carro na calçada, cumprimento o porteiro e entro no elevador. Eu tenho as chaves do apartamento dele, assim como ele tem as do meu, por isso sequer preciso ser anunciado; nós somos mais que amigos, somos irmãos.

— Me desculpe, *brow*. — Peço, após abrir a porta do apartamento do meu amigo sem bater e perceber que ele não está sozinho. — Eu não sabia que tinha visita.

— Da próxima vez vê se bate na porta, não quero seus olhos sobre minha mulher em um momento constrangedor. — Eros fala, irritado.

— Hummm, sua mulher é? — Provoco, porque nunca vi meu amigo desta forma.

— Eh... Oi, tudo bem? — Kananda estende a mão em minha direção, um pouco constrangida com a situação.

— Sim, minha mulher. — Eros responde a minha pergunta, e eu confesso que estou surpreso com sua resposta tão cheia de certeza.

— Prazer em vê-la novamente. Enrico. — Deposito um beijo no dorso da mão de Kananda para provocar meu amigo. — Sou o delegado que colheu seu depoimento, acho que você lembra — pisco para ela —, mas agora estou me apresentando formalmente para a *mulher* do meu amigo.

— É um prazer. — Kananda responde. — Vou deixar vocês a sós, não quero atrapalhar.

— Pode ficar, *Nanda*. — Afirmo, chamando-a pelo apelido, com uma intimidade que ainda não temos, mas não vou perder a chance de provocar Eros. — Não tem problema não, eu vim para chamar o Eros para tomar um chopp e comer alguma coisa, mas podemos ficar por aqui mesmo. — Provoco meu amigo, porque sei que ele quer ficar a sós com ela, mas também, e principalmente, porque eu não consigo ficar sozinho, pelo menos não agora.

— Mas é folgado mesmo. — Eros resmunga, enquanto dá um tapa no meu pé, que já descansava sobre a mesinha de centro da sala.

— Então, qual seria a programação do casal para essa noite? — Provoco, enquanto ergo uma sobrancelha para Eros. — Espero não estar atrapalhando os planos de vocês. — Completo, quando quase posso ouvir um sonoro *FODER* sair da boca do meu amigo.

— Não se preocupe. — Kananda responde — Não íamos fazer nada demais.

— Imagino. — Sorrio.

— Chega, Enrico, você a está constrangendo de propósito. Deixe de ser tão *filho da puta*. — Eros reclama, puxando Kananda para mais perto de si. — Já que está aqui, e como te conheço bem, sei que nem que eu o coloque para fora você irá, então vá até a geladeira e pegue uma cerveja para a gente.

Levanto, e faço o que meu amigo disse, porque é o que eu mais quero no momento, cerveja gelada e boas companhias.

— Ainda bem que você me conhece, amigo. — Respondo, indo em direção à cozinha. — Quer uma também, Kananda? — Pergunto.

— Sim, por favor. — Ela responde, e eu sigo para pegar as cervejas.

Quando retorno para a sala, praticamente paraliso, Lara está ali, abraçando seu irmão, e eu mal posso acreditar, eu saí para fugir dela e ela me persegue, assim fica difícil resistir.

Lara



O meu fim de semana foi uma grande *merda*. Me mantive presa em casa, na tentativa de não encontrar com Enrico.

Confesso que fiquei morrendo de ciúmes quando vi a oferecida jogada sobre a mesa dele. Não deixei de perceber que ele havia afastado a cadeira para que a aproximação não fosse tanta quanto ela queria, mas quem liga? Se ela estava ali, é porque ele em algum momento deu espaço para isso.

Não resisti, e fiz exatamente o que ele havia feito no dia anterior com Gustavo, “marquei território”; se ele estava me perseguindo feito um louco, me dava o direito de atrapalhar os seus possíveis “esquemas”.

Ela ficou com tanto ódio que, por pouco, não sacou sua arma e atirou em minha direção. Quase sorri ao perceber que ela não esperava que ele confessasse que tinha uma *dona*; só rindo mesmo. O *cafajeste* do Enrico se declarando em público! Mas assim que ela saiu eu tratei de me afastar, eu ainda estava irritada demais com o que tinha visto.

Aquele beijo no estacionamento, as cobranças silenciosas que fazíamos um ao outro, nada disso estava me fazendo bem, então resolvi quando cheguei em casa pedir que ele me desse espaço, que me desse um tempo para pensar.

Eu sabia que ele faria, é lógico que sim, Enrico sempre me respeitou. Mas eu senti sua presença a todo instante; senti o seu cheiro nos corredores e até na minha casa. Me perguntei por diversas vezes porque é tão difícil me manter longe dele, longe do que sinto; a minha razão e o coração travam uma batalha constante, e eu não faço ideia de quem ganhará.

Cansada de ouvir músicas e assistir filmes, resolvi visitar Eros. Falei rapidamente com meu irmão durante a semana, e ele me contou que estava gostando de uma pessoa que estava se mostrando muito especial, e torci para que ele fosse feliz, para que ela fosse alguém que o merecesse, que não o fizesse sofrer, porque eu já sofria o suficiente por nós dois.

Resolvi vir de *Uber*, porque o meu carro está na oficina e está chovendo muito. Enquanto espero na portaria, pergunto por Enrico ao porteiro, que me informa que saiu há algum tempo. Imagino que tenha ido atrás de algum “rabo de saia”; fico irritada só de imaginar, mas me controlo, afinal, fui eu que pedi que ele se afastasse de mim.

O trânsito está lento, acredito que por conta da chuva, mas assim que chego ao prédio de Eros, vejo o carro dele estacionado, e um misto de emoções passa por meu peito, e meu coração involuntariamente acelera. Primeiro vem uma alegria por saber que ele está aqui, e não com outra mulher, e segundo, por perceber que até quando fugimos um do outro nos encontramos; parece que uma

força da natureza nos atrai.

— Oi, meu amor. — Eros se levanta e me cumprimenta, e percebo que ele não está sozinho.

— Oi, gato. — Falo. — Vejo que tem companhia, porque não me apresenta a essa bela mulher? — Sugiro que ele me apresente a ela, pois percebi que ficou um pouco constrangida com minha presença e com a intimidade entre nós.

— Chegou quem não devia, acabou minha alegria. — Enrico fala ao me ver na sala. Olho de soslaio, e é impossível não admirar sua beleza.

Ele se aproxima, trazendo algumas cervejas nas mãos.

— Não acredito que até aqui você me persegue, Enrico! — Finjo que não sabia que ele estava aqui.

— Perseguido? Eu? — Ele retruca. — Eu cheguei aqui primeiro, Elvira. Você quem me seguiu.

— Êpa, vamos parar com as farpas, vocês dois? Finjam que são educados pelo menos na frente da visita. — Antes que eu responda, Eros nos corta. — Kananda, essa é minha irmã. — Ele finalmente me apresenta a ela.

— É um prazer. — Ela fala, e não sei por quê, mas gosto dela de cara, e puxo-a para um abraço.

— O prazer é todo meu. Nossa, você é realmente linda. — Elogio.

— Obrigada, Elvi... — Ela começa a me chamar pelo apelido ridículo que Enrico me deu, e eu a corto, irritada.

— Lara, Kananda. Meu nome é Lara. Não dê ouvidos ao que esse *idiota* fala. — Resmungo, e Enrico mantém um sorriso provocador nos lábios.

— Desculpe, é que Eros não disse o seu nome, só ouvi o nome que ele falou. — Kananda se justifica, e eu garanto que não tem problemas.

— Não tem problema, princesa. — Eros explica, para que ela entenda. — É que Enrico chama Lara de Elvira por causa daquele filme “Elvira: a rainha das trevas”, e ela não gosta muito do apelido que ele deu.

— É que Enrico tem o dom de ser *idiota*, Kananda, e faz de tudo para me irritar. É uma pena que você tenha tido o desprazer de conhecê-lo tão rápido. — Completo. — Vai lá, Enrico, faça alguma coisa que preste e pegue uma cerveja para mim também.

— Você está de moto, Elvira? — Enrico pergunta.

— Por que, chatinho? Está *preocupadinho* comigo? — Pergunto, com ironia.

— Não por você, Elvira, mas por sua família, que não merece sofrer por sua

imprudência. — Ele retruca.

— Não, eu vim de *Uber*. Não estava em casa, na verdade. — Provoco, e ele segue para a cozinha, irritado com minha resposta. Deve estar tentando imaginar onde eu estava, *tolinho*, mal sabe que passei o fim de semana inteiro enterrada em meu quarto.

— Lara, você sabe que ele tem razão. Às vezes você é imprudente. — Eros me repreende.

— Ah, Eros, pelo amor de Deus! Não entra na pilha do Enrico. Sei que ele fica fazendo fofoca de mim para você o tempo inteiro, é pior do que vizinha do interior; não tem o que fazer e fica cuidando da minha vida. — Respondo irritada.

— Não é isso, Lara. Ele se preocupa com você, apenas isso, e se quer que eu seja sincero, você é uma pauta proibida entre nós. — Eros tenta apaziguar a situação. — E no fim das contas, vocês dois são cabeça dura, não querem enxergar o que está claro diante de vocês. — Eros finaliza a conversa assim que Enrico retorna com minha cerveja nas mãos.

Nós conversamos por um longo tempo, e é impressionante como nos demos bem, os quatro.

Gostei muito de Kananda, ela é divertida, e parece ser muito especial. Acho que meu irmão deu sorte, encontrou alguém que valesse a pena; espero que ele valorize isso e não faça como seu amigo.

Depois de um tempo, ela me chama para acompanhá-la até a cozinha. Eros, insiste em nos provocar, contando a Kananda que somos vizinhos, e nós dois ficamos irritados, porque o clima entre nós dois ultimamente não está nada legal.

Enquanto organiza as coisas, Kananda me conta sobre como conheceu meu irmão, eu já sabia que ela havia sido feita de refém, mas ouvir da sua boca e com todos os detalhes, me fez acreditar que era para ser, que eles estavam predestinados a se encontrarem naquele momento.

Kananda tem uma forma diferente de olhar às pessoas, ela parece enxergar além da casca, como se visse até a alma, e em determinado momento ela me diz algo que me faz refletir, pensar se vale a pena resistir tanto ao homem que eu amo, porque, ainda que eu não possa admitir em voz alta, eu amo aquele *cafajeste*. Ela disse assim: “Lara, se me permite te falar uma coisa, na verdade te dar um conselho: nós não podemos esperar nos envolver com alguém perfeito, porque a perfeição não existe. O príncipe encantado com o qual sonhamos, infelizmente é irreal, e não passam de sonhos. Todos temos defeitos e qualidades, e acredito que tenhamos que buscar enxergar mais as qualidades do que exaltar os defeitos. Isso não quer dizer que devemos fechar os olhos para as

falhas, mas, se possível, aprender a lidar com elas da melhor maneira. O importante é encontrarmos e estarmos com alguém que nos permita ser o melhor que podemos. ”.

Gravarei essa mensagem para sempre, tenho certeza disso, e vou tentar refletir e ponderar se vale a pena tentar. Mesmo sem querer, Kananda me chacoalhou, me fez perceber que eu estava sendo infeliz por não querer ser feliz; é uma opção minha, apenas minha, eu só tenho que aprender a lidar com isso tudo.

Voltamos para a sala e os dois estão gargalhando, e é tão bom vê-los assim. O sorriso de Enrico me completa, essa felicidade que transborda dele é contagiante.

Kananda se senta ao lado de Eros e Enrico me puxa para perto de si; penso em resistir mais acabo cedendo. Por mais que eu tentasse parecer normal, por dentro, um furacão acabava com tudo. Se por um lado eu queria me entregar, por outro, eu não conseguia permitir.

Passei o restante da noite tentando participar das conversas, interagir com eles, mas minha mente divagava.

Quando resolvi ir embora, Enrico me ofereceu carona. Tudo o que eu menos precisava no momento era estar com ele a sós, mas após todos os argumentos dos dois me vi cedendo; honestamente, eu não estava com forças para resistir, então nos despedimos e fomos embora.

Capítulo 17

Enrico



A sua presença me desestabiliza

Na portaria de Eros, retiro o meu casaco e coloco sobre a cabeça de Lara, para que ela não se molhe no trajeto até o carro. Assim que chegamos ao veículo, um silêncio constrangedor preenche o ambiente; eu não sei como agir, e acredito que ela também não. Estamos, pela primeira vez, nos sentindo como dois estranhos.

Dou partida no veículo e seguimos em direção ao nosso prédio. Meu celular toca vejo que é Pietro, e ativo o *Bluetooth* do som do veículo, fazendo a voz do meu amigo ecoar.

— *Fala, filho da puta.*

— Pietro, maneira no palavreado, estou com a Lara, minha mulher não tem que ouvir essas *merdas*. — Lara faz cara feia quando a chamo de *minha mulher*, mas eu não me importo. — Prossiga.

— *Deixa de ser pau no cu, Enrico. Lara, minha linda, que saudade. Como você está?* — O filho da mãe me provoca.

— Oi, Pietro, estou com saudades também, nunca mais nos vimos. Estou bem, e você?

— *Estou bem também, mas acredito que você estaria melhor em minha companhia do que com o paspalho aí.* — Pietro fala, e Lara sorri.

— Pietro — rosno — fala logo o que você quer, *porra*.

— *Ia te chamar para dar um pulinho no pub de sempre, mas como está acompanhado, fica para uma próxima.*

— Tudo bem, nós marca... — Antes que eu termine, Lara me interrompe.

— Se o convite se estender a mim, ficaria feliz em acompanhá-lo.

— Claro, *Larinha*, venha, estou ansioso para te ver. — O filho da mãe provoca ainda mais.

— Que *merda*, Pietro, para de azarar minha mulher, *porra*! — Respondo, com raiva.

— *Tchau, Enrico, espero vocês*. — O filho da mãe desliga o telefone, sem me deixar responder.

— Enrico, eu não sou *sua mulher*, pare com essa mania ridícula de ficar dizendo isso o tempo inteiro! — Lara reclama.

— Você é, meu amor. Sempre foi, e sempre será. — Retruco, e ela revira os olhos.

Seguimos em silêncio para o local combinado com Pietro.

Meu amigo está acompanhado de uma loira linda; acalmem-se, não estou a desejando. Mas o fato de amar Lara não me deixou cego, oras, estou apenas admirando sua beleza, mas o meu corpo e coração são todo da Lara.

— Lara, minha linda. — Pietro a cumprimenta com um abraço mais demorado que o necessário, então logo me precipito a afastá-los.

— Oi, Pietro, senti sua falta. — Ela responde.

— Fala, *brow*! — Estendo a mão, e quando ele a pega no ar aperto mais que o necessário, estreitando os olhos para ele que entende a mensagem de “*fique longe da minha mulher*”.

— *Putá que pariu*, Enrico, da próxima vez só te cumprimento com uma luva de ferro. — Resmungo, e eu sorrio. — Essa é a Júlia. — Nos apresenta a moça que o acompanha. — Ela é minha sócia na boate nova.

Cumprimentamos a moça e nos sentamos à mesa.

— E então, o que uma mulher tão linda faz na companhia desse *paspalho*? — Pergunto. Pietro fecha o cenho em minha direção, Lara estreita os olhos, e a tal Júlia sorri com o comentário.

Noto que existe um clima rolando entre eles, mas não faço nenhum comentário nesse sentido. Antes que meu amigo responda, ela se adianta:

— Negócios; viemos conversar sobre a nossa sociedade e a possibilidade de ampliarmos nossa parceria.

— Ah, bem que eu vi, esse cara só fala de trabalho, deve ter anos que não sai com uma mulher.

— Enrico, deixe de ser *babaca*, nem todos os homens são *cafajestes* como você. — Lara repreende.

— Tudo bem. — Júlia responde, e Pietro continua com cara de poucos amigos para mim.

— E então, como está o Eros? — Pietro pergunta, e explica para Júlia quem é Eros.

Não perco a oportunidade de contar que o nosso amigo foi “laçado”. Pietro resmunga que eu também já estou assim há muito tempo, e canta vitória dizendo que ele é o único “*herói da resistência*” do trio, o único que não se rendeu e que jamais se renderá à uma mulher, e embora essas sejam as palavras que escapam da sua boca, pelos olhares que ele troca com a tal Júlia, posso afirmar que meu amigo também foi laçado, ele só não sabe ainda.

Após duas horas de conversas e risadas, percebo que Lara e Júlia se deram super bem, e finalmente minha pequena conseguiu se soltar um pouco ao meu lado, até puxou a cadeira um pouco para perto de mim e descansou a mão em minha coxa, e esse simples gesto é mais que suficiente para acender uma fogueira em meu corpo.

Júlia é uma mulher bem interessante, totalmente independente.

Após receber a herança do pai falecido, investiu em boates. Ela nos contou que foi muito criticada, pois esse é um ramo totalmente “masculino”, e isso me fez admirá-la. Ela e Pietro irão inaugurar uma nova boate aqui na cidade no próximo fim de semana, e a certeza de que o empreendimento será um sucesso é tanta, que já estão conversando sobre a possibilidade de ampliarem essa parceria.

Durante todo tempo, ela esteve atenta ao celular, e notei que isso incomodou um pouco meu amigo; ela parecia trocar mensagens com alguém.

Em alguns momentos percebi um pouco de apreensão em seu semblante, e embora demonstrasse estar curtindo nossa interação entre “casais”, algo a deixava em alerta.

Em determinado momento, o telefone dela tocou, e ela pediu desculpas e se levantou para atendê-lo.

— Se segura, Pietro, mais um pouco e você iria tomar o telefone das mãos dela para ler as mensagens que recebia. — Provoco.

— Deixa de palhaçada, Enrico, eu e a Júlia só temos uma relação profissional.

— Humrrum, *tô* vendo quão profissional é a forma que você a olha. — Falo.

— Palhaço. — Ele me mostra o dedo do meio. — Você não entende, cara, ela tem uma carga pesada que carrega sozinha; eu nunca me relacionaria com alguém que já tivesse uma responsabilidade tão grande em suas costas, isso não dá para mim. Sou um cara livre, não tenho amarras, não conseguiria ter que estar atento a todo instante às necessidades de outra pessoa, e Júlia é o tempo inteiro

assim, ligada, atenta às necessidades da filha.

— Ela tem uma filha? — Lara questiona.

— Sim, ela é mãe solteira. — Conta. — O *babaca* do ex-namorado a engravidou e sumiu no mundo, a deixando com a responsabilidade de cuidar sozinha de uma criança, é por isso que ela não desgruda do celular.

— Nossa, se eu já tinha gostado dela, agora estou ainda mais admirada. — Lara fala, e eu concordo com a cabeça, e mudamos de assunto quando ela se aproxima da mesa.

— Algum problema? — Pietro questiona.

— Não, está tudo bem. — Ela responde.

Voltamos a conversar animadamente, e após um tempo Júlia diz que precisa ir embora.

Ela nos contou da filha, disse que a menina tem dois anos, e o orgulho em sua voz era palpável. Nesse ponto da conversa, senti meu amigo tenso. Não é que Pietro seja machista ou que não admire a garra e a coragem dela, mas o meu amigo não se vê preso a uma “família”, pelo menos não no momento, e caso ele se relacionasse com Júlia a criança viria de brinde no pacote.

Ela nos mostrou uma foto da menina, e Lara ficou apaixonada; era realmente uma criança linda, loira, como a mãe, e com olhos azuis como o céu, parece um anjinho.

Após nos despedirmos e ela partir, meu amigo informa que irá até o local onde a boate será inaugurada, e eu e Lara seguimos para o carro. Internamente pedi a Deus que o clima agradável e descontraído continuasse entre nós dois, já que a praga da Elvira me tocou e provocou a noite inteira, e tudo o que mais quero nesse momento é me enterrar nela.

— Nossa, eu gostei muito da Júlia. — Lara comenta, quando nos aproximamos do veículo.

— É, ela realmente parece muito legal. — Respondo.

— Tomara que o Pietro não caia na besteira de perdê-la por medo de responsabilidade.

— Acho que ele vai demorar um pouco para perceber o que nós conseguimos ver apenas em poucas horas.

— Verdade — ela diz. — Por que será que é tão fácil enxergarmos o que provavelmente é melhor para os outros, e tão difícil aceitarmos o que queremos? — Ela solta, tão baixo, que acredito que ela tenha pensado em voz alta.

— E o que você quer, meu amor? — Pergunto, pressionando-a contra o carro, e ela abre os olhos, percebendo que falou em voz alta. — Me diz, Lara;

aceita. Nós dois sabemos que fomos feitos um para o outro. Não fuja mais, se entregue a mim, a nós.

— Enrico...

Não deixo que ela continue a falar, e a calo com um beijo cheio de desejo, paixão, amor e saudade. Ela se rende momentaneamente, mas se afasta em seguida, abrindo a porta do carro e entrando, me deixando perdido, sem saber mais o que fazer para tê-la de volta em meus braços e em minha vida.

Tomo um tempo respirando fundo, enchendo o pulmão com o ar gelado da noite, pois embora a chuva tenha cessado ainda fazendo muito frio. Depois de alguns minutos entro no veículo e, em silêncio, dou partida.

Lara olha pela janela, evitando contato visual comigo.

A chuva volta a cair torrencialmente do lado de fora, refletindo a tempestade que acontece dentro de mim. Corto caminho para chegarmos mais rapidamente em casa; eu preciso sair desse veículo pois estou me sentindo sufocar.

— Para o carro. — Lara pede, quando entramos em uma ruazinha estreita.

— O quê? — Pergunto, sem entender.

— Para o carro, Enrico. — Ela repete.

— Lara, está chovendo muito, e a rua está deserta; você não vai descer aqui. — Rosno.

— Para o carro, *merda*, eu já falei! — Lara fala mais alto, e eu paro, já sabendo que se ela descer eu irei junto. Nem *fodendo* que a deixarei aqui sozinha.

Lara solta o cinto de segurança e olha em minha direção, não tenho tempo de pensar, porque ela simplesmente pula em cima do meu colo e me beija, exatamente isso, Lara me beija, com um desejo que parece estar guardado a anos, e eu só posso retribuir, porque isso era o que eu mais desejava no momento, ainda que silenciosamente.

Lara



Eu não medi a consequência dos meus atos, não pensei no depois. Passei a noite inteira refletindo sobre o que Kananda havia me dito na cozinha, as suas palavras estavam cravadas em minha mente, sendo repetidas infinitas vezes.

Pedi que Enrico parasse o carro, e praticamente pulei em cima dele, fazendo, pela primeira vez em anos, o que eu realmente queria, me permitindo viver.

Enrico correspondeu ao meu beijo, eu sabia que ele faria isso, não havia uma dúvida sequer em mim. Nos últimos meses ele tem tentado me fazer acreditar que ele mudou, e apenas agora eu começo a cogitar a possibilidade de dar uma chance para ele, ou melhor, para nós.

Rapidamente o nosso beijo evolui, e o tempo frio se tornou insuportavelmente quente dentro do veículo.

Enrico enrosca as mãos nos meus cabelos, puxando-os para trás e expondo meu pescoço. Aos poucos desce a boca por ele, mordendo, beijando e lambendo enquanto eu solto gemidos abafados, incapaz de controlar o desejo que paira entre nós.

— *Putá merda*, Lara, nós estamos no meio da rua! — Enrico solta, de repente, enquanto acaricia meus seios por baixo da camisa que visto.

— E o que tem isso? — Provoco.

— O que tem? — Sorri, com malícia. — Tem que eu quero te *foder*, minha pequena, aqui e agora.

— Então faça, Enrico, me *foda* aqui e agora. — Respondo, sem pensar direito nas consequências, e ele enrola minha camisa até acima dos meus seios, os expondo para ele, e em seguida chupa cada um deles, enquanto eu rebolo desesperadamente, friccionando nossos sexos.

— Tem certeza? — Ele pergunta, enquanto começa a desabotoar minha calça jeans. Se eu pudesse prever como a noite acabaria, teria vestido uma saia para facilitar, mas com o tesão que estamos, não é uma peça de roupa que irá nos impedir de conseguir o que queremos.

— Nunca tive tanta certeza do que quero. — Respondo, desabotoando sua calça e forçando para baixo, expondo o seu pênis totalmente duro para mim.

— Levanta um pouco. — Ele pede, e eu faço, ajudando-o a retirar minha calça junto com a calcinha. Sei que parece loucura o que estamos fazendo agora, mas o desejo está me corroendo, e sei que a ele também. A adrenalina, o medo de sermos vistos, tudo isso está intensificando ainda mais o prazer que esse momento nos trás.

— Já está toda molhadinha, meu amor? — Enrico esfrega o polegar sobre o meu clitóris, e em seguida coloca dois dedos dentro de mim.

— Sim, Enrico, por favor. — Imploro, enquanto ele passeia lentamente os dedos dentro de mim em um vai e vem enlouquecedor.

De repente ele retira os dedos, e com a mão livre puxa a trava do banco, chegando-o para trás, nos deixando um pouco mais confortáveis no ambiente pequeno.

— Isso vai ser rápido, meu amor, mas também, do jeito que você está, não precisará de muito para eu te fazer gozar gostoso no meu pau. — Enrico fala, e eu gemo, confirmando com a cabeça, porque com o tesão que estou é provável que, na primeira estocada que ele dê dentro de mim, eu me derreta em gozo.

— Awnnn... — Gemo, quando ele estoca de uma vez seu membro dentro de mim.

— Quieta, pequena, quer que as pessoas saiam das casas para ver o que está acontecendo na rua? — Resmungo, parando dentro de mim para que eu me acostume com a invasão.

— Mas é que está muito gostoso, Enrico, você é muito gostoso. — Gemo em seu ouvido.

— Você também é, minha pequena, gostosa *pra caralho*! Agora vem, Lara, quica em mim, me deixa sentir você me apertar nessa *boceta* quente. — Pede, e eu enlouqueço, obedecendo suas ordens, fazendo o que ele pediu.

Apoio as mãos no seu ombro e empurro os pés para cima, começando a estabelecer um ritmo para as estocadas. Enrico morde minha orelha, lambendo-a em seguida.

— Mais rápido, Lara! — Pede, enquanto pressiona meu clitóris, e eu aumento o ritmo, rebolando feito louca, sentindo o prazer aumentar em mim.

— Eu vou gozar, Enrico... — Aviso.

— Vem, meu amor, goza e me leva junto com você. — Ele fala, com a voz rouca de desejo, e eu me entrego, sentindo em seguida o seu gozo dentro de mim.

Nossas respirações estão descontroladas, e os vidros do carro estão embaçados; mal posso acreditar na loucura que acabamos de fazer.

Enquanto nos acalmamos, ainda na mesma posição, Enrico me beija lentamente, explorando minha boca com carinho, e fazendo silenciosamente inúmeras promessas, às quais eu começo a cogitar a possibilidade de acreditar.

— Vamos? — Chamo, quando conseguimos nos controlar um pouco.

— Vamos, meu amor, e não pense que estou satisfeito. Quando chegarmos

em casa teremos outra rodada. — Fala, e pisca para mim de um jeito safado, e tenho certeza que nossa noite será bem animada.

Capítulo 18

Enrico



Minha pequena provocadora

Quando Eros me chamou para irmos à inauguração da nova boate de Pietro, e principalmente quando disse que Lara iria conosco, eu fiquei empolgado imediatamente. É claro que eu iria com meu amigo, mas ter Lara conosco era um bônus que me agradava, e muito, exceto pelo fato de ser uma boate de Pietro e nosso amigo, aquele filho da puta, tinha prazer em me irritar sendo galanteador com Lara. Eu sei que ele só fazia aquilo para me provocar e que nunca ficaria com ela em respeito a nossa amizade, mas isso não diminuía 1% sequer do quanto ele me irritava com essas merdas.

Eu vivo na cola de Lara, não dou sossego para ela, mas a peste provocante é o próprio diabo de saia. Ela *quase* sempre acaba cedendo às minhas investidas, mas insiste em não oficializar o que temos, porque sim: nós temos alguma coisa. Indefinida, eu sei, mas que existe, existe.

Já tentei de todas as formas convencê-la de que eu não sou mais aquele idiota inconsequente que fui um dia. Tudo bem que a minha “inconsequência” durou por tempo demais, mas não mais. Agora eu vivo definitivamente por ela, e ela insiste em me maltratar, em me fazer rastejar aos seus pés.

Já tem algum tempo que eu não me importo mais, nem mesmo com as piadas dos meus amigos. Meu lema atual é: Insistir, persistir e alcançar! Tenho vivido de momentos com ela, e fico satisfeito com cada um deles porque sei que eles me levarão a tê-la permanentemente em minha cama, em minha vida.

Mas voltando ao presente: Eros ter me chamado para sair é uma clara oportunidade de ter mais algum tempo com ela em meus braços, então, enquanto tomo banho, sei que não vou precisar me masturbar mais uma vez porque hoje terminarei a noite com a mulher da minha vida em minha cama, tendo meu pau

enterrado em sua boceta quente e gostosa.

Visto uma calça Jeans escura rasgada e coloco uma camisa branca de botões, dobrando a manga até a altura do cotovelo e deixando as tatuagens que tenho nos dois braços expostas. Escolhi essa roupa porque sei que ela gosta quando me visto assim, mais despojado e selvagem. Nem preciso fingir porque sei que vocês já perceberam que tudo o que faço é pensando nela, por isso me arrumei para ela sim, me joguem se quiserem.

Quando toco a campainha do apartamento de Lara e a vejo abrir a porta, a vontade que tenho é coloca-la no ombro, tirar a roupa indecente que ela está vestindo e trocar por outra, mas sei que não adiantaria, ela me mandaria à merda - na melhor das hipóteses -, e nós já iríamos começar a brigar de casa, o que não seria muito bom para meus planos, então prefiro ficar calado. Acontece que a mulher está gostosa pra caralho! Que porra de decote é esse nos peitos? Só de pensar em colocar minha boca neles meu pau já se alegra nas calças.

Durante o trajeto até a boate nós não conversamos muito, mas fiz questão de, vez ou outra, acariciar meu pau, que está duríssimo com a visão dela sentada ao meu lado, e noto que ela acompanha cada movimento da minha mão com os olhos, até peguei ela mordendo os lábios uma das vezes; isso aí, ponto para mim.

Quando chegamos à boate, ela tenta se manter afastada de mim, mas quando passamos pelas pessoas e as mulheres começam a nos dar olhares nada discretos, Lara faz questão de se aproximar, demarcando seu território, o que me faz sorrir internamente, porque sei que ela é tanto quanto ou mais possessiva que eu.

Entramos no ambiente que já está lotado e percebo o quanto meu amigo conseguiu crescer com suas boates. Fico feliz por Pietro, ele merece esse sucesso. Ele foi obrigado pelo pai a cursar a faculdade de direito quando essa claramente não era sua vocação. Ele sempre quis isso, entretenimento, e eu e Eros sempre o incentivamos. Que bom que ele conseguiu alcançar o que sempre desejou.

Vejo Eros colocar Kananda entre seus braços para poder caminhar pelo ambiente sem que ninguém encoste nela, e é lógico que eu faço o mesmo com Lara. Nem fodendo que vou deixar esses marmanjos suados encostarem na *minha mulher*.

— Sai pra lá, Enrico. — Ela fala quando eu a abraço, tentando tirar minhas mãos da sua cintura. Eu aperto ainda mais meus braços em volta dela.

— Fica quieta, *Elvira* — falo em seu ouvido para provocar. — Nem fodendo que eu vou deixar esses homens nojentos e suados encostarem no seu corpo gostoso que eu terminarei a noite passeando minha língua — completo

mordendo o lóbulo da sua orelha.

— Mas é muita pretensão da sua parte. — Ela responde, mas já não tenta retirar minhas mãos que a envolvem. — Vai se iludindo que eu terminarei a noite com você.

— Não é pretensão, amor, é certeza. — Falo sorrindo. — Sei que você não vai me deixar ficar nesse estado... Estou duro desde que te vi com essa roupa indecente — provooco roçando minha ereção em sua bunda. — Vou rasgar o couro desse seu vestidinho com o punhal que está na minha perna e deixar você nua para mim assim que chegarmos em casa, gostosa. — Dou o tiro de misericórdia e Lara geme em resposta. Discretamente ela coloca sua mão entre nós e aperta minha ereção, porque sim, Lara é dessas, e gosta de me provocar tanto quanto eu a ela.

Chegamos na área VIP, e enquanto vou com Eros pegar algumas bebidas as duas ficam sozinhas. Quando voltamos elas já estão dançando, e Lara, com aquele corpo gostoso, a todo momento me provocando. Volta e meia ela resvala sua mão em meu pau, parece querer confirmar se ele está duro e todas às vezes constata, porque eu sou incapaz de ficar “*mole*” quando ela está perto, e dançando assim fica ainda mais difícil.

— Vou pegar uma bebida. — Lara avisa, e o irmão, que não consegue desgrudar da mulher, concorda. É lógico que não vou deixá-la ir sozinha, então, mesmo sem ser convidado, sigo em seu encalço. Ela pede mais uma caipiroska para ela e outra para Kananda. Enquanto o barman prepara a de Kananda ela bebe a dela inteira e pede outra em seguida.

— Você não acha que está indo rápido demais, meu bem? — Pergunto não para repreendê-la, mas porque a quero bem consciente para o que pretendo fazer mais tarde, porém a peste finge que não me ouve e segue me ignorando.

Eu a segui até o balcão, e embora ela tenha percebido que eu estava no seu pé, ela sequer trocou uma palavra comigo. Ela faz isso de vez em quando, e eu já percebi que esses são os momentos em que ela está a um passo de se render, então luta bravamente para resistir, basta apenas eu investir da forma certa e ela vai ceder, eu sei que vai. Sento em uma das banquetas do balcão, peço duas doses de Whisky e viro de uma vez. Peço uma terceira dose para levar comigo quando sinto alguém apoiar em meu ombro.

— Oi *delegado*, tudo bem? — Quando me viro para ver quem é, dou de cara com Juliana, a atendente gostosa do café que fica próximo à delegacia, eu sei o que vocês estão pensando, que eu sou um cafajeste, por me declarar por Lara e achar outra mulher gostosa, mas eu sou homem porra, e achar ela gostosa não significa que eu vou comê-la, não fiquem com raiva de mim.

— Oi Juliana, tudo bem — respondo, e ela se precipita em deixar um beijo demorado em meu rosto.

— Melhor agora que te encontrei. — Ela responde maliciosa e passa as unhas em meu peito, por cima da camisa. — Vamos dar uma voltinha? — Convida e meus olhos se arregalam quando vejo Lara dar um tapa forte na mão de Juliana, fazendo-a tirar imediatamente as mãos de mim.

— Quer dar uma voltinha? Convide minha mão, porque ela está louquinha para dar uma *voltinha* nessa sua cara de *puta*. — Juliana arregala os olhos, sem esperar por essa, e eu controlo a vontade de rir. Lara é assim: ela me esnoba o quanto pode, mas não aguenta ver alguém se aproximar que quer logo marcar território.

— Eu não sabia que ele estava acompanhado, e pelo visto de uma louca. — Juliana retruca.

— Juliana, respeite minha namorada. — Peço educadamente enquanto puxo Lara para o meio das minhas pernas, na tentativa de controlar seus impulsos.

— Louca? Louca? — Lara pergunta retoricamente. — Você vai me ver louca se ousar encostar essa sua mão suja nele novamente!

— Então aprenda a ficar mais próxima do seu *namorado*, queridinha, porque um homão desses dando sopa sozinho em um balcão de bar, atrai não só a mim, mas a todas as mulheres. É só olhar em volta e ver quantos olhares desejosos ele está recebendo. Aproveita enquanto ele *tá* te dando moral, *meu bem*, porque até onde eu sei, a “fila” do delegado Enrico anda rapidinho. — Juliana fala, e eu quase agradeço suas palavras, digo quase, porque eu preciso me concentrar em conter a fera que está presa entre meus braços até que Juliana esteja a uma distância segura, para ela, é claro, porque se eu soltar a Lara, sei que ela vai atrás, tal qual um leão em busca da caça.

— *Sua namorada* é o caralho, seu imbecil. Você já comeu essa *puta*, Enrico? — Lara pergunta soltando faíscas pelos olhos. Vá entender: se eu não a tivesse defendido, com certeza iria querer me matar, agora porque eu a chamei de minha namorada, está reclamando.

— Amor, eu só quero você. *Minha namorada* sim. — Falo sem responder à sua pergunta, e ela fica enraivecida, porque sabe a resposta, até mesmo pela intimidade que Juliana demonstrou e por conhecer a minha “*fama*”.

— Comeu, *né*, seu desgraçado. — Ela fala e soca meu peito

— Que porra Lara, para com isso. Tem um ano que eu vivo feito cachorro atrás de você, e você só me despreza. Quer saber se eu comi a Juliana? Comi sim, caralho, satisfeita? — Falo irritado. — Mas eu só fiz essa merda porque

você estava dando sua boceta para o imbecil do Patrício. — Falo tentando controlar a voz para que ninguém ouça nossa discussão, já que estamos em um ponto mais afastado no fundo do bar.

— Eu sabia. — Ela fala com raiva. — Você nunca vai mudar Enrico, *NUNCA VAI MUDAR!* — Ela fala com lágrimas começando a se formar em seus lindos olhos, e isso acaba comigo.

Puxo Lara para perto de mim e ela se afasta. Seguro seu rosto com minhas duas mãos e falo olhando em seus olhos, para que tenha certeza de que falo a verdade:

— Lara, *EU TE AMO*. Eu te amo desde a primeira vez olhei para você, quando fui fazer um trabalho da faculdade com seu irmão na sua casa. Eu sei que fui inconsequente, que as minhas atitudes nos afastaram, não nego, e não estou tentando me eximir da culpa, mas quando você começou a namorar o desgraçado do Patrício, eu percebi que poderia te perder para sempre, e nunca, está me ouvindo? Nunca mais meu pau entrou em outra boceta, apenas na sua, quando você resolveu voltar a si e acabar com o infeliz. Então, por favor, meu amor, não estrague o nosso futuro pelos erros que cometi no passado. Sei que talvez você nunca mais volte a confiar em mim plenamente, mas eu prometo que vou viver cada dia da minha vida para te reconquistar e provar que eu mudei, que eu mudei por você e pelo nosso amor — completo limpando as lágrimas que escorrem dos seus olhos.

— Enrico, você é um ca... — Não deixo que ela termine a frase e faço o que estou com vontade desde a hora em que a vi: beijo sua boca com ânsia e tesão. Nossas línguas se exploram, se devoram. Lara é minha, totalmente minha. Ela pode até resistir, mas sei que vou convencê-la, e esse dia está mais perto de acontecer do que ela imagina. Já faz um ano que ela terminou com o idiota; faz um ano que me empenho todo dia para reconquistá-la. Já está mais do que na hora de usar uma artilharia mais pesada.

Ah, meu amor... Muito em breve você será totalmente minha.

— Vem, meu amor, vamos voltar para lá.

Pegamos as bebidas no balcão e seguimos para onde Eros nos espera junto com Kananda. Lara está menos arredia, acho que as palavras de Juliana seguidas pelas minhas a fizeram refletir. Preciso bolar um plano para conseguir prendê-la a mim o quanto antes.

Lara e Kananda voltam a dançar, e percebo que minha Elvira está bebendo além do limite. Disfarçadamente, começo a lhe oferecer água nos intervalos das bebidas, e como ela está dançando muito e o local está lotado e quente, ela bebe sem reclamar.

Vez ou outra ela enlaça meu pescoço e deposita um *selinho* em meus lábios, nada muito declarado, mas para mim é um avanço, então me lembro do mantra para: Insistir, persistir e alcançar!

Quando começa a tocar uma música de *Anitta & Kevinho*, Lara perde o restante do controle e dança eroticamente para mim, seguindo o que diz a letra. Eu não conhecia a música, mas prestei atenção e vi que definia perfeitamente a minha mulher, ela é, definitivamente, um *Terremoto* em minha vida:

“Essa mina é sem vergonha, gosta de tocar o terror
Já me deu até insônia, meu sossego acabou
Pesadelo da invejosa, sonho de quem não provou
Quando ela desce, é igual terremoto
Ela senta e não para, ela toca o terror
Quando ela desce, é igual terremoto
Ela senta e não para, toca o terror”

Na batida da música ela rebola, se esfregando descaradamente em mim. Eu envolvo sua cintura, esfregando-me em sua bunda gostosa, beijando e chupando o seu pescoço.

“Atrevida, poderosa, gosto de tocar o terror
Pra te ver perdendo a linha, teu sossego acabou
Pesadelo da invejosa, teu desejo eu sei que eu sou
Quando eu desço, é igual terremoto
Rebolo, não paro, toco o terror
Quando eu desço, é igual terremoto
Rebolo, não paro, toco o terror”

Lara faz questão de me olhar nos olhos enquanto canta, me provocando ainda mais, e ao final da música, que parece ter sido feita para nós dois eu a beijo.

“E ela entrou na minha mente de um jeito indecente
Não como mais, não durmo mais, eu vou ficar doente
Tá querendo de novo, já caiu no meu jogo
Não pode se queimar, então pra que brincar com fogo?
Mas eu sou artilheiro e eu vou virar o jogo
Eu vou partir pra cima, de virada é mais gostoso
Eu ganho essa parada, pode ficar ligada
Vai ver que eu sou zica, haha, 'cê acredita?”

Quando eu desço, é igual terremoto
Rebolo, eu não paro, toco o terror
Quando ela desce, é igual terremoto
Ela senta e não para, ela toca o terror”

Quando a música termina eu e Lara estamos ofegantes dos beijos. Minha garota não parou um segundo de rebolar contra mim, até *quadrado* com a bunda colada no meu pau a safada fez.

De repente ela me arrasta em direção aos banheiros, pensei que ela queria usar o banheiro, mas ela segue em linha reta, e depois de alguns metros ela vê uma porta fechada. Ela tenta abrir, mas está trancada.

— Abre, Enrico. — Ela aponta a porta, sabendo que eu tenho um canivete que sempre carrego comigo e que tem vários instrumentos “ocultos”.

— Lara, é melhor não. — Tento ser racional, mas sem esperar, ela começa a desabotoar minha calça. — Aqui não, Lara. — Advirto quando ela enfia uma das mãos dentro da minha cueca e começa a punhetar meu pau, sem vergonha e sem se preocupar se tem alguém nos vendo. — Mas que porra, mulher, assim você acaba comigo. — Falo já tirando o canivete do bolso e abrindo a porta do local com a precisão de um profissional.

Quando entramos na salinha não perco tempo: puxo o decote do seu vestido indecente e chupo seus peitos enquanto ela geme enlouquecida. Antes que eu pudesse raciocinar, Lara já estava ajoelhada na minha frente com os peitos pra fora e meu pau em sua boca.

— Caralho Lara! Assim você acaba comigo, porra — rosno segurando seu cabelo no alto da cabeça. Afundo ainda mais o meu pau em sua garganta, até ela engasgar. Enlouqueço quando a vejo descer a mão e tocar sua boceta procurando alívio. — Vem aqui, meu amor. — Puxo-a para cima e beijo sua boca. Envolver minha cintura com suas pernas e pressiono suas costas contra a parede, pincelando meu pau na sua boceta ainda coberta.

— Quero te comer agora, Lara — falo sem para de esfregar o meu pau contra ela.

— Ahnn, Enrico... — Ela geme o meu nome. — Eu sou toda sua, ahnn... — Geme enlouquecida enquanto a masturbo com meu pau.

— Não aguento mais de tesão, amor — falo puxando sua calcinha para o lado.

— Camisinha, Enrico. — Ela pede.

— Que porra de camisinha, Lara, nós nunca usamos isso — falo sem deixar

de esfregar meu pau nela.

— Cacete, que gostoso... — Ela fala enquanto eu uso a mão para estimular seu grelinho inchado como sei que ela gosta. — Que merda, Enrico, vai porra, me fode logo, faz o que quiser Enrico.

— Isso, meu amor, é assim que eu gosto — falo enquanto deslizo meu pau para dentro da sua boceta. Ela geme com o contato. Dou algumas estocadas e sinto a porra do meu celular tocar, o caralho que vou parar o que estou fazendo para atender essa merda, mas o infeliz toca insistentemente.

— Atende, Enrico. — Lara fala. — Pode ser alguma coisa importante. — Coloco a mão na porra do bolso sem sair de dentro dela. Quando pego o telefone vejo que é Eros.

— Fala brow — atendo a ligação.

— Onde vocês se meteram? — Eros pergunta, e eu tenho vontade de mandar ele ir para a puta que pariu. Onde já se viu querer explicação de onde estamos quando estou deslizando meu pau para dentro da boceta insaciável da sua irmã? Pensando bem, acho que ele não ia gostar de saber onde estou *no momento*, então resolvo ser rápido em despachá-lo:

— Vim trazer Lara no banheiro, já estamos voltando. — Falo rápido, enquanto Lara rebola feito uma safada no meu cacete e desligo.

Com certa rispidez viro-a de frente para a parede. Levanto o seu vestido até a cintura, puxo a sua calcinha, minúscula por sinal, para o lado, ajeito meu pau na sua entrada e penetro novamente sua boceta. Fazia tempo que não transava de pé e meu tesão está redobrado. Seguro firme em seus seios e começo a estocar com força, lambendo seu ouvido e seu pescoço. Seu corpo estava pressionado contra a parede, batendo de vez em quando, mas eu sei que ela gosta assim, gosta que eu a foda com força.

— Vai delícia, rebola gostoso no meu pau. — Sinto seu corpo começar a amolecer.

— Enrico, eu vou gozar... — Anuncia, e logo em seguida sinto seu orgasmo forte e intenso.

— Isso, amor, goza pra mim — peço lambendo seu pescoço —, goza *pro* teu homem Lara, o único que te faz sentir assim — vou falando e estocando em sua boceta apertada enquanto ela geme manhosa.

Lara gemia alto, mas eu sabia que, pelo volume da música do lado de fora, seria impossível alguém ouvi-la. Seguindo as batidas da música eletrônica, comecei a estocar com ainda mais força, até sentir meu pau inchar dentro dela e eu me derramar em gozo em sua boceta que ainda piscava. Lara olhou para trás e

me ofereceu sua boca para que eu beijasse; nos beijamos, dessa vez mais lentamente, acalmando nossas respirações aceleradas.

Devagar fui saindo de dentro dela, ajeitei sua calcinha cobrindo sua boceta gostosa, arrumei seu vestido e cobri seus seios depois de deixar um beijo carinhoso em cada um deles.

Ficamos alguns minutos ali, recuperando o fôlego, até que saímos de mãos dadas. Quando passamos em frente ao banheiro, Lara faz menção de entrar, mas eu a puxo pela mão:

— Não, gostosa — falo em seu ouvido. — Vai ficar com a minha porra escorrendo pelas suas pernas até chegarmos em casa — falo e ela sorri safada, concordando comigo.

Encontramos Eros conversando com Pietro que, é claro, fez questão de me irritar mexendo com Lara, sem saber ele que ela estava marcada por mim, que sua boceta estava cheia da minha porra. Mesmo sabendo disso eu ainda me irrita com o palhaço, não tem jeito.

Nos despedimos de Pietro e resolvemos encerrar a noite. Dessa vez é Eros quem leva o carro, pois tinha bebido apenas uma dose.

Ele nos deixa no nosso prédio. Entramos e subimos para o nosso andar. Quando o elevador abre as portas, Lara faz menção de ir para o seu apartamento, então eu a acompanho.

— Não Enrico, você já teve o que queria por hoje, pode ir para sua casa. — Lara fala, mas eu nem pisco: pego ela e jogo sobre os meus ombros, e sigo para o meu apartamento assim.

— Para Enrico! Você tá louco? — Ela praticamente grita.

— Cala a boca, Lara, vai acordar os vizinhos — falo e dou um tapa em sua bunda, advertindo-a. — Mas nem fodendo que eu vou dormir sozinho hoje, meu amor — falo enquanto desço seu corpo pelo meu após entrarmos em meu apartamento, e vejo labaredas de desejo voltarem aos seus olhos.

Voltamos a nos beijar apaixonadamente e, assim como eu tinha prometido no início da noite, tiro o meu punhal militar que estava amarrado na bainha de perna e rasgo seu vestido de cima a baixo, deixando-a apenas de calcinha para mim.

— Enrico, eu comprei a porra desse vestido hoje. — Reclama.

— Eu pago, meu amor. Pago quantos vestidos forem necessários, só para te ver assim, nua para mim — falo cheio de tesão.

— Você é um ogro mesmo. — Ela fala jogando a cabeça para trás enquanto eu caio de boca em seus peitos novamente.

— Você pode fazer o que quiser quando estamos fora do quarto, Lara, mas aqui quem manda sou eu, e você apenas me obedece. Entendeu? — Pergunto e ela acena com a cabeça mordendo os lábios.

Putá que pariu, essa mulher acaba com minha sanidade.

Primeiro fodemos feito loucos, tentando aplacar o tesão desenfreado, só depois é que fazemos amor suave, com carinho, até estarmos saciados, e exaustos dormimos nos braços um do outro.

Minha alegria dura apenas enquanto eu durmo, porque quando acordo, vejo que Lara não está mais comigo; ela não está mais nos meus braços. Fugiu de mim como sempre faz quando nos rendemos ao desejo.

Afundo minha cabeça no travesseiro e grito de raiva.

Eu preciso dar um jeito nessa situação, *EU NÃO AGUENTO MAIS!*

Capítulo 19

Lara



Contra a parede

Já faz quinze dias desde que estivemos na inauguração da boate de Pietro. Havia muito tempo que eu não me divertia daquela forma, e depois do que passei com Kananda naquela tarde eu realmente estava precisando me desestressar.

Depois do sexo maravilhoso que tive com Enrico na boate e em casa, eu, como todas as outras vezes, fugi dele; me tranquei no meu apartamento pelo restante do fim de semana, mesmo que, internamente, a minha vontade fosse voltar para ele correndo.

Não consigo me entregar completamente; por mais que eu tente, o conflito entre a razão e o coração persistem.

Não sei o que aconteceu, se ele enjoou, ou percebeu que não me quer mais, mas desde aquele dia Enrico não me procurou mais. Eu sequer o encontrei pelos corredores do prédio como era de costume, e confesso que a dúvida, a angústia e o medo de que ele esteja com outra estão me matando. Era por isso que eu não queria me render a ele novamente, sabia que eu iria sair machucada quando ele enjoasse de mim, mas fui burra o suficiente para ceder mais uma vez, e agora estou aqui, sentada sobre a minha moto, monitorando sua chegada, para ver se consigo confrontá-lo ou perceber o que há de errado.

Após quase quarenta minutos, quando eu já estava prestes a desistir de esperar e subir para o meu apartamento, vejo o seu carro entrando no estacionamento do nosso prédio. Imediatamente começo a retirar o capacete e descer da moto, dando a entender que acabo de chegar; não quero que ele perceba que eu estava o aguardando.

— Oi, Lara, tudo bem com você? — Ele pergunta com certa indiferença,

quando estaciona na vaga ao lado da minha. Como somos vizinhos, nossas vagas também ficam próximas.

— Oi, Enrico, tudo ótimo! E com você? — Pergunto, sorrindo, tentando demonstrar uma tranquilidade que não existe em mim.

— Tudo bem, também.

Em silêncio, caminhamos lado a lado até o elevador. Sinto como se fôssemos estranhos, ou apenas conhecidos; o clima está tão ruim entre nós que, enquanto aguardamos a chegada do elevador em silêncio, nem os nossos olhares se cruzam, existe um muro ou um abismo entre nós.

O elevador chega e ele me dá passagem. Quando entramos, nossos olhares se cruzam pelo espelho, e não consigo perceber uma emoção sequer em seu semblante.

— Então, o que tem feito? — Puxo assunto.

— Nada demais, tenho trabalhado muito.

— É, percebi, mal nos encontramos...

— Verdade. — Ele responde, e começo a ficar irritada. Enrico é comunicativo demais para estar tão monossilábico.

— Está acontecendo alguma coisa, Enrico? Estamos nos falando como se fôssemos estranhos, apenas vizinhos que se encontram esporadicamente nos corredores do prédio. — O confronto, quando a porta do elevador se abre no nosso andar.

Minha intenção não era confrontá-lo diretamente, mas a sua indiferença me deixou na borda, e eu preciso saber em que terreno estarei pisando a partir daqui.

— Você quer realmente conversar agora, Lara? — Questiona, e eu aceno em concordância. — No meu apartamento ou no seu?

— No meu. — Respondo, já segurando as chaves para abrir a porta.

Entramos e nos encaminhamos para a sala, e o espaço parece me sufocar. Não sei por quê, mas sinto que essa conversa não terá um fim agradável.

Coloco minhas coisas sobre o sofá e ele faz o mesmo com sua pasta, sentando-se numa poltrona em seguida. Os seus olhos não desviam de mim, ele está analisando todas as minhas ações e reações.

— Quer beber algo? — Ofereço, tentando parecer tranquila, mas um turbilhão de emoções está me devastando por dentro.

— Não, obrigado, estou bem.

— Ok.... Então? — Pergunto.

— Então o quê, Lara? Me diga o que você quer saber, me diga o porquê de

estarmos aqui. — Ele fala, um tanto quanto ríspido, e eu não estou reconhecendo essa postura defensiva dele. Enrico nunca me tratou com tamanha frieza, e, involuntariamente, meu coração se aperta, e eu, pela primeira vez, não sei o que responder.

— É que desde o dia da boate nós não nos vimos, nem nos falamos — começo, depois de um tempo em silêncio, duelando com olhares, mas ele me corta.

— Não, Lara, se você quer conversar, vamos deixar a hipocrisia de lado, e sejamos sinceros, comigo, com você e principalmente com nós dois. — Passa as mãos pelo cabelo, deixando claro o quanto está nervoso. — Você está sentindo falta de me ver rastejar por você, de me ver bater o tempo inteiro à sua porta enquanto você a fecha na minha cara, mas, honestamente, eu estou cansado disso. Eu esperei para ver o que você faria, qual a sua reação, se você sentiria minha falta, então aqui estou eu, Lara, o que você quer? Como nós ficaremos daqui para frente? — Enrico pergunta assim, à queima-roupa.

— Enrico, você não entende...

— Não, Lara, eu não entendo! Sabe por quê? Porque eu vejo nos seus olhos, a cada vez que eu te toco, que é mais do que só tesão. Não é só carinho o que você sente, então por quê, Lara? *Pra* que nos mantermos afastados, sofrendo, sendo momentaneamente felizes com as migalhas que ofertamos um ao outro se podemos nos completar, nos preencher?

— Eu não consigo, Enrico, não consigo me entregar completamente à você sem pensar no quanto eu sofri, no quão difícil foi superar você.

— E você superou? — Questiona. — Seja sincera, Lara, você superou o amor que sentimos um pelo outro? — Eu não respondo, porque não vou mentir, mas também não admitirei em voz alta o quanto ainda o amo. — Você é feliz, Lara?

— Como assim? — Pergunto, sem entender direito o que ele quis dizer. — É claro que sou feliz, Enrico.

— Tem certeza? Você coloca a sua cabeça no travesseiro e dorme tranquilamente, sem pensar em como seria se eu pudesse estar ali ao seu lado? Você não sente falta dos meus braços mantendo-a protegida enquanto dorme a noite? Não sente falta do calor do meu corpo junto ao seu pela manhã, e nem de um beijo de bom dia? — Fala, exasperado. — Não que eu ache que a sua felicidade dependa apenas disso, minha pequena, mas acredito que esses pequenos momentos sejam um complemento dela, e se você realmente não sente falta de nada disso, eu não tenho por que estar aqui, e, principalmente, não tem por que insistir em nós, porque o nós só existirá se os dois estiverem dispostos, e

eu já não tenho mais forças para lutar sozinho.

— Eu não posso dizer que não sinto falta disso, Enrico, mas eu também não posso me entregar, porque eu sei que vou sofrer.

— O que você quer de mim, Lara? Eu já te provei que só quero você; tem meses que eu vivo em função de você, mas eu não vou aceitar mais suas migalhas. Chega, Lara. Por mais que eu te ame, por mais que eu queira dividir toda a minha vida com você, eu não quero que seja assim, do jeito que está, porque isso vai destruir tanto a mim quanto a você.

— Não é bem assim, Enrico...

— É exatamente assim, Lara. Você tem noção de como eu fiquei quando acordei e não te encontrei ao meu lado? Você tem noção do vazio que sinto todos os dias? Da angústia que sinto a cada dia quando acordo, por não saber se a terei por perto ou se irá me afastar? Eu não aguento mais!

— Pois bem, Enrico, deixa eu te contar uma coisa, isso tudo que você está passando e sentindo eu também passei! — Praticamente grito de raiva, por relembrar que sim, eu sei exatamente o que ele está sentindo, porque eu senti o mesmo quando tive que me acostumar com a sua falta em minha vida. — Você descreveu o que eu passei e senti em todos esses anos, Enrico; eu senti sua falta em cada noite que estive sozinha, mas você não estava lá porque queria curtir, aproveitar sua vida. Eu chorei, Enrico, muitas, diversas noites, e não tinha ninguém para me consolar, porque o que a gente viveu também foi escolha minha. Eu aceitei que vivêssemos daquela forma, e eu tive que suportar, então não se faça de vítima; não se coloque como vítima dessa situação porque você não é, você é tão culpado quanto eu fui.

— Então é isso, Lara? Você quer que eu passe o que você passou? Que eu sofra o que você sofreu? Pois bem, você conseguiu, porque eu estou na *merda*, e agora, o que mais você quer?

— Eu não sou tão mesquinha assim, Enrico, eu jamais o faria sofrer de propósito ou por vingança, mas eu não vou sofrer mais uma vez por você!

— Então chegamos a um impasse, Lara, e vamos decidir isso agora. Chega de joguinhos, chega de incertezas, chega de dúvidas, e principalmente, chega de nos doarmos um ao outro pela metade. Agora, minha pequena, você decide, porque a partir de hoje para mim é tudo ou nada.

Enrico fala com uma certeza que me faz estremecer, porque infelizmente eu ainda não consigo confiar plenamente nele, ainda não sou capaz de me entregar sem medos, sem receios. Eu o quero, é claro que sim, mas ainda não posso.

— É isso, Lara? O seu silêncio significa que você não me quer? Que não

acredita em tudo que eu sinto por você? — Continuo sem responder, porque eu não tenho palavras, estão todas travadas em minha garganta. Meu coração quer, mas minha razão não me permite tentar. — Ok! Entendi. Me perdoe por ter te feito sofrer tanto assim, por ter destruído suas expectativas, mas eu espero que você consiga algum dia se livrar de toda essa mágoa que sente. Talvez nós não tenhamos sido feitos para ficar juntos, afinal. — Ele se aproxima de mim e limpa com carinho uma lágrima que escorre dos meus olhos, e eu fico com vontade de fazer o mesmo, porque vejo que a sua face molhada reflete a minha. — A partir de hoje eu estou saindo do seu caminho, da sua vida, pequena, e desejo que um dia você possa ser feliz, mas para isso você vai precisar se permitir. Se precisar de mim, você sabe como me encontrar. Eu tentei, mas infelizmente não deu certo. Achei que dessa vez fôssemos construir uma ponte, mas a única coisa que conseguimos foi cavar um abismo entre nós.

Dito isso, Enrico deposita um beijo carinhoso em minha testa. Eu me mantenho estática no mesmo lugar, incapaz de esboçar qualquer reação enquanto o vejo levantar, pegar a sua pasta e partir, e acredito que dessa vez seja para sempre.

Antes de sair, ele me olha uma última vez e diz o que jamais irei esquecer:
— EU TE AMO!

Capítulo 20

Lara



***“A solidão é o fim de quem ama”
(Vinicius de Moraes)***

Trinta dias.

Fazem trinta dias que eu e Enrico tivemos aquela conversa definitiva, e desde então eu não vivo, apenas sobrevivo a cada dia.

Nesse período, poucas vezes nos vimos, e quando aconteceu foi muito rápido, e nos corredores, estacionamento ou elevador do prédio em que moramos; nada premeditado por mim, e acredito que nem por ele.

Nos tornamos estranhos, isolados cada um em seu próprio mundinho, sem interferência ou presença do outro, ele fazendo o seu trabalho eu o meu, e assim seguimos.

Gustavo tem investido pesado em me conquistar, e há quinze dias, quando recebi um buquê de flores vermelhas em meu escritório, fui até o seu gabinete e tive uma conversa franca com ele, deixando claro que ele era uma pessoa muito especial, mas que no momento eu não estava aberta à novos relacionamentos. Mesmo que em momento algum eu tenha lhe dado esperanças, me senti na obrigação de colocar os “pingos nos is”. Não devolvi as flores porque seria uma grosseria desnecessária, já que eu estava deixando claro para ele que não havia possibilidade de acontecer nada entre nós.

Quando eu cheguei ao prédio e desci do carro com as flores nas mãos, Enrico estacionou também. Senti o seu olhar pairar entre mim e as flores, e notei certa decepção no seu olhar. Com certeza ele estaria imaginando mil e uma coisas, e não o culpo, já que se fosse o contrário eu pensaria o mesmo.

Fiquei decepcionada quando percebi que ele demorou mais do que o

necessário para descer do veículo, senti que ele não queria subir junto comigo no elevador, e quando entrei em casa, chorei tanto de raiva e decepção que pensei que iria desidratar, mas sobrevivi, e atolada nessa *merda* toda tenho passado os meus dias.

Sorrio ao ver no meu celular o nome de Kananda piscar na tela; ela tem sido uma ótima amiga. Eu não contei para ela exatamente o que aconteceu entre mim e Enrico, mas acredito que ela tenha notado o meu estado de espírito, e tem sido presença constante em meus dias nublados. Agradeço a Deus por meu irmão tê-la conhecido, ela é uma mulher muito especial, e eles se merecem.

— Fala cunhadinha.

— *Oi, Larinha, tudo bem com você?*

— Tudo sim! E você?

— *Tudo bem, também. Estou ligando para te convidar para almoçarmos juntas.*

— Poxa, Nanda, vamos marcar outro dia. Não estou no clima, e seria uma péssima companhia.

— *Você nunca é uma péssima companhia, Lara, e não estar no clima é mais um motivo para sairmos. Vamos almoçar, fazer umas compras, precisamos levantar esse seu astral.*

— Nanda, é sério, você vai me desculpar, mas hoje não.

— *Olha só, Lara, eu preciso ver você hoje, sem falta, não vou te adiantar nada, mas espero que entenda que é sério.*

— O que aconteceu? Você está bem? Eros está bem? — Pergunto, preocupada, pois desde o episódio do estacionamento do shopping com sua irmã todos temos estado em alerta com a segurança de Kananda.

— *Está tudo bem sim, Lara, mas pode deixar de estar em breve. Eu realmente preciso ter uma conversa com você, e não pode passar de hoje.*

— Tudo bem! Te encontro naquele restaurante que gostamos no shopping, às 13h, ok?

— *Certo, Larinha, até mais, fica bem, um beijo.*

— Você está me preocupando, Nanda...

— *Ei, fica calma, não precisa se preocupar assim. Conversamos melhor no almoço. Um beijo, tenho que desligar.*

— Outro, cunhadinha, fique bem!

Após encerrar a ligação, o meu coração dispara, descompassado. Fico imaginando milhões de coisas que possam estar acontecendo, pois Nanda parecia realmente preocupada. Só espero que ela não esteja escondendo nada do meu irmão, pois ela já viu que isso não resolve; depois de ceder às chantagens da sua irmã ela quase entrou numa fria.

Me esforço muito para me concentrar nas audiências que tenho durante a manhã, mas a ansiedade de descobrir o que Kananda quer conversar comigo e que é tão sério fez a manhã arrastar-se como uma lesma.

Às 12h30, após finalizar a última audiência que tenho no dia e fechar uma semana péssima, me encaminho para o shopping para encontrá-la. Espero que o que quer que ela tenha para me falar não piore ainda mais o meu humor, que nos fins de semana tem sido terríveis; passo todo o sábado e domingo jogada na cama sem saber que rumo tomar na minha vida, mas infelizmente, por mais que eu pense, não encontro qualquer solução.

Sento na mesa, peço o cardápio e tento escolher algo enquanto aguardo minha cunhada, mas confesso que olho e não enxergo uma só letra diante de mim.

— Distraída, Larinha? — Kananda se aproxima, e eu nem havia notado sua chegada. Levanto-me para cumprimentá-la e em seguida nos sentamos.

— Oi, cunhadinha. Um pouco, você me deixou preocupada com sua

ligação.

— Olha, Lara, para ser sincera, eu nem sei se eu realmente deveria estar aqui *pra* te contar isso, porque é um assunto que não me diz respeito, mas quando eu descobri, resolvi te falar, porque eu iria me sentir culpada de ver você deixar o grande amor da sua vida escorrer por entre seus dedos sem te alertar.

O garçom se aproxima, Kananda pede um suco para nós duas e meu coração fica paralisado, eu mal respiro sem saber o que irei ouvir. Eu sabia que tinha outra mulher, é lógico que ele não iria ficar sozinho todo esse tempo; com certeza ela quer me contar que Enrico está com alguém, e embora seja bom eu estar preparada, por outro lado, sei que quando sair daqui estarei devastada mais uma vez.

— Enrico... — suspiro. — Eu já imaginava que ele iria encontrar outra pessoa, Nanda, era uma questão de tempo. Mas obrigada por me avisar. — Sou direta, pois não é do meu feitio ficar enrolando as situações.

— Ei, calma aí, mocinha, não é nada disso. — Arregalo os olhos.

— O que aconteceu com ele, Nanda? Ele está bem? — Pergunto, já me levantando, desesperada, se não é mulher o que pode ter acontecido com ele?

— Lara, respira e senta, que eu vou te contar. O *seu amor* está bem, pelo menos fisicamente, porque por dentro eu acredito que ele esteja tão mal quanto você.

— Desembucha, Nanda, ou vou ter um treco.

— *Tá*, tudo bem, eu já estou aqui mesmo, não vou voltar atrás, Eros que me perdoe depois.

— Fala, cunhadinha, e se ele não quiser te perdoar eu mesmo acabo com ele. — Sorrio, tentando desconstrair, mas meu coração parece que vai sair pela boca de tão forte que bate.

— Olha, Eros passou toda essa semana muito pensativo e irritado, e eu estava achando estranho, então anteontem coloquei ele contra a parede, porque inicialmente eu acreditei que fosse por causa da minha situação com Amanda, mas aí ele resolveu me contar que o problema não era comigo, e sim com Enrico. Ele pediu transferência, Lara; Enrico vai embora.

— O QUÊ? — Praticamente grito.

— Shiu! — Faz um gesto de silêncio com o indicador sobre a boca. — Eros disse que ele entregou o pedido na quarta-feira, e que todos tentaram convencê-lo do contrário. Mas ele está decidido, disse ao seu irmão que não tem mais nada que o prenda aqui na cidade, e que agora que ele estava bem comigo não tinha mais porque ficar aqui.

— Ai meu Deus, Nanda, é minha culpa! É por minha causa que ele fez isso, ele vai mudar toda a sua rotina, a sua vida, só para estar longe de mim. — Meus olhos involuntariamente se enchem de lágrimas.

— E isso não é tudo — ela continua, e eu não posso imaginar o que ainda está por vir. — Como ele vai se mudar para outra cidade, colocou o apartamento a venda, mas até que a transferência saia, ele alugou outro, e estará se mudando ainda esse fim de semana. O dia eu não sei te falar direito, porque eu escutei sem querer Eros conversando com ele ao telefone.

— Que *merda*, Nanda! Quando conversamos da última vez, ele disse que me deixaria em “paz” que não iria mais insistir ou se intrometer na minha vida. — Limpo uma lágrima que escorre involuntária. — Ele só está cumprindo o que falou.

— Mas você pode mudar isso, Lara.

— Como, Nanda?

— Lute pelo seu amor! Eu sei que você o ama, Lara, então diga isso a ele, peça para que ele fique. Ele te ama, com toda certeza, e há meses vem demonstrando isso, mas você se negou a enxergar. Esse é o momento, cunhadinha, essa é a sua última oportunidade; vai admitir o que sente e ser feliz, ou vai continuar afundada em autopiedade e com medo de tentar?

— Eu não sei se posso, não sei se consigo...

— Você pode e consegue, Lara, mas você tem que querer; tem que estar verdadeiramente disposta a tentar. O seu “desespero” só me mostrou o quanto você o ama, então vamos terminar esse almoço, fazer algumas compras, umas lingerie talvez, e hoje à noite você vai se permitir começar a ser feliz pelo resto da sua vida, ok?

Nanda fala, mas é quase uma ordem, e por um momento eu reflito sobre o que eu quero, como tenho estado nos últimos trinta dias e como eu me sinto quando estou com ele, quando estou nos seus braços, e me dou conta de que sim, eu mereço ser feliz.

Abro um sorriso, levanto e dou um abraço apertado em minha cunhada, agradecendo por sua sensibilidade e por me alertar; acho que eu realmente estava precisando ser tirada da zona de conforto para aceitar o quanto Enrico é importante para mim.

Terminamos o almoço e traçamos um plano para que eu o atraia para o meu apartamento hoje à noite, em seguida, passamos praticamente a tarde inteira no shopping fazendo compras, e principalmente renovando nossos estoques de peças íntimas.

Por volta das 17h sigo para casa, feliz por saber que hoje à noite terei em meus braços o homem que amo, e que finalmente consegui admitir para mim mesma, e falarei para ele também, o quanto ele é importante em minha vida.

Chego ao prédio, e antes mesmo de entrar no estacionamento, vejo algo que faz o meu coração falhar uma batida: tem um caminhão de mudanças carregado na calçada, e reconheço os itens dentro dele. Todos os móveis de Enrico estão ali; ele realmente está indo embora.

Estaciono a moto feito louca e vejo que o elevador está subindo para último andar do prédio. A angústia toma o meu peito e resolvo subir pelas escadas. Eu mal respiro; a cada lance que subo o meu coração parece parar, mas quando chego ao nosso andar, o vazio que a sua porta fechada me passa faz as lágrimas caírem por minha face. Eu sei, eu sinto que ele já se foi. Pego o meu celular na bolsa e tento ligar para ele, mas cai direto na caixa postal.

Caminho lentamente até a sua porta, rodo a maçaneta e ela se abre, e a casa está totalmente vazia, não há nada que me remeta a ele, não tem mais o seu cheiro, não tem mais o seu sorriso, não tem mais vida.

Recosto-me em uma parede e deslizo até o chão, chorando. Eu o perdi. Ele se foi, e dentro de mim só resta o mesmo vazio que existe no apartamento.

Capítulo 21

Enrico



Escolhas

Quando Lara me abandonou mais uma vez sozinho em minha cama, eu entendi que havia chegado o momento de me decidir para que ela também fizesse o mesmo. A forma como estávamos conduzindo nossa relação, embora fosse momentaneamente prazerosa, já não estava mais fazendo bem para nenhum de nós dois.

Após quinze dias de afastamento ela me confrontou, e naquele momento vi a oportunidade que estava esperando; se eu a procurasse, seria como das outras vezes, então eu esperava exatamente por isso, que ela tomasse a iniciativa, e confesso que me decepcionei quando ela manteve sua postura, e não admitiu que ela queria que aquilo que existia entre nós progredisse, então não me restou outra alternativa, se não deixar de segui-la.

Quando a vi chegar no estacionamento com um imenso buquê de flores vermelhas nas mãos, eu entendi que dessa vez eu não suportaria vê-la nos braços de outro homem; todos sabem o que flores vermelhas representam, e eu imaginava quem poderia ter lhe dado, o juizinho meia tigela. Eu não consegui sequer entrar no mesmo elevador que ela e as flores de *merda*.

Aguardei que ela subisse para depois ir para o meu apartamento, e após refletir por horas, entendi que eu precisava me afastar.

Durante a madrugada eu não resisti, e entrei uma última vez em seu apartamento. Ela estava deitada na cama, dormindo, tão linda, tão serena... Notei o seu rosto um pouco inchado, mas acreditei que fosse pelas horas de sono, afinal que motivo teria para chorar? Havia acabado receber flores de quem, eu suponho, está flertando, e que ela deixara claro que tinha interesse.

Quando já estava amanhecendo, resolvi ir embora, pois ela poderia acordar,

então levantei da poltrona ao lado da sua cama, onde havia passado toda a noite admirando-a, acariciei levemente os seus cabelos e deposei um beijo casto em seus lábios, o nosso último beijo, porque ali, olhando-a tão linda, eu entendi que o que eu sentia por Lara não tinha cura ou remédio, que a dor da sua ausência jamais passaria, e eu precisava respeitar sua decisão.

Então, para lhe dar espaço, e entendendo que o culpado de tudo havia sido eu, eu saí do seu quarto, decidido a sair também da sua vida.

Passei o fim de semana organizando como iria agir, e na segunda-feira colocaria o meu plano em prática.

Na segunda-feira procurei um corretor para colocar o meu apartamento à venda, e pedi que ele encontrasse algum outro em que eu pudesse morar até a minha transferência sair. Sim, eu decidir ir realmente embora, recomeçar em uma nova cidade, em um novo lugar. Sabia que todos tentariam me dissuadir da ideia, mas eu já havia me decidido, e nada me faria desistir.

Exceto ela. Lara era a única que tinha esse poder, mas, infelizmente, era a única que não queria usá-lo.

Os últimos quinze dias foram uma loucura, corri para lá e para cá tentando organizar tudo. Eu não disse a Eros o motivo, mas no fundo ele sabia. Quando avisei a ele na semana passada que o nosso superior tinha finalmente entendido que eu estava decidido e que havia recebido minha carta de pedido de transferência, Eros praticamente surtou comigo; estávamos no stand de tiros, e confesso que por pouco ele não cravou uma bala em minha testa.

Tive que ouvir ele surtar novamente quando avisei na quarta-feira que me mudaria no fim de semana. Ouvi de Eros o que não havia ouvido durante todos esses anos.

— Enrico, não seja a porra de um covarde, enfrente os seus problemas e pare de fugir deles.

— Eu não estou fugindo, Eros.

— É claro que está, seu idiota. — Meu amigo estava realmente muito puto comigo.

— Eu só quero recomeçar, Eros; um novo lugar, uma nova vida, vão me fazer bem nesse momento.

— Isso é uma bela justificativa para um filho da puta covarde, Enrico, e não para você. Olha só, eu nunca me meti nessa merda toda que existe entre você e a Lara, mas isso está passando dos limites.

— Não tem nada a ver com ela, Eros.

— Pra cima de mim, Enrico? É sério isso? Se você quer ser um merda e

mentir para você, tudo bem, mas a mim você não engana. Eu conheço a Lara desde que nasceu e a você como a palma da minha mão, então não tente me fazer de tolo. Eu estou perdendo você, e não demora a perder minha irmã também.

— Ah, então o problema é esse, eu sempre soube que você era apaixonado por mim. — Tento brincar para descontrair.

— Não me venha com gracinha, Enrico, não finja que está bem porque eu sei que você está um monte bem grande de merda por dentro. — Ele realmente me conhece.

— Que porra, Eros, se você quer que eu admita, tudo bem, eu AMO sua irmã! Sempre amei, e demorei para entender isso, só que agora ela não me quer mais, e eu não aguento mais essa indiferença, essa distância que ela impôs, então foda-se, eu estou fugindo como um cachorrinho assustado e com o rabo entre as pernas, mas eu não posso mais viver assim CARALHO! — Admito, enquanto esmurro minha mesa.

— Você já falou abertamente com ela?

— Quantas vezes você quer que eu te conte?

— E ela?

— Ela não sente o mesmo, ou se sente, não quer admitir nem para ela mesma.

— Traduzindo: Dois imbecis que estão jogando a felicidade janela à fora.

— É... pode até ser, mas eu não posso mais fazer isso sozinho, meu amigo, eu não tenho mais forças. Nós dois precisamos viver, e estando tão perto um do outro, e tão distantes ao mesmo tempo, nenhum de nós vai conseguir ser feliz.”.

Naquele dia, meu amigo não me disse mais nada, apenas me abraçou e afirmou que me apoiaria e estaria comigo em quaisquer circunstâncias. Eu nunca duvidei disso, sabia que ele sempre estaria presente por mim, e mesmo distantes fisicamente, nossa amizade e cumplicidade jamais seriam rompidas.

O último móvel acaba de sair pela porta. Fico observando o apartamento vazio; estou deixando uma vida para trás, e não sei como iniciar a outra, porque ela não estará ao meu lado. Eu sei que fui inconsequente, que no passado abri mão do meu futuro, mas jamais imaginei uma vida longe de Lara, uma vida sem ela.

Eu não sabia ao certo se queria constituir uma família, mas em todas as vezes que cogitei essa possibilidade, era com ela que eu estava, apenas ela que eu via. Ela era a mulher que eu queria para ser minha para sempre, para ser mãe dos meus filhos; ela sempre foi a única que me completou.

Fecho a porta do apartamento e vou para o meu “antigo” quarto. No banheiro, começo a encaixotar os últimos pertences pessoais que ainda tem por aqui; a cada item que coloco na caixa, um pedacinho da minha esperança também se vai.

Ouçá um barulho na sala, e imagino que sejam as pessoas que contratei para fazer a mudança, mas, por prevenção, saco minha arma e caminho lentamente até lá, mas a cena que vejo me quebra por dentro.

Lara está sentada no chão, abraçando as pernas contra o peito e a cabeça abaixada entre os joelhos, chorando como nunca antes eu havia visto. A cena me quebra por dentro, e fico na dúvida se devo me aproximar, sem entender o porquê de ela estar assim, se ela já estava em um novo relacionamento, se em todas as vezes que eu a vi nesses últimos trinta dias ela aparentava estar tão bem. Será que o *imbecil* fez algo para ela? Ah... se for isso eu o mato! Não quero nem saber que *merda* vai dar, mas eu o mato!

Depois de um tempo observando sem ser visto, eu a chamo, porque vê-la assim está acabando comigo.

— Lara... — Chamo baixo, para não a assustar.

— ENRICO? — Ela se levanta depressa, e corre em minha direção, tão rápido que eu mal acompanho os seus movimentos. — Enrico, eu te amo! Me desculpa por não ter dito antes. Eu sei que fui uma *idiota*, mas não vá embora, por favor, não me abandone, não me deixe aqui sem você... — Ela fala, desesperada, e eu confesso que, exceto seu desespero, eu nunca me senti tão feliz em ouvir essas palavras.

— Ei, calma, minha linda, eu estou aqui. Pare de chorar, isso acaba comigo. — Seguro o seu rosto com as duas mãos e limpo cada lágrima com um beijo, até que finalmente beijo sua boca, matando um pouco da saudade que estava dela, que corresponde na mesma medida.

Ela finalmente se rendeu a nós, e hoje me sinto o *fodido* mais feliz do mundo inteiro.

Embora tenha se acalmado um pouco, Lara não consegue dizer uma só palavra, o choro e o soluço continuam a irromper do seu peito. Com carinho, pego-a no colo e sento-me no chão, mantendo-a ali, protegida em meus braços. Ela permanece aninhada em meu peito por um tempo, até que se acalma e levanta os olhos para alcançar os meus.

— Você vai embora, vai me abandonar aqui... — Lara fala, e embora tenha acalmado o choro, soluça entre as palavras ditas.

— Shii... Se acalme meu amor, depois nós conversamos sobre isso, só não

fique assim; não chore, porque te ver nesse estado está acabando comigo. — Ela balança a cabeça, concordando, e ficamos ali, tão abraçados que parecemos nos fundir.

Minha cabeça trabalha freneticamente, pensando em como irei resolver minha vida. Se Lara estiver realmente decidida a estar comigo, a tentar, eu jogarei todos os meus planos para o alto, cancelarei o pedido de transferência e o aluguel do imóvel, tudo o que for preciso, eu farei tudo para estar com ela.

— Como você soube que eu estava indo embora? — Pergunto, quando ela se acalma o suficiente. Lara me olha nos olhos, e eu vejo refletido ali todo o meu mundo; o que me trás mais felicidade na vida está aqui agora, em meus braços.

— Kananda. Ela ouviu Eros conversando com você. No começo ela não quis me falar, porque disse que era um assunto que não lhe dizia respeito, mas no fim me contou.

— Humm... eu deveria contar ao meu amigo que a sua *princesa* está ouvindo atrás da porta... — Apoio o indicador no rosto em um gesto pensativo, provocando-a.

— Enrico, eu a obriguei, ela não teve culpa. Eu juro que ela não quis fazer fofoca; por favor, não os faça brigar, ela só quis ajudar. — Praticamente implora, e eu sorrio.

— Calma, sua bobinha, é lógico que eu não farei isso. Na verdade, vou ligar para ela e agradecer, porque se não fosse por ela, você não estaria aqui agora, nos meus braços. Vou agradecer a Santa Kananda dos corações partidos por interceder por nós. — Gracejo, e ela sorri. — É sério, Lara, eu estava indo embora, mas sabendo que eu jamais seria feliz longe de você. — Completo, em um tom sério, para que ela perceba que falo a mais pura verdade.

— Isso quer dizer que você vai ficar?

— Isso quer dizer que minha vida está de cabeça para baixo, porque eu quero ficar, mas hoje à tarde recebi uma ligação informando que a minha transferência foi aprovada, e que na segunda-feira devo me apresentar na nova cidade em que vou trabalhar.

— O QUE? — Lara grita, já voltando a chorar. — Ai, meu Deus, eu demorei demais, você vai embora e eu vou ficar aqui sozinha. O que vai ser de mim sem você por perto, Enrico? Eu vou ser a pessoa mais infeliz do mundo! — Lara murmura, voltando a chorar.

— Ei, calma, minha pequena, é brincadeira. — Falo, sorrindo, porque não vou deixá-la chorando assim. Embora eu tenha amado vê-la confessar o seu amor, me corta o coração vê-la chorar.

— Mas é um *idiota* mesmo! Ou melhor, *idiota* sou eu, que estou aqui toda derretida enquanto você se diverte às minhas custas. — Fala, dando um tapa no meu peito enquanto eu continuo gargalhando.

Ela se levanta apressada do meu colo, mas eu a agarro pelas pernas e a puxo para baixo, prendendo-a de volta.

— Olha *pra* mim, Lara. — Peço, porque ela está com um bico lindo, sem querer olhar para mim.

— Não quero...

— Olha para, mim meu amor. — Falo com carinho, trazendo o seu rosto para perto do meu e fazendo os nossos olhares se cruzarem. — Eu te amo, meu amor, e nada, nada nesse mundo me afastaria de você, a não ser você mesma. Mesmo que a transferência já tivesse saído, mesmo que eu já tivesse conseguido vender o apartamento, não importava a situação, eu abriria mão do concurso, do meu cargo de delegado, eu iria morar embaixo da ponte, Lara, mas nada me colocaria longe de você.

— Você jura?

— É claro, meu amor,

— Ah, Enrico, *EU TE AMO! Te amo* tanto que nem sei como dimensionar.

— Mas eu sei, pequena, eu sei porque sinto o mesmo. Agora vem aqui, que eu preciso matar a saudades que estou de você.

— Eu também estou com saudades...

Nossas roupas foram arrancadas com pressa, o desespero nos tomando na mesma medida que o desejo começou a nos consumir.

— *Putá merda*, Lara, eu tô doido *pra* te *foder* gostoso...

— Ah, é? — Ela pergunta, enquanto abaixa minha boxer e segura o meu pau entre os dedos. — E eu estou doida para ser *fodida*...

Caralho, quase gozei com as palavras dela.

Passei por todo o seu corpo com os olhos, lembrando cada pedacinho dele. Sinto um arrepio de prazer percorrer toda a minha pele, acaricio sua coxa e a vejo arrepia. Puxo-a para um beijo, lento e íntimo, tento fazer com que Lara entenda que não tem mais volta; a partir daqui seremos nós dois contra o mundo. Haja o que houver, aconteça o que acontecer, ela jamais irá se afastar de mim, eu não deixarei.

Lara envolve meu pescoço com os braços, nossas línguas dançando uma com a outra lentamente. Registrando cada movimento, suas mãos pairam no meu peito, e desço minhas mãos por sua cintura, trazendo-a ainda mais para perto de mim, nossos corpos quase se fundindo em um só. Ouço seu gemido e me perco

em seu corpo, com a certeza de que, dali por diante, ele seria só meu para sempre.

Beijeí cada pedacinho de pele exposta, deixando o melhor para o final. Depois de venerá-la por completo, abocanhei sua *boceta* com uma fome desesperada. Lara gemia e se contorcia deitada no chão frio; não nos importamos se não havia mais nada no apartamento, onde estávamos não fazia diferença. O desejo era tão forte que a única coisa que importava naquele momento era nos fundir, nos tornar um só.

— *Porra*, Lara, senti tanta falta dessa sua *boceta* gostosa. Se você continuar rebolando e gemendo assim eu vou gozar sem sequer meter meu pau em você, amor.

— Nem pense nisso, Enrico, eu quero você agora, inteiro dentro de mim.

— Quer é? — Pergunto, quando abandono sua *boceta* e paio meu corpo sobre o dela, nossos olhos travados um no outro, perdidos de amor, luxúria e tesão.

— Muito. — Ela responde.

— Eu nunca mais vou deixar você, meu amor — falo, enquanto começo a penetrá-la lentamente, sentindo-a se abrir para mim, tão perdida quanto eu. Aos poucos fui aumentando o ritmo, eu sabia que seria rápido, pois depois de quarenta e cinco dias sem sexo, eu estava me sentindo um celibatário, um virgem em sua primeira vez, e parecia que Lara estava do mesmo jeito.

— Isso.... Eu... eu vou gozar Enrico, vem comigo dessa vez.

— Eu vou, amor, quantas vezes você me chamar eu irei. — E depois de mais algumas arremetidas, gozamos juntos, como nunca antes.

— Eu te amo, Lara.

— Eu também te amo, Enrico.

Capítulo 22

Lara



Juntos em qualquer circunstância

Suspiro ao acordar deitada sobre o peito do meu amor. Tivemos um final de semana maravilhoso, e nada, nem ninguém é capaz de tirar esse sorriso bobo que tenho nos lábios.

Eu o amo, eu sempre o amei, e agora posso admitir em voz alta. Não é como se todo o meu medo, o receio de sofrer, tivesse desaparecido como em um passe de mágica, longe disso. Sei que ele continua ali, mantendo-me alerta, mas eu resolvi me entregar. Perdoar não é uma decisão fácil, mas eu senti que precisava; eu jamais seria feliz sem abrir o meu coração, sem me permitir tentar novamente.

— Já está acordada, pequena? — Ouço sua voz rouca de sono enquanto sinto suas mãos acariciarem minha coluna.

— Humrrum...

— Mil beijos por seus pensamentos...

Apoio os braços em seu peito nu e fico em silêncio, admirando-o.

— Estou aqui pensando em nós, em como somos bons juntos, e me perguntando se será assim para sempre.

— Vai ser, minha pequena, eu te prometo que será assim para sempre. — Enrico me puxa para cima e me beija, e eu não sou capaz de dimensionar quão grande é a minha felicidade. Embora eu ainda tema, sinto que ele é sincero em cada palavra dita. — Agora vem cá, que eu quero você antes de irmos trabalhar. — Sinto os beijos de Enrico descerem pelo meu pescoço quando ele se coloca sobre mim; sua respiração arrepia toda a minha pele e, assim como aconteceu durante todo o fim de semana, nos perdemos um no outro.



Assim que cheguei ao escritório minha secretária me informou que um dos meus clientes havia sido detido novamente, então peguei minha moto e corri para acompanhar o interrogatório. O caso estava nas mãos de Enrico, e eu sabia como ele era; eu tinha que estar lá ou o meu cliente teria sérios problemas com o meu delegado malvadão. Sorrio com o pensamento enquanto acelero minha moto, e por volta das 9h da manhã estaciono na delegacia.

— Por favor, gostaria de falar com o Delegado Chiarelli.

— Só um momento. — A recepcionista pede, enquanto finaliza uma ligação que estava em andamento.

— Tudo bem. — Checo o meu celular para verificar se minha secretária conseguiu alguma informação sobre o motivo da prisão, mas não há nada.

— Senhorita... — A mulher chama a minha atenção. — Poderia aguardar um instante, por favor? O delegado Chiarelli está em reunião com a investigadora Jaqueline.

— Claro, aguardo sim, sem problemas. — Respondo calmamente, expondo um sorriso, mas por dentro o meu coração acelera, minha mente trabalha a mil por hora, e nem *fodendo* que eu ficarei aqui aguardando qualquer *merda* que eles estejam fazendo trancados naquela sala. — Vou só pegar um café. — A moça concorda e eu sigo pelos corredores o mais rapidamente que consigo.

Logo estou de frente à sua porta, e giro a maçaneta com o coração na mão, sem saber o que irei encontrar.

— Doutora? Acho que essa sua invasão à sala do delegado está se tornando rotineira. — A vaca me provoca.

— Acho que não preciso te dar a mesma resposta da última vez em que nos vimos na mesma situação, pois você deve se lembrar muito bem, não é mesmo? — Ela praticamente bufa de raiva. — Doutor Chiarelli — falo, com certo deboche na voz —, vim acompanhar o interrogatório do Sr. Mario Souza, o

senhor já está disponível?

— Se a *doutora* nos deixar acabar a *reunião* logo, o Dr. Chiarelli irá chamá-la. — A “Vaqueline” se antecipa para me responder.

— Acho que você já me deu informações suficientes, Jaqueline, pode, por favor, trazer o meliante. — Ela o olha contrariada, mas não contesta, e sai pisando duro da sua sala, seu olhar me fuzilando a todo instante. — Meu amor... — Enrico começa, mas eu o corto.

— Nem vem com essa, Enrico, o que estava fazendo em reunião à portas fechadas com *essazinha*?

— Amor, ela estava na operação que prendeu o seu cliente, e estava me passando as informações necessárias para o interrogatório; você sabe como funciona.

— Sei o *cacete*, Enrico! Com certeza ela não estava sozinha na operação, e com certeza haviam outros investigadores que poderiam estar aqui lhe passando o necessário, então não se faça de sonso! — Ele levanta para vir em minha direção, mas em seguida a porta se abre, e ela entra com o meu cliente

Eu me esforço ao máximo para agir com naturalidade, enquanto ela faz questão de se manter como um guarda-costas atrás de Enrico. Assim que libera o meu cliente para que possamos conversar antes de o interrogatório ser iniciado, sei a mensagem que ela está tentando me passar é a de que existe intimidade entre eles, ainda que profissional. Ela está ali, marcando território.

— Jaqueline, você pode ir. — Enrico afirma, pois percebe que ela está tentando me afrontar enquanto eu converso com meu cliente no canto da sala, mantendo externamente a compostura enquanto por dentro eu sinto vontade de rasgar a garganta dessa vaca.

— Podemos começar, doutor? — Pergunto.

— Sim.

A partir daí assumimos nossos papéis profissionais, eu, enquanto advogada e ele, delegado, cada um exercendo sua função nos limites da lei, e sem deixar que nossa vida pessoal interfira no resultado do nosso embate. Por fim, consigo que ele arbitre fiança, e enquanto providencio o pagamento junto à família, aguardo na recepção, até que ele manda me chamar.

— Doutora, a fiança foi paga, o seu cliente será liberado.

— Obrigada, doutor Chiarelli. — Agradeço e viro as costas, espumando de raiva.

— Lara... — Ele me chama quando já estou na saída que dá para o estacionamento. — Você pode, por favor, vir até a minha sala? Gostaria de

conversar com você.

— À noite conversamos.

— Por favor, meu amor. — Ele pede, falando baixo para que as pessoas não o ouçam.

— Rápido, Enrico, você tem vinte minutos. — Respondo, já seguindo em direção à sua sala.

Entro na sua sala e ele me abraça por trás. Faço questão de me afastar. Ele me explica que o assunto que eles estavam tratando era profissional, e eu até acredito, mas é impossível não sentir a “pulguinha” do ciúme, da insegurança e da desconfiança me morder. Tento me controlar.

— Minha Elvira, eu só tenho olhos para você, amor, já te disse isso. Não vamos brigar após o fim de semana perfeito que tivemos, por favor.

— Tudo bem, Enrico, eu acredito, mas, por favor, tenta evitar muito contato, essa mulher me irrita demais. — Falo com raiva, quando vejo meu irmão invadir a sala do amigo com o semblante tenso e preocupado e o celular no ouvido, imediatamente ficamos em alerta.

— Oi Ana, tudo bem? — Meu irmão fala ao telefone. — Posso falar com a Nanda, por favor? — Percebo que algo aconteceu com Kananda, e meu coração acelera só de imaginar que possa ter sido algo ruim. Eros ouve alguma resposta e pergunta em seguida, jogando-se numa cadeira: — Ana, ela esteve aí hoje pela manhã? — Mais silêncio. — Sim, acabei de ligar para casa e Joana me disse que ela saiu há mais de 40 minutos. — Meu irmão fala, deixando-se tomar pelo desespero, enquanto bagunça os cabelos desesperadamente e apoia a cabeça na mesa, parecendo buscar um pouco de equilíbrio emocional.

— Ana, é o Enrico. Eu não sei direito o que houve, mas vou tentar descobrir. Por favor, se tiver qualquer notícia me avisa, e eu farei o mesmo com você. — Enrico toma o telefone das mãos de Eros, parecendo entender a gravidade da situação. Sei que depois do episódio em que salvei Kananda no shopping eles estavam investigando a sua irmã, e pela preocupação dos dois percebo que não encontraram nada bom.

— Irmão, bebe essa água. — Ofereço um copo de água a Eros, e me agacho ao seu lado.

— *Brow*, o que houve? Fale tudo o que sabe até o momento. — Enrico ativa o “modo delegado”, tentando tomar o controle da situação e pensar friamente no que fazer, enquanto eu tento insistentemente ligar para o celular de Kananda, que continua indo direto para a caixa postal.

Ouvimos o relato de Eros de tudo que fizeram na manhã até esse momento.

Quando ele finaliza, Enrico pega o telefone e chama alguém do departamento de crimes virtuais para vir até sua sala. Se não fosse toda a tensão do momento, eu tomaria um longo tempo para admirar meu Enrico em seu modo Delegado Chiarelli; é definitivamente um tesão ambulante.

— Qual o plano, Enrico? — Eros pergunta, e ele explica.

— Rastrear o celular dela. Sei que existe a possibilidade de alguém ter tirado o chip, mas podemos descobrir qual foi o último local em que esteve com sinal. — Enrico fala, e Eros lembra que ela iria para a farmácia de Uber, então eles encontram um ponto de partida.

Os minutos seguintes são uma loucura, eles reúnem uma equipe para encontrá-la, e eu acompanho tudo, embora Enrico tenha tentado sorratamente me excluir das informações, mas eu finjo que não percebo e me mantenho ali, ao lado deles, afinal, os dois não me obrigaram a ter aulas de defesa e tiro à toa; não sou uma mocinha indefesa, sei me cuidar, então não arredarei o pé daqui até ter minha cunhada em segurança.

— Eros, não tenho boas notícias, infelizmente. Consegui rastrear o cadastro e cruzar com os dados do motorista que fez a *corrida* para ela, entrei em contato com ele e, ao informar o seu endereço, que foi de onde ela saiu, ele disse que teve sim uma passageira com essas características, mas que ela não estava sozinha, e sim acompanhada de uma mulher que a chamava de irmã e de um homem que se manteve em silêncio durante todo o caminho. — O tal do Matias, que Enrico havia chamado, nos informa.

Eu e Enrico tentamos fazer Eros manter a calma; nós sabemos o quanto deve estar sendo difícil para ele, mas não tem outra saída, temos que agir com calma, e é a segurança nas ações de Enrico que me fazem ter essa certeza: no final tudo dará certo.

— Calma, irmão, vai ficar tudo bem. — Falo para meu irmão depois do que ouvimos.

— Para onde ele a levou, Sérgio? — Eros Pergunta.

— Para o Morro do Pipoca. — Matias responde, e percebo que tanto ele quanto Enrico já desconfiavam de onde ela estava. — Ele a deixou no pé do morro junto com os dois, e garante que os viu subir.

— *CARALHOOOO!* — Eros grita.

— Peguem tudo o que precisarem, vamos sair em quinze minutos. — Enrico dá a ordem, e todos se apressam para vestir os coletes a prova de balas e pegar armas e munições de alto calibre.

— Eu vou com vocês. — Aviso, enquanto confiro a pistola em minha

cintura.

— Mas nem *fodendo*. — Enrico responde imediatamente.

— Eu vou sem *foder* mesmo. — Retruco, e duelamos com olhares.

— Lara, talvez seja melhor você ficar. — Eros fala.

— Já falei que eu vou e pronto. — Sou incisiva. Não posso titubear, porque senão eles montam em mim. Imediatamente abro o armário de Enrico e pego outras duas Glock's, um coldre e prendo na perna. — Se não me levarem com vocês, eu irei atrás com minha moto, então vocês decidem apenas se vamos juntos ou separados. — Digo, firme, e assim como imaginei eles concordam, porque sabem que eu iria cumprir minha palavra.

Enrico me ajuda a prender o colete a prova de balas, tentando a todo momento me dissuadir da ideia de acompanhá-los, mas ele sabe que nada me fará desistir.

Encontramos toda a equipe selecionada preparada e nos esperando na porta da DEPOL, então seguimos em comboio para o morro.

Eles já haviam conseguido algumas informações sobre o paradeiro de Kananda com olheiros de dentro do morro, então assim que chegamos no local nos dividimos para começarmos a subir.

— Lara, seja lá o que acontecer, não se afaste de mim. — Enrico pede, me segurando pelo braço, e eu concordo com a cabeça.

Eu, Enrico, Eros e mais cinco homens subimos pelo alto do morro, pois segundo as informações, é lá que ela estaria.

Sinto um tranco em minha cintura, e em seguida Enrico derruba um bandido que estava em cima de uma laje pronto para atirar em nós. Eles pareciam conhecer aqueles becos e vielas como a palma de suas mãos.

— Fica atrás de mim, Lara.

— Para com isso, Enrico, se concentra.

— *Putá merda!* Como vou fazer isso com você em perigo?

— Meu amor — olho rapidamente em seus olhos, e vejo o temor refletido ali —, se você não se concentrar, sairemos todos mortos. Eu confio em você, Enrico, confia em mim. — Peço, e ele se rende.

Rapidamente chegamos ao local aonde o chefe do morro se escondia, e eles encostaram na janela para ouvir.

Assim que a ligação foi encerrada, a porta foi estourada por Eros. Numa rápida troca de tiros eles derrubaram os dois e mantiveram vivo apenas o chefe; os dois eram como máquinas.

— Para onde levaram minha mulher? — Eros pergunta, após desferir

alguns socos no rosto do *filho da mãe*, e ele sorri.

— Garanta minha liberdade e eu te digo. — Ele tenta barganhar, mas com a raiva que todos estamos é impossível, e logo ele percebeu.

Me aproximo do verme, que está ajoelhado no chão, e chuto seu rosto com tanta força que ele tomba para trás.

— Fala, seu *merda*, onde ela está? — Pergunto, gritando com ele, em seguida abaixo-me ao lado dele e puxo seu cabelo para trás. Em um movimento rápido, ele pega uma das armas que eu mantinha no coldre e atira na direção de Eros. Enrico avança sobre nós, mas com um rápido movimento eu já o mantinha sobre meu domínio, então Enrico o algema.

— SEU FILHO DA PUTA, VOCÊ ATIROU NO MEU IRMÃO! — Grito com o verme, apertando o seu pescoço ainda mais no mata leão. Quando sinto sua respiração se esvaír aos poucos do corpo o solto, caminho até Enrico, que se mantém próximo de nós, pego o seu punhal e volto para o bandido. Enrico não desvia os olhos de nós um minuto sequer. — Enrico, tenta estancar o ferimento de Eros. — Peço. — E meu irmão, esse *filho da puta* vai falar rapidinho onde sua mulher está. — Aviso aos dois, que parecem momentaneamente em transe.

— Vai falar por bem, ou vai aguentar calado eu cortar todo o seu corpo com meu punhal primeiro? — Pergunto, e o frouxo se mantém em silêncio, apenas até sentir o primeiro corte profundo em sua coxa.

— EU FALO, SUA LOUCA! — Ele grita, e eu sorrio.

— Louca? Você ainda não me viu enlouquecer. — Vejo o medo brilhar em seus olhos enquanto ele solta exatamente o local onde iremos encontrar minha cunhada.

Não perco a oportunidade de deixar outra marca em sua perna, e ainda conseguimos ouvir os seus gritos de dor quando nos afastamos do local onde estávamos.

— Eros, por favor, vá para o hospital — imploro.

— Vai, *bro*, eu prometo que volto com sua mulher sã e salva. — Enrico complementa meu pedido.

— Não adianta vocês ficarem insistindo, só estamos perdendo tempo aqui; quanto antes eu estiver com ela nos meus braços, mais rápido serei atendido. — Meu irmão rosna para nós dois.

— Que *merda*, vocês são dois cabeça-dura! — Enrico reclama. — Não é a toa que são irmãos. — Suspira. — Vamos então, adiantar esse resgate.

Rapidamente nos aproximamos do cativado. Visualizamos cinco elementos, mas três deles se rendem, com medo de morrer, e os outros dois foram mortos na

troca de tiros conosco.

Ouvimos uma movimentação no fundo do cativeiro, e como Eros está baleado e não consegue correr, eu e Enrico vamos nessa direção enquanto ele entra no casebre.

Quando chegamos no fundo do terreno, fomos surpreendidos por dois homens e o parceiro da irmã de Kananda, Diego, tentando fugir; trocamos tiros com eles.

— Volta, Lara, me deixe aqui sozinho, eu dou conta! — Enrico grita.

— NÃO! — Respondo.

— Por favor, Lara, pelo menos dessa vez faz o que estou te pedindo. — Ele fala, em desespero, quando quase somos atingidos por uma sequência de tiros.

— Eu não posso, Enrico, não vou te deixar sozinho para morrer.

— Eu não vou morrer, Lara, te prometo, mas eu funciono melhor sozinho; não consigo desligar de você.

— JÁ DISSE QUE NÃO! — Retruco. Embora eu entenda os motivos dele, eu não vou deixá-lo sozinho. — VAMOS, ELES VÃO FUGIR! — Grito com Enrico, quando percebo que ele parou de avançar.

— Fica na minha retaguarda. — Enrico fala, quando consegue atingir um dos dois, consigo fazer o mesmo com outro.

— VAMOS! — Grito, quando ele para.

— NÃO! — Ele grita comigo. — Eles não morreram, podem tentar nos atingir. — Completa, enquanto me mantém atrás de si.

— MAS O AMIGO DELA VAI FUGIR! — Grito, dominada pela adrenalina do momento.

— Depois nós pegamos eles, meu amor. Você é mais importante para mim, não seria seguro avançarmos. — Ele diz, me olhando nos olhos, e eu fico dividida: uma parte de mim quer gritar com ele por deixá-lo fugir, e a outra está encantada com sua preocupação.

— Peguem os dois. Tenham cuidado, eles estão feridos, mas não mortos. — Ele fala para os dois agentes que se aproximam de nós. — O terceiro fugiu, tentem capturá-lo, se não conseguirem desçam, nos encontramos lá embaixo. — Ordena, e corremos em direção ao casebre.

— ENRICO, LARA, AQUI! — Ouvimos Eros gritar, e corremos até entrar no local.

Enrico entra por uma janela lateral e eu corro para a frente, encontrando Amanda tentando fugir. Sem pensar duas vezes, pulo em cima dela ainda na minúscula sala, e domino-a com facilidade. Consigo ouvir o desespero dos dois

dentro do ambiente; o que quer que tenha acontecido a Kananda, foi sério demais.

Tomo meu tempo amarrando Amanda e, em seguida, ligo para que uma ambulância venha até nós.

— Já chamei uma ambulância. — Aviso ao meu irmão quando o vejo surgir sem camisa, com sua mulher desmaiada e ensanguentada nos seus braços, envolta apenas no seu colete a prova de balas.

— Vamos descer, ela não pode esperar. — Eros afirma.

— Calma, *brow*. — Enrico pede, tentando passar uma tranquilidade que eu percebo não existir apenas por olhá-lo. — A ambulância está subindo.

— Não dá *pra* esperar, Enrico, você viu como a encontrei, eu preciso tirar ela daqui...

Sem parar de andar, ele desce, e nós os acompanhamos morro abaixo. Os demais policiais ficam com os feridos e os rendidos para acompanhá-los até a delegacia.

Paramos o primeiro carro que encontramos e nele seguimos até o hospital. Enrico não quis me dizer como a encontraram, só afirmou que a cena que presenciou jamais sairá da sua mente, e, para ele, um delegado experiente, ter dito isso, eu imagino que deve ter sido horripilante, no mínimo.

Capítulo 23

Lara



Sempre vale a pena amar

Depois do susto que passamos com Kananda nós estamos ainda mais apegadas, *somos quase irmãs*. Eros e Enrico sempre combinam para estarmos juntos.

Agora estamos numa correria danada para organizar o casamento deles; meu irmão deu um prazo de seis meses para a noiva organizar tudo, então tenho ajudado no que posso para cumprir o cronograma. Nossa maior dificuldade é que eles decidiram se casar num resort que tinham ido quando começaram a namorar, o lugar é realmente lindo e inspirador, mas está nos dando um trabalho terrível.

— Lara, você já vai sair? Hoje é sábado, que bicho te mordeu? — Enrico resmunga, quando entra no meu apartamento pela manhã. Está a coisa mais linda do mundo com uma carinha de sono, o rosto amassado, usando uma camiseta, bermuda estilo surfista e uma xícara de café nas mãos.

— Já, meu amor, mas prometo voltar o quanto antes. — Dou um beijo nos seus lábios. — Vou com a Nanda no shopping, precisamos resolver algumas coisas do casamento.

— Eu tinha feito tantos planos para hoje... — Rosna, jogando-se no sofá.

— Aposto que todos esses planos incluíam eu e você nus e atracados por qualquer canto desse apartamento, não é? — Sorrio.

— E você quer planos melhores do que esses? — Sorri de lado, daquele jeito cafajeste que eu amo, me puxando para ficar entre suas pernas enquanto acaricia minha barriga com o nariz.

— Enrico, por favor, eu vou me atrasar... — Peço, tentando afastá-lo de mim.

— A Nanda espera um pouco, amor...

— Enrico, pensa assim, quanto mais rápido eu for, mais rápido estarei aqui com você. — Acaricio seus cabelos.

— Merda, já vi que me ferrei... — Olha para cima, com uma carinha de cachorro pidão que quase me convence. — Nem uma rapidinha para acordar? — Pergunta, e eu gargalho.

— Não, amor, nem uma rapidinha para acordar, mas eu prometo que mais tarde vamos ter uma *demoradinha* para compensar, ok? — Falo, e ele sorri com o trocadilho.

— Tá bom, vai lá, sei que nada vai te fazer mudar de ideia mesmo.

— Vê se não fica aí jogado no sofá o dia inteiro. — Falo, quando chegamos até a porta do meu apartamento. Enrico veio colado nas minhas costas até aqui, beijando meu pescoço e esfregando-se em mim, tentando me convencer a ficar com ele, e confesso que foi difícil resistir; se não estivéssemos com o cronograma tão apertado, eu teria pedido para Kananda remarcar.

— Vou ligar para o Eros. Já que as duas resolveram nos abandonar em pleno sábado de manhã, ele deve estar na mesma *merda* que eu. — Sorrio, porque quando se trata de nós duas os dois exageram.

— Até mais tarde, meu amor. — Giro em seus braços e deposito um beijo em seus lábios. — Juízo, meu lindo.

— Até mais tarde, minha linda; e a única pessoa capaz de me fazer perder o juízo é você. — Ele responde, e dá um tapa em minha bunda.

Saio de casa sorrindo feito boba, pedindo a Deus que a nossa felicidade dure para sempre.

Lara



— Oi, cunhadinha! — Cumprimento Kananda, que já me esperava na porta do prédio, com um beijo no rosto.

— Você demorou.

— Enrico — sorrio — ele quase não me deixa sair. Minha cunhada sorri.

— Sei como é; deixei o seu irmão dormindo. Saí de fininho, senão teria o mesmo problema que você.

— Ah, esses homens... — Falo, e sorrimos juntas. — Então, qual a maratona de hoje? — Pergunto.

— Vamos nos encontrar com a cerimonialista, e depois sairemos para escolher com ela as flores e as cores que serão usadas. Você sabe que eu quero tudo o mais simples possível, mas ainda assim, tem dado um trabalho danado.

— Ah, e como sei, cunhadinha. — Sorrimos.

Depois de um tempo, chegamos ao escritório da cerimonialista, e após ajustarmos alguns pontos, seguimos para a escolha das flores e das cores. Kananda é realmente muito simples, e por mais que a mulher tentasse colocar mais “glamour”, ela dava um jeitinho de simplificar. Tenho certeza que vai ficar tudo lindo com o jeitinho dela, Nanda tem bom gosto, e sairá tudo perfeito.

— E você? Quando o Enrico colocará uma aliança no seu dedo? — Kananda solta, quando pegamos o carro no final da tarde para irmos encontrar os nossos homens no shopping, e eu arregalo os olhos, como se ela tivesse duas cabeças.

— Nunca, Nanda. Eu nunca tive o sonho de casar e todas essas frescuras, e Enrico sabe disso.

— Então vai ser assim para sempre?

— Assim como?

— Vocês morando um de frente para o outro, fingindo que não moram juntos?

— Mas nós não moramos — afirmo.

— Humrrum, tá, sei como é. — Ela desdenha. — Não esqueça que até pouco tempo atrás eu morava alguns andares acima do seu irmão, e nós já morávamos praticamente juntos.

— Mas é diferente, Nanda, você e Eros sempre tiveram certeza do que queriam, nunca houve qualquer dúvida. — Kananda me olha de relance quando paramos no sinal.

— Lara, enquanto você não deixar o medo de lado, você não conseguirá ser plenamente feliz.

— Isso está mudando, cunhadinha, aos pouco está mudando. — Afirmo.

— Que bom! — Ela concorda com um sorriso, e mudamos de assunto.

Em pouco tempo chegamos ao shopping, e encontramos os dois na praça de alimentação. Nos juntamos a eles e, como sempre acontece, nos divertimos

horrores.

— Olha só quem encontro por aqui, os casais mais melosos da cidade. — A voz do Pietro soa atrás de nós.

— Olha só o futuro casal meloso. — Enrico solta quando vê que Júlia o acompanha, e ela fica vermelha de vergonha imediatamente.

— Enrico, não seja inconveniente. — Dou um beliscão.

— Ai, Lara, isso dói! Só estou sendo sincero, amor. — Ele retruca.

— Oi, Júlia, tudo bem com você?

— Oi, Lara, tudo sim.

— Essa é Kananda, minha cunhada. — Apresento as duas.

— Oi, Júlia, é um prazer finalmente conhecê-la, a Lara me falou muito sobre você.

— Espero que tenha falado bem. — Júlia sorri, simpática, e logo estamos nós três engajadas em uma conversa sem fim, e os meninos seguem o mesmo ritmo.

Júlia nos conta sobre sua filha, Analú, mostra uma foto da menina para Kananda que, assim como eu quando a vi da primeira vez, cai de amores pelo anjinho na tela.

— Em breve Kananda estará com uma pequenina assim nos braços. — Falo, e minha cunhada sorri.

— Vamos esperar um pouco, Lara, já você e Enrico, com esse relacionamento moderno, poderiam providenciar logo um bebê para essa família, estamos precisando.

— Não provoca, cunhadinha, você sabe que essa não é bem “minha praia”. — Faço aspas com os dedos, e elas gargalham.

— Você que pensa, Lara — Júlia completa: — Eu também achava que não tinha “vocação” para ser mãe, mas depois da Analú, percebi que não há amor ou sentimento mais sublime do que esse; ela é todo o meu mundo. — Diz, e nós ficamos a olhando feito bobas. O amor transborda não apenas nas suas palavras, mas também no seu olhar. — Por falar nela, tenho que ir, o terceiro turno me chama.

— Você cuida dela sozinha? — Kananda pergunta, admirada.

— Basicamente sim. Tenho uma babá, que é um anjo em nossas vidas, mas como os fins de semana são corridos para mim por conta das boates, durante a semana eu tento estar o máximo com ela. Não nego que criança cansa, mas ela é a melhor coisa da minha vida. Hoje, por exemplo, eu não irei para a boate, combinei com a babá de lhe dar folga, por ser seu aniversário; vim comprar uma

lembrança para ela.

— É, você está certa, Júlia, quando temos alguém que nos ajuda, temos que reconhecer — falo.

— E você e o Pietro? É namoro ou amizade? — Kananda pergunta, à queima roupa, e ela abaixa a cabeça.

— É difícil. Não vou negar que ele é um “Deus”, mas depois da Analú, ou melhor, do pai da Analú, não quero me relacionar com ninguém. — Fala.

— Ei, mocinha, “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”! Você é jovem, linda, bem-sucedida, não pode se anular assim. — Aconselho.

— Eu sei, Lara, mas a minha prioridade no momento é ela. — Afirma, e no fundo eu entendo o seu receio.

Depois de um tempo, ela se despede de nós e parte. Pietro fica com cara de “poucos amigos” diante das brincadeiras de Enrico e Eros, e eu e Nanda continuamos conversando.

Após mais algum tempo, chamamos eles para irmos para casa; o dia foi puxado para nós, e estamos realmente muito cansadas.

Capítulo 24

Enrico



Nunca fomos tão felizes em nossas vidas (Dois anos e meio depois)

Desde que Lara resolveu admitir que me amava e resolveu tentar, nós estamos juntos e felizes. É claro que às vezes ela tem umas crises de ciúme bem loucas, mas nada que um sexo gostoso, para lhe dar a certeza de que eu sou total e irrevogavelmente dela, não resolva.

Depois de dois anos e meio oficialmente juntos, finalmente conseguimos programar nossas férias, e agora estamos indo para o aeroporto; vamos passar quinze dias na Indonésia. Demoramos a decidir para onde iríamos, mas enquanto pesquisávamos, nos apaixonamos por esse destino.

— Vamos, amor, nós vamos nos atrasar. — Chamo Lara pela terceira vez.

Ela já conferiu inúmeras vezes nossas malas, os passaportes, as documentações e a listinha que fizemos de tudo o que precisávamos para viajar; sei que não esquecemos nada, mas ela quer ter certeza mais uma vez.

— Já vou, Enrico.

— Amor, se você conferir tudo mais uma vez, nós não vamos viajar, e não é por falta de documento e sim porque não conseguiremos pegar o vôo, pois estaremos atrasados. — Falo.

— Ai, Enrico, às vezes você é tão chato...

— Mas você me ama mesmo assim. — Sorrio.

— Pior que amo mesmo. — Diz, enquanto eu a abraço por trás e beijo seu pescoço. — Enrico, não começa, se não nós não sairemos mesmo. — Resmungo.

— Tá bom, pequena. Mas agora vamos, é sério. — Falo, dando um tapa em sua bunda gostosa e arrastando as malas que já estão fechadas para fora do

apartamento. Chamo o carro pelo aplicativo e seguimos para o aeroporto.

Graças a Deus conseguimos chegar a tempo de embarcar, e agora já estamos a caminho do nosso destino e das nossas tão esperadas FÉRIAS!

Lara



Depois de quase vinte e seis horas de viagem, finalmente chegamos à Indonésia. O pervertido do Enrico me provocou durante todo o voo; por ele nós teríamos vindo transando durante todo o trajeto, e eu pousaria acabada e esfolada.

Enrico reclamou do ócio, dizendo que não tinha o que fazer. Quando mandei que ele assistisse um filme para distrair enquanto eu tentava ler um livro, tive que ouvi-lo dizer: *"Só se for um filme pornô, Lara, eu não estou aguentando mais esse pingado do avião"*. Eu, é claro, tive uma crise de risos. Tudo bem que nós já tivemos nossa cota de loucuras na vida, mas transar em um avião não estava na minha lista, pelo menos não por enquanto.

Não perdi os olhares que a aeromoça lançava para ele a cada vez que vinha trazer qualquer coisa que pedíamos, ou até mesmo quando vinha oferecer; na verdade ela estava vindo *se oferecer*, isso sim. Mas ele realmente estava mudado, e esse foi um dos motivos que me fez não ceder às suas investidas de transarmos enquanto todos dormiam. Sei que pode parecer loucura minha depois de tanto tempo juntos, mas eu queria testá-lo. Contudo, Enrico realmente mudou, ele sequer olhava na direção da mulher que praticamente esfregava os peitos em sua cara. Passou no teste. Estou até pensando em abrir uma exceção e, quem sabe, durante o voo de volta eu realize a sua vontade.

Se quando estamos em terra firme Enrico já me leva aos céus, imagina só estando nas alturas; acho que passearei por toda a galáxia.

Chegamos em Bali por volta de 09h, horário local, o que era uma ótima oportunidade para aproveitarmos o dia e conhecer alguns lugares. Ou, pelo menos, esses são os meus planos, porque os de Enrico são transar, transar e

transar, até que a gente não consiga mais se mexer. Ele parece um adolescente que ficou sozinho pela primeira vez com a namoradinha, mas eu sei muito bem como controlá-lo. Quer dizer, não muito bem, mas às vezes eu consigo essa proeza, e espero conseguir agora.

Chegamos ao hotel e eu mandei que Enrico subisse com as malas. Eu conheço o meu namorado; sabia que se subíssemos juntos, não sairíamos tão cedo do quarto, então resolvi esperar no saguão do hotel, que é lindo, por sinal.

Estamos hospedados no Resort Inaya Putri, que é fantástico. No próprio hotel temos diversas coisas para fazer e conhecer, mas eu queria sair, e é isso o que faremos. Mais tarde teríamos muito tempo para curtir o local, já que passaremos a maior parte da nossa viagem aqui.

— Porque você não quis ir comigo? — Enrico pergunta, de cara feia, quando entramos no carro que solicitei para nos levar até o centro de Bali.

— Por que se eu fosse nós não sairíamos tão cedo, meu amor, e eu queria sair para conhecer a cidade.

— E qual o problema de ficarmos no hotel hoje? Lá é um local maravilhoso, e também teríamos muitas coisas para explorar.

— Ah, Enrico, *fala sério!* A única coisa que você quer explorar no momento é o meu corpo, e esse você já conhece do dedinho do pé até o último fio de cabelo. — Falo, sorrindo, e ele sorri, com cara de safado.

— É verdade, amor, mas é que esse é o meu lugar preferido no mundo todo.

— Ai que fofo! — Beijo seus lábios. — Prometo que assim que voltarmos eu vou compensar essa minha falha absurda, amor.

— Espero que sim, minha pequena. — Fala, malicioso, e eu sorrio.

Chegamos ao centro da cidade e me surpreendo ao ver a intensa movimentação; confesso que achava que Bali era um lugar mais paradisíaco. Não sei se é o horário, mas no momento o trânsito está bem intenso.

Hoje eu quis conhecer alguns templos, dois na verdade: o Uluwatu Temple e o Tanah Lot. Primeiro vamos até o Uluwatu Temple, porque como o Tanah Lot fica "no meio do mar" dizem que tem uma das vistas mais lindas do pôr do sol do local.

Seguimos por todo o trajeto comentando a beleza singular que existe ali, as pessoas, a forma como se vestem e se portam, tudo é tão diferente do Brasil.

Chegamos ao Uluwatu Temple, também conhecido como Templo dos macacos, e de cara me apaixono, não é a toa que ele é uma das atrações mais incríveis do local. Na verdade, tudo em Bali encanta.

O templo está situado à beira de um penhasco, e tem uma vista linda do

mar. Grande parte da sua estrutura foi construída com corais marinhos, e é um dos templos mais antigos da ilha. Em respeito às tradições locais, assim que chegamos somos vestidos com roupas tradicionais, e só assim podemos passear e conhecer o espaço.

Logo na entrada, existe uma floresta onde vivem inúmeros macacos. Embora eles pareçam dóceis, são animais selvagens, e o guia nos disse que em busca de alimento eles, por vezes, furtam alguns pertences dos turistas. Assistimos à uma apresentação que acontecia no local e partimos encantados para o próximo destino.

O Tanah Lot não deixa nada a desejar se comparado ao Uluwatu, e aqui também nos encantamos com a beleza que reluz tanto da natureza quanto da arquitetura humana; essas duas harmonizam tão bem, que parece que foram feitas uma para a outra. Não é um templo imenso, mas é um local tão acolhedor que parece que nos fundimos com ele.

Confesso que o ponto alto para mim foi o pôr do sol; foi um espetáculo lindo, uma cena tão maravilhosa que em certo momento senti um nó na garganta, e só pude agradecer a Deus por ter me permitido estar ali, apreciando aquela maravilha, e principalmente por estar ao lado do homem que eu amo com todas as minhas forças, e que tenho certeza que amarei até o fim dos meus dias. Voltamos para o hotel em êxtase.

Eu estava faminta, porque estávamos tão entretidos com o passeio que acabamos comendo apenas um lanche simples durante a tarde, e Enrico parecia estar faminto não apenas de comida, mas de mim também.

— Nem pense que sairemos desse quarto hoje à noite, mocinha... — Assim que entramos no nosso quarto no hotel ele fechou a porta e avisou. — Vou matar a minha fome de comida e principalmente de você. — Disse, enquanto afastava os meus cabelos e beijava o meu pescoço. Eu pude sentir o seu pênis duro pressionar minha bunda, e gemi enlouquecida.

— Awnn, Enrico...

— Você também quer, não é, minha *putinha*? Também está louca para sentir o meu pau dentro de você, não é?

— Sim amor, por favor... — Sussurro, enquanto viro-me de frente para ele.

— Pois agora você vai esperar, como eu esperei durante a viagem e durante todo o dia. — Fala, afastando-se de mim e indo em direção à porta que dava para uma linda área externa privativa em nosso quarto.

— Volta aqui, Enrico. — Chamo, meu corpo tão quente que parece estar entrando em combustão.

— Não, meu amor. — Fala, enquanto pula nu na piscina privativa. — Você me fez esperar, agora está de castigo, vai ter que esperar um pouquinho também. — Pisca, safado, antes de mergulhar novamente e dar braçadas de um lado a outro, enquanto eu fico feito boba, paralisada, acompanhando os seus movimentos.

Tomo um banho frio, primeiro, porque aqui está um calor infernal, e segundo, para acalmar um pouco do desejo que me incendeia. Pensei em pular na piscina e obrigar Enrico a aplacar o meu desejo, mas como eu o conheço bem demais, sabia que era impossível; o que ele queria era acender ainda mais a minha vontade, e conseguiu.

Jantamos conversando sobre o nosso passeio, e planejando o que faríamos no dia seguinte, teríamos quinze dias para nos curtir e para conhecer esse país maravilhoso que, desde o primeiro dia, tem nos encantado.

Assim que o atendente do hotel saiu levando o carrinho com as louças e o restante do jantar que havíamos pedido, eu fechei a porta, e mal pude me virar, que Enrico já me mantinha cativa em seus braços, prendendo-me na porta e devorando minha boca com fome desmedida.

Eu correspondi, abrindo os lábios e sugando a sua língua deliciosa para dentro da minha, provando e sentindo cada pedacinho dela. Nossos corpos se encontraram desejosos.

As mãos de Enrico puxaram o meu vestido para baixo, sugando em seguida o meu mamilo, que já estava completamente duro; gemi em sua boca, adorando a violência que usou. Sendo sincera, eu adorava a junção de dor e prazer na hora do sexo, e Enrico sabia dosá-las na medida certa, me levando ao ápice das mais diversas formas que se possa imaginar. Uma vez ele quase me fez gozar apenas com as palavras que sussurrava em meu ouvido, fazendo juras e promessas sobre como me dominaria em seguida; eu era a pólvora, e ele a faísca que me fazia acender ao seu bel prazer.

Enrico desceu a boca sobre meu peito e o sugou com força, me fazendo arfar. Meu sexo latejava alucinado, precisando de alívio, mas meu homem queria me torturar um pouco mais.

Sem abandonar os meus seios, Enrico desceu o vestido que estava preso em minha cintura junto com a calcinha, deixando-me exposta para ele.

— Linda demais... — Falou, enquanto esquadrinhava meu corpo com os olhos famintos.

Enrico me pegou no colo e eu dei um pequeno grito, pois não esperava essa ação dele, então me levou até o quarto e me jogou na cama, bruto, sem nenhum cuidado, e sorriu malicioso.

— Agora, meu amor, você vai se arrepender por ter me feito esperar tanto. Se depender de mim, todos os nossos planos para amanhã serão cancelados, porque eu vou te *foder* até estar saciado, e com certeza você me sentirá dentro de você durante todo o dia amanhã, isso é, se conseguir se levantar.

Eu sorri, a lascívia tomando conta de mim. Lentamente desci minhas mãos por meu corpo, tocando, sentindo cada pedacinho de pele, até chegar no meu clitóris; abri minhas pernas o máximo que consegui, me expondo ainda mais para ele, desejando que ele me tomasse logo, que tomasse tudo de mim, que se satisfizesse em meu corpo, porque eu certamente me satisfaria no dele.

— Então vem, meu amor, me toma inteira. — Praticamente implorei.

— Não tão fácil, minha pequena; vem aqui, ajoelha e me chupa.

Eu quase gozei com o seu tom autoritário, o seu olhar que me dominava inteira, e como uma gatinha manhosa, me arrastei pela cama até estar perto dele, e incapaz de contradizê-lo ou questionar, lambi os meus lábios, olhando-o nos olhos, provocando-o, e por fim fiz o que ele queria: segurei-o pela base e, sem desviar os nossos olhos, passei a língua por sua cabeça grossa lentamente. Enrico permaneceu imóvel, em êxtase, enquanto eu me fartava em seu membro, primeiro lentamente e depois mais vigorosamente.

Aos poucos, ele foi recobrando a consciência e voltando para o ato, impulsionando os quadris em minha direção, *fodendo* minha boca sem pena, urrando de prazer.

— Enrico... — Afastei meus lábios por um instante, apenas o necessário para gemer o seu nome, para que ele percebesse o quanto eu estava dominada, envolvida naquele ato tão intimamente perfeito.

— *Putá merda*, Lara, você babou meu pau inteiro — gemeu rouco — se continuar assim eu não vou resistir, e vou gozar em sua boca gulosa amor.

— Então goza, amor, goza gostoso que eu quero sentir o teu gosto descer por minha garganta. — Pedi.

Eu estava arfando de desejo, e gemi novamente quando Enrico meteu novamente em minha boca, *fodendo-a* com a mesma intensidade com que *fodia* a minha boceta. Eu engasguei, mas não pedi que parasse, eu queria aquilo tanto quanto ele.

Senti o seu membro inchar ainda mais em minha boca, e sabia que ele iria gozar. Ele me olhou nos olhos, a pergunta silenciosa ali, e eu puxei o seu quadril ainda mais para mim, dando-lhe a permissão desejada, então ouvi o seu urro de prazer, seguido pelo líquido quente que escorreu por minha garganta. Mantive-me ali, chupando-o em um ritmo mais lento, até que ele se esvaísse por

completo.

— *Putá merda*, Lara, você acabou comigo... — Enrico falou, lutando para recobrar o controle. Então me puxou para si, beijando-me com desejo.

— Faz amor comigo — pedi.

Ele me olhou nos olhos e eu sabia que ele queria me chupar, mas tudo o que eu mais queria no momento era tê-lo dentro de mim, me preenchendo por completo.

Sem que eu esperasse, Enrico me virou de costas, suspendendo o meu traseiro e lambendo em seguida toda a extensão da minha vagina até o anus, e eu gemi, desejosa.

— É isso que você quer, minha *putinha*? — Perguntou.

— Por favor — gemi, desesperada.

— Quer o meu pau todo enterrado aqui, Lara? — Perguntou, enquanto acariciava e introduzia a ponta do dedo em minha boceta, indicando o local.

— Sim...

— Então toma.

Enrico não foi delicado, não teve cuidado, mas também não precisou, porque eu estava totalmente lubrificada, desejando ter ele inteiro dentro de mim.

— Isso, Enrico... Assim... Me fode... — Gritei, enquanto ele me abria inteira por dentro.

Eu não controlava mais as minhas ações, o desejo me dominando por completo, e Enrico tomando tudo de mim. Ele amassava o meu peito com uma mão enquanto *fodia* minha *boceta*, mas a minha perdição foi quando sua outra mão foi até o meu ânus, massageando ali, sem realmente introduzir o dedo, deixando-me na expectativa, levando meu prazer a níveis estratosféricos, e, incapaz de resistir, gozei quase que imediatamente, levando-o comigo.

Desabamos juntos na cama, satisfeitos, quer dizer, temporariamente satisfeitos, porque Enrico ainda me tomou mais duas vezes; ele estava insaciável, e eu na mesma medida.

Capítulo 25

Enrico



***Tudo o que é bom dura pouco,
mas o necessário para ser inesquecível***

Hoje é o último dia da nossa viagem, e posso dizer, com toda convicção, que nunca nos entregamos assim, tão sem reservas um para o outro. Foi tão bom e tão intenso esses dias que passamos aqui, transamos tanto, que meu pau praticamente esfolou.

Nos cinco dias em que ficamos em Bali voltamos à Uluwatu, mas dessa vez não fomos ao templo, e sim à Uluwatu Beach, que é uma praia linda demais. Fica de frente para um paredão, onde estão instalados alguns restaurantes com vistas maravilhosas; para chegar ao mar existe uma gruta, o que torna o lugar diferente de tudo o que já vimos antes.

Fomos ao Tirta Empul Temple, e diferente dos demais templos que visitamos, esse abriga uma fonte d'água e algumas piscinas, onde os moradores realizam alguns rituais de purificação.

Adoramos curtir a noite em Seminyak, o lugar ideal para experimentarmos a culinária local, além de ter diversas lojinhas. Caminhamos de mãos dadas, e aproveitamos ao máximo tudo o que a cidade tinha a nos oferecer.

O Resort onde ficamos hospedados também nos oferecia uma infinidade de possibilidades; fizemos massagens, aulas de ioga, assistimos a shows de danças balinesas, tudo nos encantou demais.

No nono dia pegamos um barco saindo de Bali para as Ilhas Gili, onde ficaríamos até o dia seguinte. Gili é um lugar paradisíaco; escolhemos esse destino depois de Bali para realmente podermos descansar. Sabíamos que os dias em Bali seriam bem intensos, e as Ilhas Gili inspiram paz e tranquilidade, era o que buscávamos: sombra e água fresca.

As águas das ilhas além de frescas eram lindas, translúcidas. Comemos peixe na beira da praia e namoramos nas redes que ficam meio submersas no mar. Calma, nós não transamos ali; ficamos apenas namorando, nos curtindo, mas à noite, em nosso quarto, matamos toda a nossa vontade.

No décimo dia de viagem seguimos para Cemoro Lawang, que nos ofereceu uma paisagem diferente do que havíamos curtido até o momento, e que aproveitamos na mesma medida. Visitamos o Monte Bromo e curtimos o clima de Vila que o lugar nos proporcionou.

No Décimo terceiro dia fomos para Java, onde ficaríamos até o fim da viagem. Primeiro visitaríamos Borobudur, depois iríamos para Jakarta, de onde retornaríamos para o Brasil.

— Nem acredito que acabou, amor... — Lara fala, enquanto terminamos de arrumar nossas malas. Hoje é o nosso último dia em Java, e amanhã partiremos direto para o aeroporto para embarcarmos de volta. Ainda teremos alguns dias de descanso quando chegarmos em casa até voltarmos a nossa rotina normal, mas confesso que se soubesse que aproveitaríamos tanto essa viagem, teria programado para ficarmos mais tempo. Com certeza voltaremos para conhecer outros lugares.

— Nem eu, amor. Vem aqui, pequena, para eu aproveitar um pouco mais de você. — Chamo, e ela vem em minha direção, deitando-se na mesma espreguiçadeira em que eu estou.

— Poderíamos ficar aqui para sempre... — Ela fala, e eu concordo com um sorriso.

— Eu nem acredito que estamos aqui juntos, amor — eu falo. — Eu te fiz sofrer tanto, por que me perdoou?

— Porque eu não consegui te esquecer nem por um minuto; porque mesmo longe de você, o meu primeiro pensamento quando acordava era você, Enrico. Tudo o que eu mais queria era estar com você, e mesmo com o tempo e a distância, eu te amava cada dia mais. — Ela fala, debruçada em meu peito e me olhando nos olhos, transmitindo-me toda a verdade das suas palavras.

— Você é perfeita, amor, perfeita para mim. — Falo, e ela sorri. — Lara — chamo sua atenção.

— Oi, amor.

— Se um dia eu te pedisse em casamento, você aceitaria?

— Você sabe que eu nunca liguei muito para essas formalidades, de casar de véu e grinalda, usar aliança, enfim, sou meio avessa a tudo isso.

— Então você recusaria? — Pergunto, espantado.

— Não é isso, Enrico, mas é que eu ainda tenho medo; ainda não me sinto preparada para dividir uma vida com alguém.

— Mesmo que esse alguém seja eu? — Pergunto, não muito satisfeito com sua resposta. — Mesmo você afirmando que me ama a todo instante e eu deixando claro que eu só tenho olhos para você?

— Amor, me deixa pensar um pouco, me deixa amadurecer a ideia, eu nunca pensei nisso antes.

— Pois pense, pequena; eu não vou te forçar a nada, mas eu definitivamente não quero ser seu vizinho para sempre.

— Então quer dizer que você vai tentar me convencer? — Pergunta, maliciosa.

— A cada dia, meu amor. Viverei cada dia da minha vida para convencê-la a querer estar comigo para sempre, todos os dias e por toda a nossa vida. — Respondo, olhando nos seus olhos depois de virá-la e mantê-la sob mim. — Agora vem aqui, amor, que eu quero aproveitar o nosso último dia nesse paraíso. — Chamo, e ela vem toda manhosa.

Levante, coloque as mãos na espreguiçadeira e abra as pernas. — Ordeno, e a luxúria toma conta dos olhos dela quando me obedece, fazendo exatamente o que eu ordenei.

Em seguida, me abaixei atrás dela e a chupei com vigor. Lara gemeu, abrindo-se ainda mais para mim. Fiquei um tempo nessa posição, até que sentei e a puxei para mim.

— Senta no meu pau, amor, deixa eu te sentir inteira. — Digo, enquanto a faço descer sobre a minha extensão, alucinando-a ainda mais, entrando fundo em sua *boceta*. Como ela está de frente para mim, tenho livre acesso aos seus seios; não perco tempo e os chupo, sabendo que isso irá enlouquecê-la.

Ela gemeu, ansiosa, cavalgando-me tão intensamente que quase me fez gozar feito um adolescente descontrolado. Segurei-a pela cintura, mantendo-a imóvel, evitando que meu pau jorrasse dentro dela.

A tirei de cima de mim e a coloquei de quatro; era assim que eu queria gozar e eu sabia que ela também gostava. Sem pena, meti de uma só vez, deixando um tapa em sua bunda que ficou imediatamente vermelha. Eu sabia que a havia marcado, e não era apenas sua pele; eu estava marcado em sua alma e coração.

Continuei estocando em sua *boceta*, mas eu estava no limite; ela havia me deixado no limite. Então fiz uma coisa que sabia que a faria gozar rapidamente: no mesmo ritmo em que estocava em sua *boceta*, estoquei o dedo em seu rabo.

Lara gemeu, alucinada, assim como em todas as vezes que eu fazia isso ou que comia o seu buraquinho apertado, gozando desesperadamente, me levando junto, e desabamos suados, cansados e satisfeitos.

— Obrigada, amor. — Após tomarmos banho juntos, já deitados e quase pegando no sono, ouço ela falar.

— Pelo quê, minha pequena? — Pergunto, sem realmente entender.

— Pela viagem, pela parceria, por ser meu companheiro.... Por tudo, amor, e principalmente por ser tão perfeito pra mim.

— Não faço mais do que a minha obrigação, amor, e você que é minha perfeitinha.

— Eu te amo, Enrico. — Ela sorri, e fecha os olhos lentamente.

— Eu também te amo, meu amor, para sempre, com minha vida e toda a minha alma. — Respondo, fechando os olhos, seguindo-a num sono restaurador.

E assim terminamos a nossa viagem, felizes, completos e com a certeza de que realmente nascemos um para o outro. E sempre será assim, aconteça o que acontecer, eu sempre serei dela e ela será eternamente minha.

Capítulo 26

Lara



O destino nos surpreende (Dois anos depois)

— *Merda, merda, merda...* mil vezes *merda*! — Repito o mantra pela milésima vez ao me olhar no espelho do banheiro. — Isso não é possível!

— Vamos, Lara. — Enrico grita do quarto.

— Já estou indo. — Resmungo, sem paciência.

— Ei, minha linda, o que aconteceu? Porque está assim, nervosa?

— Por nada, Enrico, por nada, só me deixa quieta. — Respondo.

— Amor, você está nervosa demais ultimamente, me diz o que está acontecendo.

— Não é nada, Enrico, já disse. Agora deixa eu terminar de me arrumar, se não, não sairemos hoje daqui.

Ele sai, e eu sei que fui grossa desnecessariamente. Nós nunca estivemos tão bem, nos últimos anos Enrico tem sido mais do que um companheiro para mim. Embora nós tenhamos continuado morando em casas separadas, estamos o tempo inteiro juntos. Ele nunca mais me deu motivos para desconfiar de nada.

As únicas discussões que tivemos foi com relação à casamento; ele insiste em nos casarmos, e eu ainda não me sinto pronta para dar um passo tão grande assim. Eu sei que pode ser bobagem minha, mas ainda não estou preparada.

— Amor, eu só queria ir rápido, estou com saudades da nossa afilhada. — Enrico fala, após entrarmos no carro em silêncio.

— Você a viu ontem, Enrico, deixa de drama. — Falo.

— Mas isso não impede de eu querer vê-la novamente.

— Eros e Kananda em breve vão nos proibir de visitá-los, eles dois não tem mais paz.

— Que bicho te mordeu, pequena? Me fala, por favor, porque eu preciso matá-lo; você está com um humor do cão...

— Fica quieto, Enrico, só fica quieto. — Ele faz o que eu pedi, e eu fico remoendo em silêncio o que tanto me atormenta.

Chegamos à casa do meu irmão, e Enrico sobe correndo para o quarto de Eros para ver nossa pequena Mel. Eu fico ajudando minha cunhada, que está feito louca correndo de um lado para o outro para organizar a festinha de um mês.

— Ei, Lara — Kananda chama. — Em que mundo você está, cunhada? Já te chamei várias vezes e você pareceu não ouvir. Amei o presente do Enrico, acho que Eros vai adorar também.

— Desculpa, Nanda, estou meio distraída. O presente foi ideia dele — sorrio.

— Distraída por completo — sorri. — Vamos lá em cima? Quero mostrar para o Eros.

— Vamos sim, vou ver se sobrou um pouquinho da Mel para mim, porque o Enrico já deve ter monopolizado a criança. — Seguimos para o quarto sorrindo.

— Olha, amor, o que Enrico trouxe *pra* Mel, que lindo! — Minha cunhada entra no quarto mostrando o presente que o dindo babão escolheu, e todos sorrimos.

Enrico mantém a pequena em seus braços protetoramente, e essa cena me parece tão certa e tão errada ao mesmo tempo.... Fico admirando o carinho que ele tem por ela, a atenção, o cuidado, e o quanto ele seria feliz se tivesse uma pequena ou pequeno dele, mas essa nunca foi minha vontade, ou melhor, vontade eu até tive em algum momento, mas me faltou coragem.

Eu sempre achei que não seria uma boa mãe, que eu não ia saber cuidar de um serzinho tão lindo, pequeno e frágil, por isso que sempre evitei.

— Lara, o que está acontecendo com você? Ou melhor, com vocês? — Kananda me pressiona assim que descemos as escadas, deixando os dois com a pequena. No mesmo instante, as lágrimas começam a rolar por meu rosto. — Ei, calma, cunhadinha, o que houve? Enrico aprontou? — Pergunta.

— Não — fungo, limpando as lágrimas —, ele nunca esteve tão perfeito.

— Então o que está acontecendo, Lara, eu estou ficando preocupada? — Kananda pergunta.

— É que...

— Fala criatura, desembucha ou eu vou enfartar!

— Eu acho que estou grávida...

— O QUÊ? — Kananda grita.

— Fala baixo. — Peço.

— Lara, isso é motivo de alegria, o Enrico vai enlouquecer! — Minha cunhada fala, sorrindo.

— Eu sei disso, era tudo que ele mais queria. Mas eu não sei se estou preparada para ser mãe.... Eu vejo vocês, e é uma responsabilidade tão grande...

— É claro que vai, sua boba! Essa insegurança é normal, eu também senti, talvez por isso tenha retardado tanto a vinda da Mel, mas você vai ver, aos poucos vocês se acostumam. AI, MEU DEUS, EROS VAI ENLOUQUECER! — Exclama, feliz.

— Kananda, se você não falar mais baixo eles vão ouvir. — Reclamo. — E também eu não quero dar falsas esperanças, porque eu não tenho certeza.

— E por que está desconfiada?

— Porque minha menstruação sempre foi regular, e já está atrasada a cinco dias. No mês passado fiz uma troca de remédio, e pode ser que tenha falhado...

— Ai, meu Deus, vou ligar para a farmácia, vou pedir um teste e daí teremos certeza.

— Não precisa, Kananda, depois eu vejo isso.

— Lara, você está com medo de saber a verdade? — Pergunta, segurando com carinho minhas mãos e me olhando nos olhos, e eu confirmo com a cabeça. — Não precisa, minha linda. Nós estaremos aqui, vamos aprender juntas. — Sorri, e eu concordo. — Agora deixa eu ligar para a farmácia; nessas horas é bom ser dona de uma, em instantes teremos o teste em nossas mãos.

Mais rápido do que eu esperava o teste chega, e sinto meu estomago revirar, são tantos sentimentos que eu mal consigo descrevê-los.

— Quem está doente, amor? — Eros pergunta, descendo as escadas.

— Ninguém, meu bem, Lara que está com um pouco de azia, e pedi para trazerem um antiácido para ela. — Kananda despista meu irmão.

— O que foi, meu amor? Quer ir para casa? — Enrico pergunta, preocupado.

— Não, eu vou ficar bem. — Acaricio seu rosto e vou em direção a Kananda, que me entrega o pacote em suas mãos. — Eh, eu vou na cozinha — aviso.

Pego um copo de água para disfarçar e depois vou em direção ao banheiro. A cada passo que dou, mais forte o meu coração bate dentro do peito; ansiedade

e nervosismo tomam conta de mim.

— Lara? — Ouço Kananda chamar na porta do banheiro. Desde que entrei aqui estou apoiada na pia, com as duas caixas de teste nas mãos, mas ainda não tive coragem de fazer.

— Oi — respondo.

— Você ainda não fez, não é? — Ela pergunta.

— Não...

— Deixe de ser frouxa, criatura, uma mulher valente como você não pode ter medo de uma criança.

— Mas não é qualquer criança, Nanda, pode ser a *minha criança*.

— Mais um motivo para você ser corajosa como sempre foi. Agora adiante, senão eles vão perceber que tem algo errado acontecendo.

Com as mãos trêmulas, abro as duas caixas e colete a urina nos dois potes de marcas distintas, em seguida coloco as pazinhas, e meu coração retumba no peito quando vejo a primeira “fita” rosa surgir seguida da segunda: sim, eu estou grávida; dentro de mim cresce um pedacinho do Enrico, nosso serzinho.

Chorando, abro a porta, e minha cunhada invade o local.

— E aí? — Pergunta, e eu aponto para os potinhos em cima da pia.

— Estou grávida!

— Ai, meu Deus! — Kananda grita.

— Shiu! — Peço silêncio. — Eles vão ouvir.

— Claro que sim, vamos contar para eles agora mesmo. — Me puxa, e eu a seguro.

— Calma, Nanda. Amanhã vou no médico fazer um ultrassom, quero fazer uma surpresa para Enrico.

— Claro. Ai, meu Deus, eu tô tão feliz! — Me dá mais um abraço, e saímos do banheiro.

Tomo o resto da noite para admirar o carinho de Enrico com a pequena, e como Eros e Kananda parecem ter aprendido a se virar com ela. No final eu sei que seremos bons pais; eu serei uma boa mãe, eu vou aprender, tenho que aprender.

Capítulo 27

Lara



Acordo bem cedo, ou melhor eu mal dormi. Enrico dormiu comigo, pois havia ficado preocupado com a “azia” que eu senti.

Confesso que durante a noite mil borboletas revoaram em meu estômago; eu levantei diversas vezes para beber água, na tentativa de me acalmar, mas a ansiedade por saber qual será a reação de Enrico com a notícia está acabando comigo.

— Já levantou, amor? — Ele pergunta, enquanto me abraça por trás. Estou na pia organizando um café da manhã para a gente.

— Já.

— Café não é bom para azia, você não dormiu bem essa noite.

— Ah, eu não sabia, vou tomar um suco então. — Respondo, tentando disfarçar. — O que vai fazer hoje? — Sondo.

— Hoje vou trabalhar interno, não teremos operação na rua.

— Volta cedo? — Pergunto.

— Por que? O que a mocinha está aprontando? — Me beija.

— Nada, amor, estava pensando em sairmos à noite, o que acha? — Minto.

— O que você quiser, minha linda. E você, o que fará hoje?

— Vou ao médico.

— MÉDICO? — Enrico grita.

— Calma, Enrico, é por causa da azia. Kananda me indicou um médico e eu resolvi ir.

— Entendi. Quer que eu vá com você? Posso dar um jeito...

— Não precisa. — O corto, e ele me olha, estranhando minha reação exagerada.

— Tem certeza que é só isso, amor?

— Tenho, Enrico, não se preocupe. — Dou um beijo, tentando acalmá-lo.

— Tudo bem, amor, agora deixa eu ir tomar um banho, porque se eu ficar aqui vamos nos atrasar. — Ele sorri de lado para mim.

— Sabe, amor, eu não iria me importar se nos atrasássemos... — Falo, colando meu corpo ao dele.

— Lara, sua safada, não me provoca...

— Não estou provocando, só estou constatando um fato.

— Ah, é? Então vem cá. — Enrico me joga sobre o ombro e me leva para o quarto, e mais uma vez nos perdemos um no outro. Enrico venera o meu corpo, e eu posso dizer que nunca estive tão feliz quanto hoje, sabendo que tenho um pedacinho dele dentro de mim.

— Não vai de moto? — Enrico pergunta, estranhando eu ter pego as chaves do carro, porque eu só ando de carro em dias chuvosos. Eu sempre prefiro a moto por causa da agilidade e da facilidade para tudo, até mesmo para encontrar um lugar para estacionar.

— Não, amor, hoje estou afim de dirigir — omito o fato de que provavelmente eu não usarei a minha moto tão cedo.



— Senhorita Lara Moraes Vasconcelos. — A recepcionista da clínica me chama, indicando o caminho para o consultório do médico.

— Obrigada — respondo, enquanto entro no consultório. A ultrassonografia será apenas uma constatação, mas eu tenho certeza de que estou grávida.

O médico indica a cadeira em frente à sua mesa. Já nos conhecemos, pois ele foi o mesmo que acompanhou a Kananda na gestação e no parto.

— Tudo bem, senhorita? Em que posso ajudá-la?

— Então, doutor, no mês passado fiz uma troca da medicação contraceptiva, minha menstruação sempre foi muito regular e já está com seis

dias de atraso.

— Há quanto tempo você toma medicação contraceptiva? Qual a medicação que a senhorita tomava e a que passou a tomar? — Pergunta, e eu entrego para ele as duas receitas, a que eu tomava anteriormente e a que passei a tomar, e informo há quanto tempo faço uso das mesmas.

— Vamos fazer uma ultrassonografia para verificar a possibilidade ou não de gestação.

— Doutor, ontem eu fiz dois testes de farmácia, e ambos deram positivos. Há possibilidade de estarem errados?

— Muito remota, mas com o exame poderemos confirmar.

Ele me prepara para realizar o exame, e no fundo eu já me sinto mãe; acho que ficarei frustrada se descobrir o contrário.

— Olha, senhorita Lara, tem algumas coisas que a medicina não explica...

— O que foi, doutor? Tem alguma coisa errada? — Pergunto, apreensiva.

— Não, parabéns, a senhorita será mamãe! — Informa, e sorri para mim, notando o meu desespero. Eu correspondo o sorriso, olhando em seguida para aquela tela cheia de borrões sem entender nada do que aparece ali. — O que eu ia dizer é que, pelo tempo que a senhorita toma medicação contraceptiva e por não ter ficado descoberta por nenhum período, era praticamente impossível você estar grávida, mas está aí o seu milagre, mamãe, e pelo que vejo, está tudo perfeito com ele.

Ouçõ o seu coraçãozinho bater, e meu peito se enche de amor. O médico mede aquele pontinho que cresce dentro de mim, e quando terminamos o exame ele me faz inúmeras recomendações, prescreve algumas vitaminas e medicações e marcamos o retorno para daqui a um mês.

Saio do consultório e ligo para minha cunhada para confirmar a suspeita.

— *Oi, Lara, bom dia!*

— Oi, cunhadinha. Agora é oficial: em breve você será titia!

— *AH, QUE NOTÍCIA MARAVILHOSA!!!* —

Kananda grita tão alto, que tenho que afastar o telefone do ouvido.

— Estou indo no shopping agora, vou ver o que faço para contar a notícia para o Enrico.

— *Ah, Lara, eu queria ir junto, mas estou sem*

babá hoje; a da Mel adoeceu e estou sozinha com ela.

— Kananda, você está de resguardo ainda, esqueceu que fez trinta dias ontem que você teve nossa princesa?

— Poxa, cunhadinha, até você? Já basta o seu irmão no meu pé... — Sorrio com a teimosia da minha cunhada.

— Isso, vá cuidar da nossa Mel. Prometo que te conto tudo. Agora vou desligar, vou entrar no trânsito.

— VOCÊ ESTÁ DE MOTO, LARA?

— Calma Nanda, não sou tão imprudente assim, estou de carro! — Aviso.

— Ah bom, nada de moto pelos próximos nove meses ou mais.

— *Sim senhora, General!* — Brinco.

— Me liga quando decidir o que vai aprontar.

— Tudo bem, eu ligo.

— Um beijo, Lara.

— Outro, Nanda. Dá um cheiro na minha pequena.

Chego no shopping e ando tanto procurando algo que me agrade para surpreender Enrico, que os meus pés começam a doer. De repente tenho uma ideia, tudo bem que é meio maluca, mas não seria eu se não fosse assim, então ligo para Kananda para contar o que pensei.

— E aí? Já sabe o que vai aprontar? — Minha cunhada pergunta ao atender a ligação.

— Isso tudo é curiosidade?

— Claro, Lara, eu queria estar aí com você.

— Calma, Kananda, deixa de ansiedade.

— *Fala logo, criatura!* —
Sorrio, e começo a contar
minha ideia.

— Nanda, lembra aquela viagem que fiz com Enrico para Bali? Então, ele havia me pedido em casamento, quer dizer, não formalmente, mas tinha perguntado se eu não queria me casar com ele, já que nos amávamos e já estávamos há tanto tempo juntos, só que eu falei que ainda não estava preparada. Então pensei em pedi-lo em casamento. — Falo, e ela se mantém em silêncio por mais tempo que eu gostaria. — O que foi? Você não gostou da ideia? Tá certo, foi uma bobagem minha.

— *NÃO, LARA!* — Ela grita. — *Foi uma ideia maravilhosa, ele vai enlouquecer!* — Ela fala, e eu sorrio, porque sei que ele vai surtar mesmo.

— Será que ele vai realmente gostar, Nanda?

— *Claro que vai!*

— Então vou fazer assim: vou comprar as alianças, uma roupinha de bebê e escrever uma cartinha, e coloco tudo junto em uma caixa.

— *Ai, meu Deus! Eu daria tudo para ver a cara do Enrico!*

— Confesso que eu também estou ansiosa, Nanda.

— *Vai lá criatura, providencie sua surpresa e depois me conta tudo!*

— Amanhã vamos aí contar ao Eros a notícia.

— *Certo, Lara, aguardamos vocês.*

— Um beijo, Nanda.

— *Outro Lara, se cuida.*

Assim que encerro a ligação, procuro nas joalherias um par de aliança para nós. Enquanto aguardo os ajustes serem feitos, corro para uma loja de roupas infantis e escolho um macacão branco neutro, tão lindo que posso imaginar nosso pequeno milagre ali dentro.

Como já passou da hora do almoço e uma das recomendações médicas foi

quanto a frequência e qualidade da alimentação, sigo para a praça de alimentação para almoçar. Quando acabo, tiro o cartão que comprei da bolsa e escrevo, guardando tudo numa caixa dourada que escolhi. Espero mais algum tempo, pois só faltam as nossas alianças, e aí poderei ir para casa esperar meu “marido” para lhe contar a novidade. Sorrio feito boba enquanto caminho pelos corredores do shopping.

Pego o par de alianças e coloco dentro da caixa, acrescentando um laço branco em volta dela. Por volta das 15h sigo para o meu carro, guardo as compras, ligo o som e sigo em direção ao meu prédio, louca para chegar em casa, mas na vida nem tudo sai como planejavamos, infelizmente.

Eu planejei e executei cada ação do meu dia, mas o destino quis me pregar uma peça logo agora que eu teria o meu felizes para sempre com o homem da minha vida. Quando eu finalmente resolvi dar uma chance para a nossa felicidade, eu me vejo entre a cruz e a espada.

Alguns quarteirões depois de sair do shopping, quando paro em um sinal fechado, percebo que no carro ao lado duas pessoas estão olhando vidradas para mim, tento identificar de quem se trata, e quando vejo quem são, meu coração falha uma batida.

Zica, o chefe do morro do Pipoca, que havia fugido do complexo penitenciário há alguns meses, e Diego, o comparsa da irmã de Kananda que nunca havia sido capturado. Eros e Enrico haviam tentado de diversas maneiras encontrá-lo, mas não havia rastros, ele parecia ter desaparecido.

Zica me mostra um revólver, fazendo questão de deixar claro que havia chegado a hora do nosso “acerto de contas”.

— *MERDA* — rosno, dentro do carro.

Quando o sinal abre eu piso fundo no acelerador. Deixo minha pistola entre as pernas, e tento sair do fluxo de carros, para evitar que outras pessoas saiam machucadas dessa *merda* toda. Pego o caminho para a rodovia e eles ficam um pouco para trás. Tento ligar para Enrico, mas ele não atende.

Quando chegamos em uma parte com menos fluxo, ouço o barulho de tiros na lataria do meu carro, e tento não entrar em desespero, não tem como eu revidar, senão baterei o carro; a única coisa que posso fazer é tentar despistá-los, então acelero o máximo que posso.

Meu celular toca, e agradeço por ter o *Bluetooth* conectado.

— *Oi, amor, foi tudo bem no médico? Já está indo para casa?* — Ouço a

voz do meu amor, e uma
lágrima rola por meu
rosto.

— Enrico — suspiro seu nome.

— *O que foi, linda? Você
está chorando?* —
Pergunta, preocupado.

— Eu estou sendo perseguida — informo.

— *O QUE? ONDE
LARA? ONDE VOCÊ
ESTÁ?*

— PEGUEI A SAÍDA PARA A INTERESTADUAL PELA PRINCIPAL, É O
ZICA E O COMPARSA DA AMANDA — Grito, porque, pelo retrovisor, vejo
eles se aproximarem, e meu carro é atingido por mais tiros.

— *MERDA! LARA, FICA
CALMA, AMOR, POR
FAVOR, MANTENHA A
CALMA E ACELERA.
(EROS, PORRA, A LARA
ESTÁ SENDO
PERSEGUIDA NA
INTERESTADUAL PELA
SAÍDA PRINCIPAL,
PEDE UMA EQUIPE
RÁPIDO, ELA ESTÁ SÓ).*

— Ouço uma correria, e
ele pedindo ajuda ao meu
irmão.

— Eu te amo, Enrico. — Falo, porque pressinto que essa é a última vez que terei
essa oportunidade. Eles me pegaram em uma emboscada, eu lutarei até o final,
mas sinto que não conseguirei.

— *CALMA, AMOR,
FICA COMIGO, EU JÁ
ESTOU INDO.* — Grita
com alguém, e eu não
consigo ouvir a conversa.
— *PISA LARA, PISA
FUNDO!*

Mais alguns tiros são ouvidos, e tento manter a calma. Vejo um caminhão se aproximando na via oposta, calculo que se eu conseguir ultrapassar o veículo à minha frente irei despistar os dois, pois eles não conseguiriam me seguir na ultrapassagem. Pedindo a Deus que dê certo, acelero o máximo que posso.

— *LARAAAAA!* — Ouço o grito de Enrico enquanto sinto o carro capotar e penso “*quase, quase deu certo*”. A traseira do meu carro pegou em alguma parte do carro a minha frente, eu sabia que era arriscado, o espaço para ultrapassagem era pequeno; de repente tudo fica escuro, eu não vejo mais nada, a voz de Enrico gritando meu nome fica cada vez mais distante, até que não a ouço.

Acabou....

Capítulo 28

Enrico



Tinha alguma coisa estranha acontecendo com Lara, eu tinha certeza disso, desde a semana passada ela estava mudando de humor numa velocidade terrível.

Ontem, enquanto estávamos na casa de Eros, ela esteve distante, mas quando ela e Kananda falaram que ela estava com azia, eu imaginei que esse fosse o motivo, que estivesse apenas indisposta, e me tranquilizei, tanto que hoje pela manhã a senti mais bem disposta, diria até animada.

Volto da sala de interrogatório e vejo o aparelho de celular piscar sobre a mesa, mas quando o pego para atender, a chamada havia sido encerrada. Sorrio ao ver o nome dela na tela, e retorno a ligação.

— Oi amor, foi tudo bem no médico? Já está indo para casa? — Pergunto, assim que ela atende a chamada.

— *Enrico...* — Ouço-a suspirar meu nome, e sua voz está chorosa, logo me ponho em alerta.

— O que foi, linda? Você está chorando?

— *Eu estou sendo perseguida.* — Ela fala, e meu coração para.

— O QUE? ONDE LARA? ONDE VOCÊ ESTÁ? — Pergunto, enquanto saio correndo da minha sala em busca de Eros.

— *PEGUEI A SAÍDA PARA A INTERESTADUAL PELA PRINCIPAL. É O ZICA E O COMPARSA DA AMANDA!* — Ela grita, e consigo ouvir o barulho de tiros.

— MERDA! LARA, FICA CALMA AMOR, POR FAVOR, MANTENHA A CALMA E ACELERA, EU ESTOU INDO. — Oriento, mas estou tão nervoso que mal consigo me controlar. Eu vou matar esse filho da puta; se acontecer qualquer coisa com minha mulher eu mato o desgraçado. — EROS, PORRA, A LARA ESTÁ SENDO PERSEGUIDA NA INTERESTADUAL PELA SAÍDA

PRINCIPAL, PEDE UMA EQUIPE RÁPIDO, ELA ESTÁ SOZINHA. — Falo, assim que invado o refeitório onde meu amigo está com alguns investigadores. Ele tenta pegar o telefone das minhas mãos, mas eu não deixo, saio correndo em direção ao estacionamento, mas consigo ouvir a bagunça atrás de mim: todos imediatamente me seguem, e alguns já tentam entrar em contato com a Polícia Rodoviária. Eu preciso manter a calma; tento, sem sucesso, tranquilizar minha mente.

— *Eu te amo, Enrico.* — Ouço Lara falar. NÃO, MEU DEUS, POR FAVOR NÃO DEIXE ELA DESISTIR, AJUDA MINHA MULHER, faço uma prece silenciosa.

— CALMA, AMOR, FICA COMIGO, AGUENTA SÓ UM POUQUINHO, EU JÁ ESTOU INDO. (Vamos porra, adianta, eles estão atirando contra ela!) — Aviso aos que me seguem, enquanto tapo o áudio do telefone para que ela não note o meu desespero. — PISA, LARA, PISA FUNDO! — Peço para ela, mas ouço um barulho que me faz cair de joelhos, tudo o que consigo fazer no momento é gritar por ela: — LARAAAAAA!

— ENRICO, PORRA, LEVANTA, O QUE FOI? — Eros grita, tentando me levantar do chão, mas minha mente só processa suas últimas palavras "*EU TE AMO, ENRICO*".

— Ela capotou... — Falo tão baixo que eu nem sei se ele ouviu, mas a certeza vem quando o vejo se ajoelhar à minha frente, me abraçar e chorar junto comigo. Nós compartilhamos a mesma dor nesse momento, pois Eros a ama tanto quanto eu.

— LEVANTA, CARALHO! — Somos tirados aos berros do transe em que nos encontrávamos. — Já tem uma equipe da Polícia Rodoviária indo *pra* lá, nós temos que ir também. — Borges, um investigador da nossa equipe, nos avisa. — Entramos na viatura e seguimos para o local do acidente.

— QTC QTC (*Mensagem urgente*). — Pelo rádio comunicador ouvimos o chamado.

— QAP (Na escuta). — Borges atende o chamado.

— *Acidente na QTH (Endereço) Interestadual, Km 16, quatro veículos envolvidos e pelo menos dois mortos.* — Meu coração aperta no peito com a informação. Não pode ser. Lara não! Tento manter a esperança.

— QSL (Entendido, ok). — Borges finaliza. Apoio o cotovelo nos joelhos e abaixo a cabeça nas mãos. Sinto a mão de Eros repousar em minhas costas, tentando me transmitir uma força que eu nem sei se ele tem no momento. Um silêncio sepulcral toma conta do veículo; o único som ouvido é o fungar baixo das minhas lágrimas e de Eros. Chegamos ao local do acidente e desço correndo

da viatura.

Os dois mortos são os dois *filhos da puta*; bateram de frente com o caminhão. O outro carro rodou na pista, mas graças a Deus não teve nada com o motorista. Já o carro da Lara capotou e desceu a ribanceira, e no momento tem uma equipe de resgate tentando tirá-la de dentro do carro. Tento passar mas sou impedido.

— Calma, delegado. — Um policial me segura.

— CALMA O CARALHO, EU QUERO VER MINHA MULHER! — Grito.

— Ela está viva, se acalme, estão tentando tirá-la de lá, e você, ou melhor, vocês dois nesse estado só irão piorar. — Ando de um lado para o outro, sem saber ao certo o que fazer, mas entendo que ele tenha razão; estamos muito nervosos, e nosso desespero pode atrapalhar o resgate.

— Vai dar tudo certo, *Bro*. — Eros tenta me acalmar.

— Eu não sei viver sem ela, irmão — afirmo.

— Fé, Enrico, vamos ter fé! — Meu amigo fala, tentando acalmar tanto a mim quanto a ele.

Caminho até o local onde o motorista do outro veículo envolvido no acidente estava sendo atendido, procuro saber qual o seu estado de saúde, e ao ser informado que está bem, pergunto se pode me contar como aconteceu o acidente. Ainda em estado de choque, ele me fala que viu o carro de Lara se aproximar muito rapidamente do seu, e notou que ela estava sendo perseguida. Disse que ela acelerou para fazer a ultrapassagem, e que ele ainda tentou frear para ajudá-la, mas que como o espaço era muito pequeno e a velocidade que ela estava era muito grande, não conseguiu impedir que a parte traseira do carro dela tocasse na ponta da frente do seu veículo; por muito pouco ela não conseguiu ultrapassá-lo.

Sei que não estou conseguindo raciocinar direito com toda essa situação, e embora eu esteja extremamente preocupado com o estado de saúde dela, não deixo de me orgulhar por ser uma mulher tão forte. Ela lutou com as armas que tinha, ela não desistiu, os infelizes tentaram fazer o mesmo que ela, mas bateram de frente com o caminhão, e agora devem estar “sentados no colo do capeta”. Sorte deles, porque se estivessem vivos eu os caçaria até no inferno, e não os mataria antes de torturá-los muito, com toda certeza.

— CONSEGUIMOS TIRÁ-LA DO CARRO. O ESTADO É GRAVE, PEÇAM UM HELICÓPTERO URGENTE! — Um dos paramédicos grita, e eu corro para perto com Eros no meu encalce.

Vejo-a ser imobilizada e presa a maca com muito cuidado. Eu não consigo controlar o choro; o desespero de vê-la assim está acabando comigo aos poucos.

— Como ela está? — Pergunto aos paramédicos.

— Calma, senhor, no momento a paciente está estável, mas precisa ser encaminhada com urgência para um hospital. Precisamos fazer alguns exames, principalmente porque ela está inconsciente desde o momento do acidente. — Responde, tentando me acalmar.

— Ela vai ficar bem? — Pergunto, com um fio de voz.

— Esperamos que sim, mas precisamos dos exames para dar um diagnóstico preciso. — Informa.

O helicóptero chega, e eu e Eros acompanhamos a transferência. Nós não paramos de chorar um minuto sequer. Vários fios e tubos conectam meu amor às diversas máquinas, os médicos estão todos em cima dela. O desespero no olhar de cada um deles deixa claro para mim que a situação não é tão simples quanto eles relataram.

— ELA ESTÁ PARANDO! — Ouço um médico gritar.

— A mensagem cardíaca não está resolvendo, *porra!* — O outro fala, e o primeiro volta a pressionar o peito dela com força. É lógico que eu sei o que está acontecendo, mas eu não quero acreditar. Por favor, Deus, eu não posso perdê-la.

Eu e Eros continuamos chorando desesperados, sem poder ajudar em nada, enquanto eles tentam a todo custo fazer o coração dela voltar.

— FORÇA, MOÇA, NÃO DESISTA! — Um deles grita, enquanto continua com a manobra, e depois de um tempo o *bip* do aparelho que a está monitorando volta a soar. — ELA VOLTOU! — Grita, e eu não sei como aconteceu, mas quando ouço o barulho do seu coração percebo que estou agachado no chão do helicóptero chorando junto com meu amigo ao meu lado.

— Deixa eu ficar perto dela? — Peço, querendo segurar sua mão. Quero que ela sinta que eu estou aqui, não sei se ela pode me ouvir, mas se puder, quero que saiba que eu estou aqui por ela, e sempre estarei.

— Tudo bem, delegado. — O médico responde, e eu me mantenho ajoelhado ao seu lado, repousando minhas mãos sobre as suas.

Não demora muito tempo e estamos pousando no heliporto do hospital, onde uma nova equipe já nos espera para atendê-la.

Quando chegamos, o corre-corre para atendê-la é intenso, rapidamente ela é levada para dentro do hospital e em seguida para uma área restrita. Eu a acompanho até onde posso, mas quando chegamos a área restrita, o médico pede que nós aguardemos e diz que nos trará notícias.

— Por favor, doutor, nos mantenha informados. — Eros pede.

— Em breve eu trarei notícias. Precisamos fazer os exames necessários para avaliarmos o quadro clínico, mas assim que eu tiver uma posição eu venho falar com vocês.

— Não a deixe morrer, doutor, por favor. — Imploro, as lágrimas rolando soltas. Eu jamais imaginei que fosse capaz de chorar tanto em tão pouco tempo.

— Faremos o possível, delegado.

— Façam o impossível! — Peço, e ele acena em concordância, partindo e me deixando ali, preso ao meu desespero.

Capítulo 29

Enrico



Há mais de três horas Lara foi levada para fazer exames, eu já gritei, esmurrei as paredes, fui contido, ameaçado de ser colocado para fora do hospital e até mesmo sedado, e até o momento nós não temos uma notícia sequer do seu estado, nada, nenhuma palavra, e essa demora está acabando comigo.

Eros ligou para os seus pais que estavam viajando e contou, por cima, o que havia acontecido. Tio Paulo e tia Sônia entraram em desespero; correram para o aeroporto para pegar o primeiro voo de volta, e logo estarão aqui conosco. Quanto a Kananda, ele preferiu dar a notícia pessoalmente; estamos aguardando maiores informações, e depois ele irá para casa conversar com ela. Ficamos preocupados porque além de elas serem muito apegadas uma à outra, Nanda ainda está de resguardo, então é melhor que ele esteja com ela quando souber.

— Está presente algum familiar da paciente Lara Moraes Vasconcelos? — Uma mulher que parece ser enfermeira do hospital pergunta, e eu levando da cadeira em um salto.

— Eu! — Respondo rápido, indo em sua direção, e sou seguido por Eros. — Eu sou o noivo, e ele é o irmão dela. — Informo, apontando para o meu amigo.

— Sou Marinete Pereira, Assistente Social do hospital, me acompanhem, por favor. — A mulher fala, e sinto um certo pesar em sua voz.

— Ela está bem? — Pergunto, as lágrimas querendo dominar meus olhos enquanto tento a todo custo controlá-las.

— Só um instante, e nós conversaremos com a equipe médica, senhor. — Troco olhares com Eros, e seguimos a mulher em um silêncio tão grande que ouço as batidas do meu coração retumbarem no peito, mil e uma emoções passam em minha mente nesse instante, mas eu tento manter a esperança de que

tudo ficará bem.

Caminhamos pelos corredores silenciosos do hospital, até chegarmos a uma porta em que pode ser lido acima "Sala de Reuniões", ela nos dá passagem e visualizamos uma imensa mesa redonda onde encontram-se sentados em média dez homens, imediatamente imagino ser uma equipe médica, provavelmente a que atendeu minha mulher. O clima tenso começa a me apavorar, sou tomado por sensações que jamais havia sentido; há tantos anos como Delegado e eu nunca havia me sentido assim. Assumi todas as investigações que me foram designadas, lutei os piores combates, troquei tiros com os maiores traficantes do país, fiz treinamento nos lugares mais perigosos, como Gaza, na Palestina, mas hoje, vendo todos me olhando com pesar, posso afirmar que sinto medo, um sentimento que eu jamais conheci na vida.

— Podem se sentar, por favor. — A mulher que nos conduziu até aqui fala, e eu e Eros ocupamos duas cadeiras vazias, lado a lado.

— Boa noite, senhores. — Um médico de meia idade começa a falar, acredito que seja o chefe da equipe. — A senhorita Lara deu entrada desacordada, mas graças ao excelente trabalho dos socorristas ela está viva. — Suspiro aliviado. — O maior problema que temos é uma lesão no cérebro; ela está com um coágulo e conseguimos drenar um pouco, mas não o suficiente.

— Eu posso vê-la? — Pergunto.

— O que o senhor é da senhorita Lara? — O médico questiona.

— Sou Enrico, noivo dela. — Respondo.

— E eu sou Eros, irmão da Lara. — Eros completa. — Por favor, doutor, seja sincero conosco, ela está realmente bem?

— Olha, senhores, tudo vai depender das próximas horas, e dos próximos dias, de como o seu corpo vai reagir. No momento ela está na UTI, quando terminarmos essa reunião liberarei para que os senhores possam vê-la rapidamente, mas dependendo da resposta dela, liberaremos a visita. Esperamos que ela acorde assim que tirarmos os sedativos, mas no momento é realmente necessário mantê-la sedada.

— Entendo, doutor. — Digo.

— Agora tenho uma notícia que acredito que irão gostar. — O médico fala, sorrindo. — Conseguimos salvar o bebê. Depois que conseguimos estabilizar a senhorita, nossa preocupação foi salvar o bebê. Graças a Deus ela não teve nenhuma pancada na região pélvica, então está tudo bem com o seu filho.

— Bebê? *Filho*? — Eros e eu falamos ao mesmo tempo, e os médicos se entreolham.

— Vocês não sabiam? — Questiona, e nós permanecemos em silêncio. Eu estou tão surpreso que as palavras não saem, estão travadas na garganta. — Ela está grávida de seis semanas! — Afirma, e meu coração se enche de alegria e esperança. *Eu vou ser pai!* Mal posso acreditar. Meu amigo abre um imenso sorriso para mim e eu retribuo, sorrindo pela primeira vez desde o momento em que Lara me ligou falando que estava sendo perseguida.

Conversamos com os médicos sobre mais alguns aspectos das lesões que ela sofreu. Eles foram sinceros conosco, e embora o prognóstico dos médicos me deixassem um tanto temeroso, eu tinha esperanças de que daria certo, que ela sairia dessa. Lara é uma mulher forte, e lutou até o último instante enquanto era perseguida, e tenho certeza que lutaria agora por ela e por nosso filho, então sim, eu tenho fé que dará tudo certo.

Saímos da sala e os médicos falaram que em breve nos deixariam vê-la. Voltamos para a recepção aonde estávamos anteriormente, e lá nos abraçamos e nos entregamos às lágrimas, de dor e também de esperança, pois nós dois tínhamos fé de que no final tudo daria certo.

— Você não sabia, irmão? — Eros perguntou, quando o choro cessou.

— Não *brow*, eu não fazia ideia. Se bem que ultimamente Lara estava muito estranha, mudando de humor rapidamente, mas como ela sempre se preveniu eu jamais poderia imaginar uma coisa dessas.

— Será que ela sabia? — Ele questiona.

— Eu não acho que ela esconderia isso, irmão, então tenho certeza que minha mulher não sabia. — Afirmo com convicção.

Enquanto aguardamos o médico nos chamar, os pais deles chegam, seguidos pelos meus. Enquanto repassamos as informações que temos até o momento, choro e o desespero se abate sobre eles assim como aconteceu conosco. A única notícia reconfortante é a do nosso bebê; todos ficam felizes. No momento do desespero, o fruto do nosso amor tem sido um alento para todos.

— Familiares da senhorita Lara, por favor. — Todos nos levantamos de vez quando uma enfermeira nos chama. — O médico autorizou que vocês a vissem; será rápido, hoje, mas aos poucos ele irá liberar um tempo maior de visita. Quem irá primeiro? — Ela pergunta, e eu me aproximo, sendo seguido pelos seus pais.

— Pode ir, tia Sônia, eu vou depois de vocês. — Afirmo. Embora eu queira vê-la o quanto antes, sua mãe e pai estão tão desesperados quanto eu; pelo menos eu e Eros a acompanhamos até aqui, e eles sequer a viram.

Meus pais me apoiam a todo momento, sabem que eu estou desolado, e no fundo eles também estão, pois também gostam muito da Lara, mas tentam me

confortar. Falam do nosso filho, tentando me dar esperanças, e nos minutos que seguem eu não paro de rogar a Deus por eles, pela vida deles dois.

— Enrico, pode ir. — Tia Sônia fala, acariciando meus cabelos, quando retorna.

— Vai lá, irmão. — Falo para Eros. — Eu serei o último. — Ele acena com a cabeça, e segue para ver a irmã.

— Como ela está? — Pergunto.

— Parece estar dormindo, Enrico. — Tio Paulo fala, pois Tia Sônia não consegue controlar as lágrimas. — Fora a lateral do cabelo que foi raspada e alguns hematomas pelo corpo, não parece que ela sofreu um acidente; minha menina parece estar dormindo. — As lágrimas voltam a rolar pelo meu rosto. — Seja forte, Enrico, eles vão precisar de você.

Os pais dela e os meus me abraçam, e eu fico ali no meio deles, sem conseguir controlar a tristeza e a angústia que tomam conta de mim. Sofro só de imaginar o que ela passou, e o que está passando; hoje pela manhã ela estava tão bem.

Eu só consigo pensar no quanto não estamos preparados para as surpresas que a vida nos traz e que infelizmente nem sempre são boas. A angústia que domina a minha alma nesse momento me impede de pensar ou agir com clareza. Sei que só ficarei bem se ela estiver bem, ou melhor, se eles estiverem bem, porque eu já amo tanto o serzinho que habita dentro dela, que mal posso mensurar.

Eros retorna e eu me levanto, tentando ser forte, ou ao menos parecer forte. A cada passo que dou ao seu encontro, tento mentalizar coisas boas, ter esperança, fé, eu preciso ter fé.

— Pode entrar, senhor, você tem trinta minutos. — Aceno em concordância, quando ela abre a porta e me dá passagem.

Ando com calma até a cama onde o amor da minha vida repousa. Analiso o seu corpo inteiro, buscando enxergar as marcas visíveis. Minha voz está embargada, parece que um nó prende as minhas cordas vocais. Seguro em sua mão gelada e as lágrimas rolam soltas. Fico assim por um tempo e por fim, quando consigo me recompor, sento ao seu lado, em uma cadeira, repouso minha cabeça em seu travesseiro e falo baixinho em seu ouvido. Pelo que os médicos falaram ela está em coma induzido, e provavelmente não irá me ouvir, apenas quando retirarem a sedação, mas mesmo assim eu sinto necessidade de fazê-la me sentir de alguma forma próximo a ela.

— Oi, meu amor — começo. — Eu estou aqui, ou melhor, nós estamos

aqui, tenho uma novidade para te contar, minha linda — as lágrimas caem sem que eu possa controlar —: Você está grávida, sabia? Nós vamos ter um bebezinho só nosso. Eu estou tão feliz, minha pequena! — Suspiro. — Ele ou ela é um guerreiro sabia? — Pergunto, mesmo sabendo que não terei resposta. — Apesar de tudo o que passaram ele está firme e forte dentro de você, é valente igual a mãe. — Mais lágrimas caem, molhando a franha onde sua cabeça repousa. — Estou muito orgulhoso de vocês minha linda. Você vai sair dessa e eu prometo que estarei aqui ao seu lado quando acordar.

Fico ali, do seu lado, rogando a Deus que olhe por nós; as lágrimas não cessam um minuto sequer até que a porta se abre

— Senhor, o tempo acabou, o senhor precisa ir. — A enfermeira avisa. Deposito um beijo em seus lábios e a deixo ali, naquela sala fria, na companhia apenas do nosso filho, e peço a Deus que nesse momento um possa ser a força do outro, já que eu não posso fazer nada, porque eu daria a minha vida para que eles estivessem bem.

— Eu te amo, pequena — sussurro, e saio.

O médico nos atualiza mais uma vez, e indica que nós devemos ir para casa, que o quadro clínico é estável, e que eles não irão retirar a sedação por enquanto. Eu me recuso a sair daqui, mas eles me convencem a pelo menos ir tomar um banho, e é o que eu faço. Como viemos sem carro, meus pais se oferecem para nos levar e nós aceitamos. Os pais de Lara e Eros também vão para casa, afinal, acabaram de chegar de viagem e vieram direto para o hospital.

— Irmão, posso te pedir uma coisa? — Eros fala, quando paramos na porta do meu prédio.

— Claro.

— Vamos comigo conversar com a Nanda? — Sei o quanto está sendo difícil para ele também, e no fim das contas, não sei se ficar sozinho é o melhor para mim neste momento.

— Tudo bem, vamos subir para eu tomar um banho e vamos para a sua casa. — Ele concorda, e subimos. Enquanto estamos no elevador, Eros liga para Kananda, avisando que vou jantar lá. Nem tinha me dado conta de que eu não comi nada desde o almoço, e já são mais de 21h quando chegamos no nosso andar. Eu olho para a porta do seu apartamento, de onde saímos pela manhã bem e felizes, e não controlo o choro mais uma vez.

Sei que meu amigo está com pressa, e no fundo eu também, quero voltar para o hospital. Sei que não poderei entrar, mas eu quero estar perto dela para qualquer coisa, em qualquer momento.

Eros havia ligado para a Kananda mais cedo e falou que estávamos em uma operação, e por isso chegaria mais tarde em casa. Como ela estava entretida com os cuidados com a nossa pequena Mel, sabíamos que ela não assistiria televisão, então não teria notícias sem que fosse através de nós.

O mais rápido que consegui, tomei banho e saímos. Chamamos um carro pelo aplicativo, pois os nossos ainda estavam na delegacia. Logo estacionamos em sua casa, e Kananda, sorridente, com a pequena nos braços, abre a porta para nós, mas quando nos olha o sorriso morre no seu rosto imediatamente.

— O que aconteceu? Por que vocês estão com essas caras?

— Calma, amor, vamos te contar, deixa só eu pegar um remédio para você antes. — Ele fala, tentando manter um controle que sei que não possui no momento.

— EU NÃO QUERO REMÉDIO, EROS! — Ela grita. — Me fala logo o que aconteceu! Eu sabia que tinha alguma coisa errada, achei você estranho demais quando me ligou. Só fale a verdade, por favor.

Meu amigo a abraça e começa a chorar, sendo seguido por mim.

— A Lara... — Ele suspira.

— O que tem a Lara, Eros, fala logo! — Ela pede, pois as lágrimas e o nó na garganta nos faz ficar em silêncio.

— Ela sofreu um acidente...

— NÃO! — Kananda grita, e Eros tira a pequena dos braços dela, colocando-a no carrinho, e eu peço a Deus para que eu possa cuidar do meu bebê também.

— Calma, amor. — Ele pede.

— Eu quero vê-la, me leva agora! Enrico! — Ela se dá conta da minha presença. — Você está aqui? AI, MEU DEUS! — Cai de joelhos. — Não me digam que ela morreu, não, pelo amor de Deus... — Chora copiosamente, e meu amigo se ajoelha ao seu lado.

— Calma, amor, ela não morreu, ela vai ficar bem... — Ele tenta acalmá-la, mas ela se levanta.

— Você está mentindo! Enrico não estaria aqui se ela estivesse bem. — Afirma.

— Ela está em coma, Nanda, é isso, por isso estamos aqui. Ninguém pode ficar com ela agora. — Ele fala, e ela me procura com o olhar, buscando uma confirmação do que o marido acaba de falar, e quando eu confirmo com a cabeça ela se senta no sofá.

— E o bebê? — Ela pergunta, e eu e Eros nos entreolhamos.

— Você sabia? Ela sabia? — Pergunto, não querendo acreditar que Lara me esconderia algo tão importante assim.

— Nós soubemos ontem... — Ela diz, entre lágrimas. — O que pedi na farmácia não foi um remédio para azia, e sim um teste de gravidez, ela ia te contar hoje à noite, Enrico, ela foi ao médico pela manhã para confirmar. Ela me ligou, eu falei com ela, estava tão bem e feliz... — Os soluços tomam conta de Kananda. — Isso não pode estar acontecendo, meu Deus... — Chora, rezando, repetindo o que todos nós fizemos durante todo o dia desde que soubemos do acidente.

— O bebê está bem, amor. — Eros fala. — Nós soubemos no hospital, eles induziram o coma principalmente para estabilizar a criança.

— Eu quero vê-la. — Pedre.

— Amanhã eu te levo, princesa, hoje ela não pode mais receber visitas.

— Como aconteceu? — Pergunta.

Eu e Eros contamos a ela toda a aflição que passamos desde a hora em que recebi a ligação de Lara. Kananda chorou ainda mais, sentindo-se culpada, afirmando que isso só aconteceu porque nós a salvamos, mas nós tentamos fazê-la entender que não, os únicos culpados são aqueles miseráveis que agora estão mortos.

Eu não consegui me alimentar direito, e após algum tempo com eles segui para o hospital; eu estaria com ela, de perto ou de longe não importava, a única coisa que eu quero no momento é estar ao seu lado. Ela vai acordar, minha mulher e meu filho ficarão bem, eu acredito nisso, eu preciso acreditar.

Capítulo 30

Enrico



Uma semana depois

Há uma semana o hospital se tornou a extensão da minha casa. Eu aproveitei que tinha alguns dias de licença na DEPOL e pedi liberação para poder acompanhar Lara.

No terceiro dia ela saiu da UTI e foi transferida para CTI; liberaram um tempo maior para visita, e tenho estado por um período maior com ela, mas ainda assim é insuficiente.

Hoje pela manhã o médico que me passou o boletim médico, informou que eles começariam a retirada da sedação. Eles iriam diminuindo gradativamente a medicação, até que não restasse mais nada, e que dependeria dela acordar ou não. Sinceramente, eu estou com grandes expectativas de que ela acorde.

Nossos pais estavam sempre por aqui, me fazendo companhia, mas eu ainda estava em um estado letárgico; eu mal falava e comia muito pouco. Ontem Eros veio aqui e me obrigou a ir em sua casa descansar um pouco. Falou que se eu não fosse por bem ele iria me sedar, mas que eu iria de qualquer forma.

Kananda continua se sentindo culpada, e por mais que nós tentássemos dissuadi-la dessa ideia, não adiantava, ela se sentia culpada e ponto, não havia mais nada que pudéssemos fazer quanto a isso.

— Sr. Enrico, vamos? — Uma enfermeira me chamou, pois agora iriam começar a tirar a sedação, e eu havia pedido para me deixarem estar com ela nesse momento.

Eu a segui em silêncio, implorando durante todo o trajeto até o local onde o amor da minha vida estava para que ela acordasse, mas infelizmente não foi o que aconteceu. Eles diminuíram a sedação e nada, nenhum sinal, Lara não reagiu.

Quinze dias se passaram e seu quadro clínico se estabilizou, não havia piora, mas ela também não melhorava. Lara já não estava mais em coma induzido, e sim em coma natural. O seu corpo não mais reagia a qualquer estímulo, e me matava olhá-la naquele estado.

Hoje ela foi removida para um quarto; montaram uma Semi-UTI para que ela continuasse com o mesmo nível de monitoramento, mas como já não havia mais nenhuma medicação que lhe mantivesse inconsciente, só nos restava esperar.

Eu conversava com ela todos os dias, sempre que estava ao seu lado. Dizia o quanto a amava, o quanto ela era forte, que nosso filho estava ali também. Tentava lhe trazer de volta, pedia, implorava, chorava, mas nada adiantava.

Enrico



— Oi, meu amor, bom dia! — Beijo os seus lábios gélidos, assim como todas as manhãs desde o acidente. Todos os dias acordo cedo para arrumá-la antes de ir para o trabalho, banho o seu corpo, mudo suas roupas e converso incansavelmente com ela. A chamo de volta para mim, para nós, tento manter vivo o fio de esperança em meu coração de que ela irá voltar.

Há seis meses eu a acompanho; há seis meses eu não saio do seu lado. Vou pela manhã trabalhar e retorno à tarde, durmo, como, vivo aqui no hospital, e me irrita profundamente ver o olhar de piedade que as pessoas direcionam à mim. Eu não preciso de pena, eu preciso de fé e esperança, preciso que todos a minha volta mantenham a esperança de que dará tudo certo.

Os médicos não conseguem explicar o porquê de Lara não reagir. Quando tentei transferi-la, achando que em outro local, talvez com outro tipo de tratamento, ela reagisse, eles me explicaram que não adiantaria; me trouxeram inúmeros casos iguais ou parecidos com o dela, e por fim me convenceram. Nesse tempo pude acompanhar o crescimento da sua barriga, senti quando ele

mexeu pela primeira vez. Sempre conversava e contava histórias para os dois, fazia carinho... Eles são a minha prioridade, e serão até o fim.

Se eu pudesse dar um conselho às pessoas, diria para não perderem tempo com coisas banais, com pessoas que não irão te acrescentar. Às vezes, admitir que estamos, ou que sempre estivemos, apaixonados é difícil, porque a juventude pede por novas aventuras. Mas tudo isso é passageiro; no final, nada desses prazeres banais têm valor, e eu sou a prova disso.

Quando mais jovem eu queria ter outras mulheres, outras aventuras, e quase perdi a única que amei verdadeiramente desde a primeira vez que a tive em meus braços, a que se entregou à mim desde o primeiro momento. E agora, vendo-a desacordada em uma cama, sabendo o quanto a fiz sofrer, é desesperador, destruidor.

Sei que Lara é forte, que ela irá viver, que irá voltar para mim, para nosso filho, mas não sei quanto tempo isso irá demorar. A cada dia que passa me parece que fica mais distante, e na minha mente só fica claro que eu perdi tempo demais com coisas fúteis quando deveria estar com ela.

Na semana passada o obstetra que a acompanha me falou que o nosso bebê está maduro e totalmente desenvolvido, cogitando a possibilidade de realizar o parto. Confesso que isso me assustou demais. Como assim meu filho nasceria com a mãe em coma? E ainda tinha o risco para Lara, o risco para a vida dela. E se ela morresse no parto? Eu jamais me perdoaria.

Hoje eu não irei trabalhar porque preciso aguardar o médico para decidirmos o que será melhor tanto para Lara quanto para o nosso filho.

— E então, minha pequena? O que faremos? Me ajuda a decidir o que fazer amor, volta pra mim, volta para o nosso filho... — Falo, sentado ao seu lado na cama, enquanto acaricio seus cabelos.

— Fala *bro*. — Eros entra no quarto. Fico sentido por meu amigo estar vivendo esse tormento junto comigo quando deveria estar curtindo sua filha, que está crescendo mais rápido do que gostaríamos.

— E aí irmão, como está nossa Mel? — Pergunto, enquanto ele acaricia com carinho os cabelos da irmã.

— Está bem. Kananda virá mais tarde ficar com você.

— Não precisa, irmão. — Respondo. — Diz a ela para ficar com a Mel, eu tô tranquilo aqui.

— Enrico, já faz seis meses que você praticamente mora nesse hospital. Todos nós aos poucos retomamos nossas vidas, mas você não, meu amigo, você estagnou. Por favor, nos deixe te ajudar. — Ele fala, olhando nos meus olhos.

— Eu estou bem, cara, é sério, não precisa se preocupar. Eu só não posso, não consigo, ficar longe dela. Ela vai acordar, Eros, eu sei que vai, e eu quero estar ao seu lado quando isso acontecer.

São involuntárias as lágrimas que rolam por nossas faces. Eu sei que ele sofre tanto quanto eu, mas no fim, eu sinto que eu preciso estar aqui.

— Tudo bem, Enrico, você quem sabe. Mas a Kananda virá, mesmo que você não queira. — Resmunga, e eu me calo, sabendo que não vai adiantar argumentar. — E já decidiu o que fará com relação ao parto? Vai autorizar?

Passo as mãos pelo cabelo, desesperado, sem ter certeza ainda do que fazer.

— Eros, cara, eu nunca estive em uma situação tão difícil assim em toda minha vida. Não tenho certeza do que devo fazer. Pelo que o obstetra falou, se insistirmos em manter a gestação pode ser perigoso para o bebê, mas não posso deixar de considerar o risco que a cirurgia trará para ela; eu não sei o que fazer, meu amigo, eu não sei... — Falo, mantendo uma mão sobre o rosto da minha mulher, acariciando-a, e a outra sobre a sua barriga volumosa que abriga o nosso pequeno. Nesse momento, eu tenho em minhas mãos tudo o que há de mais precioso na minha vida.

— Espera o médico chegar e conversa direito com ele, Enrico, e tenha certeza de que nós o apoiaremos seja qual for a sua decisão.

— Obrigado, irmão, obrigado por estar sempre aqui.

— Eu sempre estarei, Enrico, eu sempre estarei... — Ele fala, e me dá um abraço, tentando me transmitir paz, o que é quase impossível, já que a minha mente e o meu coração estão em guerra. — Eu já vou, irmão, tenho que deixar alguns inquéritos encaminhados; amanhã ficarei aqui com você.

— Eros, por favor, fique com a sua mulher, aproveite a sua família esse fim de semana.

— Mas vocês também são minha família, Enrico, você, Lara e esse bebezinho também são minha família, e eu amo vocês *porra!* — Ele fala, e nós dois choramos feito maricas. — Não nos afaste, Enrico; você não precisa carregar esse fardo sozinho. Agora deixa eu ir, mais tarde ligo para saber como foi sua conversa com a equipe médica e o que você decidiu.

— Certo, irmão. Dá um beijo na Mel por mim, eu estou morrendo de saudades da princesinha. — Sorrio com sinceridade pela primeira vez no dia.

— Vá visitá-la, Enrico, vai te fazer bem.

— Eu sei, Eros, prometo que eu irei.

Nós nos despedimos em seguida, e eu fiquei novamente sozinho com o grande amor da minha vida. Eu queria poder conversar com ela, pedir ajuda,

uma orientação, mas ela continuava ali, quieta, gelada, inerte.

— Lara, meu amor, por favor, me ajuda, pequena... volta para mim, não me abandone, você é tudo o que eu tenho, você e o nosso filho, e está tão perto dele nascer... eu não sei se conseguirei sozinho... — Falo, e choro copiosamente, abraçado ao seu corpo. — Amor, olha só — me afasto um pouco para falar com ela. Na verdade, nos últimos meses, é o que eu mais tenho feito: conversado com Lara. Eu sempre contava como havia sido o meu dia, falava das operações que eu coordenava ou participava, lia livros — os romances que ela gostava —, ouvia músicas, sempre fazendo questão de que ela presente, que estivesse comigo. — Hoje eu tenho uma decisão muito difícil para tomar; os médicos querem fazer o parto do Bernardo. — Esse foi o nome que escolhi para o nosso pequeno, pois significa "forte como um urso". — Mas eu não sei, amor, não sei se já está na hora. O obstetra disse que ele já está totalmente formado, que em alguns dias fará oito meses, mas eu tenho medo amor, não só por ele, mas por você. — Volto a chorar.

Eu não sei por quanto tempo fico assim, mas de repente sinto algo em minha mão. Tenho a impressão de que ela movimentou levemente os dedos, mas escaneio todo o seu corpo e tudo permanece da mesma forma; não há indícios de que ela tenha esboçado qualquer reação. Porém, enquanto estava em silêncio, chorando, eu rezava, pedindo a Deus que me direcionasse, e quando tive a impressão de que ela havia movido os dedos foi no exato momento em que eu pedi a Deus que se fosse para eu autorizar a cirurgia que ele me desse um sinal, e para mim isso foi um sinal; eu havia acabado de decidir o que fazer.

Quando a enfermeira veio fazer os procedimentos de rotina, eu perguntei se estava tudo normal, se havia percebido alguma alteração no quadro clínico dela, mas ela falou que não, que não havia nada diferente, então decidi que o melhor era guardar para mim.

Mais tarde Kananda chegou. Era bom ter um pouco de companhia, mas por outro lado eu me preocupava com a ausência dela em casa. Sabia que Mel estava com a Nana, mas ainda achava que ela e Eros deveriam estar mais com a filha deles, assim como eu estava ao lado do meu filho.

Um pouco antes do almoço o obstetra veio conversar comigo sobre o parto, ele estava junto com um médico da equipe que estava acompanhando o quadro clínico de Lara. Kananda se manteve ao meu lado, dando-me força, mas ela não sabia, ninguém sabia que eu já havia decidido, que Lara havia, ainda que inconscientemente, me dado a resposta que eu pedi.

— Eu vou autorizar, doutor — falo. — Eu sei que vocês não iriam propor nada que a colocasse em perigo, nenhum deles, na verdade.

— Exatamente, Sr. Enrico, nós avaliamos o quadro dela diversas vezes, e o parto não oferecerá riscos para ela. Mas acreditamos que o seu bebê precisa nascer para poder crescer melhor; ele já está totalmente formado, é uma criança forte, mas precisamos cuidar da saúde dele assim como estamos cuidando da saúde da sua mulher. Tenho certeza de que o senhor tomou a melhor decisão.

— Espero que sim, doutor, espero que sim. — Sussurro.

— Então vamos programar para amanhã. — Afirma, e eu arregalo os olhos.

— Mas já? — Pergunto, um pouco desesperado, e Kananda aperta a minha mão que estava presa a sua desde que eles entraram no quarto.

— Sim, nós imaginamos que o senhor seria prudente e iria tomar a melhor decisão para ambos, então já adiantamos alguns exames, e os que faltam serão feitos hoje à tarde. Amanhã de manhã traremos o seu pequeno ao mundo. — Fala, sorrindo, e um aperto toma o meu peito.

Eles ainda me dão algumas orientações necessárias e saem, me deixando ali apreensivo. Acho que Kananda nota, porque assim que eles saem ela me abraça, tentando me confortar.

— Então amanhã teremos mais um pequeno na família... — Diz, sorrindo, tentando me tirar da atmosfera de pânico que de repente me toma.

— Eu nem acredito nisso — as lágrimas caem. — Eu queria que ela estivesse consciente para estar comigo nesse momento, eu estou em pânico, Nanda.

— Se acalma, Enrico, vai dar tudo certo, ou melhor, já deu tudo certo.

Kananda ficou comigo o dia inteiro. Corremos pelo hospital acompanhando Lara nos diversos exames que fez, e no fim das contas agradei por ela estar aqui comigo nesse momento; foi bom não estar sozinho.

Ela insistiu que eu fosse com ela para casa, dormir em casa, afinal, disse que a partir de amanhã as minhas noites de sono jamais seriam as mesmas, que eu teria que acordar diversas vezes para alimentar o nosso pequeno Bernardo.

Confesso que eu jamais esperei tanto por algo, tê-lo em meus braços seria um conforto para mim.

Eu decidi jantar com eles, mas não iria dormir. Eu jamais me afastaria de Lara nesse momento. À noite, ligamos para os nossos familiares e informamos o horário da cirurgia; os demais aspectos eles já sabiam. Apesar de os pais dela terem me dado carta branca, eu fiz questão de pedir opinião e mantê-los sempre informados, então amanhã com certeza todos estarão comigo, mais unidos do que nunca, à espera do nosso pequeno.

Capítulo 31

Enrico



A noite passou como um borrão. Eu não dormi um minuto sequer, um misto de sensações tomando conta de mim, eu mal conseguia definir cada um deles.

Desde às 6h da manhã, a movimentação no quarto do hospital já era intensa. Havia muitas particularidades no parto de Lara, por isso, eles a estavam monitorando numa frequência ainda maior desde ontem. Eles me disseram ela estava bem, estava tudo bem com os dois.

Às 07h todos os nossos familiares e amigos mais íntimos estavam aqui, todos de alguma forma tentando emanar energia positiva para eles e transmitir segurança para mim.

Os médicos conversaram comigo que era melhor eu não acompanhar o parto, e no fundo eu também achava melhor, eu não sabia se teria estrutura para vê-la ainda mais vulnerável.

Às 08hs levaram Lara para o centro cirúrgico. Minha sogra, por mais que estivesse se mantendo forte, quando a viu sendo levada desabou, sendo amparada por tio Paulo, assim como Kananda por Eros, minha mãe e meu pai estavam tentando ser fortes para me passarem segurança, mas eu sabia que por dentro eles estavam tão quebrados quanto eu. Júlia e Pietro também estavam aqui; todas essas pessoas durante o tempo em que estive no hospital estiveram presentes, e eu jamais esqueceria.

Enquanto cada um buscava conforto como podia, eu saí de fininho e fui para o lugar que me serviu de companhia e consolo durante esse tempo: a capela do hospital. Ali, ajoelhado como em todas as vezes em que estive nesse mesmo lugar, eu pedi a Deus por Lara, por nosso filho, para que tudo ocorresse conforme os médicos planejaram. Eu os queria bem e comigo, e apesar do tempo em que Lara já estava em coma, eu tinha fé que uma hora ela voltaria.

Depois de uma hora naquele lugar que me acolhia e que, de certa forma, me tranquilizava, eu levantei e voltei para onde os nossos familiares estavam aguardando notícias. Saber que estavam todos ali já era o suficiente para mim, mas eu queria estar sozinho, eu precisava de espaço, então, mesmo retornando mantive-me afastado. Não demorou muito e o obstetra saiu com um imenso sorriso no rosto, e não precisou dizer nenhuma palavra para que eu entendesse que tudo estava bem com eles dois.

— Parabéns, senhor Enrico, seu filho nasceu! Ele está bem e saudável, estamos concluindo os exames iniciais necessários junto com a pediatria, e em breve viremos buscá-lo para vê-lo. É provável que ele nem precise ficar em uma incubadora neonatal, pois ele está forte e saudável.

— Obrigada, doutor! — Sorrio. Meu filho nasceu! Um pedacinho do amor da minha vida que eu terei em breve em meus braços. — E minha mulher? Como ela está?

— Ela está bem, também. A cirurgia ocorreu como previsto, ela é uma mulher forte. O médico que a acompanha tem uma notícia para lhe dar, aguarde um instante e ele virá aqui. — Assim ele se despede, nos deixando ali, felizes pelo nascimento do Bernardo. Eu seria o melhor pai do mundo para ele, era uma promessa.

Depois de receber os abraços e felicitações de todos, eu voltei ao local onde estava inicialmente para aguardar ser chamado para vê-lo, mas ao avistar o médico que a acompanha surgir no corredor, corro em sua direção, eu não deixei de pensar um segundo sequer no que o obstetra havia dito.

— Doutor, como está minha mulher? — Pergunto, com um tom de desespero na voz.

— Acalme o seu coração, senhor Enrico, hoje o senhor receberá mais de uma notícia boa.

— Ela acordou? — Pergunto, desesperado.

— Infelizmente ainda não, essa é a notícia que eu quero lhe dar há muito tempo, mas não será dessa vez. — Responde, com um tom de pesar.

— Então o que houve?

— Existem coisas que a medicina ainda não consegue explicar, mas assim que o seu filho nasceu, na primeira vez em que ele chorou, e olha, o senhor se prepare, porque o pequeno tem uma garganta daquelas — sorri, e eu retribuo, mas estou muito ansioso para saber o que aconteceu durante o parto. — Como eu ia dizendo, quando o seu filho nasceu, os monitores cardíacos aceleraram, ela teve uma reação aos estímulos externos. Eu sou cristão, Enrico e acredito que

Deus vai operar um milagre na vida de vocês. Eu não posso explicar, mas ela reagiu ao filho de vocês, ela vai voltar, acredite, tenha fé, ela vai acordar.

— Obrigado, doutor! — Não resisto, e abraço o senhor de meia idade, as lágrimas rolando por minha face. — Eu sempre tive fé, eu nunca desacreditei, ela vai voltar.

— Sim, ela vai. — O médico repete, e se retira, sorrindo. Quando me viro para os nossos familiares e amigos, todos choram, mas não é um choro de desespero, dor ou tristeza e sim de esperança.

Pouco tempo depois uma enfermeira me chama, eu visto uma roupa esterilizada que eles me cedem e sigo para ver o meu pequeno. Por mais que eu tenha me preparado para esse momento, nada do que eu pensei que sentiria chegou perto da emoção de tê-lo em meus braços. Ele é lindo, e realmente enorme para um recém-nascido. O pediatra disse que ele tinha o mesmo tamanho e peso da maioria dos bebês que nascem de nove meses, e ninguém que o veja diria que ele foi uma criança gerada com a mãe em coma.

— Oi, meu pequeno... — Falo, assim que o pego e o aconchego no peito. — Sou o seu papai, você se lembra de mim? Reconhece a minha voz? — Falo baixinho, e ele se espreguiça no meu colo. — Nesses últimos meses nós fomos os companheiros da mamãe, não é? Agora você está aqui nos meus braços, para me ajudar a cuidar da nossa rainha. Você me ajuda filho? Você vai ajudar o papai a trazer a mamãe de volta? — Ele solta alguns “miadinhos” que parecem de gato, e eu sorrio, pois interpreto como um sinal de que sim, ele estará comigo.

Mas em seguida o “miadinho” se torna um grito desesperado, e eu entro em pânico sem saber ao certo o que fazer. O que está acontecendo com ele? Será que está com dor? Sem saber o que fazer corro em direção a enfermeira.

— O que ele tem? Me diz que ele está bem, por favor.

— Calma, senhor, o seu homenzinho só está com fome. — Informa, com uma calma que chega a me irritar.

— Não, mas não é normal, ele está chorando muito forte.

— É assim mesmo, é que ele é um bebezinho muito forte, não é lindinho? — Ela fala, acariciando o rosto do meu filho. — Sente-se aqui, por favor. — Indica uma poltrona e se afasta de nós, deixando-me ali com ele, que não para de chorar, e sem saber ao certo o que devo fazer.

Não demora muito e ela volta com uma mamadeira nas mãos, e com paciência me ensina como alimentá-lo. Ela mal explicou e o guloso chupou a mamadeira com força, acho que ela tinha razão, ele realmente estava com fome. Depois ela me ensina como colocá-lo para arrotar.

Eu estava tão entretido nos ensinamentos que nem percebi que todos me olhavam através do vidro, as mulheres chorando e os homens com cara de bobos. Caminho até perto de onde eles estão e mostro o nosso pequeno; todos sorriem, e um sopro de esperança passa no olhar de cada um de nós.

Eu não quero me afastar dele, mas ao mesmo tempo preciso ver minha mulher, então o entrego a enfermeira e sigo atrás do médico dela. Ele diz que ela já está sendo levada para o quarto. Aproveito também para falar com o pediatra, e ele confirmou que meu filho realmente não precisará de incubadora, então solicito que o berço móvel seja instalado no quarto de Lara, e assim ficaremos os três juntos, como será para sempre.

— Oi, minha pequena. — Falo, quando trazem a maca com ela de volta para o quarto. Lara continua com o mesmo semblante de quando foi levada. — Eu estou muito orgulhoso de você, sabia? Você conseguiu, o nosso pequeno nasceu, e ele é lindo! Acho que puxou ao pai... — sorrio e beijo os seus lábios, minhas lágrimas molhando sua face. — Em breve ele estará aqui conosco. Olha, amor, eu preciso que você volte. O nosso pequeno é um guloso, acredita que ele deu um escândalo de fome na primeira vez em que o peguei? Eu quase enlouqueci, amor, não sabia o que fazer, mas a enfermeira me ajudou, ela me ensinou a amamentar, quer dizer, não com o peito, com a mamadeira, é claro, e também me ensinou a colocá-lo para arrotar. — Sorrio. Todos em volta estão atentos a mim, e, pelas caras, acho que devem estar me achando um louco. Para mim tornou-se tão natural conversar com ela, que eu nem percebo quando desarno a tagarelar sozinho.

— Olha, pequena, sua mãe e seu pai, Eros e Nanda, meu pai e minha mãe, Pietro e Júlia estão todos aqui, e estão todos encantados com o nosso Bernardo. Quando você melhorar vai ser uma farra danada, vamos fazer uma festa. A Mel, o Bernardo e a Analú serão muito amigos. — Conto o que acontece à nossa volta, o que se tornou um hábito para mim.

Não demora muito e Bernardo é trazido pela enfermeira. Confesso que eu comprei apenas um conjunto de roupa para ele, o restante do enxoval foi escolhido pela Nanda e pela Júlia. Mas hoje ele veste a roupinha que a mãe escolheu, a roupinha que encontrei dentro da caixa dourada que estava no carro dela no dia do acidente.

Lembro que quando Borges me entregou a caixa junto com os pertences encontrados no carro de Lara eu não pude imaginar o que havia ali. Apenas vinte dias depois do acidente, em uma das vezes que fui em casa para tomar banho e pegar algumas mudas de roupa, foi que aquele embrulho sobre a minha cama me chamou atenção. Lembro que aquele foi um dos dias mais difíceis para mim;

dentro da caixa havia uma roupinha branca junto com um par de alianças e um bilhete escrito por Lara, que eu li tantas vezes que até decorei cada palavra escrita.

Meu amor,

A vida nos surpreende a cada dia

Às vezes, nós fazemos um plano,

Mas Deus tem outro

Hoje, mais do que nunca, eu acredito nisso.

Ontem eu descobri, e hoje eu confirmei

Nós seremos pais!

Exatamente isso que leu,

Calma não entre em desespero

Eu estou aqui, eu sempre estarei aqui.

Nós não somos um casal convencional

Nunca fomos.

E é isso que nos torna tão especiais,

Assim como o nosso pequeno milagre

Ele decidiu vir para nós, e veio

Então só nos resta recebê-lo de braços abertos.

Eu nunca fiz questão de casamento

Festa, vestido de noiva e um anel de brilhantes.

Isso nunca fez parte dos meus planos.

Nunca “fiz” minha cabeça.

Nunca precisei assinar um papel para ser sua mulher;

Eu sempre fui, desde a primeira vez.

Basta você me olhar, basta você me tocar

Para ter a certeza de que sou sua,

E sempre serei.

Agora a minha felicidade está completa;

A nossa felicidade e o nosso futuro

Repousa dentro de mim.

E como não somos um casal normal,

Resolvi inverter os papéis e fazer aquela pergunta

Que vale mais de um milhão de dólares:

Quer se casar comigo?

*Ou melhor,
Quer se casar com a gente?
Só falta a sua resposta
Para que a felicidade que você
Me trouxe esteja completa.
EU TE AMO
Sua Lara!*

Eu disse sim para ela naquele dia, e inúmeras outras vezes depois. A minha aliança está no dedo, e a dela presa a minha corrente no peito. Vê-lo vestido com a roupa que Lara comprou acalma meu coração; é uma clara lembrança do que ela escreveu: Ela estará aqui, ela sempre vai estar.

— Vem aqui, meu amor, vou lhe mostrar sua mamãe. — Pego o pequeno nos braços e levo para perto da minha mulher. — Olha como ela é linda! — Falo, com a voz embargada. — Você tem que crescer logo, pequeno, tem que me ajudar a afastar os gaviões de perto dela. — Brinco, e como se me entendesse ele resmunga. Ficamos assim por mais algum tempo, nós três presos em nossa bolha, até que todos querem pegá-lo no colo e enchê-lo de carinho, e, pela primeira vez nos últimos seis meses, um pouco de felicidade toma o meu coração.

Capítulo 32

Enrico



Há dez dias Bernardo nasceu. Há dez dias minha vida ganhou um colorido especial. Embora ele não tivesse ficado na incubadora, por ter nascido de quase oito meses, existe sim um cuidado maior com ele. Eu tirei licença paternidade e estou me dedicando vinte e quatro horas aos dois.

Aos poucos estou aprendendo a lidar com ele; hoje eu já consigo diferenciar quando ele chora por fome, ou quando está sujo, posso dizer que quase consigo cuidar dele sozinho. Agradeço às mulheres da família, que muito me ajudaram e me ensinaram nesses dez dias, mas no geral, eu acredito que estou me saindo bem. Todas se dispuseram a dormir conosco, mas eu as dispensei, eu daria conta.

Agora são 06h da manhã, e aproveito a pequena fresta de sol que entra pela janela para dar banho de sol em Bernardo. Já tirei toda a sua roupinha e agora estou de pé, virando-o de um lado para outro, como o pediatra indicou, enquanto converso com ele, contando histórias minhas e de Lara. Bê nasceu com icterícia, mas como os exames demonstraram que era um grau bem leve, apenas a exposição ao sol e às luzes seriam suficiente para tratá-lo, não sendo necessário o uso de nenhuma medicação. Então todos os dias eu repetia essa rotina, aproveitando os primeiros raios de sol.

— Enrico... — Ouço a voz dela baixinha, e me assusto, virando-me depressa.

— Amor, meu amor, você acordou? ENFERMEIRA! ENFERMEIRA! — Grito, desesperado, correndo em sua direção, e Bernardo se assusta nos meus braços, começando a chorar. Eu fico perdido, sem saber o que fazer, se acalento nosso filho ou se falo com minha mulher.

— Ela acordou! — Falo com a enfermeira que acaba de entrar, e ela arregala os olhos para a cama, onde Lara está abrindo os olhos com certa

dificuldade.

— Meu Deus! Senhor, se acalme ou você vai derrubar a criança. — Ela tira Bernardo dos meus braços e eu beijo todo o rosto de Lara. — Corre, vai chamar o médico! — Ela pede para a outra enfermeira que a acompanhou.

— Amor, você acordou! Eu não acredito! — Beijo ela com carinho, e ela retribui, sorrindo, os olhos mal conseguindo se manterem abertos. — Você está bem? Está sentindo alguma coisa? — Ela acena que não com a cabeça.

— Senhorita, você está bem? Está com alguma dor? — A enfermeira repete as perguntas assim que se aproxima de nós, e ela acena novamente com a cabeça, negando.

— Meu filho... eu perdi o bebê? — Pergunta, a voz tão fraquinha que mal entendo suas palavras.

— Não, amor, você não perdeu o bebê. — Falo, enquanto o médico entra na sala correndo, seguido da enfermeira.

— Lara, tudo bem com você? Como se sente? — Ele pergunta, interrompendo nosso diálogo anterior.

— Bem. — Ela sussurra.

— Está sentindo alguma dor?

— Costas. — Ela diz, e eu me desespero.

— Se acalme, Enrico. — O médico me repreende, afinal, são tantos meses de contato que já temos certa intimidade. — Isso é normal, pelo tempo em que está acamada. Nós intensificamos a fisioterapia, mas os músculos dela terão que se readaptar.

— Meu filho? — Ela pergunta, levando as mãos a barriga quase lisa novamente. Para ser sincero, não parece que abrigava nosso pequeno há dez dias; Lara não engordou nenhuma grama, todo peso que tinha era do Bernardo.

— Se acalme, Lara, uma coisa de cada vez. Por agora, basta você saber que ele está bem, é um menino lindo e forte. — O médico fala, e vejo uma lágrima escorrer dos seus olhos.

— Ele nasceu? Como? Há quanto tempo? — Começa a falar, mas tem dificuldade de concluir; ela está muito fraca, e percebo que falar do Bernardo mexe com as suas emoções.

— Sim, ele nasceu. Faz dez dias que nós fizemos uma cesariana. A senhorita ficou em coma por seis meses, então tente ficar calma, e aos poucos nós lhe contaremos tudo. — Ele fala, e outras lágrimas caem.

Tento soltar sua mão que eu segurava desde o momento em que me aproximei dela e ela aperta, segurando.

— Calma, amor, vou pegar o nosso filho para você ver. — Ela solta minha mão ao ouvir minhas palavras, e eu rapidamente pego o pequeno e me aproximo dela. Lágrimas de alegria rolam incontrolláveis por minha face; eu não acredito que ela está aqui, que ela voltou, depois de seis meses Lara acordou.

Afasto com cuidado o seu braço e coloco o pequeno ali, Lara vira levemente a cabeça na direção do nosso filho e eu sorrio com a cena, vendo pela primeira vez os dois assim, com ela consciente.

— Olha, amor, esse é o nosso pequeno, quer dizer, não tão pequeno assim — gracejo, e ela sorri. Discretamente o médico nos acompanha. — Ele foi tão forte quanto você. — Completo, e ela chora.

— Enrico, por favor, vamos minimizar as emoções, temos que ter certeza de que ela está bem.

— Eu estou. — Ela se precipita em responder, embora sua voz esteja muito baixinha.

— Eu sei, senhorita, eu vejo, mas precisaremos fazer alguns testes, tudo bem? — Ela concorda com a cabeça. Tiro nosso pequeno dos seus braços e entrego para a enfermeira, para que vista uma roupa nele.

— Vou preparar a sala de exames, precisamos realizar alguns exames e testes. Vou pedir para uma fisioterapeuta vir aqui avaliá-la também. — Ela não responde, e sei que ainda está fraquinha. Em seguida o médico sai, e ficamos só eu, ela e nosso filho: tenho nesse quarto o meu mundo inteiro.

— Pega ele — Lara sussurra, e eu obedeço. Deito o nosso pequeno novamente em seus braços e fico ali ao lado, cuidando para que ele não caia, porque sei que ela está muito fraca.

Enquanto os admiro ligo para o meu amigo, preciso compartilhar minha felicidade.

— Irmão... — Falo, entre lágrimas, quando ele atende.

— *O que foi, Enrico, o que aconteceu?* — Pergunta, preocupado, quando percebe que estou chorando. Pela voz rouca, eu acredito que ele ainda estava dormindo. — *Aconteceu algo com Lara ou Bernardo?*

— Aconteceu, irmão. Lara acordou!

— *O quê? É sério? Não brinca com isso, Enrico! (O QUE FOI, EROS? O QUE HOVE COM A LARA?)* — Ouço a voz chorosa de Kananda.

— Não, irmão, eu jamais brincaria com isso!

— *ELA ACORDOU, PRINCESA, MINHA IRMÃ ACORDOU!* — Meu amigo grita do outro lado da linha, em seguida ouço os gritos de Kananda também.

— Por favor, irmão avise a todos, eu preciso ficar com ela. — Peço.

— *Claro, Enrico. Eu estou indo para aí agora.*

— Tchau irmão, e obrigado por tudo.

Não demora para todos estarem no hospital; a alegria era tanta por ela ter acordado que mal podíamos medir. Nas primeiras horas, ela foi monitorada intensamente, além de passar por diversas avaliações médicas, graças a Deus, tudo indicava que ela não teria nenhuma sequela. Lara lembrava de tudo que tinha acontecido até o momento do acidente, e isso, segundo os médicos, era um ótimo sinal.

Ela fez a sua primeira alimentação, e fiz questão de dar em sua boca; depois de tanto tempo cuidando dela, é lógico que eu não deixaria a enfermeira ter o prazer de alimentá-la pela primeira vez. O maior problema que enfrentamos nas primeiras horas foram as dores físicas, ela havia ficado muito tempo inerte, e por isso todos os seus músculos doíam.

Depois do almoço ela dormiu, confesso que o desespero me pegou em cheio. “*E se ela não acordasse novamente?*”, “*Se voltasse ao estado de coma?*”. Era tanto desespero que o médico me deu um calmante, algo leve, para tentar não me deixar surtar. Novamente todos ficaram comigo, até que ela acordasse e enfim eu me tranquilizasse. À noite todos foram para casa e nós três ficamos sozinhos, assim como tinha sido nos últimos dias.

Faço o nosso pequeno dormir e em seguida sento-me na sua cama, segurando sua mão.

— Você se sente bem amor? — Pergunto.

— Sim. — Fala baixo. Durante todo o dia percebi que ela não conseguia falar muito, ainda estava se recuperando. — Me conta...

— O que aconteceu nesse tempo? — Me precipito, adiantando a pergunta que ela faria, e ela acena com a cabeça.

Aos poucos vou contando tudo o que aconteceu nesses seis meses, a luta constante que ela travou pela vida, a força do nosso filho, dentre outras coisas. Contei tudo o que já havia lhe contado enquanto estava inconsciente, focando principalmente nos momentos de alegria. Quando falei da nossa pequena Mel ela sorriu, e disse estar com saudade. Prometi que em breve ela a veria; assim que ela se recuperasse nós iríamos para casa, e por falar em casa...

— Amor, tenho uma novidade para te contar: eu vendi o meu apartamento. — Conto o que fiz há três meses, e ela arregala os olhos.

— Por que?

— Porque eu pensei que seria mais confortável para o nosso pequeno

quando fossemos para casa, então vendi o meu apartamento e comprei uma casa no mesmo condomínio de Eros. Mas tem uma coisa que eu quero que saiba: eu nunca dormi lá, eu jurei que a primeira vez que dormiria lá seria com minha família completa. Agora eu vejo que estava certo; eu sabia que esse dia chegaria. Espero que goste do nosso cantinho.

— Enrico... — Ela sussurra, levantando as mãos para acariciar o meu rosto, e eu limpo as lágrimas da sua face.

Os dias que seguiram foram assim, cheios de cuidado e expectativas.

Hoje completa vinte dias desde que Lara acordou, e graças a Deus ela realmente não ficou com nenhuma sequela. Na verdade, a única coisa que nos lembra o tempo em que ela ficou em coma é o seu condicionamento físico muscular, mas as sessões de fisioterapia têm ajudado muito. Agora ela já consegue caminhar por vinte minutos seguidos; sei que ela tem se esforçado muito, principalmente por causa do nosso pequeno. Aos poucos ela está cuidando dele, que tem crescido muito a cada dia, é lógico que sempre com supervisão, mas aos poucos ela chegará lá.

— Pronta para ir para casa? — O médico pergunta, quando entra no quarto.

— Ansiosa. — Lara responde. Ela já está vestida e sentada em sua cadeira de rodas, esperando apenas o OK dele para partirmos. Ela está ansiosa demais para conhecer a nossa casa, o nosso novo cantinho.

Depois de todos os exames que constataram que ela realmente não teria nenhuma sequela, e de permanecer no hospital por vinte dias, para ser monitorada e para recuperar o peso, finalmente nós iríamos para casa, para a nossa nova casa, nossa nova vida, eu mal podia acreditar.

— Só recomendo que sejam prudentes, evitem fortes emoções, se é que é possível, tome as medicações nos horários corretos e faça a fisioterapia, pois só assim recuperará a força muscular que precisa, e olhe, Lara — o médico sorri —, pelo tamanho do seu filho, você vai precisar de muita força para correr atrás desse mocinho.

Nós dois sorrimos, e após todas as recomendações eu a levo daquele quarto, pedindo a Deus que jamais me coloque novamente nessa situação.

Antes de ir embora levei-a junto com o nosso filho na capela que eu tanto frequentei nos últimos meses. Diferente das outras vezes, hoje eu não vim pedir, e sim agradecer pela vida deles dois e pela oportunidade de poder tê-los comigo, hoje eu me sinto novamente um homem completo.

Capítulo 33

Enrico



Fiz todo o trajeto do hospital até a nossa casa bem devagar, para que ela pudesse aproveitar a paisagem, o “ar” fora do hospital. Em alguns momentos as lágrimas rolaram por nossas faces; eu mal acreditava que finalmente eu estava ali, levando minha mulher e nosso filho para a nossa casa.

— SURPRESA! — Todos gritam, assim que passamos pela porta de entrada. Eu estou empurrando sua cadeira de rodas, e Lara segura em seus braços o nosso pequeno.

Eu não fui comunicado, mas Kananda tinha as nossas chaves, e provavelmente ela esquematizou essa festinha de boas-vindas. Nossa família foi o meu porto seguro, eles me deram colo quando precisei, estenderam-me suas mãos, abriram mão de momentos de lazer para estarem comigo, conosco, e eu serei eternamente grato.

Todos nos abraçam, tão felizes quanto nós. Acho que tia Sônia ainda não se recuperou do susto, ela chora sem parar, agradece a Deus a todo instante; ela foi uma rocha quando preciso, mas agora está pior que manteiga derretida.

Minha mãe não quer tirar o neto do colo, já disse a ela que quando ele chorar de noite querendo ficar nos braços eu embrulharei para presente e levarei para ela, mas ela diz não se importar, que é exatamente isso que ela quer; sorrio com o pensamento, eu lutei tanto para tê-los comigo que jamais me importaria de passar as noites com ele nos braços, ou melhor com eles dois.

Exceto por Lara, eu não sou de declarar os meus sentimentos, mas cada uma das pessoas que está aqui tem um lugar especial no meu coração.

Lara



Eu acordei há vinte dias de um sono profundo. Quando acordei, não tinha noção do tempo que havia permanecido inerte; eu não fazia ideia. Lembro que a primeira coisa que me recordei foi da gravidez, imaginei que com o acidente eu tivesse perdido o meu bebê, mas Enrico e o médico disseram que não, ele estava bem, e mais, ele havia nascido. Só aí caiu a ficha de que eu havia estado em coma.

Num primeiro momento eu tive medo, mas quando Enrico colocou o pequeno nos meus braços pela primeira vez, um amor tão forte e intenso tomou conta do meu peito, que eu só pude lutar para ficar bem, por mim, por Enrico e principalmente por nosso filho.

Aos poucos fui descobrindo como as coisas aconteceram, Enrico foi me contando, pois a última memória que eu tinha era do momento exato em que o meu carro capotou, e depois mais nada.

Durante os vinte dias que permaneci no hospital, fiz muitas sessões de tratamento, principalmente com fisioterapeuta e fonoaudiólogo; minha fala no início estava um tanto quanto complicada, mas depois de uma semana já havia praticamente normalizado.

Ter o nosso pequeno Bernardo em meus braços foi a melhor sensação da minha vida, e a cada vez que Enrico me entrega o pequeno meu peito se enche de orgulho e um amor tão forte que parece que a qualquer momento irá explodir.

Eu me esforcei a cada dia, lutei pela minha recuperação, afinal, eu precisava fazer valer a pena todo o esforço, persistência e resignação de Enrico nesses meses que me acompanhou de perto. Ele se mostrou mais que um amigo, mais que um namorado, amante ou marido, ele foi meu companheiro, e pude notar a gratidão dos meus pais e meu irmão com ele. Minha mãe me disse que nos momentos em que a sua fé se abalava, Enrico a fortalecia; ele sempre acreditou, nunca duvidou que eu voltaria, e eu voltei, estou aqui agora, então eu precisava fazer valer a pena, e eu faria.

Vê-los todos reunidos em nossa casa, encheu o meu peito de alegria. O

amor transbordava entre nós, exalava dos nossos poros, eu não podia estar mais feliz, ser mais feliz.

Comemoramos a minha volta para casa e o primeiro mês do Bernardo tudo junto, e esse não poderia ser um momento mais feliz para todos. Meu pequeno era tão lindo, grande como o pai, e tinha certeza que no futuro me daria muito trabalho com as mulheres.

Quando todos foram embora, Enrico me mostrou cada cantinho da nossa casa, e eu me encantei por ela, apesar de ter achado grande demais para apenas nós dois e o Bernardo. Foi um lugar que me trouxe paz, e eu sabia que iria amar morar ali.

Ele fez um escritório para mim, disse que aos poucos eu voltaria a trabalhar, então pelo menos no início em casa seria mais confortável. Chorei de emoção com cada detalhe, com o cuidado dele com as pequenas coisas, ele havia pensado em tudo.

Nossa suíte era imensa, toda em tons claros. ele havia pedido para Nana trazer as nossas coisas durante a semana. Encontrei nosso closet arrumado; era como se eu não tivesse ficado tanto tempo desacordada. Ele fez tudo para que eu me sentisse confortável e me recuperasse rapidamente.

Me surpreendi quando vi o berço de Bernardo em nosso quarto. Enrico falou que preferiu que, pelo menos no começo, ele dormisse aqui. Confesso que gostei, o cheirinho de bebê me acalmava.

— E o quarto do Bernardo? — Perguntei, pois esse era o único cômodo que eu ainda não havia visto.

— Fica aqui ao lado do nosso. — Ele me leva, empurrando a cadeira de rodas, mas quando abro a porta o ambiente está vazio, não há qualquer objeto dentro dele. — Amor, o quarto do Bê foi o único lugar que eu não autorizei a decoradora fazer; eu queria escolher tudo junto com você. — Enrico fala, e eu me emociono. — Quando você se sentir melhor quero que você escolha cada detalhe junto comigo.

— Ah, Enrico, porque você é tão perfeito assim? — Sussurro, entre lágrimas. — Amanhã, amor. Eu estou bem, só não consigo caminhar, mas estou bem. Amanhã vamos escolher o quarto do nosso filho. — Falo, e ele sorri, satisfeito.

— Pequena, tem uma coisa que eu quero falar com você.

— Diga.

— Depois do seu acidente, me entregaram os seus pertences que estavam dentro do veículo. No início eu estava tão desorientado e desesperado, que sequer

fiz questão de verificar; peguei apenas os seus documentos porque precisaríamos. — Suspira, e sei que relembrar todo o tormento que passamos não faz bem para ele. — Mas, alguns dias depois, eu encontrei uma caixa dourada...

— A caixa... — sussurro.

— Sabe, amor, em meio a todo o desespero que me tomava, encontrar aquela caixa, com a melhor surpresa da minha vida, foi um acalento ao meu coração. Naquele dia eu tive certeza de que você ficaria bem, que voltaria para mim, na carta você dizia isso.

— Você é perfeito, Enrico. — As lágrimas rolam por meu rosto involuntariamente. Imaginar todo sofrimento dele acaba comigo, mas ele foi forte, e acredito que a força e a certeza dele de que eu voltaria foram essenciais para me manter aqui. Ainda que inconscientemente eu me agarrei a algo para permanecer, e tenho certeza que foi à ele; de alguma forma eu sabia que ele estava ao meu lado.

— Você que é, pequena. — Sorri, carinhoso. — Então, além da carta, e da roupinha, que foi a primeira que Bernardo usou... — ele fala, e eu arregalo os olhos, pois ainda não sabia disso.

— A primeira roupa que ele usou foi aquela? — Interrompo sua fala.

— Foi, pequena, foi a roupa que a mãe escolheu, não haveria outra melhor. — Ele diz, e eu sorrio, ainda mais apaixonada por esse homem, se é que é possível. — Depois vou te mostrar as fotos.

— Por favor, eu quero ver. — Afirmo.

— Claro! — Acaricia meu rosto. — Continuando, além da roupa e da carta, havia um par de alianças, e um pedido de casamento... — As lágrimas correm por nossas faces, agora são lágrimas de alegria. — O meu *sim* eu te dei naquele mesmo dia, e desde então a minha aliança está aqui — mostra a mão esquerda —, mas a sua está aqui. — Retira o cordão do pescoço e eu vejo o outro par da aliança. — Ela precisa voltar para você, para onde deveria estar desde aquele dia. — Choramos de emoção quando ele a retira dali e estende-a na palma da mão. — Você aceita se casar comigo, pequena? — Pergunta, e eu me desmancho em lágrimas de gratidão e felicidade.

— Claro que sim, meu amor! — Respondo, enquanto ele coloca a aliança em minha mão esquerda. — Por todos os dias das nossas vidas, sim! Eu te amo, Enrico!

— Eu também te amo, minha pequena, minha Lara, minha mulher! — Ficamos abraçados chorando por um tempo, até que ouvimos um pequeno

resmungar no carrinho ao lado, e sorrimos satisfeitos.

Colocamos o nosso pequeno para dormir, e em seguida Enrico me levou para a banheira da nossa suíte. Era a primeira vez que estávamos assim, íntimos, depois de eu ter acordado. No hospital Enrico me dava banho todos os dias, ele disse que por todo o período em que estive em coma ele fez isso, mas agora, estando consciente da sua presença, é impossível não relembrar nossos dias de glória.

— Amor... — Chamo, enquanto admiro seu corpo sendo despido. — Como você se satisfaz sexualmente durante todo esse tempo?

— Para ser sincero, eu quase não pensava em sexo, pequena. Vê-la ali, naquele estado, só me preocupava. — Sorri, malicioso. — Se bem que algumas vezes, depois de te banhar e cuidar de você, eu precisava ir correndo para o banheiro aliviar meu amigo.

— E você pensava em mim? — Pergunto, insegura.

— É claro que sim, pequena. Eu só tenho olhos para você. — Responde, entrando na banheira atrás de mim e me abraçando por trás. É impossível não sentir o seu pau duro feito pedra me cutucando por trás.

Apoio a cabeça em seu peito, e lentamente levo minhas mãos até o meu objeto de desejo.

— *Putá merda*, amor, não me provoca... — Enrico geme, mas corresponde, levando as mãos aos meus seios e apertando-os levemente.

— Ver você assim, nu e pronto para mim, é uma tortura, Enrico.

— Tenha calma, meu amor, quando você estiver cem por cento recuperada eu prometo que recuperaremos esse tempo que ficamos sem sexo. — Afirma.

— Por favor, amor... A gente faz com cuidado. — Peço, manhosa.

— Nem pense nisso, amor. — Ele afirma, já se levantando e enrolando a toalha em volta da cintura, o que não esconde a ereção monstruosa que ostenta. — Vou terminar de te dar banho aqui fora. — Ele completa, pegando o sabonete e passando cuidadosamente por todo o meu corpo, e confesso que isso é quase uma tortura; meu corpo reconhece cada toque seu, em cada parte que ele toca eu me arrepio inteira.

Ele termina o banho mais rápido do que eu gostaria, e sei que ele está fugindo de mim, fugindo do desejo.

— Amor, vem aqui. — Chamo, depois dele ter me colocado na cama após me secar e vestir. Ele está próximo do berço, cobrindo nosso pequeno, vestido apenas com uma cueca boxer preta.

— Oi, pequena. — Ele vem até mim, e eu seguro o seu membro que

permanece ereto. Ele arregala os olhos. — Eu já disse que não farei nada com você, amor, por favor, não me enlouquece ainda mais. — Pede.

— Então me ajuda, amor... — peço, dengosa. — Eu entendo que não queira transar, então me chupa, me faz gozar, e depois se masturba para mim, eu quero ver você gozar.

— *Putá que pariu*, Lara, você realmente não mudou nada, continua a mesma Elvira de sempre. — Sorrio com o apelido que ele me deu.

— Humrrum, continuo a mesma. — Afirmo, puxando sua cintura para mim e cheirando-o.

— *Caralho* — geme, e eu lentamente abro minhas pernas, expondo-me para ele. — Sem penetração? — Ele pergunta, em desespero.

— Como você quiser — afirmo, e em pouco tempo ele está com a cara enterrada no meio das minhas pernas, me levando a um orgasmo enlouquecedor. Só não gritei porque Bernardo estava dormindo ao lado.

Depois Enrico se masturbou para mim, e eu fiquei vidrada na cena, perdida em cada movimento que sua mão fazia para cima e para baixo. É, eu realmente tinha vários estímulos para me recuperar rapidamente, e esse com certeza era um deles. Eu sabia que Enrico jamais me tocara se não tivesse certeza de que eu estava bem, que não haveria qualquer efeito colateral na minha recuperação, e de certa forma eu até o entendia; depois de passar por tudo o que ele passou, era impossível não ficar temeroso, mas em breve eu estaria bem e pronta para que ele me tomasse do jeitinho que nós dois gostamos.

Capítulo 34

Lara



(Dois meses depois)

Embora tenha tido uma boa recuperação após o trauma, isso não aconteceu de uma hora para outra, foi gradativo e doloroso, mas eu consegui. Lógico que ainda tenho algumas dificuldades, mas perto de tudo o que passei são ínfimas.

É lógico que eu também tive um estímulo mais do que especial para querer me recuperar o mais rápido possível: os dois homens da minha vida, Enrico e Bernardo. Eles me trouxeram segurança e a certeza de que tudo daria certo, e tem dado a cada dia.

A nossa família é pequena, mas o nosso amor é maior que tudo. Nós três juntos, somos fortes, imbatíveis, felizes e completos.

Enrico errou no passado, eu sei, e isso jamais será esquecido por nós dois, mas eu entendi que só seria feliz com ele, porque desde sempre o meu coração o pertenceu. Eu decidi abrir as portas do meu coração para ele novamente, e ele veio com tudo, encheu os meus dias de amor e felicidade, trouxe luz para os meus dias sombrios, saiu dos meus sonhos e se tornou minha realidade.

Aos poucos temos nos adaptado a nova rotina. Enrico voltou a trabalhar, mas eu ainda estou em casa me recuperando. Tenho estudado para me atualizar, e em breve voltarei a ativa, porém, no momento tenho me dedicado mais a minha recuperação e também às necessidades do Bê; nosso filho nos completa, nos une a todo instante. Ele tem crescido tanto, tão rápido.... É um menino lindo, cheio de luz e muito especial; é a cópia fiel do pai, ostentando de mim apenas os olhos azuis, um príncipe, lindo demais.

— Dona Lara, chegou uma encomenda para a senhora. — Patrícia fala, me entregando uma caixa dourada parecida com a que comprei para Enrico, e eu sorrio, tendo certeza de que foi ele quem me enviou.

— Obrigada, Pati. — Pego o embrulho de suas mãos, abrindo-o em

seguida.

Minha Pequena,

Depois de tudo o que passamos eu tenho mais de mil motivos para agradecer a Deus, ele me fez entender que a vida é passageira, mas eu entendi algo mais, entendi que sem você eu não existo, sem você eu sou só metade, eu me perco, o meu tudo vira nada, eu preciso de você para ser inteiro, para ser feliz.

Hoje vamos comemorar a sua vida, a nossa vida, hoje a noite será apenas nossa, arrume as coisas do Bê, hoje ele ficará com Eros e Nanda. Vista apenas o que estiver dentro dessa caixa, hoje eu a quero completamente entregue, completamente minha.

Eu amo você!

Do, eternamente seu

Enrico Chiarelli

Sorrio com o bilhete. Foi difícil para nós retomarmos a nossa rotina, principalmente sexualmente falando. Enrico tinha receio de me machucar, de me tocar com mais vigor, mas eu dei um basta nessa agonia no mês passado. Sorrio, lembrando o dia em que ele chegou do trabalho e me encontrou nua, vendada e presa à nossa cama. Ele inicialmente tentou questionar, mas eu o seduzi, e aos poucos ele foi se soltando, deixando o medo que o amarrava de lado. Desde então, temos transado feito coelhos. Ele diz que tem muitos meses de atraso para colocar em dia, e confesso que eu também tenho sentido a mesma necessidade.

Abro o papel de seda e encontro um lindo vestido preto, que, tenho certeza, ficará totalmente colado ao meu corpo, um par de sandálias altas de tiras finas vermelha, e nada mais. Sorrio, maliciosa; ele quer que eu esteja sem calcinha, a mensagem foi clara para mim, e só a expectativa já me excita completamente.

Durante o restante do dia tomo o tempo para cuidar de mim. Aproveitei e fui para um salão, cortei o cabelo e fiz as unhas. Voltei para casa e me preparei para ele, me depilei, hidratei e perfumei, e arrumei as coisas do Bê; deixaria ele com a Nanda e Eros quando saíssemos, pois eu sabia que Enrico iria querer vê-lo.

Quando ele chegou, eu estava no quarto do Bê, terminando de arrumá-lo. Eu já havia tomado banho, estava apenas de roupão, esperando ele chegar para me vestir.

— E aí, garotão. — Ele fala, pegando o nosso pequeno do berço e me dando um beijo leve nos lábios. — Cuidou da mamãe hoje? — Repete a

pergunta que faz a Bernardo todos os dias, e eu reviro os olhos; até parece que sou uma donzela indefesa.

— Claro que cuidou, amor, não está vendo que a donzela indefesa está intacta? — Provoco.

— Estou vendo: intacta, cheirosa e gostosa... — sorri, provocando. — Vou adiantar, que hoje a donzela indefesa será inteiramente minha, para cuidar e caçar, e fazer o que eu quiser... — Me puxa para si, colando os nossos corpos e cheirando meu pescoço, a única coisa, ou melhor, pessoa que nos separa é Bernardo, que está nos seus braços e logo resmunga. — Ei, mocinho, deixe de ciúme, durante o dia a mamãe é sua, mas a noite ela é do papai. — Fala, e nós sorrimos juntos, porque Bernardo começa a fazer vários sons com a boca, como se brigasse, questionando o que o pai havia falado.

Em seguida Enrico vai tomar banho, e sai do nosso quarto maravilhosamente vestido em uma calça jeans rasgada, e uma camisa azul marinho dobrada até os cotovelos. Os cabelos estão penteados despretensiosamente, meio bagunçados, e eu não posso deixar de suspirar ao admirá-lo; ele mistura o casual e o formal, e eu fico enlouquecida. Meu marido é uma perdição de tão lindo.

— Vai ficar aí babando? — Provoca.

— Vou. Ou melhor, babar eu vou mais tarde.... Em você... — Sussurro a parte final, provocando-o também.

— *Putá Merda!* Me dê o Bernardo. Enquanto você se arruma vou levá-lo na casa de Eros; depois dessa eu preciso adiantar a nossa noite. — Fala, enquanto pega as coisas de Bernardo, e em seguida tira ele dos meus braços e sai em disparada descendo as escadas. A pressa é tanta que eu sorrio.

Volto para o nosso quarto. Eu já havia feito uma maquiagem leve, então só faltava colocar o vestido e calçar as sandálias, e é o que eu faço, saindo em seguida para encontrar, o meu príncipe encantado.

Enrico



Corro para deixar o Bernardo com Eros e Kananda; com Lara é assim, a mulher consegue me acender com apenas uma palavra ou um olhar. Espero-a no andar de baixo, porque sei que se eu subir é capaz de nós dois nem sairmos de casa. Pego o buquê de flores vermelhas que comprei para ela e aguardo no sofá, até que tenho a visão dela descendo as escadas, linda demais com o vestido e as sandálias que eu enviei, e imagino que tenha entendido a mensagem subliminar sobre não usar calcinha, eu a quero livre para mim, a qualquer momento.

— Gostou? — Pergunta, quando chega ao final das escadas e se aproxima de mim, o seu cheiro tomando todo o ambiente.

— Gostosa *pra caralho*. — Respondo, e ela sorri. Em seguida a puxo para mim e esfrego minha ereção.

— Vamos, Enrico, senão já sei que não sairemos de casa hoje. — Ela diz, pegando o buquê das minhas mãos e cheirando as flores, logo as colocando em um vaso.

Eu admiro cada movimento seu, cada passo que dá, a segurança nas ações, minha mulher é realmente forte demais, tudo o que passou não a abalou em nada.

Em seguida saímos de casa e fomos para um restaurante que ela ama. O cardápio deles conta com pratos de diversos países, o ambiente é íntimo e romântico, realmente tudo o que eu queria para essa noite.

Tivemos um jantar agradável, mas o melhor eu guardei para depois: fiz uma reserva em uma cobertura de um hotel muito conhecido da cidade; pedi que arrumassem o quarto como se fosse para uma Lua de Mel, e no fim é o que seria, nós nos casamos apenas no civil, uma cerimônia simples. Lara não quis festa, então fizemos um almoço em casa apenas para os amigos e familiares. Como Bernardo ainda está muito pequeno, preferimos não viajar, mas hoje nós teríamos um momento só nosso, nós merecemos isso.

Lara ficou encantada com a arrumação do quarto, na verdade com tudo. A cobertura era linda demais, a decoração é moderna, sala com lareira, jardim de inverno, sauna e piscina próprias. As paredes eram de vidro, nos dando uma visão privilegiada da noite agitada na cidade; todas as luzes podendo serem vistas de cima era realmente incrível.

O quarto estava coberto por pétalas de rosas, sobre a cama havia um balde com gelo onde repousavam garrafas de champanhe e vinho. Na mesa ao lado havia uma bandeja com diversos canapés e dois aparelhos de *fondue*, um de queijo e um de chocolate, e seus acompanhamentos.

— Enrico... — Ela suspirou, admirada.

— Espero que goste, amor.

— Eu amei!

— Que bom, porque eu pretendo amar você a noite inteira. — Respondo, abraçando-a como um felino ao dominar sua presa.

Minhas mãos passeiam por seu corpo com vontade, os seus gemidos meio roucos começando a me enlouquecer. Espalmo minhas mãos em sua bunda, trazendo-a ainda mais para mim; a outra mão sobe para o seu pescoço, apertando-o levemente enquanto nos beijamos como dois alucinados.

— Perfeita! Gostosa! — Desço a alça do seu vestido, expondo os seus seios para mim e abocanhando-os em seguida. Lara estava apertando uma perna à outra, e eu sabia que estava com tanto desejo quanto eu.

— Você, amor, você que é gostosamente perfeito... — Fala, apertando o meu pau sobre o tecido da calça.

— Está sem calcinha, pequena? — Pergunto, antes de tocá-la. — Eu me torturei a noite inteira imaginando sua *boceta* exposta para mim, nua.

— Por que você mesmo não descobre? — Fala, sorrindo, e eu não suporto; suspendo-a, envolvendo suas pernas em minha cintura, e levando-a até a cama.

— Eu sabia, amor, tinha certeza que você entenderia e que estaria assim, pronta para mim... — Digo, e em seguida desço minha cabeça para o lugar que mais desejo no momento.

Rocei minha barba por toda a pele próxima a sua *boceta*, e Lara gemeu de prazer. Vi o seu sexo brilhar, a lubrificação escorrendo demonstrando que ela estava tão desejosa quanto eu. Lentamente envolvo seu clitóris com meus lábios, e Lara arfa de prazer. Faço um pouco de pressão antes de sugá-lo, chupando com vigor e fazendo alguns movimentos para as laterais; eu sabia que ela amava dessa forma, era como se eu a estivesse masturbando com a língua.

Introduzo um dedo em sua abertura, procurando o seu ponto de prazer, sem parar os movimentos com a língua. Quando encontro aquele cantinho escondido, fiz um pouco de pressão, e Lara não aguentou, se entregando completamente ao orgasmo, gritando, convulsionando, as pernas tremendas, enquanto o corpo luta para se recuperar, e eu pude admirar cada movimento dela, cada gesto, cada ofegar, praticamente em câmera lenta. Ela havia tido o primeiro orgasmo da noite, e nós sequer tiramos as roupas.

Peguei duas taças e nos servi de champanhe, entregando uma para ela, depois nos despi por completo. Eu estava totalmente duro desde que entramos nesse quarto; com certeza a noite seria longa.

— Olha como você me deixa, pequena... — Levei a mão de Lara ao meu pau que implorava por alívio, babando o líquido pré-sêmen. Ela virou de uma só vez o conteúdo da taça, olhando-me maliciosa e lambendo os lábios em seguida.

Lara não perde tempo, e lambe lentamente a gota de sêmen que escorreu involuntária, levando-me em seguida para dentro da sua boca, me chupando com desejo desmedido, e confesso que tive que fazer um esforço sobre-humano para não gozar em sua garganta quando ela me levou profundamente ali.

Retiro o meu pau da sua boca, tentando manter o fio de controle, e me masturbo lentamente, olhando-a nos olhos, ainda de joelhos sobre a cama.

Minha pequena provocadora se deita lentamente, me olhando nos olhos, sem desviar um segundo sequer. Eu estava totalmente hipnotizado por ela, e vê-la se abrir para mim como uma flor, leva o restante da minha sanidade. Eu avanço sobre ela, precisando urgentemente de alívio.

— Lara... — suspiro o seu nome quando sinto meu membro encaixado em sua entrada totalmente lubrificada, pronta para me receber dentro dela, mas eu quero provocá-la, então fico testando lentamente sua entrada, forçando apenas a cabeça, mas sem realmente penetrá-la. Levo-a ao limite; Lara implora que eu a penetre, mas continuo provocando-a, até que ela, em um movimento único e rápido, me traz inteiro para dentro dela. — Não faz isso comigo, pequena... — Gemo, enlouquecido com a sensação de preenchê-la por completo.

— Awnnn, Enrico, assim, amor, eu te quero assim, todo dentro de mim. — Lara geme, rouca.

— Tão quente e apertada, pequena, assim você acaba comigo... — Digo em seu ouvido, e desço para o seu pescoço, mordendo e lambendo os diversos pontos que havia ali e que eu sabia que a enlouqueceriam.

Não demora muito para que o ritmo seja intensificado, para que eu arremeta duramente dentro dela, e gememos ensandecidos, perdidos um no outro, nossos corpos totalmente unidos, formando um só, nós nos completando.

— Goza comigo, pequena! — Peço, desesperado de desejo. Eu não aguentaria por muito tempo, não dessa vez.

— Ah, Enrico.... Eu vou.... — Ela não consegue completar, e eu, pela segunda vez na noite, tenho a visão mais perfeita do mundo, a entrega total; vê-la ondular nos meus braços, enquanto a tomo por inteiro.

— Minha gostosa, eu também, Lara, eu vou gozar. — Arremeto mais algumas vezes dentro dela, me esvaindo por completo, me perdendo em seu interior, dando tudo de mim e tomando tudo dela.

— Eu te amo, Enrico — fala, com a voz entrecortada, quando se recupera.

— Eu também te amo, pequena.

Entre mim e Lara existe amor, carinho, harmonia e paixão. Não existe no mundo amor mais sincero e completo do que no nosso. Com ela sinto que estou no lugar certo, nossos corpos, nossas mentes, nossas almas se unem com perfeição. Nascemos um para o outro!

Hoje tenho certeza de que destino existe, e o meu destino era encontrá-la; não há alegria maior do que tê-la assim, junto a mim.

E nessa noite nos amamos, entregamos, e perdemos um no outro por diversas outras vezes. Pela manhã nos arrumamos e vamos para casa, loucos de saudade do nosso pequeno. Nós precisamos de um momento só nosso, todo casal precisa, mas isso não nos deixa menos ansiosos por ter nos braços o pedacinho que nos completa e que sempre nos completará, metade de mim e de Lara em um terceiro corpo, em outra vida, no nosso filho.

Epílogo

Enrico



Dois meses depois

É impressionante como o tempo passa rápido, nosso pequeno Bernardo está crescendo tanto e tão rápido que nos assusta. Eu sempre quis ter uma família, e desde o início sabia que Lara era a mulher perfeita para mim, tirando o fato de eu ter sido um completo *idiota* por muito tempo. Eu acredito que tenha conseguido me redimir, mesmo antes do acidente, com Lara; nós já estávamos juntos e sabíamos que seria eterno, o infeliz acidente só me fez ter ainda mais certeza de que eu não conseguiria viver sem ela.

Cada dia que passei naquele hospital confesso que o medo e a insegurança eram meus companheiros, mas a fé e a esperança sempre falaram mais alto, sempre me fizeram mais fortes, eu resisti, Lara resistiu e Bernardo também, não posso ser mais grato a Deus pela vida deles dois.

— Vamos, amor! — Lara chama minha atenção quando termina de arrumar o nosso pequeno, agora com cinco meses de vida.

Eu estava paralisado admirando-os, ele vestido com um short jeans, camisa branca, suspensórios e sapatênis; Lara adora o manter sempre arrumado como um homenzinho, e todos babam nele. Apesar de ter nascido prematuro, ele é enorme, saudável e lindo, muito parecido comigo, mas possui os olhos cheios de determinação da mãe.

— Estava admirando vocês, pequena. — Falo, com sinceridade, e ela sorri, linda em um vestido rosê florido, justo até a cintura e com a saia aberta; nos pés uma sandália plataforma bege, linda demais.

— Enrico, não começa, senão vamos nos atrasar, e a Nanda nos mata. — Sorri. — Ela pediu que chegássemos mais cedo para ajudá-la.

— Amor, a casa deles é aqui ao lado — sorrio —, e você esteve lá a semana

inteira, fiquei aqui, “abandonado” pela minha mulher.

— Deixa de drama, amor — sorri, acariciando meu rosto. — Você sabe como ela é perfeccionista, e eu precisava ajudá-la, afinal, eles fizeram tanto por nós. — Afirma, e eu concordo com a cabeça, porque eles realmente foram o meu porto seguro.

Hoje é o aniversário de um ano de Mel, e para compensar as festas mensais que deixaram de existir porque Lara estava no hospital, eles fizeram uma imensa festa para a nossa pequena, que já não está tão pequena assim, e Lara fez questão de ajudar em todos os detalhes.

— Vamos, pequena, vamos. — Dou um tapa em sua bunda, pego a bolsa do Bernardo, e seguimos para a casa do meu amigo.

As mulheres realmente pensaram em todos os detalhes, a festa está realmente linda, o tema Disney tomou o lugar, que mais parece um parque de diversões. Um bolo imenso está em frente ao painel, mesa de doces e guloseimas, salgadinhos sendo servidos, e crianças correndo para todos os lados, a pequena Mel está aproveitando demais.

Sento em uma mesa acompanhado por Pietro, Eros está circulando agora, mas volta e meia vem ficar conosco, as mulheres correm de um lado para o outro, dando atenção e supervisionando para que esteja tudo perfeito.

Bernardo está no meu colo chupando um pirulito, sei que Lara quando vir vai reclamar, mas uma vez ou outra não faz mal. Ela não pôde amamentar, e aos poucos estamos começando a introduzir algumas papinhas e frutas à sua alimentação, então acredito que um pirulito em uma festinha não fará mal, e é bom para mantê-lo um pouco quieto, porque nosso Bê é um pequeno furacão

Olho tudo a minha volta e percebo que eu realmente não gostaria de estar em outro lugar; junto com os meus amigos, minha família, as pessoas que amo e que são especiais para mim.

— E aí, tudo tranquilo? — Eros pergunta, quando senta em nossa mesa.

— Tranquilo, irmão. — Respondo, sendo seguido por Pietro.

— Logo vamos cantar os parabéns. — Eros comenta, sorridente. — A Mel está aproveitando demais a festa.

— Sim, a pequena tem energia de pelo menos dez crianças. — Pietro fala, enrugando a testa. — Esse aí não fica atrás, aposto que daria tudo para estar correndo solto por aí. — Aponta para Bernardo.

— Aposto que sim, não é papai? — Pergunto para o meu filho, que balbucia qualquer coisa e coloca o pirulito babado novamente na boca.

Sorrimos, e conversamos um pouco até que somos chamados para tirar

algumas fotos e cantar os parabéns. Quando voltamos para a mesa provoco meu amigo.

— Quer um babador, Pietro? — Pergunto, fazendo referência a forma que ele olha para Júlia.

— *Put a que pariu*, Enrico, você tem o dom de estragar o dia dos outros. — Resmungo.

— Quando é que você vai se dar conta de que ela é a mulher certa para você? — Eros completa.

— Ih, lá vem o outro bolas presas... Essa vidinha de vocês não é para mim não. — Retruca.

— Ah, meu amigo, você não sabe como a nossa “vidinha” nos faz feliz, e você só está perdendo tempo, acredite em mim. — Falo.

— Falar é fácil, quero só ver se vocês estivessem no meu lugar. — Pietro balança a cabeça em negação.

— Se permita, amigo, se permita ser feliz. — Eros afirma.

Nesse momento, vemos uma nuvem de cabelos loiros correr para debaixo da mesa: é Analú.

— O que foi, lindinha? — Pergunto, olhando-a encolhida embaixo da mesa, abraçando os joelhos e com a cabeça baixa.

— Nada! — Responde, ríspida.

— Ei, bonequinha — Eros chama —, vem aqui contar para o tio o que foi. — Ela continua sem responder.

— Cadê sua mãe, Analú? — Pietro pergunta, e pela primeira vez ela suspende a cabeça, e notamos os seus olhos marejados.

— Está com tia Lara e tia Nanda, ajudando. — Ele revira os olhos e a chama.

— Vem aqui, Analú. — Ela o obedece, parando de pé na frente dele. — Por que está chorando?

— É que a tia chamou os pais para brincar e eu não posso participar.

— Ei, porque não pode? Ela disse isso? — Ele pergunta, e noto que ficou chateado por ela estar triste.

— Porque eu não tenho pai. — A pequena responde, as lágrimas saltando dos seus olhinhos azuis de anjo, e eu e Eros nos entreolhamos; nós somos pais, temos filhos, e imaginamos o quanto ela deve sofrer.

Como Pietro não toma uma atitude, apenas olha irritado na direção da “tia”, eu me ofereço.

— Não precisa chorar, lindinha, eu vou com você. — Entrego Bernardo a Eros e me levanto, enquanto ela sorri satisfeita.

— Não precisa, Enrico, eu vou. — Pietro sai da inércia, e o sorriso de Analú se amplia ainda mais.

— Você pode me pegar no colo, para elas acreditarem que você é meu papai? — Pergunta, inocente, e ele passa as mãos nos cabelos, nervoso.

— Eu posso te pegar no colo, mas eu não sou seu papai, Analú, não podemos mentir.

— Eu sei, tio Pietro, a mamãe já me disse isso...

— Por que ela disse isso a você?

— Porque eu falei para ela que você tem cara de mal, mas é bonzinho como um príncipe, e que eu queria que você fosse o meu papai. — Meu amigo arregala os olhos com as palavras sinceras ditas por Analú, enquanto ela acaricia sua barba e o olha com ternura.

— Analú — Júlia chama —, não incomode o tio Pietro, amor, venha, vamos comer um docinho. — A mãe tenta tirar a menina dos braços dele, mas ela o abraça forte.

— Mamãe, eu juro que não pedi nada, ele disse que ia brincar comigo. — Fala, deitada no ombro do meu amigo, com os olhinhos marejados.

— Pode deixar, Júlia, eu que me ofereci, eu vou ficar com ela. — Pietro fala, e Júlia se afasta, um pouco sem graça com a situação.

— É, meu amigo, acho que você está *fodido*. — Falo.

Ele me olha com cara feia e sai em seguida, com a menina nos braços.

— Espero que ele não demore tempo demais para perceber o quanto as duas são importantes para ele. — Comento com Eros.

— Ele as ama, pode até não saber, mas o carinho que tem por elas é grande demais. — Responde, saindo em seguida para encontrar sua mulher e filha que se divertem no pula-pula, deixando-me ali com meu pequeno.

— Amor, vamos levar o Bernardo para brincar um pouco? — Lara chama.

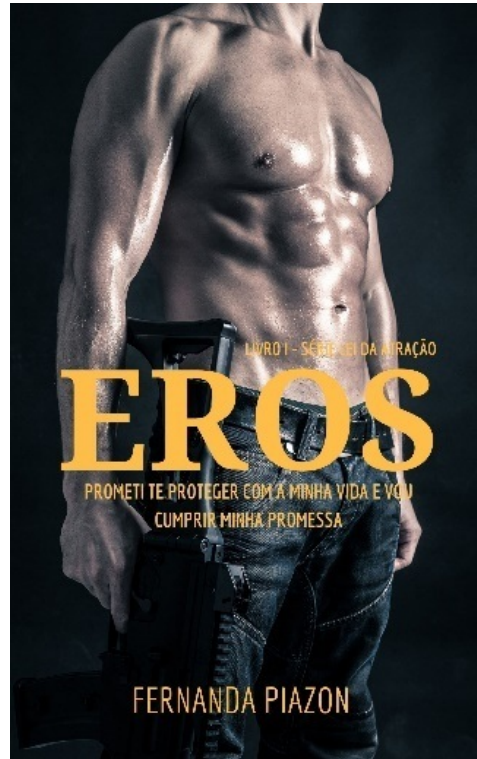
— Vamos, pequena.

— Ei, mocinho da mamãe, quer brincar? — Pergunta a Bernardo, que a puxa para si, mordendo seu queixo.

Sentamos em uma toalha estendida no chão cheia de brinquedos, nosso pequeno entre nós, gargalhando com as brincadeiras que eu e a mãe fazemos com ele. Tiro várias fotos desse momento, registrando para sempre a minha felicidade de tê-los ao alcance dos meus braços, porque sim, eles são a minha vida.

Fim!

Conheça outras obras da autora:



EROS

SINOPSE

Ficar na mira de uma arma, nas mãos de um bandido, pode não ser tão ruim quanto você pensa!

Pelo menos não quando se tem um delegado lindo, protetor, intenso e apaixonante para te salvar!

Kananda havia saído de casa após mais uma discussão com sua irmã; após a morte dos seus pais ela não imaginava que a relação delas poderia ficar pior do que já era, mas a vida sempre nos surpreende e nem sempre é para o bem.

Eros é delegado. Conhecido por ser linha dura, ele buscava não se envolver emocionalmente, "ter prazer" era tudo o que importava, até conhecer Kananda e se render aos encantos dessa mulher que despertou o seu instinto mais profundo: o de protetor.

Ela não sabia, mas iria precisar da sua proteção.

Ele jurou protegê-la, ainda que essa proteção custasse sua

própria vida.

Será que Eros conseguirá cumprir sua promessa?



ERA PRA SER VOCÊ

SINOPSE

Sabe quando tudo parece estar dando errado? Essa era a impressão que Liz tinha daquele dia terrível, mas o que ela não podia imaginar é que esse dia na verdade traria uma grata surpresa para o seu futuro.

Lucas, só queria correr para se distrair um pouco, o fardo que ele iria carregar em breve, seria pesado, ele sabia, mas o faria com prazer, havia se preparado para isso durante toda a sua vida e estava pronto.

Mal sabiam eles que a vida é feita de encontros e após um dia estressante, um encontro inesperado fará suas vidas dar um giro de 360°.

Em breve a história de Pietro e Júlia estará disponível para vocês, obrigada por me acompanharem até aqui!

Um beijo cheio de gratidão a todos (as) vocês!

Table of Contents

[Agradecimientos](#)

[SINOPSE:](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Conheça outras obras da autora:](#)

[EROS](#)